



Serpente de Fogo

Joe de Lima

Sobre o autor:



Nascido em 1981, Joe de Lima é fruto da geração internet. Sua formação como autor se deu através da grande rede. Iniciando sua carreira literária, participou das antologias **Lugares Distantes** e **Psyvamp** (Editora Infinitum), **Angelus – Histórias Fantásticas de Anjos** e **Daemonicus – Histórias Fantásticas de Demônios** (Editora Literata) e **Mundos – Vol. 02** (Editora Buriti).

- www.joedelima.blogspot.com.br

- www.baudojoe.blogspot.com.br

Sobre a obra:

Serpente de Fogo foi originalmente publicada na forma de uma série literária com capítulos semanais e agora está disponível completa no formato e-book. Esse arquivo foi disponibilizado pelo autor para download gratuito. Fique a vontade para compartilhar com os amigos!

Capa: [Soren Niedziella](#) e [Rafa Lee](#)



Serpente de Fogo de [Joe de Lima](#) está licenciado com

uma Licença [Creative Commons - Atribuição-](#)

[NãoComercial-Compartilhalqual 4.0 Internacional](#).

Índice

[REMINISCÊNCIAS - Primeiro Fragmento](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO I - Uma Flecha de Lestonor](#)

[CAPÍTULO II - Anel de Ouro](#)

[CAPÍTULO III - Grande Vitória](#)

[CAPÍTULO IV - Apareça](#)

[CAPÍTULO V - Nos Ombros do Lorde](#)

[CAPÍTULO VI - Nas Graças de Um Rei](#)

[CAPÍTULO VII - Quinze Anos](#)

[CAPÍTULO VIII - Manto das Sombras](#)

[CAPÍTULO IX - Mãe](#)

[CAPÍTULO X - Até o Último Deles](#)

[CAPÍTULO XI - Bando de Desgraçadas](#)

[CAPÍTULO XII - A Roda da Vida](#)

[REMINISCÊNCIAS - Segundo Fragmento](#)

[CAPÍTULO XIII - Sonho Compartilhado](#)

[CAPÍTULO XIV - Boas Meninas](#)

[CAPÍTULO XV - Indiscrição](#)

[CAPÍTULO XVI - Uma Bebida e Um Bom Almoço](#)

[CAPÍTULO XVII - Esfarrapados](#)

[CAPÍTULO XVIII - Um Beijo](#)

[CAPÍTULO XIX - Apenas os Fortes](#)

[CAPÍTULO XX - A Verdadeira Natureza Humana](#)

[CAPÍTULO XXI - Outro Lugar](#)

[CAPÍTULO XXII - Nagas de Ilárdia](#)

[CAPÍTULO XXIII - Câmara Mortuária](#)

[CAPÍTULO XXIV - Clancey](#)

[CAPÍTULO XXV - O Calor do Contato](#)

[CAPÍTULO XXVI - Terra Maldita](#)

[CAPÍTULO XXVII - Invasão](#)

[REMINISCÊNCIAS - Terceiro Fragmento](#)

[CAPÍTULO XXVIII - Berserker](#)

[CAPÍTULO XXVIX - A Dinâmica do Jogo](#)

[CAPÍTULO XXX - Depois da Batalha](#)

[CAPÍTULO XXXI - Moeda de Troca](#)

[CAPÍTULO XXXII - Manobra Ousada](#)

[CAPÍTULO XXXIII - Coragem Para Agir](#)

[CAPÍTULO XXXIV - Uma Nova Vida](#)

[CAPÍTULO XXXV - Tormenta](#)

[CAPÍTULO XXXVI - Reunião](#)

[CAPÍTULO XXXVII - Viver Para Lutar](#)

[CAPÍTULO XXXVIII - Nossa Justiça](#)

[CAPÍTULO XXXIV - Para Mazilev](#)

[REMINISCÊNCIAS - Quarto Fragmento](#)

[CAPÍTULO XL - Infelizes](#)

[CAPÍTULO XLI - Gestação](#)

[CAPÍTULO XLII - À Sua Espera](#)

[CAPÍTULO XLIII - Ceros](#)

[CAPÍTULO XLIV - Sacrifícios Maiores](#)

[CAPÍTULO XLV - Vitórias Árduas](#)

[CAPÍTULO XLVI - Dias Contados](#)

[CAPÍTULO XLVII - Um Quarto de Hora](#)

[CAPÍTULO XLVIII - Lamentos](#)

[CAPÍTULO XLIX - Criaturas](#)

[CAPÍTULO L - Ato de Reconhecimento](#)

[CAPÍTULO LI - Vida Longa ao Rei](#)

[CAPÍTULO LII - Liana](#)

[EPÍLOGO](#)

REMINISCÊNCIAS

Primeiro Fragmento

Dos diários de Mirya Clancey...

Minha mãe e meu pai nasceram na pobreza, e ainda assim, me deixaram como herança o trono do maior reino que o Mundo Antigo já viu! A história se lembrará deles por suas conquistas, mas foi a maneira como as alcançaram que os define. É por essa razão que agora seguro uma pena e deixo estas letras no papel. Não para falar sobre o guerreiro e a feiticeira que ousaram desafiar nações inteiras... os historiadores se encarregarão disso... o que pretendo contar é a história de um homem e de uma mulher.

Há tempos, já tinha decidido iniciar um relato sobre a saga de meus pais e talvez conte nessas páginas um pouco de minha própria vida. É até possível dar início a uma nova tradição em nossa família: contar a nossa história através do nosso olhar, sem a interferência de línguas maldosas e sem o exagero romântico dos bardos. Apenas a verdade, nada mais.

Confesso que adiei esse projeto mais do que deveria, mas hoje finalmente tomei a iniciativa de começá-lo escrevendo algo de meu próprio punho. Devo dizer que encontro um prazer inesperado no ato da escrita, apesar das dificuldades. Minha mão, acostumada ao peso da espada, parece dura demais para a leveza da pena — sempre me disseram que tenho mãos pouco femininas — e como minha caligrafia está pouco treinada, preciso fazer cada letra devagar, caso contrário, o texto ficará impossível de ler. A partir de amanhã, ditarei tudo para o escriba. Será mais rápido dessa maneira, sem mencionar que por conta da aproximação das tropas inimigas, não terei tempo para redigir tudo eu mesma.

Perguntaram se seria prudente dividir minha atenção com esta tarefa às vésperas de um novo conflito. Aconselharam-me a esperar por dias de paz. Quase ri ao ouvir esse absurdo. Esperar por dias de paz? Seria melhor aguardar o próximo retorno da Serpente de Fogo! Seria mais fácil esperar que o mundo acabasse! A paz — se é que tal coisa existe — sempre se manteve longe de minha família. Até onde sei meus pais nunca tiveram um único dia de paz em suas vidas!

Não. O campo de batalha é nosso lar! Que venham contra mim as forças desse miserável que tenho a infelicidade de chamar de meio-irmão! Será preciso muito mais que isso para me abalar.

Uma vez que falei de meu meio-irmão, porque não aproveitar a oportunidade e falar de meu nascimento? Porque sei, meu leitor, que você deve ter ouvido muitas histórias a esse respeito. Deixe-me tirar logo suas dúvidas: tudo que ouviu é verdade! Desta vez, os boatos não são mentirosos. Eu

realmente sou o fruto proibido de um amor incestuoso entre uma mãe e seu próprio filho! E digo isso sem o menor constrangimento, muito pelo contrário. Tenho orgulho de ser filha de dois indivíduos tão extraordinários! Meus pais são as pessoas que mais amo nesse mundo... e as que mais odeio!

Assim é em nossa família. Nos amamos com a mesma intensidade com que nos odiamos.

Espero, meu leitor, que essas revelações prévias não o tenham chocado além da conta, porque, acredite, isto é apenas o começo. A história que vou lhes contar não é bonita. Está repleta de atos de violência, traições vis e paixões arrebatadoras!

Estou chegando ao fim da minha escrita. Meu punho dói e creio não haver mais nada para ser dito antes de começar meu relato. Porém, não quero terminar essa introdução sem antes colocar no papel as frases que ouvi de um bardo semanas atrás, alguns versos que ele pretendia transformar em uma canção sobre minha família, com a promessa de que a tocaria em sua próxima visita. Se bem me lembro, creio que eram assim...

*Nascidos de origem humilde,
dobramos a vontade de reis...*

*Negociamos com a espada
e não fazemos prisioneiros...*

*Temidos, admirados, invejados
jamais ignorados...*

*Somos aqueles que nunca se rendem,
que nunca desistem,
que nunca param de lutar...*

Nós somos os Clancey...

Prólogo

A moça ruiva observou o cenário com apreensão. O vento frio da noite trazia os sons distantes da confusão que tomava conta da cidade. As luzes de *Mazilev* não eram mais que pequenas chamas sem vida e mesmo aquela distância, a sombra do castelo parecia imponente.

— Grande Mãe *Lunna*! — disse uma adolescente de longos cabelos morenos.
— Proibiram a todos de dormir nessa noite?!

O tom irônico na voz da garota, que vestia uma túnica branca de dormir de uma só alça, não conseguia disfarçar seu nervosismo. Téssia era a mais nova daquele pequeno grupo e, seguramente, quem mais falava.

— Isso mostra o desespero do rei Kotler! — disse Denora, a mãe de Téssia e sumo-sacerdotisa daquele templo. Uma mulher madura, trajando um manto preto de mangas compridas e um belo decote. Uma fita vermelha servia de cinto e a abertura lateral na roupa deixava uma de suas pernas à mostra. A pequena cicatriz em forma de lua crescente entre os seios mostrava o comprometimento com a Ordem. — Ele teme a profecia!

— Que profecia, senhora? — perguntou Blie-Mi.

Denora se voltou para ela, um pouco mais velha que a ruiva. Sua aparência não negava a origem *acari*, pele clara e cabelos dourados presos em um rabo de cavalo. Téssia, com as mãos apoiadas no parapeito de pedra se antecipou à resposta.

— Você não sabe de nada mesmo, não é?

— Não fale assim, filha. — repreendeu, Denora. — Blie-Mi e o marido são visitantes do norte e não tem como saber tudo que acontece nessas terras.

— Ela deveria voltar para casa, junto com aquele sujeito! Não acho certo ter um homem dormindo dentro de um templo só para mulheres, mãe.

— Nada disso! *Lunna* nos ensina a sempre estender a mão para os que precisam de ajuda, homem ou mulher.

Blie-Mi pensou em responder à provocação, mas se conteve por respeito à Denora. Casada a pouco tempo, ela e o marido, Goro-Mi estavam em viagem e haviam sido atacados por ladrões perto de *Mazilev*. Seu esposo era um guerreiro e conseguiu matar a maioria deles, porém recebera um golpe que poderia ser fatal se ela não tivesse encontrado abrigo no templo.

A jovem ruiva, cujos cabelos eram quase vermelhos, continuava à parte da conversa e nem ouviu quando Denora começou a contar a história.

— Meses atrás, fui convidada para o grande banquete que o rei Kotler ofereceu para comemorar o octogésimo quinto ano de seu reinado. Em todos anos, o ponto alto do banquete é quando Baltus, o feiticeiro real, lê o futuro do reino de *Lestonor* nos Ossos de Necromante...

— Mas desta vez, o velho teve uma surpresa desagradável! — interrompeu Téssia.

— É verdade, filha. Os Ossos profetizaram o fim do reinado de Kotler. Foi dito que quando uma Serpente de Fogo surgir no céu, nascerá um menino de cabelos flamejantes, cujo destino será reclamar a cabeça do rei e unir todas as nações do Mundo Antigo sob a mesma coroa.

— Todas as nações do Mundo...? É impossível!

— O rei acha possível. Desde aquele dia, seus espiões têm vigiado mulheres grávidas por todo o reino. Foi um desafio manter Liana longe de olhos curiosos.

Denora voltou-se para a ruiva de dezesseis anos e para sua barriga de nove meses. Ela trajava uma única peça branca chamada poncho, feita especialmente para as mulheres prestes a dar à luz.

— Como está se sentindo, Liana?

— Estou bem, senhora, obrigada!

— É melhor voltarmos para dentro. Essa friagem não é boa para você e nem para a menina.

— Eu te ajudo, Liana. — Téssia se ofereceu para auxiliar a amiga na incomoda tarefa de caminhar com aquela barriga.

As quatro deixaram a sacada. Liana sentiu-se satisfeita por isso. Temia que do lado de fora sua gravidez pudesse chamar alguma atenção indesejada, mas dentro das paredes de pedra do templo, tão antigas quanto o próprio reino de

Lestonor, sentia como se nada de mal pudesse atingi-la. Os archotes e a cor clara das paredes mantinham o ambiente iluminado mesmo à noite.

Orfã, sua mãe verdadeira havia morrido no parto e o pai era um soldado vitimado na guerra que nunca se importara com a filha. Por conta desse descaso, ela preferia usar o sobrenome materno: *Clancey*. Mas Liana nunca teve motivos para lamentar tais mortes. Não quando podia amar Denora como uma mãe e Téssia como uma irmã. E a qualquer momento teria uma filha a quem poderia repassar os ensinamentos da Grande Mãe. Uma criança concebida em circunstâncias especiais. Várias precauções haviam sido tomadas para garantir que seria uma menina, uma futura líder para o templo.

Uma forte contração na barriga fez Liana parar no corredor. Seu poncho ficou encharcado entre as coxas.

— O bebê! — exclamou Denora. — Blie-Mi, acorde a parteira! Téssia, me ajude a levar Liana para o quarto! Nossa menina vai nascer!

Liana foi levada para um cômodo pequeno, ajudaram-na a tirar o poncho e a se deitar com cuidado na cama de madeira, com o desenho de um crescente sobre a cabeceira. Cada nova contração a fazia apertar mais a mão de Téssia que, sentada ao lado da cama também enxugava sua testa e lhe encorajava. Denora observava tudo de pé, o nervosismo a fazia prender a respiração sem perceber. A cabeça loira de Blie-Mi aparecia logo atrás. A visitante estava curiosa para ver um parto, imaginando que, agora que estava casada, logo passaria pela mesma experiência.

A parteira, uma mulher de certa idade, ajudava como podia.

— Empurre, Liana! Um pouco mais agora!

A moça ruiva fez toda força possível. A respiração acelerada. O suor escorrendo pelo rosto. Não imaginava que seria preciso tanto esforço. Por um momento, seu olhar passou pela janela e viu a noite sem lua. Nem *Solari*, nem *Lunna* veriam o bebê nascer. O que significava que a criança não teria a benção dos Criadores. Ou assim, ela imaginava...

Nesse instante, entre as ondas de dor, Liana viu uma estrela cadente aparecer de repente no céu. Poderia ser bom para a criança. Alguns povos diziam que ver uma era sinal de boa sorte. Concentrando-se naquela estrela, ela fez um esforço ainda maior. A estrela cadente cresceu mais e mais, seu brilho tornou-se intenso.

De sua janela, Liana viu uma explosão luz transformar a noite em dia. As mulheres dentro do quarto se apavoraram. Téssia soltou um grito e Blie-Mi agarrou-se em Denora.

Quando a luz diminuiu, tudo que restava era um rastro incandescente no céu noturno que logo virou uma trilha de fumaça. Era como se uma... Como se uma Serpente de Fogo tivesse rasgado o firmamento.

— Meu bebê! — gritou Liana, a única que ouvia o choro da criança recém-nascida.

Denora foi a primeira a sair do estado de torpor causado pela visão.

— Parteira, rápido! A menina!

Ainda confusa e com as mãos tremendo, a parteira lavou a criança e a enrolou em uma toalha.

— S-senhora... — ela se voltou para Denora com uma voz trêmula.

— O que foi? A menina está bem?

Liana ficou aflita.

— Tem algo errado com a minha menina?

— O bebê está saudável, mas... — respondeu a parteira. — É um menino!

Um novo choque atingiu Denora. Como podia ser isso? A criança havia sido concebida em um ritual dedicado à *Lunna*, para que esta lhes enviasse uma mulher.

— Não pode ser! Fizemos o ritual da Filha da Lua. Deveria ser uma menina!

— É-é um menino, senhora... — a parteira não sabia o que mais poderia dizer.

Para Liana, aquela conversa pouco importava.

— Eu quero segurar meu bebê.

O menino foi colocado em seus braços. Era pequeno e frágil. Assim que Liana o abraçou, ele desatou a chorar. Olhando o pequeno de perto, Téssia notou mechas ruivas ralas em sua cabecinha.

— Mãe! Olhe o cabelo dele...! Parece até...

— Fogo! — interveio Blie-Mi.

Denora ainda tentava entender a peça que os deuses haviam lhe pregado. Os olhos cravaram no pequeno e logo em seguida se voltou para a janela, para a faixa de fumaça escura.

— “Quando uma Serpente de Fogo surgir no céu, nascerá um menino de cabelos flamejantes...”

Seria verdade? Poderia ser esse o assassino de reis profetizado? Era certo que aquela era uma criança predestinada, nascida não sob as bênçãos dos Criadores, mas de uma Serpente de Fogo. Denora lembrou-se de textos antigos que falavam de aparições da Serpente em várias épocas diferentes. Seria um erro desprezar um evento de tal grandeza.

A agitação começou a tomar conta do templo. As jovens sacerdotisas acordavam assustadas. Denora precisava colocar ordem na situação, assim como necessitava de tempo para pensar.

— Parteira, venha comigo. Vamos organizar uma vigília para acalmar as meninas. Precisamos orar em busca de orientação.

De imediato, a parteira colocou-se à disposição da sumo-sacerdotisa, que antes de sair, fez recomendações.

— O bebê chora porque quer leite. Amamente-o, Liana. Téssia, fique com ela. Blie-Mi, você já nos ajudou muito, pode ir para junto de seu marido. — ela assumiu uma postura mais séria. — Por hora, não quero que mais ninguém saiba sobre o menino.

Denora e a parteira saíram. Blie-Mi tinha certeza de que o marido estaria dormindo, sem sequer perceber que algo havia se passado, por isso decidiu ficar um pouco mais. Liana ofereceu o bico do seio para o bebê, mas o pequeno recusou algumas vezes antes de começar a sugar o leite materno.

— Ele é lindo! — Téssia estava encantada.

— Qual vai ser o nome? — perguntou Blie-Mi.

— O nome...? Eu sabia que nome daria para uma menina, mas... er... Valek...! Quer dizer “fogo” na língua dos deuses. Valek Clancey!

Um estrondo ecoou dentro das paredes do templo. O barulho assustou as três. Valek começou a chorar com toda energia. Liana procurou acalmá-lo, sem sucesso. O mesmo estrondo soou de novo, ainda mais forte.

— Por *Lunna*! O que foi agora? — Téssia estava cansada de tantas emoções em uma só noite.

— Veio do saguão principal. — concluiu Blie-Mi após o estrondo ser ouvido novamente. — Parece que estão tentando derrubar a porta!

— Vamos ver o que é. — Liana levantou-se com Valek nos braços.

Téssia torceu o nariz.

— Não, você precisa descansar. É melhor ficar aqui com o bebê.

— Eu quero saber o que está acontecendo!

Téssia insistiu, apesar de saber que era inútil. Quando a amiga falava daquele jeito, nada podia fazê-la voltar atrás. Liana vestiu uma túnica e logo as três caminhavam sorrateiramente até o fim do corredor, chegaram a um piso elevado acima do saguão principal do templo, onde haviam duas fileiras de bancos de madeira e um altar encimado por uma pira acesa, abaixo de uma grande lua crescente esculpida em pedra.

Viram as portas de madeira e a pesada tranca tremerem ante um novo impacto. As sacerdotisas se agitaram e Denora se esforçava para por ordem em tudo. Liana não compreendia o que se passava. Temeu que os homens do rei estivessem a forçar a entrada no templo. Em seus braços, Valek não parava de chorar. Um novo impacto, as portas de madeira maciça racharam.

— Isso é um sacrilégio! — a cólera tomou conta de Denora. — A ira da Grande Mãe cairá sobre vocês!

As ameaças foram em vão. Mais um choque.

Liana apertou Valek contra o peito ao ver as portas de madeira caírem em pedaços. Penas negras flutuaram no ar. O coração dela disparou. Quem quer que estivesse do lado de fora... O que quer que estivesse do lado de fora... Nada mais impedia sua entrada...

Capítulo I

Uma Flecha de Lestonor

As moscas já rodeavam o corpo caído na margem da estrada secundária que passa pela parte fechada da mata, tombado entre os arbustos. As roupas o identificavam como um batedor, do tipo que costuma ir além da fronteira para espiar os inimigos. O infeliz jazia com uma flechada nas costas.

Um homem de barba farta chamado Ruram se aproximou do cadáver e retirou a flecha para examiná-la.

— A pena é de dodô, a madeira da haste é cedro, seta de aço taringolês... é uma flecha de *Lestonor*, lorde Gareth. Tenho certeza disso.

O rosto de lorde Gareth se fechou em uma expressão de poucos amigos. Nada que surpreendesse seus guardas. O nobre era sério ao extremo. Raramente sorria. Era um homem já na casa dos 45, os longos cabelos eram platinados de nascença, enquanto o corpo ainda guardava a força dos dias de juventude.

— Mensageiro inútil! — desabafou. — Se tivesse cumprido com sua missão e chegado até *Londinium* saberíamos o que ele viu!

Tudo começara horas antes, quando um cavalo com uma sela da guarda real fora encontrado vagando sem cavaleiro às portas da cidade. Alertado, Gareth partira para uma busca, acompanhado de um destacamento formado por seu criado, Edan, quatro guardas e o Mestre Armeiro, Ruram, que agora inspecionava o corpo do batedor.

— Nenhuma mensagem. Ou foi roubada, ou o recado que ele trazia seria passado por voz. Não tem muito sangue por aqui. Deve ter sido atingido quando fugia dos inimigos e talvez já estivesse morto há algum tempo quando caiu do cavalo.

A raiva de Gareth apenas aumentou ao ouvir as deduções do Mestre Armeiro.

— Esse idiota devia ter sido mais cuidadoso! — e cuspiu no chão. — Precisamos descobrir se foi apenas um incidente ou se o miserável do Kotler está planejando um ataque!

— Se for um ataque, pode ser o começo de outra guerra!

O mais jovem dos guardas sentiu-se nervoso com aquela perspectiva.

— Guerra contra o rei Kotler?! Mas dizem que ele é imortal!

Garet lançou um olhar furioso na direção do jovem guarda. Foi até ele e o esmurrou. O golpe foi suficiente para derrubá-lo.

— Considere-se punido por ter chamado Kotler de rei! Aqui é *Ancestria*! Ele não tem autoridade nessas terras!

— S-sim, senhor...! P-perdão, senhor...!

Terminado com o rapaz insolente, Garet montou em seu cavalo. O criado, Edan tomou lugar em sua própria montaria de imediato. Era um moço bonito de cabelo preto, metido em uma camisa simples de mangas compridas. Já estava acostumado a obedecer as ordens de seu senhor antes mesmo de serem dadas.

— Ruram, descubra quem era esse batedor e entregue o corpo para a família. — ordenou. — Ele está expulso da guarda por ter falhado com suas obrigações! Será enterrado como um cidadão comum.

O lorde partiu em um galope acelerado, Edan logo atrás. Saíram da estrada secundária e após meia-hora, enormes muralhas tomaram conta da paisagem.

Se *Lestonor* estivesse marchando contra *Ancestria*, seu primeiro alvo seria *Londinium*, a cidade-fortaleza erguida na planície *Lad Akai*, na fronteira entre os dois reinos. Um lugar que havia testemunhado um número incontável de batalhas na Guerra Sem Fim entre as duas maiores nações do Mundo Antigo.

Garet descendia de uma longa linhagem de lordes que governavam *Londinium*. Muitos tomaram parte nas guerras, porém ele próprio não participara de nenhuma. O último confronto em larga escala enfraquecera os dois lados e uma trégua temporária fora declarada. Quinze anos atrás, quando uma Serpente de Fogo apareceu nos céus de *Lestonor*, Kotler iniciou uma série de campanhas contra nações menores para fortalecer seu exército. Esse era o centésimo ano de seu reinado, e por certo, iria comemorá-lo iniciando um novo conflito.

Atravessaram os portões de bronze da cidade e ganharam as ruas. O movimento de pessoas era intenso, obrigando a diminuir o ritmo, o que aumentou a irritação de Gareth.

— Edan, tome a dianteira. Vamos até o templo de *Solari*. Preciso falar em particular com o sumo-sacerdote Mairon.

O criado acenou com a cabeça e começou a cavalgar à frente de seu mestre.

— Abram caminho para lorde Gareth! Dêem espaço nas ruas!

Alcançaram a enorme praça central, como sempre, apinhada de gente e de barracas onde se encontrava de tudo. Carne, ovos, e aves vivas; iguarias trazidas pelos viajantes; roupas e sapatos; espelhos, pentes e outros itens do dia a dia; vasos de barro, flores e muito mais. Era na praça que também se localizava o templo de *Solari*, onde um aprendiz varria a entrada.

Edan se adiantou e disse ao menino que o sumo-sacerdote tinha visitas. O garoto correu para dentro e o criado voltou para cuidar dos cavalos.

Lorde Gareth adentrou o templo sentindo a força daquelas paredes. Caminhou pelo corredor entre os bancos até perto do altar decorado com um sol de ouro. Respirou fundo e sentou-se para orar. Pediu a proteção de *Solari*, que também era o deus da guerra. Quando terminou, persignou-se com o sinal do Sol: fechou o punho em uma figa e de olhos fechados tocou a testa e o peito.

O aprendiz disse que o sumo-sacerdote o aguardava em seu escritório. Gareth conhecia bem o interior do templo, por isso não precisava de ajuda para andar em suas instalações. O gabinete era uma sala pequena, mas bem decorada. Quadros, uma mesa trabalhada, uma estante cheia de livros. Em contraste, um grande caldeirão de ferro repousava próximo ao fogo.

Vendo o lorde entrar, Mairon pôs-se de pé com ótima disposição. Tratava-se de um homem de certa idade trajando um belo manto.

— Darius! — saudou o sumo-sacerdote. — Que as bênçãos do Pai Sagrado estejam contigo!

— Que estejam com todos nós, velho amigo.

Mairon se aproximou com a voz baixa, como quem toca em um tema delicado.

— Quer falar sobre aquele assunto que envolve suas filhas novamente?

Garet sabia muito bem a qual assunto o sumo-sacerdote referia-se, o que o deixou ligeiramente constrangido, porém logo recuperou sua postura firme.

— Não, hoje não vim falar sobre essas questões. Na verdade, eu necessito de suas artes mágicas.

O lorde contou o que havia se passado mais cedo. Sobre o batedor e as possíveis implicações de sua morte.

— Preciso saber o que ele viu do outro lado fronteira. Pode não ser nada demais ou pode ser algo muito sério.

— Entendo suas preocupações, Darius. Há algo que podemos fazer.

Mairon arrastou o caldeirão para o centro da sala, depois chamou um aprendiz e ordenou que trouxesse baldes de água e fosse até o viveiro buscar um corvo.

Pelo que pareceu uma eternidade, Garet ficou em silêncio, observando o sumo-sacerdote encher o caldeirão de água. Depois, abriu a gaiola trazida pelo aprendiz e apanhou o corvo. Arrancou uma das penas da ave e a soltou pela janela. Em seguida, deixou a pena cair dentro do caldeirão. Por fim, Mairon fez um corte na palma da mão com seu punhal ritualístico e deixou o sangue cair sobre a pena e se misturar a água. Durante todo o processo não parou de sussurrar palavras na língua dos deuses, *laer*.

— Aproxime-se, Darius. — a voz do sumo-sacerdote soava distante. — Observe o caldeirão e veja os olhos do corvo revelarem a verdade.

De olhos fechados, Mairon mergulhou em um transe profundo. Uma imagem se formou na superfície da água. A planície *Lad Akai* vista de cima. A paisagem verde ganhou vida e Garet sentiu-se envolvido pelo cenário, como se estivesse voando. Ouviu um grasnar e compreendeu que estava vendo aquilo que o corvo via.

Durante um tempo, cruzou a longa planície cortada pela estrada principal, rodeada por colinas ao longe, atravessou o rio *Thames* e por fim viu seus maiores temores surgirem no horizonte.

De longe, pensou que eram centenas, mas à medida que se aproximavam, as centenas se tornaram milhares e depois dezenas de milhares!

Fileiras intermináveis de cavaleiros e arqueiros, tropas e tropas de infantaria. E pelo menos duas dúzias de mamutes de guerra. Os trajes mostravam que muitos soldados eram oriundos dos países conquistados, mas a maior parte

da massa humana era composta por guerreiros de *Lestonor*: homens fortes de aspecto selvagem e amazonas seminuas.

A frente de todos estava aquele que era chamado de imortal. Solomon Kotler, o Rei Desmorte. O rosto oculto por um elmo negro decorado com chifres. O tronco descoberto exibia um corpo forte e cheio de cicatrizes, uma pele de animal nas costas. As mãos, protegidas por manoplas de aço, seguravam com firmeza as correntes que serviam de arreio para sua montaria, o beemote.

Kotler vinha no dorso de uma besta ancestral cuja boca, capaz de engolir um homem adulto de uma vez só, emitia poderosos rugidos por entre enormes dentes afiados. Uma couraça impenetrável cobria as costas da fera.

Garet não se assustava com facilidade, mesmo assim reconheceu que ver o Rei Desmorte cavalcando o beemote, com caveiras pendendo nas laterais da sela lhe causou arrepios. Ouviu ao longe alguém gritar algo sobre um corvo. Não sabia como, mas o disfarce fora descoberto. Uma flecha voou em sua direção.

Lorde Garet saiu do transe num salto, a tempo de ver sangue jorrar pelo olho de Mairon como se a flecha que acertou o corvo também o tivesse atingido. O sumo-sacerdote tombou derrubando o caldeirão e entornando a água.

— Mairon? Ajudem!

Aprendizes e sacerdotes correram para o escritório ao ouvir os gritos do lorde. Entretanto, de nada adiantou o socorro. O sumo-sacerdote estava morto.

Garet deixou o templo furioso... Em seu coração não existia lugar para dor. Lamentaria a perda do amigo mais tarde. Antes, tomaria providências para vingá-la.

Lembrou-se da visão. Não tinha dúvidas de que o exército inimigo marchava na direção de *Londinium*, portanto não havia tempo a perder. Uma nova guerra estava prestes a começar!

Capítulo II

Anel de Ouro

Era fim de outono em *Norféria*. O frio do final de tarde denunciava a proximidade do inverno, que nas terras do norte era mais rigoroso que em outras paragens do Mundo Antigo. Apesar da temperatura relativamente baixa, o suor escorria pelo peito nú de Valek.

O rapaz de 15 anos corria num ritmo acelerado entre as árvores da mata vestido apenas com uma calça escura e botas. Por vezes, corria diretamente na direção de um dos troncos, parava repentinamente e executava uma manobra evasiva, como quem se esquivava de um ataque. Para aumentar o esforço do treinamento, usava braceletes, caneleiras e um cinturão feitos de ferro maciço.

Quando era mais novo, os exercícios diários o desagradavam e procurava de toda forma evitá-los. Atualmente a situação havia se invertido. Adorava aquela sensação de liberdade.

Ofegante, apoiou-se em uma árvore satisfeito consigo mesmo. Bebeu metade da água da bota de vinho feita de couro e usou o resto para lavar o suor do corpo atlético. Ajeitou o cabelo ruivo grudado na testa.

Queria ficar mais tempo na mata, voltar significava ficar próximo a pessoas que não admitiam sua presença entre elas. Que o viam como um estranho e até como inimigo. Era dessa maneira que todos no vilarejo o tratavam.

Ou quase todos. Havia uma exceção. A única flor que crescia no meio daquele lamaçal. A única pessoa que o amava e com a qual Valek se importava. Sua querida e amada mãe.

Infelizmente, por mais que procurasse ganhar tempo, eventualmente tinha retornar. Voltou sem pressa para a aldeia do clã dos Mi. Mais uma das muitas aldeias do povo *acari*.

Apesar de serem considerados os melhores e mais ferozes combatentes do Mundo Antigo, os *acaris* não se envolviam na Guerra Sem Fim. Para todos os efeitos, *Norféria* era uma nação neutra, embora *Lestonor* e *Ancestria* tenham

buscado seu apoio inúmeras vezes ao longo dos séculos, porém, nenhum ouro fora capaz de comprar sua lealdade. O uso de força se mostrou ainda menos eficaz. Aquartelados nas montanhosas terras do norte, os *acaris* podiam enfrentar qualquer invasão de qualquer porte.

A resistência contra os ataques de fora parecia ser a única coisa capaz de fazer aquele povo se unir. Tão logo os invasores eram repelidos, as Guerras dos Clãs recomeçavam. Essa postura não impedia que guerreiros solitários ou pequenos grupos se juntassem a exércitos estrangeiros, ou ganhassem a vida como mercenários. No entanto, a maioria dos *acaris* só considerava outro *acari* como um adversário digno.

Valek adentrou a aldeia. As casas eram feitas de tábuas de madeira, os telhados forrados com vime pareciam quase uma extensão da grama. Caminhos de terra formavam pequenas ruelas. Todas as famílias que viviam ali possuíam algum grau de parentesco, ainda assim, existia certa hierarquia social. As linhagens mais próximas dos fundadores do clã desfrutavam de alguns privilégios.

— Clancey! — uma voz conhecida chamou por Valek rispidamente. — Quero falar com você!

Ele fingiu não ter ouvido e acelerou o passo, sendo empurrado com violência pelas costas. Virou-se para encarar três rapazes de sua idade. Todos loiros de pele alva, a aparência mais comum aos Mi. Quem vinha à frente daquele grupo era Kjev-Mi, filho mais velho de uma das casas mais tradicionais do clã e perseguidor do jovem ruivo desde a infância.

— Ficou surdo, Clancey? Quando um *acari* de verdade chamar, responda!

— O que vocês querem?

— Sabe o que eu quero. O anel de ouro da minha irmã que você roubou. Devolva!

— Não sei do que está falando!

— Minha irmã disse que te viu saltar da janela do quarto dela e sair correndo. Ela olhou em tudo e não encontrou o anel.

— Eu passo em frente à sua casa todos os dias quando vou correr na mata. Sua irmã perdeu esse anel em outro lugar. Agora, adeus!

Valek deu as costas e se afastou, apenas para receber outro empurrão. Dessa vez caiu, mas levantou-se rapidamente. Era óbvio que não conseguiria sair dessa situação facilmente.

— Cuidado, ele quer fugir! — provocou Kir-Mi, o menor e mais fraco dos três.

— Não perde tempo com conversa. — disse Dan-Mi, o mais alto e mais robusto do grupo. — Vamos dar uma surra nele e pegar o anel de volta.

— O Dan-Mi tem razão. — disse Kir-Mi. — Forasteiros não passam de lixo! Não devem ser tratados da mesma maneira que um *acari*.

A agitação começou a chamar a atenção das pessoas. Muitos pararam para ver o que acontecia enquanto outros passavam direto sem se importar, afinal, nenhum *acari* se envolvia em uma luta que não lhe dizia respeito.

Ainda assim, Valek podia notar um riso zombeteiro em alguns rostos e ouvir palavras como “forasteiro”. Essa atitude não era novidade. Ali entre eles, o rapaz se acostumara a ser o alvo de todo o ódio que esse povo nutria contra estrangeiros.

— E então, Clancey? Vai devolver o anel por bem ou vamos ter que te espancar?

Kjev-Mi se aproximou até a distância de um braço. Não deixaria por menos diante de toda aquela gente. Daria uma lição naquele forasteiro... fosse culpado ou inocente.

— Já disse que não roubei nada! E não gosto que me chamem de ladrão!

— Estrangeiros nunca aprendem mesmo! Ajoelhe e peça perdão antes que eu perca a paciência! — Kjev-Mi falou alto o bastante para todos em volta ouvirem.

Valek percebeu que ele queria se exhibir. Não importava nada do que dissesse, só podia terminar de um jeito...

— Se ele ajoelhar, vai querer te chupar! — zombou o magrelo Kir-Mi.

Todos começaram a rir. Valek sentiu a raiva crescer. Rindo mais do que todos, Kjev-Mi voltou-se por um breve instante para o colega que tinha feito a piada. Apenas um breve instante.

Ele nem teve tempo de se virar de volta antes de seu rosto ser atingido com violência por um bracelete de ferro maciço. Kjev-Mi desabou com o maxilar quebrado e vários dentes a menos.

Um fora de combate. Restavam dois.

Dan-Mi reagiu de imediato. Como um touro selvagem, correu com a cabeça abaixada, agarrou Valek pela cintura e o derrubou. Clancey usou os braceletes para se proteger dos socos que se seguiram.

Percebeu Kir-Mi correr em sua direção para chutá-lo, precisava sair dessa situação depressa. Pensou em jogar terra nos olhos do adversário sobre si, mas ao tatear o solo encontrou algo mais adequado. Uma pedra do tamanho da palma de sua mão largada na grama ao lado da rua. Segurou o pedregulho com firmeza e mirou seu ataque no olho de Dan-Mi. A pedra espatifou-se causando grande dano.

Dois derrubados. Restava apenas um.

Com um movimento do corpo, Valek se livrou de Dan-Mi e apoiou-se em um dos joelhos bem a tempo de agarrar a perna de Kir-Mi. Com um giro, o derrubou com o rosto no chão, mantendo a pressão sobre a perna.

— Quem vai se ajoelhar agora?! — Valek extravasou sua raiva.

— Argh! Foi ideia do Kjev-Mi! Foi ele quem te acusou! Eu juro!

— Você disse que eu era lixo! Vou te mostrar o que o lixo pode fazer!

Kir-Mi se debateu, mas Valek não estava disposto a soltá-lo. O som das risadas ainda queimava em seus ouvidos. Não deixaria aquela humilhação ficar impune. Começou a torcer o tornozelo de Kir-Mi e não parou até ouvir o estalo de um osso se partindo.

Três adversários no chão. Não restava nenhum.

Valek levantou-se. As risadas e sorrisos de zombaria haviam desaparecido. A pequena multidão de espectadores começava a dispersar com olhares de desprezo contra os três *acarís* que haviam sido derrotados por um único forasteiro. Ainda assim, estavam longe de reconhecer o valor do rapaz de cabelos ruivos, encarando-o com brasa no olhar.

Sem querer perder mais tempo ali, Valek se afastou. Discretamente, retirou um objeto escondido em um de seus braceletes. Teve todo o cuidado para que ninguém visse o anel de ouro da irmã de Kjev-Mi. Pretendia dar a jóia de

presente à sua mãe, mas agora isso era impossível. Todos que a vissem com o anel, saberiam se tratar da peça roubada. Fora tolice tê-lo pego.

Ao se aproximar de casa, tornou a esconder o anel. De longe, viu uma mulher loira de meia idade, com o rosto um pouco redondo, mas que ainda conservava parte da beleza da juventude. Ele sabia que se Blie-Mi o esperava daquela maneira era para dar uma bronca.

— Se meteu em confusão de novo, Valek?

— Me cercaram, não foi minha culpa.

— Sempre diz isso toda vez que entra em uma briga. Está machucado?

— Eu estou bem. — disse ele, e acrescentou. — Você se preocupa demais, mãe.

E ele entrou na casa ao lado de Blie-Mi, a única flor que crescia no meio daquele lamaçal.

Capítulo III

Grande Vitória

O interior da casa possuía pouco espaço. Existia um único cômodo. De um lado, via-se um pequeno fogão de pedra, uma mesa e três cadeiras rústicas. Do outro lado do quarto, palha sobre o chão úmido forrada com peles de *worg* — os grandes lobos que viviam naquela região — serviam de cama. As roupas eram guardadas dentro de um baú de vime.

Valek se livrou dos braceletes, das caneleiras e do cinturão de ferro. Discretamente, escondeu o anel de ouro em sua pilha de roupas dentro do baú e vestiu uma camisa de tecido escuro. Depois foi sentar-se à mesa para comer um pedaço de queijo de cabra enquanto Blie-Mi preparava alguns ovos para o jantar. Ela ainda estava aborrecida.

— Você sempre foi assim! Desde pequeno, nunca conseguiu ficar longe de problemas.

— Eu sei me cuidar. E o que mais eu poderia fazer? Fugir?

— Nem todas as lutas valem à pena, filho. Sua mãe te deixou comigo e com Goro-Mi para você se tornar um grande guerreiro, não para se envolver em brigas à toa.

Ao ouvir esse comentário, ele ergueu-se e, com um sorriso, pousou a mão no ombro de Blie-Mi.

— Minha mãe é a mulher que está bem na minha frente.

Ela ficou feliz com a mostra de carinho. Valek continuou.

— Liana é só o nome de uma feiticeira que não conheço.

— Sacerdotisa! Quando vi Liana pela última vez, ela era uma sacerdotisa.

— Qual é a diferença?

— Uma sacerdotisa é uma clériga que sempre pede a orientação dos deuses antes de usar magia. Uma feiticeira traiu sua fé e usa a magia em benefício próprio.

Ele acenou a cabeça para confirmar que entendera.

— De qualquer maneira, a minha mãe verdadeira está bem aqui e é a única pessoa em todo o Mundo Antigo que se importa comigo.

— Não diga isso, filho. Goro-Mi também se preocupa com você. O que acontece é que ele não sabe como demonstrar o que sente.

O rapaz se afastou com uma careta no rosto e voltou a se sentar.

— Você diz isso, mãe, mas eu duvido que ele goste de mim.

— Valek... — Blie-Mi parou como se estivesse se contendo para não dizer algo.

Nesse momento, a sombra de um homem alto apareceu na porta. De barba loira e cabelo cheio. Vestia uma camisa de tecido grosso, faixas de couro protegiam as mãos e antebraços. Era mais robusto do que propriamente forte. Trazia um grande escudo circular de madeira e aço preso às costas e uma espada *acari* na cintura. Também carregava um saco com algo dentro.

— Estou em casa! — disse Goro-Mi em alto e bom tom.

Sem perder tempo envolveu Blie-Mi pela cintura e a puxou para junto de si. Valek virou o rosto para evitar o contato, mesmo que apenas pelo olhar, com aquele sujeito.

— Como foi a caçada? — perguntou Blie-Mi ao marido.

— Fraca. — ele agitou o saco. — Tudo que consegui foi um par de coelhos que caíram nas armadilhas.

Goro-Mi depositou a caça no chão, suas atenções se voltaram para o rapaz sentado à mesa.

— Aí está ele! — ironizou. — Mal pus o pé na vila e vieram me falar sobre a sua “grande vitória”, garoto! Três molengas sozinho!

Valek manteve-se em silêncio e de cara fechada. Blie-Mi tentou desviar a atenção do esposo.

— Viu os rapazes?

— Não, mas me disseram como ficaram. Kir-Mi está bem, apenas uma perna quebrada. Dan-Mi é o pior, pode ficar cego de um olho. E pelo que me contaram, Kjev-Mi vai passar um bom tempo tomando sopa.

Um sorriso amarelo apareceu de forma involuntária no rosto de Valek. Não que tal relato o agradasse, mas sentia um alívio nervoso ao pensar na situação da qual se livrara.

— Por que está rindo, garoto? — irritou-se Goro-Mi. — Seria engraçado se tivesse acontecido com inimigos, não com aliados.

— Aliados?!

— Aliados! Se nossa aldeia for atacada, aqueles três vão lutar ao seu lado! Você criou baixas no seu próprio exército! — ele elevou ainda mais a voz. — Qualquer *acari* sabe que isso não se faz!

— Não sou um de vocês, lembra-se? Nunca me deixam esquecer isso. Todos nessa vila estão sempre me lembrando que eu não sou um *acari*!

— E você é o quê, afinal, garoto?

— Sou algo melhor. Um Clancey!

— Acalmem-se os dois. — interveio Blie-Mi.

Surpreso com a reação de Valek, Goro-Mi voltou ao mesmo tom irônico.

— Resolveu falar grosso, garoto?! Se sente mais homem depois de hoje? Vamos lá fora para treinar, então. Quero ver do que um Clancey é capaz.

— Será que não podemos ter um dia de paz nessa casa? — Blie-Mi lamentou.

— Tudo bem, mãe. É só exercício.

Resignada, ela dirigiu-se ao marido.

— Não exagere...

Valek sabia que aquele pedido seria em vão. Goro-Mi nunca lhe ensinava nada durante os treinamentos. Limitava-se a gritar para corrigir a postura ou algum movimento que considerava ter sido mal executado e sempre lhe batia com força com a espada de madeira, que imitava a arma verdadeira.

A espada *acari* era mais curta que as versões usadas por outros povos, assim poderia ser manuseada com apenas uma das mãos. O jovem ensaiou

alguns golpes no ar. Considerava-se, e com razão, hábil no manuseio da arma. Era ágil, possuía bons reflexos e uma facilidade natural para ler os ataques dos oponentes. Já o escudo era seu ponto fraco. Achava a peça de defesa grande e desajeitada. O peso limitava seus movimentos e comprometia sua técnica.

Tão logo o treino começou, Valek forcejou para erguer o escudo e aparar uma série de golpes altos. Sem perceber criou uma abertura para Goro-Mi e recebeu um forte chute no peito. Levantou-se e tentou atacar, mas como o peso do escudo diminuía sua velocidade, o ataque foi lento e atingiu apenas o ar. Após a esquiva, Goro-Mi contra-atacou com uma espadeirada que acertou Valek no flanco. O rapaz ficou sem ar e foi novamente derrubado.

Aquilo era ridículo. Nem conseguia se mexer direito. Ouvindo seu pai adotivo gritar sobre tudo que estava fazendo de errado, tomou uma decisão. Novamente de pé, livrou-se do escudo.

— O que está fazendo, garoto?

Valek nem respondeu antes de fazer uma nova investida. Goro-Mi se surpreendeu com a velocidade do movimento. Não imaginava que o rapaz pudesse se mexer tão rápido.

A cada novo golpe, o jovem dava um passo à frente, sem permitir que seu oponente pudesse se recuperar. Há tempos o guerreiro *acari* não era tão pressionado. Em vão, tentou revidar. Sem aviso, uma espada de madeira foi colocada em sua garganta.

— Que me diz agora?

O rapaz quase não podia conter a satisfação. Era a primeira vez que conseguia encurralar Goro-Mi. Após tantos anos, finalmente a vitória era sua.

— Nada mal, garoto...

Movendo o corpo, Goro-Mi golpeou o rapaz com seu escudo. Em seguida, desferiu um violento golpe contra a testa do jovem. Um corte abriu-se sobre o supercílio.

— ... Mas não fique confiante demais!!!

Valek caiu atordoado. No chão, foi golpeado novamente. Sentiu a espada de madeira acertar suas costas várias vezes. Tentou virar o corpo para se proteger, mas foi chutado de novo, de novo e de novo...

— Nunca abaixe a guarda, garoto...! — gritava Goro-Mi sem interromper a surra. — É só... o que... o inimigo... espera!

Quando o castigo, enfim, terminou, Valek cuspiu sangue ainda zonzo. O ferimento acima do olho estava aberto. As dores espalhavam-se por todo o corpo. Mas a maior dor não era a da humilhação, nem a dor de ser espancado. O que mais lhe doía era a sensação de estar indefeso.

Por que precisava passar por isso? Viver entre seus inimigos, ser odiado dentro de seu próprio lar, conviver com o desprezo alheio. Que tipo de vida o destino lhe reservara?

Estava farto de se sentir fraco. Farto de ser tratado como lixo. Seus olhos ainda turvos avistaram seu pai adotivo. Era ele. O responsável por todas as suas desgraças. Concluiu que a culpa era toda daquele homem. Se ao menos pudesse livrar-se dele, tirá-lo de sua vida... Para sempre!

Goro-Mi viu o jovem erguer-se lentamente. Algo estava diferente. O cabelo ruivo caindo na testa lhe dava um aspecto selvagem. E o olhar... Definitivamente havia alguma coisa perigosa naquele olhar.

Por um momento o *acari* teve a sensação de estar diante de uma serpente pronta para dar o bote, foi preciso grande determinação para resistir ao desejo de recuar. Atento, observou a mão de Valek deslizar pelo solo e segurar firme o cabo da espada de madeira. Entretanto, por alguma razão, o contato com a arma de treino o trouxe de volta à realidade, como se tivesse se esquecido por um instante que a lâmina era falsa.

O rapaz terminou de se levantar e, com um ar de indignação, atirou a espada de madeira longe.

— De que adianta lutar com um pedaço de pau?!

Goro-Mi não sabia o que dizer. Valek prosseguiu com o desabafo.

— Chega de brincadeiras! Quero uma espada de verdade!

— Então é disso que trata?

O *acari* soltou a espada de madeira e o escudo. Desembainhou a espada que trazia na cintura. Essa possuía uma lâmina de aço.

— É isso que você quer, garoto?

Goro-Mi entregou a espada a Valek, precisava ter certeza de uma coisa. O rapaz a empunhou, admirado com a lâmina.

— Te faz sentir poderoso, não é?

— Agora vamos lutar de verdade!

— Está enganado, não vamos lutar.

— Como é?

— Você ainda não entendeu, garoto. O que tem nas mãos não é um brinquedo, é uma arma. Me diga, para que você acha que serve uma arma?

Valek ficou confuso com a mudança de atitude de Goro-Mi.

— Para lutar, é claro.

— Está errado. É para matar!

O *acari* deu alguns passos para trás. Tirou a camisa e abriu os braços, completamente desarmado.

— Muito bem, garoto, vá em frente! Me mate...

— O que disse?

— Você ouviu! Vamos, ataque! Me mate!

Valek não tinha certeza do que Goro-Mi esperava conseguir o instigando a matá-lo. Por certo, era um teste, mas ignorava qual seria a atitude correta. O *acari* sustentou o olhar do jovem ruivo. No entanto, percebeu algo diferente de antes. Muito daquela aura de perigo desaparecera.

— Ainda não entendeu, garoto? — esbravejou Goro-Mi. — Quando pisa no campo de batalha, você mata ou você morre... Então levante essa maldita espada!!!

Um silêncio tenso caiu entre eles. Valek sentiu o coração disparar pela ansiedade, o que só fez o sangramento de seu corte aumentar. Apertou o cabo da espada. Bastaria um ataque. Não tinha dúvidas de que podia matar aquele homem com apenas um ataque, e estaria livre para sempre de seus gritos, de sua brutalidade e de seu desprezo.

Devagar, ergueu a espada confiante no que faria em seguida. Goro-Mi se preparou para receber a investida... Valek embainhou a espada e a atirou aos pés do *acari*.

— Não vale à pena. — o jovem meneou a cabeça. — Não desse jeito...

Com um passo decidido, o rapaz voltou para dentro de casa jurando para si mesmo que um dia mataria aquele homem em um combate de verdade. Assim que ele entrou, Goro-Mi soltou o ar. Por um momento pensou que o jovem não se conteria.

— Ele não está pronto. — pensou. — Mas falta pouco.

Capítulo IV

Apareça

Valek entrou em casa coberto de hematomas, o corte sobre o supercílio pintava o rosto de vermelho. Blie-Mi apressou-se com os cuidados. Para o rapaz era um alívio ela não ter aparecido para tentar salvá-lo. Não suportaria que sua mãe o visse levar uma surra.

Por sorte dele, Blie-Mi era uma curandeira das mais habilidosas. Conhecía ungentos capazes de fazer o sangramento parar quase de imediato e chás que aceleravam a recuperação do corpo. Valek devia agradecer a seu avô adotivo, Far-Mi por isso.

Em questões de guerra, os *acarís* não se importavam com o sexo dos oponentes, de maneira que as mulheres guerreiras eram tão comuns quanto os homens. Porém, Far-Mi, calejado por uma vida de lutas, considerava o campo de batalha selvagem demais para sua pequena flor e nunca permitiu que as mãos da filha tocassem uma espada.

De fato, ele era um homem que conhecia bem tal realidade por conta de sua participação na Guerra da Colina, quando os Mi se envolveram em uma série de confrontos sangrentos com seus antigos inimigos do clã dos Ne. Far-Mi viu muitos amigos tombarem, embora tenha saído coberto de glória após matar uma centena de inimigos em uma só noite, durante uma invasão.

Quando a Guerra da Colina terminou, o herói recebeu várias ofertas de casamento para Blie-Mi de linhagens mais tradicionais e poderia ter subido na hierarquia social do clã se tivesse aceitado uma delas, porém decidiu conceder a mão dela à Goro-Mi, filho mais velho de sua prima, Mor-Mi, que lutara a seu lado durante a guerra. Anos mais tarde, e já viúvos, Far-Mi e Mor-Mi decidiram se casar, assumindo o romance secreto que mantiveram durante tanto tempo.

Como primos, Blie-Mi e Goro-Mi se conheciam desde crianças e acostumaram-se facilmente à vida de casados. A maior tristeza do casal era não ter filhos naturais. Ela até havia engravidado um par de vezes, mas seu corpo não

conseguia segurar a gestação para além dos primeiros meses. Esse revés a tornara ainda mais apegada à Valek.

Mais que cuidar dos ferimentos do filho sempre que necessário, ela também o ensinou a ler e a escrever, lhe transmitiu noções de história, geografia e matemática. Uma educação para poucos naquela parte do Mundo Antigo. E embora não gostasse de admitir, Valek também havia aprendido muito com seu pai adotivo. Aprendera a caçar, pescar e preparar armadilhas, a limpar e cozinhar animais e peixes e a defumar a carne para que continuasse boa para comer por mais tempo.

Nos dias que se seguiram à luta contra os três *acarís* e o treinamento pesado a vida retornou ao ritmo normal. O rapaz ainda enfrentava alguns problemas após sua vitória, embora os aldeões parecessem ter adquirido um pouco mais de respeito por ele.

Semanas depois do ocorrido era possível encontrá-lo exercitando-se na mata. Tarefa que iniciava cada vez mais cedo e terminava cada vez mais tarde. Algo despertara dentro dele após aquele treinamento com Goro-Mi. Pensava cada vez mais em deixar aquela vida para trás. O juramento que fizera em seu íntimo de matá-lo em um combate digno ecoava em sua mente ao mesmo tempo em que o colocava num dilema. O que seria de sua mãe se o matasse?

Valek não compreendia como ela podia amar um homem daquele tipo, mas tinha de reconhecer que a despeito de seus defeitos, o pai adotivo jamais falava de forma rude com a mulher ou lhe faltava com o respeito. Talvez, pensava o rapaz, ele tivesse consciência do quanto era afortunado por ter Blie-Mi como esposa.

A outra alternativa era simplesmente partir e deixar o clã para trás, como faziam muitos jovens. As notícias vindas de fora falavam que Solomon Kotler, o Rei Desmorto marchava em direção à *Ancestria* com um exército de cem mil homens. Agora parecia o momento certo para juntar suas coisas e ir embora. Entretanto essa possibilidade não o agradava de todo, pois assemelhava-se a uma fuga, e fugir era algo que Valek jamais faria.

— Prefiro atacar o inimigo a me esconder dele. — disse para si mesmo.

Sem conseguir se decidir, pensou em ir nadar um pouco para esfriar a cabeça. Havia um ponto onde o rio descia do morro em uma bela cascata e formava um lago. O sol tinha tempo de aquecer a água e deixá-la morna, ideal para um bom mergulho.

Próximo ao lago ouviu um relinchar. Por garantia, observou entre as árvores para ver o que se passava.

Viu um cavalo selado e uma muda de roupas sobre a grama, mas o que realmente mexeu com ele foi ver uma mulher nadando sob a água.

Valek conhecia bem aquelas matas e sabia como evitar companhia. Ninguém da aldeia costumava ir até aquela parte do rio a essa hora. Por certo, era uma viajante. Ela ergueu-se acima da superfície e voltou a mergulhar, o rapaz teve um rápido vislumbre dos seios. A cena atiçou sua libido, ele se aproximou para ver melhor.

Com cuidado, posicionou-se atrás de uma rocha próxima a margem. Daquele ponto poderia ter uma visão privilegiada. Não demorou para que a viajante caminhasse para fora.

Aparentava ter cerca de trinta anos, os cabelos molhados jogados para trás. O rosto exibia uma beleza madura, os seios fartos se mexiam a cada passo, as coxas grossas delineavam uma bela silhueta. A volúpia dos quadris e do sexo despertaram o desejo de seu admirador.

Valek ficou fascinado. Nunca havia visto o corpo de uma mulher e teve certeza de que não voltaria a ver nada tão belo e tão envolvente. O tempo pareceu parar a volta dele. Naquele instante, tudo o mais desaparecera de sua mente. A aldeia, o juramento, seus pais, os planos de partir. Era como se nada, além de sua musa existisse no mundo. Dentro dele ardia o impulso de tomá-la nos braços, beijar aqueles lábios sensuais e deitá-la sobre a grama.

Em meio a sonhos apaixonados, o rapaz teve ter cometido algum descuido, pois enquanto apanhava suas roupas a viajante parou e olhou em sua direção. Valek escondeu-se tarde demais.

— Quem está aí?

O coração dele acelerou ao ouvir a voz dela. Deveria sair e se mostrar, ou afastar-se? Valek não compreendeu a razão de sentir-se acuado daquela maneira. Por que se escondia de uma mulher sem roupa? Por que não se revelar e falar com ela?

— Quem é você? Apareça!

Ele não poderia recusar aquele chamado. Tomou a decisão de se mostrar, fantasiando que algo poderia acontecer. Reconheceu que foi preciso mais coragem para falar com aquela mulher do que para enfrentar Goro-Mi.

Saiu de trás da rocha, a bela viajante segurava as roupas na frente do corpo, cobrindo-se da melhor forma possível. A expressão no rosto dela o inquietou. Era como se tentasse reconhecê-lo, embora o rapaz tivesse certeza de que não sabia quem a viajante era.

A mulher não podia acreditar que aquilo realmente se passava. Os cabelos do rapaz diante dela eram de um ruivo intenso, quase vermelho. E a idade parecia a certa. Se não fossem coincidências, estava diante da pessoa que esperava encontrar na aldeia.

— Valek?!

Foi a vez dele ficar confuso. Como a viajante conhecia seu nome? A examinou com mais atenção. Não tinha reparado antes, mas os cabelos eram da mesma cor dos seus e ele jamais conhecera outra pessoa com um tom tão intenso de ruivo. Os olhos possuíam o mesmo tom de verde. Além disso, ela sabia seu nome. Seria possível que...?

— M-mãe...?!

De todas as formas que poderia encontrar seu filho, Liana jamais imaginou que seria daquela maneira.

Capítulo V

Nos Ombros do Lorde

“O destino de um, repousa em suas próprias mãos. O destino de todos, repousa nos ombros do lorde”.

Darius nunca se esqueceu de quando ouvira essas palavras serem pronunciadas por seu pai no leito de morte, pouco antes de falecer. Naquele momento ele se tornou o novo lorde Gareth, o destino de *Londinium* passou a residir em seus ombros e àquelas palavras ficaram marcadas a ferro em sua mente.

Ele meditava sobre elas no balcão de seu gabinete com o peito descoberto, vestindo apenas uma calça enquanto observava o falcão-correio sumir no céu, num voo veloz rumo à capital de *Ancestria*, levando para o rei um breve relato do que se passava na fronteira. Até aquela mensagem chegar a seu destino e a resposta fazer o caminho de volta, o destino, não só de *Londinium*, mas talvez de todo o reino dependia de suas atitudes.

— Sou obrigada a dizer que o que está prestes a fazer não é uma boa ideia.

Garet ouviu a voz feminina. Voltando-se para dentro, viu sua esposa Brunella com uma expressão preocupada.

Trajava um vestido verde que combinava bem com seu ar de matrona. Os cabelos castanhos claros presos em uma trança. Um colar dourado decorava o colo. Era uma mulher bem apessoada e ainda que não fosse bela, certamente não era feia.

— O dever do dono da casa é protegê-la de invasores. — respondeu ele. — *Londinium* é minha casa. Meu pai derramou sangue para defendê-la, assim como meu avô, e o avô do meu avô. Agora é minha vez, concorde você ou não.

— Porque não deixar essas preocupações para o rei?

— Não faça perguntas óbvias! Vai demorar para mobilizar uma força capaz de fazer frente ao exército de *Lestonor*. Tenho a obrigação de procurar uma solução pacífica ou ao menos ganhar tempo para a cidade.

A resposta não acalmou Brunella.

— E para ganhar tempo, vai se entregar para aquele horrível Rei Desmorto...

— Minha cara, esposa... — ele a abraçou pela cintura. — esse não é um assunto para as mulheres. Deixe que os homens cuidem disso.

— Sempre ouvi dizer que há mulheres no campo de batalha.

— Rameiras! Uma mulher decente sabe que seu lugar é em casa, cuidando da família.

Ela viu desejo no olhar do marido. O abraço se estreitou.

— E cuidando também do seu homem. — disse ele.

— Como devo cumprir essa tarefa?

Brunella tocou o volume sob a calça. As mãos de Gareth subiram por suas coxas e levantaram o vestido. Ela fechou os olhos ao ser tocada em sua região mais sensível. Gareth a virou e apoiou na parede. Braços fortes a abraçaram por trás. Sentiu o prazer de ser possuída, porém a sensação não durou muito. Ele gozou rápido e se afastou, deixando-a frustrada.

— Ainda não terminei.

— Seja compreensiva, preciso poupar energia.

Brunella tentou disfarçar a indignação enquanto ajeitava o vestido. Odiava ser tratada daquela maneira.

— Vá agora. Preciso fazer os últimos preparativos.

— Ah! Quase me esqueci de falar sobre a Sarissa... — disse ela na soleira da porta.

— O que há com nossa filha?

— Recebeu uma proposta de casamento. Ou melhor, irá receber.

— E de quem seria?

— A mãe do Mestre da Guarda Jander, me confidenciou durante um chá que ele está enamorado por Sarissa. Ele irá com você hoje?

— Não, ficará para proteger a cidade, mas falaremos sobre isso quando eu tiver tempo.

Brunella saiu do gabinete aborrecida. Edan, que estava de pé ao lado da porta postou-se respeitosamente, ela passou direto sem sequer olhar para o servo. Não gostava nem um pouco daquele rapaz e se pudesse, o expulsaria do castelo.

Edan ouviu uma sineta dentro do gabinete. O lorde queria ajuda para se armar. A armadura de Gareth era composta de um peitoral com ombreiras, botas de ferro até o joelho e uma proteção para as mãos e antebraços.

O rapaz prendeu a capa nas ombreiras e ajeitou os cabelos platinados de seu mestre por cima do tecido. Com a espada presa na cintura, Gareth estava pronto.

— Deseja algo mais, senhor?

Gareth tocou o rosto bonito de Edan. Seus traços eram suaves como os de uma mulher, com olhos expressivos e lábios rosados.

— Há quanto tempo trabalha para mim? — a voz do lorde soava baixa.

— Dois anos, meu senhor.

— Tanto tempo? O curioso é que já nem me lembro como era antes da sua chegada.

— É uma honra servir um mestre tão nobre quanto o senhor.

— E você tem me servido muito bem... — o dedo indicador tocou a boca rosada do jovem. — de muitas maneiras.

Gareth se lembrou de tantas as noites nos últimos dois anos em que dividira o leito, não com Brunella, mas com Edan. Segurou o rosto do rapaz com ambas as mãos e o beijou.

— Preferia que não tivesse de se arriscar lá fora... — prosseguiu o lorde. — mas há uma missão que só posso confiar a você.

— Outra mensagem secreta?

— Isso mesmo. Decore-a e só repita na presença do destinatário e de mais ninguém.

— E para quem é a mensagem, senhor? Acaso é para...?

— Não diga o nome! As paredes têm ouvidos. Sim, o recado é para ele, nosso amigo que raspa a cabeça todos os dias. Agora escute...

Garet reuniu-se às portas do castelo com um grupo de vinte guardas, entre eles, Ruram, o Mestre Armeiro, todos envergavam armaduras semelhantes a do lorde. Os garotos da estrebaria ajudavam a preparar os cavalos. Garet recebeu um belo merak, um cavalo forte dotado de um par extra de patas dianteiras.

Brunella o esperava para uma despedida formal acompanhada de sua filha mais nova, Sarissa, uma linda menina de catorze anos, de feições delicadas e pele clara. Os olhos azuis brilhavam como diamantes e os cabelos platinados evidenciavam sua ascendência.

— Tenha cuidado, papai! — disse ela.

— Terei, minha princesa. — disse Garet.

Beijou a testa da filha e despediu-se da esposa. Sarissa procurou pela irmã mais velha, mas não viu Acássia em parte alguma. Porque ela não teria vindo se despedir de seu marido, Ruram?

Garet montou em seu cavalo. A guarda parou para ouvi-lo.

— Ouçam... — começou o lorde. — estamos indo nos encontrar com Solomon Kotler e seu exército em marcha. Eu o vi duas vezes, uma quando era jovem e a outra foi em seu último banquete anual. Em ambas as ocasiões ele me pareceu um homem abjeto. Um bárbaro que não sabe o que é nobreza ou dignidade. O tipo de homem que não responde a nenhum estímulo, além da violência. Dizem que ele é imortal, eu digo que se tem carne para ser cortada, pode morrer.

Os guardas mantiveram-se em silêncio.

— Mesmo assim, vamos procurá-lo com palavras de paz, porque se houver uma possibilidade, mesmo que pequena, de impedir que a guerra caia sobre nossas cabeças, temos o dever de nos agarrar a ela como um naufrago se agarra a uma tabua.

Garet conclui com um olhar firme para cada homem ali.

— O nosso grupo é pequeno para não enfraquecer a guarda de *Londinium* se as negociações falharem e todos acabarmos mortos. Se alguém está com medo, tire a armadura e fique para trás. Não preciso de covardes comigo! Aqueles que são homens de verdade, montem em seus cavalos e que o Pai Sagrado *Solari* esteja do nosso lado!

Os portões do castelo foram abertos para dar passagem à pequena tropa e seu estandarte branco. Pelas ruas, as pessoas saudavam o lorde e gritavam palavras de incentivo. Deixaram os portais de bronze e as muralhas da cidade para trás. O grupo seguiu pela grande estrada principal que cortava a planície *Lad Akai*. Alcançaram o volumoso rio *Thames*.

O rio, fundo e com quase trezentos metros de largura era a principal barreira contra os invasores, seria um obstáculo difícil de transpor para um exército inteiro. Gareth desmontou e aproximou-se de um pilar de pedra polida que saía da água. Havia outro igual aquele a cinquenta passos dali e na margem oposta podia-se ver mais um par alinhado com este.

O lorde caminhou até um dos pilares e viu o dispositivo composto por uma engrenagem esculpida dentro de um vão circular, no centro da engrenagem havia uma fechadura em forma de brasão.

O anel de Gareth encaixou perfeitamente na fechadura, um giro e os dentes da engrenagem fizeram um quarto de volta. Um estalo e logo era possível ouvir um ruído no fundo do rio. Uma calçada de pedra emergiu da água formando uma ponte sustentada pelos quatro pilares.

O grupo seguiu caminho. Gareth cavalgava à frente com determinação. Os demais homens pouco conversavam. Até mesmo, Ruram, casado com a filha mais velha do lorde e, portanto seu parente, ficava intimidado na presença daquele homem, que muitos julgavam ter a postura de um verdadeiro rei. Morando no castelo dos Gareth com sua esposa, o Mestre Armeiro tinha de lidar com o sogro diariamente. Admirava a nobreza do lorde e procurava sempre agradá-lo. É verdade que era um homem temperamental, mas Ruram acreditava que isso era devido o peso da responsabilidade em seus ombros.

Após duas horas de cavalgada pela planície, avistaram uma nuvem de terra atrás de um morro. O som estrondoso da marcha de cem mil almas ecoava cada vez mais alto.

O sol se aproximava do horizonte quando o pequeno grupo fez contato com o exército de *Lestonor*. A maioria dos homens sentiu o sangue gelar diante daquele massa gigantesca que poderia facilmente passar por cima deles sem fazer caso. Apenas um não se deixou abalar.

Garet parou no meio da estrada. Sua guarda fez o mesmo. Ao verem os inimigos, os soldados começaram a gritar ameaças. Cem mil vozes amaldiçoaram aquele pequeno grupo que se postava de maneira tão arrogante diante deles.

Lorde Garet fixou o olhar naquele que vinha à frente, cavalgando a besta chamada de beemote. Mesmo por trás de seu elmo, Kotler sentiu a força daquele olhar.

O Rei Desmorto ergueu o punho cerrado. Seu exército fez alto, mas os cem mil soldados continuaram a bater os pés, gritar maldições e fazer barulho com as armaduras. Mesmo sem ver o que se passava, aqueles que vinham atrás imitaram os da frente. Os mamutes urraram. Ruram suou frio, os guardas teriam fugido, não fosse o medo da punição que poderiam receber.

Kotler puxou as pesadas correntes que usava como arreio. O beemote emitiu um rugido tão poderoso que abafou o barulho da marcha e dos gritos.

Um silêncio ensurdecedor caiu sobre a planície.

Capítulo VI

Nas Graças de Um Rei

A tensão era grande na planície *Lad Akai*. Ruram teve a impressão do ar ficar mais pesado. O Mestre Armeiro coçou a barba e se deu conta de que prendia a respiração sem perceber. Estar diante daquela massa humana era assustador. O céu vermelho do fim de tarde emoldurava o que poderia vir a ser um massacre. Lorde Gareth manteve-se firme em seu cavalo. O rosto não demonstrava receio.

Montado no beemote, Kotler encarou seu inimigo pelas aberturas do elmo imaginando o que ele pretendia ao se atravessar em seu caminho com um grupo ridiculamente pequeno. Voltou-se para um sujeito de barba grisalha proeminente, apesar de calvo, envolto em um manto cinza e fez um sinal com a cabeça. O homem de manto cinza caminhou na direção de Gareth, parou a alguns metros e fez uma leve reverência.

— Vossa majestade, o rei Solomon Kotler manda seus cumprimentos!

— E quem é você, verme?

— Sou o chanceler Talbor e o rei escuta através de mim. Terei o maior prazer em transmitir suas palavras à vossa majestade.

Garet decidiu que não seria digno perder tempo com um lacaio. Disse para seus homens esperarem. Depois cutucou as ancas do merak e avançou derrubando o chanceler no chão, que precisou ter cuidado para não ser pisoteado pelas seis patas do cavalo.

— Kotler...!!! — o lorde apeou sozinho no meio da estrada. — Eu exijo que fale comigo!

O Rei Desmorte tocou o pelo do beemote. A besta abaixou a cabeça, hipnotizada. Kotler saltou de sua montaria e caiu firme, seus joelhos sequer dobraram. Estendeu a mão e de imediato, uma amazona de pele morena lhe entregou seu machado de batalha. Com um passo largo avançou.

De perto, o lorde podia ver o quanto seu inimigo era forte e a grande quantidade de cicatrizes que marcavam seu peito e braços. A capa feita do couro de um animal o fazia parecer ainda maior e mais imponente.

Kotler fincou o machado no solo e deu mais alguns passos. Tirou o elmo negro exibindo seus cabelos escuros despenteados que desciam até os ombros, uma barba rala cobria o queixo quadrado e outra cicatriz passava pelo olho direito.

— Lorde Darius Gareth, há quanto tempo! — sua voz era gutural, mas soava em um tom calmo e frio.

— Desde o seu último banquete anual, Kotler. E pensar que enquanto lady Gareth e eu estávamos sentados em sua mesa, você tramava um ataque à minha cidade.

— Permita que lhe peça um favor, lorde. — o Rei Desmorto andou em volta despreocupadamente. — Não tome esta ofensiva como uma questão pessoal. Na verdade, eu o tenho em alta conta. Que outro homem interpelaria um exército inteiro com uma tropa de... er... eu diria, no máximo vinte guardas... Por nada além de sua própria noção de honra e nobreza?

— Você diz isso, Kotler, mas prefere enviar um intermediário a falar comigo pessoalmente.

— Estou certo de que uma pessoa na sua posição entende a importância de certas formalidades.

Kotler se abaixou e encheu a mão com um punhado de terra. Gareth ficou cansado daqueles subterfúgios.

— O que você quer, afinal? O que posso oferecer para que atrase sua marcha?

— Perdão, lorde. Creio não tê-lo ouvido bem.

— Você quer ouro...? Mulheres...? Escravos...? Apenas diga o preço.

— Lamento desapontá-lo, mas não existe nada que possa ofertar para convencer-me a mudar meus planos.

— Nossos reinos estavam em paz.

— Devo corrigi-lo, meu bom lorde. *Lestonor* e *Ancestria* estavam em uma trégua forçada pelos prejuízos do último confronto.

— Forçada ou não, era paz. E essa paz está ameaçada porque se julga no direito de invadir nossas terras.

Kotler deixou um pouco da terra que tinha na mão escorrer e ser levada pelo vento.

— Já fui o soberano de *Londinium*. Tinha conhecimento deste fato, lorde, ou esta página foi arrancada dos autos?

— É claro que sei disso. — respondeu Garet sem ter a menor ideia sobre o quê seu inimigo falava.

— É claro! Se me recordo, foi no tempo do seu pai, não, do seu avô... Perdão, quando se tem um século e meio de vida, a memória fica confusa... O fato é que eu tomei *Londinium* por dez anos e seu avô, Fernan, serviu-me enquanto arquitetava uma revolta juntamente com seu rei. — ele fechou o punho e o pó parou de cair. — Como vê, lorde, eu poderia considerar-me no direito de alguém que foi expulso de sua própria casa.

— Alguém que foi expulso da casa de outra pessoa! — Garet começou a se impacientar. — Nossa causa é justa, como agora, você vem como um invasor, Kotler.

— Está enganado, caro lorde. Na guerra, não há causas justas. — ele soltou lentamente os últimos grãos de poeira enquanto falava. — Há muito tempo havia um fazendeiro que vivia em *Kailiev*, a cidade mais próxima da fronteira no lado de *Lestonor*. A Guerra Sem Fim já era antiga, mas aquele fazendeiro não se preocupava com os conflitos. Era um homem simples, feliz com o que podia tirar da terra e com sua família: uma esposa amorosa e uma linda filha.

Kotler começou a caminhar na direção do seu machado fincado no solo. Garet sentiu que deveria se preparar. O Rei Desmorto continuou com a história.

— Um dia, porém, *Ancestria* lançou uma ofensiva contra *Lestonor* e o fazendeiro perdeu tudo que amava. A esposa e a filha foram estupradas e assassinadas pelos invasores e, apenas por milagre, o fazendeiro sobreviveu à tortura. — ele fechou os olhos revivendo antigas lembranças. — Isso foi a mais de cem anos, antes de eu me tornar o que sou hoje, mas ainda ouço os gritos delas à noite.

Ao abrir os olhos novamente, a voz de Kotler já havia recuperado o mesmo tom calmo e frio.

— Respeito suas intenções, lorde Gareth. Entretanto, não creio que possamos chegar a um consenso.

— Fui um tolo em imaginar que poderia conversar de forma civilizada com um bárbaro selvagem! Se deseja tanto a terra de *Londinium*, te darei o bastante para um cova.

— Não, seu erro foi esquecer com quem está falando! Atacou meu chanceler, ordenou que eu lhe concedesse uma audiência. Tentou me subornar e me ameaçar. E ignorou meu título, enquanto eu o tratei pelo seu. No futuro, quando desejar cair nas graças de um rei, lembre-se de mostrar respeito. — Kotler colocou o elmo e apanhou seu machado. — Pode considerar uma questão pessoal agora.

O Rei Desmorto ergueu o machado e avançou contra Gareth. O lorde desembainhou a espada para responder ao ataque.

Ruram esporeou seu cavalo chamando os guardas à ação.

— Protejam lorde Gareth!

A pequena tropa cavalgou em alta velocidade na direção dos dois inimigos em choque. Kotler convocou seu reforço.

— Arqueiros!!!

A primeira fila dos arqueiros do exército de *Lestonor* adiantou-se. Uma dezena de flechas foram disparadas. O chanceler Talbor corria de volta e chegou a gritar para que esperassem, mas os soldados de Kotler obedeciam qualquer ordem de seu rei de imediato, sem questionar. O chanceler foi alvejado por uma dúzia de setas disparadas pelos próprios aliados.

Um após o outro, os vinte guardas foram abatidos, apenas Ruram ainda permanecia em cima de um cavalo.

O Rei Desmorto conhecia a precisão de seus arqueiros e não temia ser atingido. As flechas passavam zunindo a seu lado enquanto atacava com uma força descomunal. Gareth mal conseguia esquivar o machado com sua espada, quanto mais revidar. Atingido pela lateral da lâmina o lorde caiu de joelhos e se viu a mercê de Kotler. O imenso machado se ergueu pronto para o golpe final.

Nesse momento, Kotler sentiu um aperto no peito. Seu coração bateu forte em um ritmo descompassado fazendo-o se curvar.

— Não... Agora não...!

Garet não compreendeu o que se passava, mas não pensou duas vezes em apanhar sua espada e cortar o adversário no abdômen. Kotler deu dois passos atrás tentando controlar a respiração.

À medida que seu ritmo cardíaco se normalizou, o corte em sua barriga fechou-se sozinho. Outra cicatriz tomou o lugar do rasgo.

— Em nome de *Solari*... — o lorde compreendeu o verdadeiro poder daquele que era chamado de imortal.

— Vê? Essa é a razão pela qual sou conhecido como Rei Desmorto!

Kotler brandiu o machado novamente. Estupefato, Garet parecia não ter defesa contra o novo ataque. Nesse instante, Ruram pôs-se à frente do lorde montado em seu cavalo.

— Cuidado, senhor!

O Mestre Armeiro foi atingido pelo machado de batalha.

— Ruram!!! — gritou o lorde ao ver o genro cair inerte.

Com um gesto rápido, Garet saltou para o cavalo e partiu a todo galope. Lágrimas de raiva, dor e humilhação escorriam por seus olhos. Uma flecha o atingiu no lado esquerdo da barriga. Esforçou-se para se manter firme e seguir cavalgando. Não parou até cruzar a ponte de pedra sobre o *Thames*. Caiu do alto da montaria, tonto pelo ferimento. Com dificuldade, girou o dispositivo, a passarela mergulhou no leito do rio, em seguida tirou o anel que usava como chave e o jogou na água.

Caiu sentado quando suas forças acabaram. Apoiou-se no pilar de pedra. Queria descansar um pouco... Precisava voltar para *Londinium*, contar à filha mais velha que o marido estava morto, preparar sua cidade para a guerra... Mas tudo que queria era descansar...

Kotler, enfim, sentiu o peito acalmar. Entregou o machado para a mesma amazona e começou a reagrupar seus homens.

— Talbor!? Onde está meu chanceler?

— Morto, majestade. — disse a amazona. — O chanceler acabou sendo atingido por nossas flechas.

Pelas aberturas do elmo, o rei viu o cadáver cravejado de setas.

— Não é uma grande perda, uma vez que ele não era um guerreiro. Ainda assim, será melhor que tenham mais cuidado no futuro.

Ele se voltou para a amazona, examinando-a da cabeça aos pés. Tinha cabelo rastafári preso em um longo rabo de cavalo. Sua armadura sensual cobria apenas algumas partes do corpo, muita pele morena ficava à mostra.

— Qual é sua graça, amazona?

— Marla, majestade. Gya Marla, de *Nagherin*.

— Pois bem, Gya Marla de *Nagherin*, será a chanceler quando não estivermos em combate.

— Obrigada, majestade, mas sou uma guerreira, não entendo nada do trabalho de chanceler.

— É um trabalho demasiado simples. Consiste em designar alguém para cumprir minhas ordens. De mais a mais, prefiro a companhia de uma mulher à de um velho.

— Senhor... — chamou outro soldado. — Um dos inimigos ainda está vivo.

Mesmo gravemente ferido, Ruram ainda agonizava, apegado a um resquício de vida. Kotler o identificou como aquele que entrou no caminho de seu machado.

— Saiba que reconheço tua coragem e admiro tua lealdade a seu senhor. — e decretou. — Dêem-no de comer ao beemote.

O rei caminhou na direção da fera, que mantinha a cabeça abaixada. Tão logo suas manoplas de ferro tocaram nas correntes mágicas, a besta despertou furiosa. Os soldados arrastaram Ruram. O Mestre Armeiro usou as forças que restavam para tentar escapar, mas a perda de sangue o deixara fraco.

— D-desgraça... dos... m-maldi... tos...

Ruram foi levado até o beemote. A fera o encarou, a saliva escorreu pelos cantos da bocarra e caiu em seu rosto. Os dentes enormes se abaixaram em sua direção. O Mestre Armeiro gritou... porém seu grito desapareceu para dar lugar ao som de ossos partindo e carne rasgada.

Os homens afastaram-se. Não havia em todo o exército quem não temesse o beemote. Kotler sentiu um gosto de ferrugem na boca. Retirou o elmo novamente, seu nariz sangrava.

— Está ferido, majestade? — perguntou Marla.

— Despache um mensageiro imediatamente para *Mazilev* à procura de Baltus. Digam-lhe que mando chamá-lo com urgência. — e depois, Kotler disse apenas para si mesmo. — Preciso de um novo coração.

Capítulo VII

Quinze Anos

A lua crescente brilhava como um corte na noite. Valek contemplou a face de *Luuna* pensando nos rumos que sua vida tomaria dali em diante. Reviu mentalmente os eventos daquela tarde. A tarde em que reencontrou sua mãe natural. Sua mãe...? Mesmo em seu íntimo, era difícil chamar outra mulher além de Blie-Mi dessa maneira.

Após encontrá-la daquela forma, ficou de costas para Liana vestir-se. Ela contou como partira do templo no meio da noite e viajara por rotas alternativas para evitar os espões do rei Kotler.

Seguiram para a aldeia com ela em à cavalo e Valek puxando as rédeas. Não trocaram nenhuma palavra durante o caminho, constrangidos com o que havia se passado no lago. Blie-Mi reconheceu Liana de imediato ao vê-los se aproximar, seu rosto mostrou um profundo descontentamento.

Ambas estavam dentro da casa agora, juntamente com Goro-Mi. Valek preferiu ficar do lado de fora, sentado em um grande banco de madeira para três pessoas. Não tinha a menor disposição para ouvir a conversa, embora tivesse certeza de que ele era o assunto.

No interior da casa, Liana sentou-se à mesa usando um vestido cor vinho de mangas largas, com um decote que descia até abaixo da linha do generoso busto, exibindo a pequena cicatriz em forma de crescente entre os seios. Blie-Mi se juntou a ela.

Tinham coelho assado e cerveja para o jantar. Goro-Mi permaneceu em pé.

— O que tem feito da vida, Liana? — perguntou Blie-Mi.

— Passei todos esses anos me dedicando à magia. Tornei-me uma sacerdotisa de quarto grau com dez anos a menos do que Denora tinha quando chegou a esse nível.

Liana saboreou mais um pedaço de coelho e perguntou.

— E Valek?

— Ele está bem. Saudável. Como fala pouco é difícil saber o que pensa, mesmo assim é bastante irrequieto. A parte ruim é que muitos não gostam dele por ser estrangeiro.

— Eu ficaria surpresa se fosse de outro jeito. Os *acaris* não são conhecidos por terem bons modos.

Goro-Mi interveio.

— Pelo jeito, o tempo não te ensinou a ter papas na língua, Liana. Porque não param com conversa fiada e vamos direto ao ponto?

— Concordo, Goro-Mi. Quanto antes eu puder ir para longe do seu fedor de suor, melhor. — ela bebeu mais um gole de cerveja. — Valek está pronto?

— Quase pronto. — respondeu ele.

— Por que a demora? Já vi *acaris* de menos idade pegarem em armas.

— Ele é forte, pode vencer a maioria das lutas. Mas tem uma coisa dentro dele que ainda não consegui trazer para fora.

— Não entendi.

— Acho que Valek é um *berserker*!

Blie-Mi saltou da cadeira.

— Nunca! Meu filho não é um monstro assassino!

— Esperem um pouco. — disse Liana. — Do que estão falando?

— São histórias que os *acaris* contam. — respondeu Blie-Mi. — Um *berserker* é um tipo de guerreiro que é tão tomado pelo êxtase da batalha que não enxerga nada mais à sua volta.

— São mais que histórias, querida. — falou Goro-Mi. — Lembra do primo Faet-Mi? Quando entrava em uma luta o desgraçado ficava tão louco que ninguém o segurava. Às vezes eu vejo aquele mesmo brilho nos olhos do Valek.

— O que importa é que ele possa levantar uma espada e vencer. — declarou Liana. — A Guerra Sem Fim vai começar de novo. O rei Kotler deixou a proteção de seu castelo. É o momento certo para Valek sair das sombras e cumprir seu destino.

Blie-Mi se voltou transtornada para a sacerdotisa.

— Quinze anos! Em quinze anos não tivemos nenhuma palavra sua. Nenhuma visita, nenhuma mensagem, nada! E agora você aparece de repente e quer levar meu filho para longe por causa de uma maldita profecia?!

— Entreguei Valek a vocês para que ele ficasse escondido de todos, inclusive de mim. Sabia que eu viria um dia, Blie-Mi. Vamos evitar cenas.

— Se o garoto quiser ir, que vá! — Goro-Mi saiu irritado. — Ele me detesta, eu o detesto, então o que me importa?

Do lado de fora da casa, ele viu Valek sentado no banco pensativo. Abriu a boca, mas tomou a direção da taverna sem dizer nada.

— Goro-Mi... — disse o rapaz com naturalidade. — Depois do nosso último treino, prometi a mim mesmo que te mataria um dia. Ainda pretendo cumprir essa promessa.

O *acari* encarou o filho adotivo e afastou-se sem responder.

Depois de algum tempo, Liana apareceu na porta e sentou-se no banco. A proximidade mexeu com Valek, uma fragrância suave de rosas o alcançou.

A meia luz da penumbra parecia deixá-la ainda mais bela. Ela cruzou as pernas, a coxa sensual apareceu pela abertura do vestido. Por um instante, a imagem daquela mulher surgindo entre as águas voltou a sua mente, mas ele tentou não pensar nela assim.

Liana estendeu a mão e ajeitou o cabelo dele atrás da orelha.

— Olhe só para você, já é um homem! — ela tocou o braço de Valek. — Um homem forte e bonito!

Ele corou ligeiramente. Liana percebeu.

— Fiquei um pouco constrangida na lagoa, mas já passou. Não precisa ficar envergonhado.

— Foi a primeira vez que vi... A senhora sabe...? Uma mulher.

— Não tem namorada?

O rapaz balançou a cabeça. Ela continuou puxando conversa.

— Blie-Mi contou que você tem problemas com o povo daqui.

— Me viro bem. — disse ele.

Fez-se um breve um silêncio. Liana respirou fundo e decidiu tocar no ponto mais delicado.

— Sei que deve ter muitas perguntas sobre seu nascimento e porque te entreguei...

— S-senhora, por favor... — agitou-se ele. — Não precisa...

— Sei que não é fácil falar, mas...

— Eu estou bem, senhora... Não se preocupe...

— Tem certeza disso...? Porque estou pronta para...

— Está tudo bem, senhora. Juro. Eu realmente não quero falar sobre estes assuntos. — e ele repetiu. — Está tudo bem.

Mais um instante de silêncio. Começaram a falar sobre trivialidades, pequenas perguntas um sobre o outro e voltaram a ficar calados por alguns minutos.

— Quero te perguntar uma coisa, Valek. Acredita no destino?

— Acho que a senhora fala da profecia.

— “Quando uma Serpente de Fogo surgir no céu, nascerá um menino de cabelos flamejantes cujo destino será reclamar a cabeça do Rei Desmorto...” — disse ela, sem mencionar o trecho que falava sobre conquistar todas as nações.

— Havia mesmo uma Serpente de Fogo na noite que nasci?

— Foi uma visão maravilhosa! Mas foi tão rápida que mal consigo lembrar.

Valek pensou um pouco. Quando voltou a falar, o fez com firmeza e segurança.

— E se eu não acreditar em destino, senhora? Não tenho razão para querer matar esse Rei Desmorto.

Liana sorriu.

— Sempre estamos indo em direção ao nosso destino, seja qual for. Pense no nosso encontro no lago, em quantos detalhes nos atrasaram ou nos adiantaram e, como resultado, nós dois fomos parar no mesmo lugar à mesma

hora. Não existem coincidências, há um motivo para termos nos encontrado daquela maneira.

Valek pensou que talvez soubesse qual era esse motivo, pois desde aquele momento só conseguia pensar em Liana e nos sentimentos que despertava nele.

— Em algum lugar lá fora — continuou ela. — estão acontecendo ações que irão afetar sua vida de um modo que você nem imagina!

— São palavras muito bonitas, senhora! Mas acho que algo tão distante não pode me afetar.

— Deixe eu te contar uma história. — Liana repetiu um conto que ouvira de Denora anos atrás. — Um lenhador voltava para casa no final do dia quando foi atacado no meio da mata por um ladrão. O lenhador não queria entregar seu pagamento, por isso lutou com o ladrão e o feriu com o machado. O lenhador voltou para casa feliz por ainda ter as moedas que comprariam o pão de seus filhos, enquanto o ladrão começou a vagar pela mata até chegar à cabana de uma curandeira. O ladrão invadiu a casa e matou a curandeira para roubar as poções de que precisava. Você entende o significado disso?

— Me parece que a curandeira foi morta porque o lenhador enfrentou o ladrão.

— O lenhador não é culpado pela morte da curandeira, mas suas ações afetaram o destino dela. — Liana olhou bem dentro dos olhos de Valek. — Aonde quer que você vá, irá se encontrar com pessoas que, por uma infinidade de razões, chegaram lá ao mesmo tempo que você. Porque é seu destino encontrar-se com elas.

Mais uma vez Valek sentiu que o mundo ao seu redor desaparecia e tudo que restava era aquela mulher. Estava fascinado por sua beleza, seu sorriso, sua visão da vida. Vivendo como um estranho na aldeia do clã dos Mi, ele nunca teve certeza de seu lugar no mundo, mas agora sabia que queria estar ao lado dela.

Porém, existia um problema.

— Sei aonde quer chegar. — disse ele. — Quer me convencer a ir embora com a senhora.

— Viria comigo?

— Eu gostaria, gostaria muito! Mas não sei se posso deixar minha mãe para trás desse jeito. — ele se deu conta de ter usado a palavra “mãe”. — Desculpe, senhora!

— Não precisa se desculpar. — suspirou ela. — Também fui criada por uma mãe adotiva. Entendo como se sente.

Liana decidiu não pressionar Valek a aceitar sua proposta. Pela manhã, tentaria de novo. Por hora achou melhor...

— Senhora...?! — o rapaz a viu levantar-se de repente com uma expressão preocupada.

— Sinto uma presença se aproximando rapidamente.

Valek não entendeu o que ela quis dizer, mas lembrou-se que no lago ela também o percebera.

— Devem ser os aldeões. — disse ele.

— Não são pessoas comuns. É algo diferente... Sombrio!

O jovem se pôs de pé, seu instinto de guerreiro começou a aflorar.

— Não vejo ninguém. Qual é a direção?

— De várias direções. São muitos!

Mesmo sem ver, Valek teve a impressão de enxergar um movimento estranho nas sombras.

— Estão nos cercando. — disse ele.

Os *acaris* que caminhavam pelas ruelas também olharam em volta. De repente, ouviu-se um forte bater asas, seguido de vários outros, como se uma revoada de pássaros enormes estivesse sobre suas cabeças.

— Não pode ser! — disse Liana.

Penas negras flutuaram no ar e ela viu-se de volta ao mesmo pesadelo de quinze anos atrás, na noite em que Valek nasceu...

Capítulo VIII

Manto das Sombras

Liana jamais dos acontecimentos que se seguiram ao nascimento do filho. Do som das portas do templo de *Lunna* sendo golpeadas. A cada novo impacto as paredes tremiam mais.

No segundo piso, abaixada atrás do beiral, Liana abraçou seu bebê. Se Valek não parasse de chorar seriam certamente descobertos no momento em que os invasores colocassem o pé dentro do saguão principal. Blie-Mi, escondida a seu lado passou a mão na cabeça do menino.

— Por favor, fique calmo.

Valek aquietou-se. Apesar do momento crítico, Liana notou que o toque da amiga *acari* parecia confortar o menino mais do que seu próprio toque. Do outro lado, Téssia pegou em seu braço.

— Precisamos levar Valek para um lugar seguro.

As portas do templo vieram ao chão, as três se assustaram. Penas negras flutuaram no ar. No saguão, a sumo-sacerdotisa Denora adiantou-se à frente de outras veteranas da Ordem sob o olhar aflito das mais jovens.

Um grupo de doze mulheres adentrou.

A líder tinha aspecto esquelético. O rosto era magro, com manchas escuras ao redor dos olhos, lábios pintados de preto e uma tiara de osso na testa. Faixas de tecido escuro cobriam o corpo, os braços finos escondidos atrás da longa capa de penas negras colocada sobre os ombros. As botas de couro cobriam até os joelhos.

As demais exibiam uma aparência semelhante.

— Meu nome é Vrana e ordeno que a sumo-sacerdotisa do templo se apresente. — disse a líder com uma voz estridente.

— Quem são? — perguntou Blie-Mi em voz baixa.

— As Harpias Reais, a guarda pessoal do feiticeiro Baltus. — sussurrou Téssia.

Denora estava incrédula. Como era possível que o templo fosse invadido dessa maneira?

— Eu sou a sumo-sacerdotisa. — disse ela. — Como se atrevem a profanar o solo sagrado da morada da Grande Mãe?

— Temos ordens do mestre Baltus para encontrar uma pessoa. — respondeu Vrana. — Sabemos que há uma mulher grávida no templo. Entregue-a para nós.

— Seus espiões estão mal informados. Não há nenhuma grávida dentro dessas paredes. Retirem-se antes que a ira de *Lunna* caia sobre vocês.

Com um gesto rápido, Vrana mostrou o braço fino enrolado em uma pesada corrente, que se projetou contra o pescoço de Denora. Um afiado espigão na ponta ficou em posição de ataque, como se fosse o ferrão de um escorpião.

— É a ira das Harpias que deve temer!

Vrana arremessou Denora no chão e recolheu a corrente. A sumo-sacerdotisa foi amparada pelas companheiras.

Téssia se enfureceu e teve que ser contida por Liana e Blie-Mi para não fazer uma bobagem. As sacerdotisas começaram a entoar palavras no idioma *laer*, preparando-se para lançar um feitiço de ataque, mas Denora ordenou o contrário.

— Parem! A casa da Grande Mãe não é lugar para derramamento de sangue. Vocês, Harpias, procurem à vontade pelo templo. — antes de se levantar Denora percebera as três moças no segundo piso, por isso elevou a voz para que elas ouvissem. — Se havia alguma mulher grávida aqui, ela e seu bebê já estão longe!

— Ela disse isso para mim? — perguntou Liana.

Vrana voltou-se para seu grupo.

— Vasculhem todos os cantos do templo. Se encontrarem uma grávida ou uma criança recém-nascida, matem!

As Harpias espalharam-se. Uma delas, de cabelo cor de cobre, alcançou o segundo piso num salto. Não viu ninguém. Adentrou o corredor e arrombou a primeira porta à direita. Duas moças que dormiam lá dentro despertaram assustadas. A Harpia procurou pelo aposento e depois passou para os próximos.

Liana, Blie-Mi e Téssia correram pelos corredores. Rumavam para o quarto da *acari* na esperança de que o marido dela as ajudasse.

Durante a fuga, Liana começou a sentir-se tonta. Ainda não descansara após dar a luz a Valek e teve um princípio de desmaio. Téssia a segurou.

— Valek... Valek... — a voz era fraca.

— Ele está bem. — disse Téssia.

O menino estava nos braços de Blie-Mi.

As três chegaram ao quarto que procuravam. A *acari* foi a primeira a entrar e deu de cara com uma espada.

— Querida, desculpe. — disse Goro-Mi, que acordara momentos antes com o barulho.

Téssia ajudou Liana a sentar e lhe deu um copo de água. Blie-Mi colocou o esposo a par da situação.

— Então toda a confusão é porque o rei tem medo desse garoto?

— O que faremos?

— A solução mais simples é matar as Harpias.

— Gostei dessa idéia! — disse Téssia.

Um ruído na porta chamou a atenção de todos. Sem demora, Goro-Mi se pôs à frente, pronto para lutar. Quem apareceu, porém, foi Denora.

— Graças a *Lunna*, encontrei vocês! — suspirou aliviada.

A sumo-sacerdotisa trazia uma pequena cabaça consigo. Tirou a rolha da tampa e encheu um copo com um chá de ervas.

— Beba isso, Liana. É uma poção para restaurar suas forças. Se sentirá ainda mais cansada quando o efeito passar, mas vai precisar de energia por hora.

— Obrigada.

— Mãe, porque deteve as sacerdotisas? — disse Téssia. — Se todas nos juntarmos podemos expulsar aquelas mulheres.

— Não há nada que possamos fazer, filha. Viu as capas de penas? Chama-se Manto das Sombras. É uma criação do feiticeiro Baltus que as torna imunes à magia. E seja como for, seria inútil.

— Inútil?!

— Elas sabiam que havia uma grávida no templo. O rei nos vigia. Se derrotarmos as Harpias, outros agentes virão. O que precisamos é convencê-las de que não representamos perigo. Liana, você e Valek não podem continuar aqui, é perigoso. Agora que a Serpente de Fogo surgiu, irão procurar pelo menino da profecia mais do que nunca.

— E para onde vamos? — perguntou a moça ruiva.

— Para além de *Lestonor*, longe dos espiões do rei. Algum lugar onde Valek possa tornar-se forte o bastante para enfrentar inimigos tão poderosos. — ela se voltou para Goro-Mi, Blie-Mi e o bebê. — Posso contar com sua ajuda?

— Cuidaram de mim quando cheguei ferido. — disse Goro-Mi. — Pela minha honra de *acari*, devolverei o favor.

O som de portas sendo arrombadas fez com que todos no quarto se assustassem, inclusive o pequeno Valek, que desatou a chorar.

— Shhh... Calma, calma... — Blie-Mi o embalou.

— As Harpias se aproximam! — disse Denora. — Rápido, a janela...!

A Harpia com cabelos com de cobre chutou a porta do último quarto do corredor. Viu a sumo-sacerdotisa do templo em frente a uma janela aberta e mais ninguém.

— O que está fazendo? — perguntou.

— Ajudando a procurar. — disfarçou Denora. — Posso perguntar seu nome, Harpia?

— Sou Kraae. Ouvi um choro de criança.

— Impossível. Deve ter sido uma porta rangendo. Essas estruturas são um pouco velhas.

A Harpia empurrou Denora e foi até a janela. Tudo que viu foi grama ao redor do templo. Aquela janela era alta demais para alguém saltar dali.

— Já disse que não vão encontrar nenhuma mulher grávida nesse templo. — disse a sumo-sacerdotisa.

— Sabemos que a sacerdotisa grávida tem cabelo vermelho. Ainda não vi nenhuma sacerdotisa ruiva.

— Talvez suas amigas a tenham encontrado.

— Venha comigo, me ajudará a procurar!

— C-claro, sem problemas. — Denora não conseguiu disfarçar o nervosismo.

A porta do quarto se fechou revelando Blie-Mi com Valek nos braços e Goro-Mi atrás dela. Liana e Téssia saíram de debaixo da cama.

— Temos que partir. — disse Blie-Mi. — Você está pronta, Liana?

— Não posso ir. — declarou ela, causando uma nova onda de espanto. — Elas sabem de mim. Não vão descansar até me acharem.

— No que está pensando? — perguntou Téssia ao ver uma lágrima rolar no rosto da amiga.

— Preciso ficar onde possam me ver, só que Valek não vai estar seguro aqui. — ela se aproximou do menino, passou a mão nos cabelinhos e engoliu o choro. — Não posso ensiná-lo a ser um grande guerreiro, mas um *acari* pode...

Liana olhou diretamente para Blie-Mi e Goro-Mi.

Ao mesmo tempo, o clima era tenso no saguão principal. Vrana, Kraae e as demais Harpias estavam reunidas. Denora e as sacerdotisas ao seu redor.

— Quanto tempo mais essa afronta irá continuar? Já viram que a mulher que procuram não está nesse templo.

— A sacerdotisa ruiva... — a voz estridente de Vrana soava impaciente. — Quero vê-la!

— Estou aqui!

Todos os olhares voltaram-se para um corredor lateral por onde Liana surgiu seguida por Téssia.

— L-Liana? — surpreendeu-se Denora.

— Que confusão é essa? — a jovem se fez de desentendida. — O que essa mulher feia quer comigo?

— Aqui está a sacerdotisa ruiva, Harpia. — Denora recuperou-se. — Ela parece grávida?

— Onde se escondeu? — perguntou Vrana.

— Eu não me escondi, estava dormindo no meu quarto.

— Mentira! Procuramos em todos os cômodos do templo.

Téssia se antecipou e segurou a mão de Liana.

— Divido o quarto com ela e isso é verdade. — e apontou para Kraae. — Estávamos dormindo e acordamos quando aquela Harpia quase derrubou a porta.

Kraae ficou furiosa, mas não podia dizer com certeza se a história era verdadeira ou não.

— Parem de tentar nos enganar!

— Já disse que é verdade! O que acontece é que... Somos namoradas. — mentiu Téssia. — Dormimos na mesma cama. Quando você arrombou nossa porta, ela estava deitada atrás de mim.

— Satisfeita, Vrana? — disse Denora. — Nos colocamos à disposição, caso queira perder mais tempo.

A líder das Harpias não se conformava, porém, esgotara suas opções.

— Vamos partir. Mas ouça bem, se eu souber de algo, se eu sequer desconfiar... Voltaremos e vamos estripar você e todas as suas meretrizes!

E dizendo isso, Vrana cuspiu no rosto de Denora.

Num impulso, Téssia soltou a mão de Liana, pronunciou palavras mágicas e estendeu a mão, lançando uma magia de ataque.

Kraae tomou a frente, com o Manto das Sombras fechado sobre o corpo. Uma explosão de ar agitou algumas penas.

A Harpia mostrou o braço fino. Uma lâmina retorcida se projetou do bracelete de couro pelo pulso. Ela avançou visando o coração de Téssia. Denora abraçou a filha no último momento. A lâmina penetrou nas costas da sumo-sacerdotisa.

— NÃO! — gritou Liana.

Téssia sentiu a mãe desfalecer em seus braços.

Ouviram-se o som do bater de asas, mas ninguém viu quando as Harpias partiram deixando para trás penas negras no ar. A comoção tomou conta das sacerdotisas, o pranto de Téssia tomou conta do templo.

Em uma noite, Liana viria seu destino mudar por completo. O filho estava a caminho do norte para ser criado por um povo guerreiro e Denora, a mulher que amava como uma mãe, jazia sem vida nos braços de Téssia. Foi até elas e as abraçou.

Chorar era tudo o que lhe restava.

Capítulo IX

Mãe

A mente de Blie-Mi voltou à noite quando, sem aviso, viu-se responsável por uma criança e recordou-se de como ficou. Jamais se esqueceria do momento em que afagou os cabelinhos ruivos de Valek. Ele sorriu para ela com olhos verdes cheios de vida. Tudo fez sentido naquele momento.

— O garoto gosta de você. — disse Goro-Mi.

— Tem certeza de que está tudo bem, querido?

— Se ficar com o menino vai te deixar feliz, ficaremos com ele.

Ela tornou-se mãe naquele momento e não se passou um só dia sem que tentasse cuidar do filho da melhor forma possível. Sabia que o rapaz precisava ser forte, mesmo assim seu coração apertava toda vez que o via machucado por causa dos treinos.

Ouviu os risos de Valek e Liana do lado de fora da casa. Pareciam estar se dando bem, mas Blie-Mi já havia decidido que faria de tudo para impedir que o jovem fosse embora com aquela mulher que não o criara, não o ensinara a falar, nem segurara as mãozinhas dele para que aprendesse a andar. Era seu filho e ninguém tinha o direito de tirá-lo de seus braços.

Organizava algumas roupas de Valek quando encontrou algo estranho, um anel de ouro com uma pedra azul. Antes que pudesse pensar de onde aquilo viera, ouviu um forte bater de asas, seguido de um baque no teto, em seguida ouviu outro som, dentro de casa desta vez. Nem pode ver o que era. O anel voou de sua mão quando foi atacada.

Lá fora, Valek ouviu o barulho no telhado e viu uma mulher estranha em cima da casa, com cabelos cor de cobre, vestida com uma capa feita de penas negras.

— Enfim, os Clancey juntos após quinze anos! — disse ela.

— Kraae! — disse Liana entre os dentes. — Você matou Denora!

— Sabíamos que um dia nos levaria direto ao menino da profecia, Liana Clancey. — disse Kraae.

— Vocês me seguiram?!

A sacerdotisa percebeu ter caído em uma armadilha. Todo o tempo que passou tentando despistar as inimigas havia sido em vão.

— Quem é ela, senhora? — perguntou Valek.

— Uma das Harpias Reais. São imunes a magia e vieram nos matar!

Os *acaris* que caminhavam pelas ruelas da aldeia perceberam a agitação. Aler-Mi, um jovem adulto que morava na casa vizinha à de Valek se aproximou acompanhado da namorada.

— Quem são vocês? — perguntou, desembainhando uma espada.

— Desta vez, não perderemos tempo com conversa. — disse Kraae. — Ataquem, irmãs!

Três setas afiadas riscaram o ar e atingiram Aler-Mi no pescoço, no rosto e na cabeça... Ele já estava morto quando chegou ao chão. A namorada voltou-se na direção que as setas vieram e foi atingida no peito por outras três, lançadas de cima de uma casa por uma Harpia de pele escura chamada Zora.

— Alerta!!! — alguém gritou.

Os *acaris* começaram a surgir. Uma Harpia loira de nome Takri saiu das sombras, suas unhas cresceram na forma de garras afiadas. Ela atacou um dos guerreiros, cortando a garganta. Avançou contra outro *acari*, porém este conseguiu se defender.

Mais Harpias apareceram. Em pouco tempo, um conflito teve início.

Liana conseguia sentir as doze Harpias, mas precisaria se concentrar para indicar a posição exata. Antes que pudesse fazer isso, Kraae exibiu seus braços magros, lâminas retorcidas se projetaram dos braceletes. Com um grito, ela se lançou contra os Clancey.

A investida foi tão rápida que Valek mal teve tempo de puxar Liana para longe. A sacerdotisa disse uma palavra mágica, a espada caída ao lado de Aler-Mi voou para a mão do rapaz ruivo.

Valek e Kraae trocaram golpes. Ele atacou com uma estocada, a Harpia fugiu com um salto de vários metros para trás.

— Não desvie o olhar! — avisou Liana. — Ela só pode desaparecer se ninguém estiver olhando!

O confronto entre os *acaris* e as Harpias se intensificou. Valek empunhou a espada, pronto para sua primeira batalha verdadeira. Porém, um grito agudo abafou os sons do conflito.

O rapaz ruivo viu uma Harpia que as outras chamaram de Vrana na porta de sua casa, mas não sozinha. As correntes enroladas nos braços finos da Harpia traziam Blie-Mi acorrentada com as mãos presas junto ao corpo.

Vrana obrigou a prisioneira a ficar de joelhos.

— Mãe! — gritou Valek.

— Escute clã dos Mi! — disse Vrana. — Os inimigos das Harpias Reais são os Clancey e não vocês. Entreguem-nos e devolveremos essa mulher ilesa, mas se ficarem ao lado deles, todos morrerão!

— Não se atreva a machucar minha mãe!

— Valek...! — disse Blie-Mi. — Lute, não se entreg... agh... — as correntes enrolaram-se no pescoço dela, os espigões próximos da garganta.

— Solte essa mulher, Vrana! — disse Liana. — Seus alvos são Valek e eu. Deixe Blie-Mi em paz!

— Como vai ser, Valek Clancey? — disse a líder das Harpias. — Essa é a sua mãe adotiva, não é? Vai permitir que ela morra?

As correntes se apertaram mais, manchas roxas apareceram na pele de Blie-Mi. Como se tivessem vida própria, os espigões ficaram em posição de ataque. Um som gutural foi ouvido.

— Pare! — Valek soltou a espada. — Pode ficar comigo se libertá-la.

— Muito bem, rapaz. Venham vocês dois para cá.

— A profecia só fala de mim, não tem porque machucar Liana!

— As ordens do mestre são claras. Todos os Clancey devem morrer! — Vrana apertou ainda mais as correntes.

Liana observou ao redor. De espada em punho, os *acaris* pareciam não ter certeza do que fazer. As Harpias apenas aguardavam a ordem de sua líder para atacar novamente.

Valek sentiu-se perdido. Caso não se entregasse, Blie-Mi seria morta, mas para se render deveria condenar Liana. O que fazer? O que fazer?!

— Soltem minha esposa, agora!

A voz de Goro-Mi rompeu o silêncio. Ele se aproximou de Valek.

— Onde está sua espada, garoto? Quer envergonhar sua mãe desistindo sem lutar? — e se voltou para os *acaris* em volta. — E quanto a vocês? Desde quando o clã dos Mi permite que invasores estrangeiros façam uma de suas filhas como refém?

— Goro-Mi tem razão! — gritou alguém. — Vamos expulsar as Harpias!

Os *acaris* agitaram-se. Vrana percebeu que perdia o controle da situação.

— Estamos avisando! Entreguem os Clancey ou essa mulher vai morrer!

Valek sentia-se impotente diante daquela situação. Com um esforço, Blie-Mi fez um sinal positivo com a cabeça para o marido.

— Os Mi não toleram invasores! — disse Goro-Mi. — Então vão embora agora, porque eu juro que se machucarem minha esposa, nenhuma de vocês saíra da aldeia com vida!

Os *acaris* vibraram com brados. Goro-Mi falava por todos.

Vrana trocou olhares cúmplices com suas companheiras. Kraae aprontou as lâminas, Zora escondeu as mãos atrás da capa e quando as revelou, segurava mais setas entre os dedos, Takri fez as unhas crescerem de novo. As demais, escondidas nas sombras também ficaram de prontidão.

Todas compartilhavam o pensamento de que seus poderes poderiam não ser páreo para uma aldeia *acari*. Porém, haviam falhado em sua missão quinze anos atrás, sabiam que seu mestre não iria tolerar outro fracasso.

E não havia nada que elas temessem mais do que a fúria do feiticeiro Baltus.

— Será como deseja, *acari*!

— Parem!!! — gritou Valek.

As correntes giraram em torno do corpo de Blie-Mi, os espigões deram várias voltas no pescoço antes de afastarem.

Por um instante, que durou uma eternidade, Valek viu sua mãe livre dos grilhões que a oprimiam. Lágrimas rolavam enquanto ela buscava os olhos verdes e cheios de vida do filho. Blie-Mi sorriu.

No instante seguinte, uma linha vermelha apareceu em torno do pescoço. Ainda sorrindo, a cabeça rolou de cima dos ombros.

Durante muito tempo, Valek revisitaria aqueles eventos em sua mente pensando no que poderia ter feito diferente. Nas palavras que poderia ter dito, nas ações que poderia ter tomado ao invés de se entregar prontamente, mas o final era sempre o mesmo, como se não houvesse nada que pudesse fazer para salvá-la. Ele estava condenado a ver em seus pesadelos o que viu naquela noite...

... O corpo decapitado de Blie-Mi indo ao chão...

Capítulo X

Até O Último Deles

No instante de estupor que se segue à uma tragédia, os Mi tentaram assimilar o que haviam testemunhado: a morte de uma *acari* pelas mãos de Vrana, a líder das Harpias Reais. Antes que pudessem se recobrar e empunhar suas armas, as invasoras já estavam sobre eles.

Liana ficou abalada ao ver suas perseguidoras deixarem mais um cadáver para trás enquanto tentavam alcançá-la.

Goro-Mi viu o corpo de sua amada Blie-Mi cair mutilado e, a despeito de já ter perdido amigos em batalha e ter ele próprio tirado a vida de inimigos, entrou em choque. Ficou estático, sem conseguir acreditar que a mulher por quem daria a vida e a alma sem hesitar estava morta.

Kraae percebeu que essa era a grande chance de acabar com aquela busca de uma vez por todas. Aproveitaria aquele momento de confusão para matar Valek e Liana. As lâminas que saíam pela parte de baixo dos braceletes refletiram a luz da lua crescente. Com um salto longo e ágil, projetou-se contra os alvos.

Liana viu o ataque da Harpia tarde demais, recuou instintivamente, mas não teria tempo de fugir e Goro-Mi continuava imóvel.

A Harpia estava pronta para aplicar o golpe final, mas sem aviso um borrão vermelho surgiu diante dela, em seguida, uma dor lancinante lhe atingiu a barriga. Kraae mal viu os movimentos de Valek quando ele recuperou a espada e a cravou em seu ventre. A Harpia desabou quase sem vida.

— Valek...!

Liana estendeu a mão. Antes que pudesse tocar no ombro do rapaz, ele correu na direção de Vrana com um grito assustador.

— Aaaaaahhhh...!!!

A líder das Harpias lançou a corrente da mão direita, porém Valek se protegeu com o bracelete de ferro do punho esquerdo. A corrente enrolou-se na peça sem deter sua corrida.

Vrana se protegeu da estocada com o Manto das Sombras. O impacto a empurrou para trás, a corrente puxou Valek junto. A porta de madeira não resistiu e ambos caíram dentro da casa.

Ele nem percebeu estar no interior de seu lar. A fúria havia tomado conta de suas ações, apenas reagia por instinto, seu único pensamento era matar a inimiga diante de si.

A Harpia esquivou dos golpes de espada e tentou, sem sucesso, recolher a corrente direita presa no braço de seu oponente.

A corrente esquerda serpenteou dentro da casa. Valek conseguiu afastar o espigão um par de vezes. Na terceira investida, um corte surgiu perto de seu ombro direito. Ele continuou a lutar como se a dor não o afetasse e contratracou causando um ferimento no rosto de Vrana.

Ela tentou saltar, mas ele puxou a corrente e a derrubou no chão. Valek investiu, mas precisou recuar quando a corrente livre agitou-se em círculos. Por pouco, o espigão não abriu um grande talho no abdômen dele.

Sem perceber, Vrana atingiu o lampião alojado no poste que sustentava o teto. O objeto voou derramando óleo sobre os colchões de palha, que pegaram fogo de imediato.

Vrana viu-se em uma situação difícil. Era mais ágil que seu inimigo, mas essa agilidade ficava comprometida lutando num espaço tão fechado. Não podia se mover livremente com um braço preso, a corrente restante batia nas paredes a todo o momento. E agora tinha chamas a suas costas. Precisava mudar de estratégia.

Fincou o espigão da corrente esquerda em uma cadeira e a lançou contra Valek. Ele se protegeu com os braceletes de ferro, o frágil móvel desfez-se em pedaços. Por um momento, o rapaz perdeu a inimiga de vista. Ouviu o som de bater de asas e quando olhou novamente, viu somente penas negras no ar. Vrana e suas correntes haviam desaparecido.

Valek extravasou a raiva e frustração em um grito. Correu para a porta esperando encontrar a líder das Harpias à sua espera. Viu um brilho fraco perto da soleira pelo canto do olho, mas ignorou.

Um vulto bloqueou a saída, o jovem recebeu um forte chute que o derrubou sobre a mesa. Os móveis cederam ao impacto.

Não podia ser Vrana. Ela não possuía força o bastante para golpeá-lo daquela maneira.

— Quem...?! —

— Está ouvindo, garoto? — disse Goro-Mi, com uma voz vacilante. — Consegue ouvir?

Sons de luta vinham de fora da casa. Valek apertou firme o cabo da espada, não gostava da expressão de seu pai adotivo.

Goro-Mi caminhou até sua espada e seu escudo ao lado do baú de vime que guardava as roupas. As chamas começavam a tomar conta de um dos cantos da casa.

— Os *acarís* do clã dos Mi são fortes... E estão em maior número... — prosseguiu Goro-Mi, enquanto se armava. — Vão vencer... Mas as Harpias têm a noite a seu lado...

Valek pensou em atacá-lo enquanto estava perdido em divagações, mas prometera a si mesmo que o derrotaria em um combate de verdade, por isso esperou que se preparasse.

— As Harpias levarão muitos com elas... — Goro-Mi se exaltou. — Tudo porque eu te trouxe para cá. Eles morreram por sua causa! Diga alguma coisa!!!

— Que morram! Eu não me importo!

— E Blie-Mi?! Também não se importa que ela tenha morrido?

— Cale a boca... — Valek trincou os dentes. — Não fale da minha mãe.

— Isso é culpa sua! Você a matou!!!

Valek avançou tomado pela fúria. As lâminas se encontraram. Dessa vez, Goro-Mi estava preparado para responder. O rapaz usou a mesma tática de antes, dando um passo à frente a cada novo ataque, mas ao invés de recuar, o *acari* usou o escudo para aparar os golpes e quando a distância era a menor possível, empurrou de volta com toda a força.

O mais jovem foi projetado para trás. As costas chocaram-se contra uma parede. Goro-Mi usou o escudo para prensá-lo. A face do escudo golpeou o tronco de Valek várias vezes. Ele sentiu uma costela partir ante a pressão.

Disposto a sair dali, estocou a coxa de seu pai adotivo e conseguiu escapar da parede.

As espadas cruzaram-se novamente. Ambos atacavam sem hesitar, os golpes eram cheios de energia, bem como as defesas e contra-ataques. Cortes surgiram nos braços e no lado do tronco de um e outro, mas não conseguiram causar um ferimento fatal.

Valek encurtou a distância novamente e conseguiu fazer com que Goro-Mi desse alguns passos atrás, porém o *acari* o atingiu com uma joelhada na barriga.

O rapaz recuou o corpo para escapar de um golpe de espada ascendente, o corte poderia ser fatal se ele não se afastasse o bastante para ser atingido apenas de raspão. Mas não conseguiu se esquivar de outro golpe de escudo e caiu perto do fogo, que começava a se espalhar pela parede do fundo da casa.

O jovem ruivo se apoiou num dos joelhos e ergueu o corpo para se defender de um ataque que não veio. Ao invés disso, o pai adotivo o encarou com uma expressão de desgosto que o machucou mais do que qualquer ferimento.

— É tudo o que tem? — disse Goro-Mi. — Você não é um guerreiro, é só um garoto com raiva!

Valek deu-se conta de que o coração batia tão forte que as têmporas vibravam. O que estava fazendo? O treinamento de semanas antes lhe veio a mente. Naquele dia, tinha certeza de que podia derrotar Goro-Mi, mas porque não conseguia agora?

Como naquele dia, os olhos pousaram nele, o desejo de tirar aquele homem de sua vida voltou. Como naquele dia, o *acari* percebeu uma mudança em Valek.

O rapaz levantou-se lentamente. O mesmo olhar perigoso de antes.

Goro-Mi percebeu que era chegado o momento. Podia sentir uma aura diferente em torno de Valek. Já não era mais o garoto descontrolado. Diante dele estava um homem frio e sedento de sangue.

O *berserker* havia despertado...

— Ou você mata, ou você morre!!! — gritou ele se lançando com toda a força e velocidade que possuía.

Valek moveu-se ainda mais rápido. Com um só golpe, a espada do jovem ruivo decepou a mão de Goro-Mi. Um segundo movimento e Valek enterrou a lâmina nas entranhas do pai adotivo. Sangue quente escorreu entre os dedos.

Os joelhos do *acari* dobraram. O rapaz percebeu o que acabara de fazer. Ouviu um riso fraco, entrecortado.

— Goro-Mi?!

— A-agora s-sim... v-você está... p-pronto...! — sangue escorria pela boca de Goro-Mi, suas forças começaram a sumir. — E-eles a m-mataram... f-faça com... com q-que... puguem...!

— Até o último deles! — Valek sentiu-se comovido, mas engoliu o choro.

Goro-Mi voltou a sorrir satisfeito.

— E-esse é... o m-meu... garoto...

O fogo se espalhou pelas paredes. O *acari* respirava com extrema dificuldade. Valek permaneceu em silêncio, observando os últimos minutos de vida de seu pai. Depois de tanta dor e tanta magoa imaginou que a morte de Goro-Mi lhe traria alívio. No entanto, tudo o que sentiu ao vê-lo morrer foi um grande vazio no peito.

Capítulo XI

Bando de Desgraçadas

As mãos pequenas do menino seguraram firme o cabo da espada, quase pesada demais. Postado na porta de sua casa, ele acompanhava o movimento nas ruelas. Atrás dele, uma menina mais nova tinha um pedaço de pau nas mãos e lágrimas nos olhos.

— Pare com essa choradeira, irmãzinha! — disse o menino. — Nem parece uma *acari*!

— Quero o papai e a mamãe, cadê eles?

— Eles já vêm, só vão acabar com a raça dessas mulheres emplumadas e... — ele ouviu um barulho parecido com um grande pássaro. — Escutou isso, irmãzinha? Irmãz...?!

O menino foi puxado para dentro da casa e sumiu nas sombras. Pouco depois, a figura esquelética de Takri. A Harpia loira emergiu do interior da casa com um lampião, as unhas em forma de garra cobertas de sangue.

Mover-se pela escuridão da noite, atacar, esconder-se de novo. Essa era estratégia das Harpias. O objetivo não era derrotar o clã dos Mi, e sim ganhar tempo até que a missão fosse cumprida.

A Harpia de pele negra, Zora, pousou ao lado da companheira.

— Para quê o lampião? — perguntou.

— Precisamos compensar a desvantagem numérica. — Takri lançou o objeto contra a parede de madeira da casa, que começou a pegar fogo. — Tudo fica confuso em um incêndio.

— Bem pensando!

— Estou preocupada, estamos demorando demais aqui.

— Vrana e Kraae estavam sobre os Clancey. Será que falharam?

Takri torceu o nariz.

— O mestre não vai nos perdoar se fracassarmos de novo.

Zora concordou com a cabeça, as duas partiram. Elas mesmas cuidariam de cumprir a missão.

Focos de incêndio surgiram por toda a aldeia. As paredes foram tomadas rapidamente pelas chamas. As labaredas tornaram-se fortes o bastante para queimar os telhados de vime verde, uma fumaça densa e escura cobriu a lua. Apenas a luz do fogo iluminava a paisagem.

— Goro-Mi?! Goro-Mi?! — Liana sacudia o *acari* pelos ombros para tentar tirá-lo do estado de torpor.

Ele virou o rosto para a sacerdotisa. Trêmulo e com os olhos cheios de água, nem parecia o mesmo homem.

— B-Blie-Mi...!

— Blie-Mi era minha amiga, eu lamento muito. Mas agora você precisa se levantar e vingar a morte dela!

— A-a mataram...! Pensei que não fariam... A mataram...

Era inútil. Ele ainda não havia se recuperado do choque.

Liana analisou a situação. Sentia-se perdida. Era uma sacerdotisa, não sabia como agir em um campo de batalha. Goro-Mi não seria de grande ajuda e Valek simplesmente a abandonara em seu acesso de fúria. Estava sozinha.

De súbito percebeu alguém se aproximar por trás. Teve certeza de que se tratava da presença de uma das Harpias Reais. Sem pensar duas vezes, pulou para frente bem a tempo de escapar de garras afiadas. Apenas as ponta de alguns fios de cabelo vermelho foram cortadas.

Ela lançou um feitiço, mas a Harpia Takri protegeu-se com o Manto das Sombras.

Caída em uma poça de sangue, Kraae tentou dizer algo para a companheira, mas esta virou o rosto com uma careta.

— Você realmente tem talento para escapar da morte, Liana Clancey! — disse Takri. — Mas a sua sorte acabou.

As unhas voltaram crescer. Maiores e mais afiadas que antes.

— Se vou morrer, quero que saiba de uma coisa. — disse Liana. — Vocês, Harpias, são as mulheres mais feias que já vi!

— Ainda zomba de mim em uma hora dessas!

— Não é zombaria, é minha opinião sincera.

Takri atacou com movimento circular. Liana projetou o corpo para trás, sendo arranhada na barriga. Agora estava no chão e sem defesa. A Harpia ergueu a mão para aplicar o golpe final.

Nesse instante, os reflexos aguçados de Takri perceberam uma flecha voando em sua direção. Desviou, sendo atingida de raspão no rosto.

Liana viu um rapaz com um arco na mão. Era um adolescente fraco, para os padrões dos *acaris* e tinha uma das pernas imobilizada por uma tipóia.

— Errei! — disse ele. — Sua vez, Dan-Mi!

— Eu cuido dela, Kir-Mi!

Ainda no chão, Liana afastou-se como pode do caminho de um jovem alto e corpulento, com um tampão no olho esquerdo. Dan-Mi agarrou Takri pela cintura, ergueu-a e começou a apertá-la, numa tentativa de quebrar os ossos daquele corpo frágil. A Harpia cravou suas garras nos ombros de Dan-Mi. Ele a soltou em meio à gritos de dor.

Liana viu Takri assumir uma postura ofensiva, pronta para continuar a luta. Porém, antes que a Harpia pudesse fazer algo, a lâmina de uma espada emergiu de seu peito.

Takri tombou morta, revelando a presença de um terceiro jovem, que tinha o pescoço e a boca cobertos por um cachecol.

— Você a matou pelas costas, Kjev-Mi!? — disse Dan-Mi.

Kjev-Mi deu de ombros.

— Ora, não foi um golpe baixo. Em uma batalha é preciso estar pronto para ataques de qualquer direção. — disse Kir-Mi. — Pare de falar bobagens e ajude essa mulher a levantar.

Dan-Mi estendeu a mão para Liana.

— Obrigada, rapazes! — disse a sacerdotisa. — Talvez vocês consigam despertar Goro-Mi.

— Goro-Mi? Onde ele está? — perguntou Dan-Mi.

Liana olhou ao redor. De ralance, viu Goro-Mi passar pela soleira da porta da casa.

— Nunca a vi por aqui. — disse Kir-Mi. — Quem é?

— Meu nome é Liana Clancey.

— Clancey? Como o Valek?

— Sim, é meu filho. São amigos dele?

Liana ajeitou seu vestido. Os três amigos entreolharam-se, boquiabertos com a beleza da mulher. Ela sorriu ao ver o efeito que causara nos rapazes.

— Ah, sim! Somos amigos dele! — disse Kir-Mi. — Certo, Dan-Mi? Certo, Kjev-Mi? Kjev-Mi...?!

Kjev-Mi emitiu um ruído gutural, sua mão soltou a espada. O rapaz caiu para frente, fulminado por uma seta de aço cravada em sua nuca. Kir-Mi e Dan-Mi tentaram reagir, mas também foram atingidos por setas na cabeça.

Em um instante, os três estavam mortos.

Liana viu Zora no alto do telhado de uma casa.

— Desgraçada!

A Harpia lançou mais três setas. Liana revidou. A magia não afetava as Harpias, mas o mesmo não valia para tudo o mais. Com uma palavra mágica, as setas de aço desviaram e voltaram-se contra Zora.

A Harpia saltou para a casa ao lado e lançou mais setas, que também foram desviadas. Por instinto, Zora procurou o teto mais próximo sem perceber que o fogo tomava conta da morada abaixo.

Com um novo gesto, Liana fez o telhado ruir sob os pés da inimiga. Zora caiu para ser engolida pelas chamas.

— Me perdoem, rapazes! — disse ela para os três corpos caídos.

Ouviu um som fraco, um gemido perto dali. Era Kraae. Caminhou até ela com tanta raiva como jamais sentira.

— As Harpias são de um bando de desgraçadas! Tudo que sabem fazer é matar! Isso acaba agora!

Kraae tentou se manifestar, mas não conseguiu.

Liana estendeu a mão na direção do fogo de uma das casas. Sussurrou várias palavras em *laer*. Parte das chamas ganhou vida própria. O fogo se moveu pelo ar, a forma lembrava uma serpente.

— Essa é por Denora! — disse Liana.

Com um gesto, a serpente de fogo lançou-se contra Kraae. O corpo da Harpia foi envolvido pelas chamas.

Seus gritos mesclaram-se aos outros que cortavam a noite.

Enquanto olhava para o corpo de Goro-Mi, Valek experimentou a sensação de despertar no meio de um sonho. Aos poucos, as brumas dissiparam-se para dar lugar a consciência. Sentiu um forte calor, só então deu-se conta de que o interior da casa estava tomado por um incêndio.

Todas as lembranças boas e ruins que viveu ali o assaltaram. Disse adeus a seu lar e caminhou para a porta. Notou um fraco brilho dourado no chão. Era o anel de ouro. O mesmo que roubara com a intenção de dá-lo a sua mãe.

— Como isso veio parar aqui?

Divisou o corpo de Blie-Mi caído e desviou o olhar. Não suportaria vê-la naquele estado. Escondeu o anel em seu bracelete e...

— Liana?! — lembrou-se num estalo.

Saiu para fora com de espada em punho, mas felizmente ela parecia bem quando a viu, apesar de estar ao lado de um corpo queimado e de outros três cadáveres.

— Senhora! — ele correu na direção dela. Ao seu aproximar viu o machucado na barriga. — Está ferida?

— Foi superficial! — disse ela, irritada. — Estou bem, mas não graças a você, que me deixou sozinha!

— Desculpe!

— Você me abandonou, Valek! Eu podia ter morrido!

— Sinto muito, senhora...!

Liana recordou-se do que Blie-Mi dissera a respeito dos *berserkers*. Sobre como não viam nada ao redor quando eram tomados pelo êxtase da batalha. Suspirou. No fundo, compreendia como ele se sentia.

— Deixe-me ver esse corte, parece bem feio. — ela examinou o peito dele.

— Foi só um arranhão. — o rapaz identificou os corpos caídos. — Até esses três apareceram?

— Venha cá. — ela o abraçou e sussurrou em seu ouvido. — Há uma Harpia escondida atrás da quina da parede.

Liana ainda nem tinha terminado de falar, quando as correntes de Vrana surgiram. Valek deu um giro e a enrolou novamente em seu bracelete. Sem perder tempo fez várias voltas, segurou firme e, com um puxão, arrancou a Harpia do esconderijo.

No chão, Vrana tentou usar a outra corrente, mas recebeu um novo puxão, caindo mais perto de Valek. Ela girou seu braço livre, porém ele já tinha encurtado mais a distância e com um movimento rápido, cortou o braço fino da Harpia perto do cotovelo.

— Perdão, mestre Baltus! — gritou Vrana antes da espada de Valek atravessar seu peito e por fim a sua vida.

Liana contemplou a carnificina à sua volta.

Estava cercada por cadáveres. O incêndio havia crescido, tomando conta de toda a aldeia. Podia ouvir gritos de guerra e lamentos de perda de entes queridos.

— Acabou, Valek. Vamos embora.

— Não acabou, senhora. Ainda escuto sons de luta. É preciso dar um fim nas Harpias de uma vez por todas!

— Como?

— Pode chamar o vento com sua magia?

— Se eu fizer isso, o fogo vai espalhar-se ainda mais.

— E as Harpias vão queimar!

— Os *acaris* também!

— Eu sei. — disse ele. — Minha mãe está morta, Goro-Mi está morto. Tudo que restou aqui é o ódio que essas pessoas têm contra mim.

Toda aquela frieza assustou Liana.

— Valek...!

— Mãe, é assim que vive um guerreiro. Goro-Mi deu a vida para que eu compreendesse isso.

Liana notou que ele a chamou de mãe pela primeira vez. Mesmo sem ter certeza se era o certo, fechou os olhos e pronunciou as palavras mágicas. Começou a ventar forte, as chamas ganharam força. Um breve arrepio percorreu sua espinha, resultado da ligeira perda de calor por usar magia.

— Valek, precisamos ir!

Um estrondo chamou a atenção do rapaz. Enfraquecidas, as paredes de sua casa ruíram. O jovem viu o último elo que o prendia aquele solo desabar.

— Estou pronto, senhora. Vamos partir para matar Baltus e depois Kotler!

Liana ficou impressionada com a cena. Valek cercado pelo fogo com os cabelos ruivos agitados pelo vento. Finalmente pode ver nele o jovem de cabelos flamejantes da profecia.

Capítulo XII

A Roda da Vida

As pedras escuras das paredes tragavam o brilho dos poucos archotes que projetavam uma luz mínima no ambiente tomado por uma tênue fumaça amarela. O mofo e a umidade reinavam do chão às portas das celas. Os lamentos dos cativos podiam ser ouvidos dia e noite. Lamúrias que nunca cessavam, abafadas apenas por gritos de horror e insanidade. Nos raros momentos em que o som do coro diminuía, podia-se ouvir a água pingando em algum lugar.

Mesmo os guardas com experiência no serviço de carcereiro, jamais tinham conhecido uma atmosfera tão perturbadora quando aquela abaixo do castelo de *Mazilev*, capital de *Lestonor*.

Existia apenas uma coisa capaz de intimidar os guardas e os prisioneiros mais do que a masmorra em si. Seu criador. O mesmo homem que caminhava agora por aqueles corredores.

O passo lento, apesar de seguro, denunciava a idade. Os cabelos acinzentados e as marcas profundas no rosto duro mostravam que os dias de juventude haviam ficado para trás. Trajava um belo sobretudo azul escuro com bordados dourados nas barras, sobre um manto bege com um grande capuz nas costas.

As coroas e guerras não importavam ali. Baltus era o senhor absoluto daquele submundo. Sua vontade nunca era questionada e diziam que o próprio rei Kotler mantinha-se longe da masmorra.

Os dois guardas que escoltavam o feiticeiro seguiam em silêncio. Receosos tanto do local, quanto de seu mestre. Os sons no corredor inquietaram os prisioneiros.

— Criaturas fascinantes! Agitam-se como o cão que percebe a aproximação do dono. — divagou Baltus, com sua voz rouca. — Acreditem quando digo, minhas crianças, que sua condição não me causa prazer. Entretanto, me conforta saber que vosso sacrifício serve ao nobre propósito da busca pelo conhecimento, e desejo de coração que este pensamento também possa confortá-los.

Ele apanhou o molho de chaves que trazia no cinto. Mesmo havendo dezenas delas, Baltus nunca escolhia a chave errada. A porta de uma das celas foi aberta com grande ruído. No interior, um homem esquelético e desnudo se encolheu. A barba imunda e os cabelos encardidos cresciam sem o menor cuidado. O corpo mirrado exibia incontáveis marcas de incisões costuradas, algumas ainda vermelhas.

O espaço da cela era de tal modo restrito que um homem de braços abertos podia tocar as duas paredes laterais. O ambiente em seu interior não era diferente do corredor mofado. O prisioneiro dormia no chão em um canto e fazia suas necessidades no outro.

— Ei-lo! — disse o feiticeiro. — Guardas, tenham a bondade de conduzir o espécime a meu laboratório.

Os dois guardas invadiram a cela, com o fôlego preso para não aspirarem o fedor. Baltus parecia não se incomodar com o cheiro, mas os guardas sentiam-se nauseados. O prisioneiro debateu-se em meio à sons inarticulados e gritos ensandecidos, porém seu corpo era fraco demais para resistir.

— Mestre Baltus!

Um escudeiro adentrou o corredor. Caminhou hesitante, tomando cuidado onde pisava. Parou diante de Baltus com a cabeça abaixada, os braços se mantiveram junto ao corpo para evitar o contato com aquelas paredes.

— Acaba de cometer o grave crime de interromper meus estudos. Apenas com uma justificava digna, terá meu perdão. — disse Baltus.

— O mensageiro real acaba de chegar, mestre. — espasmos no peito revelavam que o escudeiro lutava contra a ânsia de vômito. — Ele traz notícias urgentes de Vossa Majestade, o rei Kotler.

— Isto há de ser alguma coisa! Concedo-lhe meu perdão por sua intromissão, escudeiro. Guardas, conduzam o espécime de volta. — e disse para o prisioneiro. — Nosso estudo sobre o funcionamento dos órgãos internos terá de ser adiado.

Baltus deu as costas para seus homens, rumo à saída da masmorra. Não viu os guardas cumprirem a ordem, nem o escudeiro vomitar junto a parede do corredor. Suas atenções se voltavam para a mensagem de Kotler. Sem perda de tempo o feiticeiro alcançou seus aposentos.

Uma roda de estiramento, uma mesa de eviscação, açoites, berlindas, rodas altas, uma mesa de operações. Parte do ambiente não diferia de uma câmara de tortura. No entanto, no outro lado viam-se uma estante de livros, rolos de pergaminhos antigos sobre um gabinete, ossos e crânios humanos organizados com cuidado, cabaças e frascos com poções misteriosas. Toda a iluminação vinha de uma grande janela circular localizada em um ponto alto.

O laboratório de Baltus era como um santuário para ele, onde passava a maior parte do tempo.

O mensageiro real não trazia nenhuma carta, apenas um recado.

— “*Vossa Majestade deseja que o alcance na fronteira com a máxima urgência*”.

— Irei ter com o rei o mais cedo possível. Vá na frente com minha resposta.

— Sim, mestre!

Sozinho, o feiticeiro coçou o queixo. A mensagem era vaga, mas ele podia imaginar a natureza da urgência. Avisara Kotler que seu coração poderia não ter forças para uma campanha.

Baltus apanhou um saquinho de couro decorado com símbolos mágicos, onde guardava os *Ossos do Necromante*. Foi até a mesa de operações. Com um punhal, fez um corte na palma da mão, deixou o sangue cair na superfície do móvel e o espalhou com a outra mão.

De dentro do saco, tirou uma dúzia de pequenos pedaços de osso esculpidos e os colocou sobre a mão ferida. Disse as palavras mágicas e os lançou sobre a mesa.

Os *Ossos do Necromante* caíram em uma disposição que já conhecia. As linhas do destino não haviam mudado. O guerreiro de cabelos flamejantes reclamaria a cabeça do Rei Desmorto e uniria todas as nações do Mundo Antigo sob o mesmo estandarte.

Enquanto passava um unguento na mão para fechar o corte, sentiu uma presença. Não qualquer presença, era uma das Harpias Reais. Ouviu o som de bater de asas, seguido do baque de um corpo caindo no chão.

Ao se virar, deparou-se com Zora em um estado deplorável. Queimaduras e ferimentos graves cobriam o corpo. Os cabelos haviam se queimado até não restar nenhum. As penas do Manto das Sombras tinham perdido a forma, a capa estava com um aspecto gelatinoso, um líquido negro e viscoso escorria.

— M-mestre...

— Que atrocidade meus olhos testemunham! — disse Baltus. Com esforço, o feiticeiro conseguiu ajoelhar-dr ao lado da Harpia. Recolheu o Manto das Sombras. — Sim, a condição é péssima, mas ainda a tempo de ser reparado.

O feiticeiro pendurou a capa em um cabide longe dos raios de sol que entravam pela janela. Somente depois voltou-se para Zora. Sem a capa, seu corpo parecia ainda mais frágil.

— Guarda! — chamou ele. O guarda que estava de prontidão no lado de fora do laboratório apareceu. — Que essa mulher seja erguida e deitada em cima da mesa de operações.

O guarda nem perguntou de onde ela saíra. A segurou nos braços, colocou sobre a mesa e deixou o laboratório. Agora que Zora estava sobre o móvel, Baltus podia dar uma boa olhada nela. Sua condição era crítica. Manchas vermelhas e pretas cobriam a cabeça, braços, barriga e pernas. Apenas o lado esquerdo do rosto escapara do toque do fogo.

— P-perdão... M-mestre...

— Poupe o fôlego. — ele pousou a mão na testa da Harpia. — Tuas memórias podem revelar a verdade melhor que tuas palavras.

Baltus viu o confronto na aldeia dos Mi através dos olhos de Zora. Viu quando ela caiu dentro de uma casa em chamas durante a luta contra Liana e como conseguiu escapar, desmaiando em seguida. Quando recobrou os sentidos, os *acaris* tentavam apagar o incêndio que tomava conta da vila, todas as outras Harpias estavam mortas, queimadas juntamente com seus mantos. Os Clancey haviam desaparecido.

— Vocês falharam novamente e Valek Clancey ainda vive! Compreende o significado por trás de tudo isto? Ele pode ser de fato, o Predestinado a unir todos os povos!

— M-mestre...? — a Harpia não compreendeu o porquê da empolgação.

— As forças do destino estão em movimento, Zora! Posso senti-las em meus ossos! A Roda da Vida está prestes a concluir uma volta completa! — Baltus parecia olhar cada vez mais para um ponto distante no tempo. — O fim de um ciclo é o início de outro. A Era dos Filhos da Serpente, como os druidas profetizaram a mais de mil anos! Como disse Natsvaerd! Ela estava certa, ela sempre esteve.

— N-não... entendo...

— Ah, perdi-me em divagações. Estou diante de um dilema, Zora. Que devo fazer contigo? Graças ao que vi em tuas memórias, estou convencido de que Valek Clancey é o guerreiro de cabelos flamejantes sobre o qual fui alertado através dos *Ossos do Necromante*. Entretanto, tu foi ordenada a matá-lo e fracasso é fracasso.

— P-por f-favor... perdão...

— Que assim seja, pouparei tua vida. Afinal, trouxe-me de volta o último Manto das Sombras. — e chamou. — Guarda!

— Mestre! — o guarda adentrou o laboratório novamente.

— Tenha a bondade de carregar essa mulher para a masmorra. Se sobreviver a seus ferimentos, ela se tornará um de meus espécimes.

— N-não...! Me mate... M-mas a masmorra não!

Zora agitou o corpo, mas não pode resistir.

Sozinho, Baltus começou a trabalhar no Manto das Sombras. Durante a tarefa, refletiu sobre o que se passava. Todas as peças estavam assumindo suas posições. A cidade de *Londinium* não tinha defesa contra o exército de *Lestonor*. Kotler encontrava-se enfraquecido. Os Clancey estavam em algum lugar nas terras do norte.

Pôs-se a pensar em como os guiaria na direção certa.

— Após mil anos, o momento do nosso reencontro aproxima-se, minha cara Natsvaerd. Espero que esteja pronta. — disse para si mesmo.

O rosto marcado do feiticeiro esboçou um sorriso. Tudo ia de acordo com seus planos.

REMINISCÊNCIAS

Segundo Fragmento

Dos diários de Mirya Clancey...

Devo dizer que não pretendia voltar a escrever de meu próprio punho tão cedo, mas decidi apanhar a pena novamente para combater o tédio mortal que tem sido essa campanha contra as tropas de meu meio-irmão.

O início foi promissor, com uma boa vitória logo no primeiro confronto. Porém, não ocorreram novas batalhas nas semanas seguintes e para tornar a situação mais complexa, a chuva tem sido constante na última semana obrigando-nos a permanecer acampados.

Durante o dia, me mantenho ocupada discutindo estratégias com os líderes de minhas fileiras e com demais assuntos que requerem minha atenção. Mas não tem sido fácil distrair-me durante as longas noites, já que desde criança me acostumei a precisar de pouco sono.

Evito ler demais para não terminar os poucos livros que trouxe. Um dos meus capitães tem me feito companhia em algumas noites, mas hoje não me sinto disposta a isso.

A chuva agora é fina, a atmosfera, melancólica. O ritmo suave das gotas sobre minha tenda faz meu pensamento voar para casa, para minha amada Eleine, que a essa hora deve estar dormindo em nosso leito, frente a uma lareira acolhedora, enquanto eu preciso me virar com uma pele colocada sobre a terra úmida.

Permita-me uma confidência, meu leitor. Não importa com quantos tenha me deitado, Eleine é meu único e verdadeiro amor. E procuro ser fiel à minha maneira. Não dormi com nenhuma outra mulher desde que estamos juntas. Houve apenas uma vez em que me apaixonei por um homem, mas não creio que seria capaz de realmente amar um.

Só os braços de Eleine podem me aquecer de verdade, apenas a delicadeza de seus seios me encanta e apenas quando beijo seus lábios é que me entrego por completo.

Sinto-me feliz por poder expressar nessas linhas o que sinto. É negado a guerreiros e líderes o direito de mostrar suas emoções... E eu sou ambas, guerreira e líder. Por essa razão, preciso ocultar meus sentimentos no mais fundo da minha alma. Considere estas confissões como nosso segredo, meu leitor. Um pacto que faço contigo.

Em verdade, o amor ocupa pouco espaço nas crônicas das guerras e na história das nações, o que considero um equívoco desmedido.

Como o povo se surpreenderia se soubesse quantas batalhas foram travadas porque dois homens amavam a mesma mulher; quantos reinos foram conquistados em troca de um sorriso e de um olhar apaixonado; ou quantas guerras foram declaradas porque um general queria esquecer uma desilusão amorosa.

Como aconteceu com Valek. Suas motivações nunca foram o destino, a profecia ou ambição. Ele queria vingança pela morte de sua mãe adotiva, mas havia algo a mais. Havia amor. Ele amou Liana desde aquele primeiro encontro no lago. A amou com todas as forças, de todas as formas! E o desejo de ter esse amor correspondido guiaria suas ações dali por diante.

Acredito sinceramente que Liana também o amava, e não só como filho. No entanto, ignoro se seus sentimentos eram tão fortes quanto os dele. O coração dos homens é um livro aberto, mas o coração das mulheres é um baú trancado com sete chaves. Talvez ela o amasse com a mesma intensidade ou talvez apenas o amasse o bastante para seguir em frente. A essa altura, isso não importa mais.

Importa o fato de que Liana estava certa em dizer que havia uma razão para ela e Valek terem se encontrado daquela maneira. Ele a conheceu como mulher antes de conhecê-la como mãe, o quê permitiu que a chama do desejo fosse acesa.

E assim, o amor proibido de Valek e Liana selou o destino de todas as nações do Mundo Antigo.

Capítulo XIII

Sonho Compartilhado

Liana adentrou o saguão principal do templo de *Lunna* em seu vestido cor vinho, cercada por orações sussurradas. Os bancos de um lado e de outro pareciam ter pelo menos metade de sua ocupação, mulheres e crianças na sua maioria, acompanhadas de alguns homens de mais idade. Os fiéis ajoelhados em suas orações não eram mais do que sombras de forma difícil de definir. Nas laterais, centenas de velas acesas representavam os pedidos feitos pelos presentes ou por visitantes recentes.

A sacerdotisa sentiu uma lufada de ar etéreo agitar os longos cabelos vermelhos. A quantidade de velas aumentava e diminuía num piscar de olhos. A Lua de concreto sobre o altar brilhava como se tivesse luz própria. Ela não se recordava de como tinha chegado ali, mas lembrou-se de ter se deitado repetindo a palavra em *laer* que significava “compartilhar”. O que vivenciava não era real. Tratava-se de um sonho construído a partir de uma memória.

— Enfim, você apareceu!

Téssia estava sentada no último banco da fileira. A verdadeira, e não um vulto como a Téssia diante do altar, conduzindo o culto. Usava um vestido preto sem mangas, bem assentado no corpo de poucas curvas, tinha o cabelo curto como o de um menino. O rosto sério e distante.

Liana se acostumara àquele jeito sóbrio. Quando Denora morreu, sua amiga de infância — aquela garota extrovertida — morreu também, dando lugar a uma mulher que julgava-se responsável pela morte da mãe. O peso da culpa que carregava desde aquele dia lhe roubara a alegria de viver.

A Téssia-vulto no altar usava o mesmo vestido. Um indício de que se tratava de uma lembrança recente.

— Há muito eu não via tanta gente no templo! — Liana ocupo um lugar ao lado da amiga. — Isso aconteceu hoje?

— O retorno da Guerra Sem Fim fez as pessoas se lembrarem da fé. — assentiu Téssia.

— Nesse caso é uma pena, porque não foi a fé que os trouxe, mas o medo.

— A razão é irrevelante. Veja... — Téssia indicou sua sósia no altar. — Estou dizendo que “o fantasma da guerra está sobre nosso reino. Apenas a benção da Grande Mãe pode proteger nossos lares e trazer nossos filhos de volta sãos e salvos”.

Os vultos sentados nos bancos encolheram-se. Pela maneira como mexiam os braços, Liana imaginou que se benziavam com o sinal de *Lunna*, batendo de leve o indicador e dedo médio três vezes na testa e três no peito.

— Assustou os fiéis para que eles voltem! — disse Liana.

— Não fale assim. A época da minha mãe, quando o templo lotava todas as noites ficou para trás. Hoje, temos que agarrar todos que pudermos. — Téssia decidiu mudar de assunto. — O importante é que estejam aqui, assim como você. Fiquei preocupada por não ter invocado o Sonho Compartilhado nos dias combinados.

— Tive alguns problemas com nossas velhas conhecidas, as Harpias Reais. Venha comigo...

A sacerdotisa ruiva segurou a mão da amiga. O cenário mudou. Elas se viram no meio da aldeia do clã dos Mi. Liana mostrou sua conversa com Valek e o ataque das inimigas.

— Está vendo? É a Harpia que matou Denora!

— Mostre mais... — pediu Téssia.

Passaram pela morte de Blie-Mi, o acesso de fúria de Valek, o confronto, o incêndio... E, por fim, Téssia viu Liana atear fogo ao corpo de Kraae, vingando a morte de Denora. Mas não conseguiu olhar por muito tempo.

— Não quero mais ver isso, vamos para outro lugar!

Em um instante, elas encontravam-se na sacada do templo, sob a sombra do castelo de *Mazilev*.

— Que coisa horrível, Liana! — Téssia se apoiou no parapeito. — Pobre Blie-mi. Pedirei a Grande Mãe que zele por sua alma.

— Pensei que ficaria satisfeita em saber que aquela Harpia teve o que merecia.

— Isso não trará minha mãe de volta.

— Téssia... O que aconteceu com Denora foi culpa das Harpias, não sua.

— Se eu tivesse ficado quieta como ela disse, a Harpia não teria me atacado. — ela suspirou. — Não quero mais falar sobre isso. Fale do Valek, como ele está lidando com a perda dos pais adotivos?

— Como é típico dos homens. Esconde a dor com promessas de vingança.

— Onde vocês estão?

— Em uma estalagem barata perto da fronteira de *Lestonor* e *Norféria*. Como saímos às pressas da aldeia, tudo que temos são duas pratas e meia, um cavalo velho, uma pele, uma espada e as roupas do corpo.

— Nesse caso, é melhor procurarem abrigo em...

Antes que Téssia pudesse completar a frase, houve uma mudança repentina no ar. Elas sentiram as pernas fraquejarem e uma pressão cada vez mais forte no estômago. Precisaram se apoiar para não caírem.

— Sinto uma presença estranha, Liana!

— Eu também! É uma magia muito poderosa!

— Acho que vou acord...

Téssia desapareceu, expulsa do mundo dos sonhos. Um ponto brilhante surgiu. A luz começou a crescer, envolvendo Liana.

A intensidade do brilho diminuiu, mas ainda era forte o suficiente para fazer os olhos da sacerdotisa ruiva arderem. Ela tentou levantar-se, porém só conseguiu ficar de joelhos. Fez um esforço para olhar em volta e viu-se em um campo interminável de flores-de-lótus. O mar de pétalas rosadas se estendia até a linha do horizonte e além.

— Senhora? Onde estamos?

Era voz de Valek.

Ela o viu caído entre as flores, mas também percebeu outra presença. Uma presença intensa. Liana sentiu uma aura ao mesmo tempo maternal e perigosa.

Uma força que poderia acolhê-la ou esmagá-la, se assim desejasse. Deparou-se com uma figura brilhante. A luz que iluminava o campo não vinha do sol, mas do corpo de uma mulher de pé no campo de lótus.

— Quem está aí? — Liana protegeu os olhos. — Quem é você?

— Senhora, com quem está falando? — perguntou Valek.

Liana ouviu um sussurro etéreo carregado pelo vento, mas foi incapaz de compreender as palavras.

— Não consigo entender o que diz. Quem é você?

— ... —

— Qual é seu nome?

— *...tsvae...* — disse a voz sussurrante.

— O que disse?

— *Nats... va... erd...*

— Por que nos trouxe aqui? O que quer de nós?

Em um instante o brilho apagou-se, o calor desapareceu.

Liana despertou em sua cama. Acordou sem fôlego num lugar escuro e frio.

— Senhora! O que aconteceu, senhora?

Um Valek ofegante estava de pé ao lado da cama.

Ela levou a mão à testa ensopada de suor. Com grande esforço, sentou-se na cama. O lençol que cobria o corpo nu caiu até a cintura.

— Eu... Onde estou?

— Na estalagem, senhora. Estamos na estalagem. Aquela que disse que cheirava a coisa velha.

Liana viu o diminuto quarto que alugaram para passar a noite, mobiliado apenas com uma cama e um pequeno criado-mudo. Em lugar do perfume de lótus, um odor de madeira envelhecida, misturado ao cheiro da pele de animal estendida no assoalho.

— De um pesadelo para outro! — disse Liana.

Valek esboçou um sorriso. Ela havia reclamado sem parar antes de irem dormir, mas aquele quarto era tudo que podiam pagar no momento. Decidiram que ele repousaria sobre uma pele de animal no chão, enquanto Liana ficaria com a cama. Ele sentou-se no colchão. Assim como ela, não usava nenhuma peça de roupa.

— Tive um sonho estranho, mãe, com a senhora. Parecia tão real!

— Foi um sonho real, filho. Um Sonho Compartilhado, uma magia que o mantém consciente durante o sonho.

Liana viu que ele ainda estava confuso. Ela própria precisou coordenar os pensamentos enquanto tentava se lembrar do ocorrido.

— Alguém tentou falar conosco em nossos sonhos, Valek. Viu aquela mulher, não viu?

— Não vi ninguém, além da senhora. Mas ouvi um nome... Nats... Natsvaerd! Ela era real?

— Tão real quanto eu e você, disso tenho certeza. Essa Natsvaerd tinha uma presença muito poderosa, como nunca senti antes. Até fiquei com um pouco de medo, para ser honesta.

— Não gosto disso, mãe.

— Calma, filho. Você já a considera nossa inimiga.

— E todos não são?

— Seja como for, há um templo da Ordem de *Lunna* na próxima cidade. Lá encontraremos abrigo e poderemos decidir se, e como, vamos lidar com essa Natsvaerd.

— Ir a um templo? — a voz dele transpareceu certa decepção. — Parece ser o mais prudente.

Sentado no colchão, Valek moveu o corpo como se fosse se levantar, porém continuou sentado. Liana livrou-se de vez do lençol e se aproximou das costas do rapaz, envolvendo os ombros e o peito dele em seus braços.

— O que se passa nessa cabeça? — disse ela com uma voz suave. — Conte para sua mãe.

— Não era isso que eu esperava quando me chamou para viajar.

— E o que esperava?

— Estamos indo matar um rei e seu braço direito para vingar a morte da minha mãe. Não vamos conseguir escondidos nesse lugar miserável!

— Sei que as coisas parecem ruins agora, mas...

— Quero ir atrás dela! — interrompeu Valek. — Não gosto de me esconder. Quero encontrar essa tal Natsvaerd cara a cara.

— Essa seria uma atitude imprudente, filho.

— Seguir em frente com essa mulher em nosso encalço também seria imprudente. Se for inimiga, a matamos. Se for aliada, usamos suas habilidades a nosso favor.

Liana não pode responder. Nesse ponto, ele tinha razão. Ela pensou em Denora, Blie-Mi e outras pessoas que perderam a vida para protegê-la. Se Natsvaerd fosse perigosa, corria o risco de expor Téssia e suas amigas sacerdotisas ao mesmo destino.

— Vamos decidir isso amanhã de manhã, sim? Quero voltar a dormir. — disse ela. — Deite aqui comigo, traga essa pele para nos cobrir antes que eu congele nesse quarto frio.

— Deitarmos juntos...?!

— Por que não? Já conheci mães que dormiam com seus filhos e se bem me lembro, havia só uma cama em sua casa. Imagino que você e Blie-Mi dormiam juntos.

— Sim, mas dessa maneira.

— Por favor, não vá me dizer que está com medo de uma mulher nua! — ironizou ela.

— Não, senhora. — ele riu novamente.

Ela sempre conseguia tirar um sorriso dele.

— Tanto melhor! Agora deite-se aqui, eu me deitarei no seu ombro.

Liana se aninhou no ombro de Valek, ele os cobriu com a pele de animal. Uma sensação boa a tomou ao sentir seu corpo junto ao corpo atlético dele. O mesmo braço onde se apoiava a envolveu pela cintura, o que lhe deu uma

sensação de segurança. Um conforto com o qual não estava acostumada, uma vez que a vida de uma sacerdotisa era feita de disciplina.

Imaginou que o pênis ereto tocando a lateral de sua coxa era apenas um reflexo natural. Valek confessou que não tinha visto o corpo de uma mulher antes daquele encontro no lago e, por certo, ainda era virgem.

Talvez devesse falar sobre esses assuntos com ele, já que tinha quase certeza de que seus pais adotivos não haviam lhe ensinado nada a esse respeito.

Com a mão livre, ele afagou os cabelos da mãe, Liana sentiu os músculos relaxarem de vez. O sono logo a alcançou e teve certeza de que nos braços de Valek, nenhum sonho ruim a perturbaria.

Capítulo XIV

Boas Meninas

Os aposentos de lorde Gareth estavam tomados, mas ninguém tinha tempo para admirar o belo carpete, nem as artes que enfeitavam as paredes. A cadeira de sua mesa pessoal encontrava-se vazia, sua armadura jazia aos pés do manequim que esperava para ser vestido. As atenções se voltavam para o dono do quarto, estirado sob a cama.

O estado de Darius Gareth era grave. O suor abundava no rosto quente, espasmos agitavam o corpo. Vômito e diarreia eram constantes. De quando em quando, balbuciava palavras desconexas em frases sem sentido. Compressas de água fria eram feitas em sua testa por sua jovem filha Sarissa numa tentativa vã de abaixar a febre.

Ver o pai nesse estado partia o coração da moça, mas ela se recusava a sair do lado dele.

Um homem negro, de certa idade e rosto redondo, examinou as pupilas e a língua de Gareth, colocou o ouvido em seu peito para escutar os batimentos.

Balem, o novo sumo-sacerdote do templo de *Solari* revirou sua bolsa, apanhou um frasco de barro, encheu um copo com uma poção e, com a ajuda de Sarissa, deu de beber para o doente.

— Mandarei preparar mais dessa poção. O lorde deve beber um copo a cada hora. — ele apanhou um pequeno embrulho de tecido, do qual tirou meia dúzia de folhas. — Coloque isso na água das compressas.

Sarissa depositou as folhas na bacia onde molhava a toalha antes de ser colocada sobre a testa febril do pai.

Brunella observava tudo com aflição estampada no rosto. Balem se levantou e caminhou em sua direção, mas ela se antecipou.

— Conversaremos lá fora. — ela não queria preocupar a filha ainda mais.

No corredor, se depararam com o servo pessoal de Gareth, o jovem Edan.

O rapaz não se perdoava por estar ausente quando o lorde fora levado ao castelo, mas naquele momento ele estava cumprindo a missão secreta que lhe foi confiada antes de Gareth ir ao encontro de Kotler.

— O que faz aqui? — Brunella foi ríspida.

— Estou preocupado com meu senhor lorde Gareth. — respondeu Edan.

— Isso não diz respeito a um criado! Vá ocupar-se em outra parte do castelo! Não quero mais vê-lo aqui!

O rapaz partiu de cabeça baixa. Brunella voltou-se para o sumo-sacerdote Balem.

— Diga a verdade sem esconder nada. — apesar de estarem sozinhos, ela sussurrava. — Qual é o estado do meu esposo?

— O estado dele inspira os maiores cuidados, lady Gareth. Lágrimas de Mandrágora são um veneno poderoso e a flecha que o atingiu estava banhada nesse veneno.

— Sumo-sacerdote Balem, há anos que meu esposo faz doações generosas a seu templo. Em sinal de sua gratidão, não pode deixá-lo morrer!

— Prometo que não descansarei, minha senhora.

— Acho bom mesmo!

— Se me der licença, entregarei a um mensageiro uma lista de materiais que devem ser trazidos do templo.

Balem ficou satisfeito ao ser liberado, ciente de estar em uma situação delicada. Seu antecessor, o finado sumo-sacerdote Mairon costumava dizer que o castelo dos Gareth era um ninho de cobras. Uma casa cheia de segredos que jamais deveriam ver a luz.

Algumas questões eram tão delicadas que mesmo nas confissões, o lorde dizia apenas "aquele assunto". A natureza desse assunto, no entanto, era um segredo que apenas Mairon conhecia.

Retornando ao quarto, Brunella viu que Darius se aquietara, mas a febre persistia.

Pouco depois, a porta do quarto foi aberta para dar passagem a uma mulher de vinte anos, alta como um homem, de pele alva e cabelos platinados como os do pai e da irmã. Dona de uma beleza incomum e de um olhar firme, trajava um

vestido preto sem alças, as mangas começavam no meio dos ombros, valorizando o busto. O colar e os brincos de âmbar eram, peças simples do dia a dia, pareciam reluzir como a mais fina das jóias. Qualquer um que a visse, diria tratar-se de uma rainha, tal era a altivez de sua presença.

— Onde esteve, Acássia? — perguntou Brunella à recém-chegada.

— Cuidando dos assuntos do castelo, minha mãe. — disse Acássia em um tom calmo e sereno. — É necessário que alguém se ocupe deles.

— Deveria estar aqui conosco. — Brunella precisava olhar para cima para encarar a filha. — Uma família deve permanecer unida em uma hora como essas.

Acássia não se abalou pela impaciência da mãe.

— Penso que os delírios febris do lorde já têm testemunhas suficientes.

As servas entenderam o recado e retomaram suas atividades, fingindo não prestar atenção à cena que se desenrolava.

— Como pode dizer palavras tão duras? — disse Brunella.

Sarissa decidiu intervir para evitar uma discussão.

— Acássia, sente-se comigo. Vamos cuidar do nosso pai juntas.

— Agradeço o convite, minha irmã. Porém, estou certa de que faz um bom trabalho e não pretendo tomar-lhe o posto.

— Sinto muito pela perda de Ruram. Ele era um homem bom.

— Meu falecido marido jaz nos braços da Dama Sem Rosto agora e ela se encarregará de sua alma. Como não podemos fazer nada pelos mortos, sugiro nos preocuparmos com os vivos... E com os desmorts. — ela caminhou na direção da sacada. — Vejam, a resposta do rei de *Ancestria* aproxima-se.

Todos prenderam o fôlego dentro do quarto. Um falcão-correio cortava o céu na direção do castelo de *Londinium*. A nobre ave voou direto para a sacada e desceu no poleiro que a aguardava. Acássia se apressou para tirar a mensagem da perna do pássaro.

— Creio que este, sem dúvida, é o selo real. — ela rompeu o lacre.

— Espere! — disse Brunella. — Essa mensagem é para seu pai.

— E eu a transmitirei ao lorde tão logo ele se recupere. — os olhos de Acássia percorreram as poucas linhas.

— O que diz a carta, irmã? — perguntou Sarissa.

— O rei nos ordena resistir até que suas tropas alcancem a fronteira. Em resumo, a carta diz que estamos por conta própria. Falarei com o Mestre da Guarda e direi a ele que...

— Essas questões não nos dizem respeito! — Brunella tomou a mensagem das mãos da filha. — Darius saberá o que fazer quando se recuperar.

— Como disse antes, minha mãe. Tenho zelado pelos assuntos do castelo e sou plenamente capaz de apontar o melhor caminho a seguir.

— A guarda está a postos e assim ficarão até que seu pai esteja em condições de dar novas ordens!

— Entendo seu desejo de permanecer fiel ao lorde, minha mãe, mas não é impossível que nossos inimigos ataquem hoje mesmo. Nesse cenário, imagino que...

— Chega! Não iremos agir pelas costas de seu pai, seria o mesmo que o trair. Além disso, quem pode garantir que hoje mesmo ele já não esteja de pé novamente? Vamos ter fé.

Dessa vez, Acássia fechou os olhos e respirou fundo para manter o controle.

— Como desejar, minha mãe.

Garet agitou-se novamente. Sua respiração era pesada, entrecortada por espasmos, o suor voltou a escorrer pela testa.

— Vá chamar o sumo-sacerdote! — disse Brunella a uma das servas.

— Tenha calma, pai! — Sarissa aplicou uma nova compressa de água fria.

— S-sarissa...? — a voz de Gareth soou entrecortada.

— Estou aqui.

— O c-cavalo... — ele delirava. — ...A c-cobra... o c-cavalo...

De imediato, a mente da jovem retornou a um incidente acontecido quando ela tinha sete anos de idade. Acássia, com treze, guiava um cavalo, com a irmã mais nova na garupa. O lorde cavalgava ao lado delas em seu merak de seis patas.

Era um passeio agradável até o cavalo que levava as duas irmãs se assustar com uma cobra e empinar. Acássia conseguiu equilibrar-se, mas Sarissa foi ao chão.

Delirando de febre, Gareth revivia aquele momento. Lágrimas rolaram pelo rosto de Sarissa.

— Eu estou bem, pai. Não se preocupe.

— A-Acássia... A-Acássia...

— Também estou presente, senhor. — disse Acássia, sem se aproximar.

— Por que... por que... não cuidou... da sua irmã...?

Ela engoliu o ar. Gareth abriu a boca novamente, dessa vez para vomitar por toda a cama. Balem apareceu no quarto e voltou a cuidar do lorde até ele cair no sono. As roupas foram trocadas, bem como os lençóis.

— Talvez seja melhor descansarmos também. — disse Brunella.

— Quero ficar ao lado dele. — Sarissa segurou forte a mão de Gareth.

— Você é uma boa menina, querida. Mas vá jantar agora para estar forte quando ele precisar. Permanecerei aqui mais um tempo. Pode acompanhá-la, Acássia?

— Farei o que a agrada, minha mãe.

Elas deixaram o quarto. Sarissa enxugou as lágrimas. A expressão serena no semblante de Acássia a impressionou.

— Quando ele vai se recuperar?

— Caso ele recupere-se, será na hora devida. E nem um minuto antes.

— Por que tem tanta raiva, Acássia? Você parece estar sempre calma, mas no fundo, sente raiva o tempo todo, não é?

— Nem todas podem ser boas meninas, minha irmã. — e ela acrescentou. — Vou para meus aposentos me trocar. Nos veremos na sala de jantar.

Antes que Acássia pudesse sair, Sarissa segurou sua mão.

— Nosso pai pode ser duro, mas eu sei que ele nos ama.

— Se compreendesse o tipo de homem que lorde Gareth realmente é, minha irmã, saberia que o amor dele é algo a ser temido.

— Sei melhor do que imagina.

As duas se separaram, Sarissa sentiu-se subitamente cansada. Foi para seus aposentos, ansiosa por um banho e uma roupa limpa, sem respingos de vômito. Como sempre, havia um guarda à porta de seu quarto. Edan também a esperava.

— Venha, vamos conversar! — disse ela.

O guarda não teria permitido que qualquer outro homem entrasse, mas aquela situação era comum, o moço se tornara o confidente de Sarissa desde que começara a viver no castelo. Além disso, todos sabiam que Edan era afeminado.

O quarto da jovem era o aposento mais aconchegante do castelo. Cetim vermelho decorava a estrutura da cama de mogno, as bonecas que ganhou na infância repousavam nos travesseiros, um guarda-roupa e uma penteadeira bem trabalhadas ajudavam a preencher o espaço, vasos de flores criavam um ambiente agradável, um belo quadro mostrava um cavalo branco à pleno galope.

— Por onde andou? — perguntou ela.

— Lorde Garet me mandou em uma missão antes de confrontar o rei Kotler. Como ele está? Sua mãe não permite que eu me aproxime.

Sarissa contou tudo. Foi bom para ela poder falar de forma franca com alguém. Conversaram durante algum tempo até que uma batida ritmada de quatro toques foi ouvida dentro do quarto. Ela levantou num pulo.

— Esse som não vem da porta. — disse Edan.

— Vem da passagem secreta.

Sarissa foi até o quadro e pressionou um dos tijolos da parede. A atitude não surpreendeu Edan, há muito sabia que todos os aposentos do castelo eram ligados por uma rede de túneis escondidos.

Ela abriu o quadro, uma parte da parede projetou-se como se fosse uma porta. Apesar do cansaço, Sarissa não conseguiu deixar de sorrir ao ver quem estava ali.

Capítulo XV

Indiscrição

Abrindo a passagem secreta atrás do quadro, Sarissa deparou-se com um sorriso galante emoldurado por uma barba loira rala, um queixo bem desenhado, olhos envolventes e cabelos loiros dotados de um brilho natural na altura dos ombros. Ele vestia um bonito colete por cima de uma cota de malha.

— Nythan! — ela transpareceu a alegria que sentia em vê-lo.

Em resposta, ele a envolveu pela cintura e juntou seus lábios com os dela num longo beijo.

— Minha querida, Sarissa... — a voz dele soava em um tom másculo, mas suave. — Me consumia de impaciência para vê-la.

— Que bom que você está aqui!

Sarissa chegava apenas na altura do ombro dele e quase sumiu em nos braços de Nythan quando mergulhou a cabeça em seu peito.

— Não tinha percebido que não estávamos a sós. — disse ele.

Parado no meio do quarto, Edan ficou boquiaberto com tamanha ousadia. Nunca imaginou que uma donzela como Sarissa pudesse receber a visita secreta de um homem, mesmo que esse homem fosse seu futuro prometido.

Com vinte e quatro anos, Nythan Jander era o Mestre da Guarda mais jovem que *Londinium* já teve, ainda assim era uma década mais velho que a noiva. Edan sempre imaginou que um homem conservador como lorde Gareth jamais concederia a mão das filhas a alguém da mesma idade. Acássia também era bem mais jovem do que o finado Ruram.

O servo deu-se conta de ainda estar encarando o casal.

— Perdão por minha indiscrição, Mestre Jander.

— Está perdoado, rapaz. E eu o dispense de me cumprimentar, já que nunca estive neste quarto. Compreende o que digo?

— Perfeitamente, senhor. Devo me retirar?

— Espere, Edan. — disse Sarissa. — Fique na sacada até que eu o chame.

O rapaz saiu para o balcão, onde poderia ser visto por todos que passavam pelo pátio do castelo. A partir de daquele momento era cúmplice do encontro. Sarissa sentou-se na beirada da cama, Jander a acompanhou. Ele tomou as mãos dela entre as suas e as beijou.

— Vejo uma nuvem de preocupação em sua linda fronte. Diga como posso ajudá-la nesse momento difícil e a obedecerei de imediato, minha lady.

— Você já faz muito como Mestre da Guarda, Nythan, nos protegendo. Minha mãe também tem feito muito, ela fica com meu pai dia e noite e quase não dorme. E Acássia tem cuidado do castelo. — Sarissa suspirou. — Apenas eu não tenho utilidade.

— Está enganada em pensar assim. Sua presença ilumina o ambiente.

Ela corou levemente. Não sabia dizer até que ponto Jander falava a sério e até onde ele apenas tentava cativá-la com palavras bonitas.

— Não vejo a hora... — continuou ele. — De que nosso noivado seja oficializado, para que todos os homens possam invejar minha sorte.

Jander prosseguiu com sua poesia. Edan conseguia apanhar uma frase ou outra, ciente de que todo aquele palavreado romântico era o arsenal de um conquistador. Não era difícil imaginar o efeito dessas palavras teriam em uma jovem como Sarissa, principalmente vindas de um homem tão atraente.

O encontro durou mais alguns minutos. O casal despediu-se com um beijo, Jander partiu, Sarissa fechou a passagem secreta.

— Não me olhe assim. — disse ela, sem se virar.

— Assim como? — perguntou Edan, de braços cruzados.

— Do jeito que sei que você está me olhando.

— Há quanto tempo isso acontece? — com ela, Edan podia falar com um pouco mais de liberdade.

— Essa foi apenas a segunda vez, está bem?! — a moça se voltou para ele. — É só uma pequena aventura romântica, nada de mais. Algo para rirmos quando eu ficar mais velha. Qual é o problema ?

— Está claro que o problema é um homem entrar escondido em seu quarto.

— O Nythan só não quer que ninguém saiba para não levantarem boatos sobre mim.

— Tenho certeza de que ele te convenceu disso, mas ao menos você tem consciência de que essa atitude não é apropriada a uma donzela?

Sarissa desviou o olhar.

— Se você soubesse... — disse ela mais para si mesma.

— Como disse?

— Nada! Não disse nada, nem sou tão ingênua para não saber o que ele quer. — ela se aborreceu com o interrogatório. — Esqueça isso e me ajude a me trocar. Estou atrasada para o jantar.

Depois de um dia cansativo, o Sol deu lugar à Lua e as estrelas. Entretanto, a noite prometia ser longa no castelo. Lorde Garet acordava constantemente em meios a novos delírios, muitos criados preparavam-se para varar a madrugada.

Em seus aposentos, sob a luz do lustre de velas e o calor da lareira, Acássia escovava os cabelos platinados antes de deitar, sem intenção de perder uma hora de sono sequer.

“Por que não cuidou de sua irmã?”. As palavras do lorde ecoavam tão claramente em sua mente agora quanto naquela tarde ou quanto no dia daquele incidente há sete anos.

Guiava um cavalo com Sarissa na garupa. O animal se assustara derrubando a irmã, mas ela agarrara-se às rédeas. Voltaram para o castelo de imediato, onde Brunella e toda a criadagem correu para ajudar a pequena e frágil Sarissa.

Quanto a Acássia, seu pai a agarrou e a levou para o quarto. *“Por que não cuidou de sua irmã?”*. A cada palavra, a cinta do lorde deixava uma marca em

suas costas. Mas isso não era o pior. O pior viria depois. O pior sempre vinha depois.

“Acássia, sabe que o papai que te ama, não sabe? O papai só quer que você seja uma boa menina”.

A mão de Acássia apertou firme a escova para afastar lembranças desagradáveis. Memórias de outro tempo, quando não possuía controle sobre o próprio destino. Teve vontade de arremessar a escova contra a face transtornada que via no espelho da penteadeira.

Fechou os olhos, respirou profundamente, o mais fundo que seu peito podia aguentar. Solto o ar devagar.

Ao abrir os olhos, seu reflexo mostrava uma serenidade inabalável.

Voltou à tarefa de cuidar da aparência. Sentia-se farta de usar vestidos pretos em sinal de luto. Ela nunca vira Ruram como nada além de um homem imbecil demais para querer ser algo além de um capacho — o marido perfeito para uma filha rebelde.

A viuvez, após cinco longos anos não era motivo de pesar, mas de celebração. Com a morte do esposo e o envenenamento de Gareth a deixava no controle de sua vida como jamais estivera antes e pretendia aproveitar muito bem a liberdade. No dia seguinte, usaria um vestido bege que lhe assentava muito bem.

OuvIU uma batida quádrupla ritmada vinda de dentro do quarto, de trás de um quadro que exibia o brasão da família Gareth. Pressionou o trinco que liberava a trava da passagem secreta e caminhou para perto da lareira.

— Vamos, entre logo, Nythan!

O Mestre da Guarda adentrou o quarto com seu sorriso mais sedutor.

— Vê-la nessa camisola é uma tentação, Acássia!

— Minha irmã atrasou-se para o jantar. Devo supor que esta não é a primeira visita que faz hoje?

— Apenas cumpro com meus deveres de noivo, oferecendo meu ombro para as lamentações sem fim da pequena Sarissa.

Acássia deu as costas para Jander, foi para o lado da cama e lançou um olhar convidativo por cima do ombro.

— Minha irmã terá sido capaz de saciar seus desejos?

— Sarissa é uma menina bonita e encantar meninas bonitas é sempre um passatempo agradável. — Jander se aproximou. — Mas são as mulheres que me satisfazem.

Ele a abraçou pelas costas. Acássia inclinou a cabeça oferecendo o pescoço para ser beijado. Os lábios dele fizeram um calor aflorar entre as coxas dela.

— Disse “as mulheres”?

— Não tenha ciúmes, sabe que é a única que amo.

Acássia virou-se para ele. As bocas se colaram cheias de desejo. Os beijos de Jander desceram pelo queixo, passaram pelo pescoço e se demoraram no colo. Uma das alças da camisola caiu. Ele terminou de baixá-la, o seio firme ficou exposto. A língua de Jander brincou com o mamilo, deixando-o rijo.

— Você é um amante formidável, Nythan. Eu não teria suportado meu casamento sem nossos encontros...

Ela deixou escapar um gemido quando ele começou a sugar o bico do seio. Acássia teve um leve orgasmo. Ela o segurou pelos ombros e o empurrou para a cama. Jander caiu sentado em cima do colchão.

— ...Mas o que preciso agora é de aliados. — prosseguiu Acássia.

Ela descalçou um dos chinelos e massageou o pênis sob a calça com o pé. Jander tomou o pé de Sarissa entre as mãos com delicadeza e o cobriu de beijos.

— Fala como quem planeja algo. — disse ele.

Sem pressa, a boca dele percorreu a extensão do tornozelo. De pé ao lado cama, com uma perna apoiada sobre o colchão, Acássia sentiu um arrepio quando os lábios dele tocaram o interior da coxa.

— Tenho planos... *hum...* Maravilhosos em mente. — ela tremia de expectativa.

Acássia precisou segurar na armação da cama quando a língua do amante explorou seu interior. Foi tomada por um novo orgasmo. Jander provou um sabor adocicado.

Ela o empurrou de novo para que se deitasse, sem perda de tempo posicionou-se sobre ele. A mão dela libertou o membro duro enquanto oferecia o peito descoberto para ser chupado novamente.

— Fique comigo, Nythan. Ajude-me a conseguir o que eu quero. — sussurrou no ouvido dele.

— O que deseja, meu amor?

Ela massageou o pau. O pênis tocou a fenda rosada.

— Saberá na hora certa. Posso contar com você, Nythan?

— S-sim...! — Jander não podia conter o desejo. Teria entregado a própria alma se ela a pedisse. — T-tudo que quiser!

Acássia sorriu satisfeita e mexeu os quadris. O membro deslizou para dentro. Ela se moveu com intensidade saboreando o controle que tinha sobre ele. Um orgasmo intenso sacudiu-lhe todo o corpo ao mesmo tempo em o gozo dele a invadiu. Ela se deixou cair sobre ele, sem fôlego.

Jander só queria aproveitar o momento, sem pensar na promessa que acabara de fazer. Acássia ajeitou os cabelos, um sorriso malicioso nos lábios.

— Outra vez?

Somente um par de horas mais tarde, quando sentiu-se saciada, ela permitiu que Jander partisse.

Ela ficou deitada vendo o crepitar do fogo. Podia ouvir a agitação pelo castelo. Quando a manhã chegasse, por certo a mãe cobraria sua ausência na vigília. Era sempre assim, se o lorde caía enfermo, se apressavam a socorrê-lo. Sarissa era derrubada do cavalo e todos apareciam.

Mas quando ela precisou de ajuda, ninguém veio ajudá-la. Ninguém a amparou nas noites em que Garet esgueirava-se para dentro de seu quarto tomado pela luxúria, arrancava seu vestido, a tocava onde não queria ser tocada e a obrigava a fazer coisas que preferia esquecer.

“Sabe que o papai que te ama, não sabe? Mostre para o papai a boa menina que você é”.

E quando ele se retirava, tudo que restava a Acássia era chorar esquecida por todos em um canto escuro. Sequer sabia dizer por quantos anos os abusos se estenderam. Porém, isso era passado. Seu momento havia chegado. Tinha planos maravilhosos para fazer todos se arrependerem por a terem abandonado quando precisava. Se apressaria para colocá-los em prática antes que o lorde se recuperasse.

Capítulo XVI

Uma Bebida e Um Bom Almoço

A carroça do tecelão parou abruptamente. O ajudante agitou-se, mas o tecelão, experimentado e conhecedor dos perigos da estrada, fez sinal para que se acalmasse. Em seguida, dirigiu-se ao rapaz de cabelos vermelhos parado no meio do caminho com uma espada na mão.

— Sim, rapaz? — perguntou.

— Preciso de algumas moedas. — Valek apontou para a carroça carregada de peças. — E duas capas.

O tecelão olhou ao redor. Mesmo em campo aberto, não teria para onde fugir. Aquela era a principal via da região e, apesar disso, não se via nenhuma outra viva alma. Mesmo a estalagem era um ponto distante no cenário.

Bem diferente de meio século atrás, quando aquela região testemunhara a Guerra do Norte. *Lestonor* marchou contra *Norféria* na esperança de trazer os clãs *acaris* para suas fileiras. Porém, os *acaris* mostraram-se imbatíveis em seus domínios.

Os invasores tiveram de bater em uma retirada vergonhosa que custou a vida do general, ao se reportar ao rei Kotler. Durante muito tempo, foi possível ver cabeças empaladas nas margens da estrada como um aviso.

Hoje, porém, o silêncio era quebrado apenas pelo som do vento alisando a grama e das patas da montaria de Valek. O rapaz ruivo voltava pela estrada em um cavalo velho com o bolso um pouco mais pesado.

Ele pensou que o tecelão e o ajudante haviam acertado em não desafiá-lo. Com seu estado de humor teria acabado com a vida de ambos ali mesmo. Sentia-se frustrado e aborrecido. O clima, mais quente do que estava habituado o incomodava, mas não era apenas isso.

Dividir a cama com Liana foi como um sonho e lhe deu esperanças de que algo pudesse acontecer quando acordassem. Mas ela despertou bem cedo e

levantou para realizar uma saudação ao Sol, ou qualquer outra coisa de sacerdotisa.

Valek não se repreendia mais por esses pensamentos. Era incapaz ver Liana de outra forma, mesmo se tratando de sua mãe natural. O problema agora era decidir se deveria confessar seu amor.

Na estalagem, a encontrou sentada em uma das três mesas redondas que enchiam o espaço limitado do primeiro piso.

Ela conversava com o dono do lugar, um homem de certa idade e sorriso fácil que se apresentava como Grisalho e brincava dizendo ter esquecido o nome verdadeiro de tanto o chamarem assim. Era um sujeito esperto. Jamais perguntava aos hóspedes mais do que deveria. Fingiu nem reparar que Valek retornou com duas capas que não possuía quando partiu. Limitou-se a cumprimentar o rapaz.

— Sua mãe já pediu almoço para vocês. Vou trazer assim que minha mulher terminar de preparar. — disse o estalajadeiro.

— Se a comida for tão boa quanto às instalações... — disparou Liana. — Devem ser puro veneno!

— Os quartos podem ser simples, mas nenhuma outra estalagem dessa região tem preços tão bons.

— E pelo visto, a qualidade do trabalho é proporcional ao que se paga. Não fosse pela sua simpatia, eu teria ido embora cinco minutos depois de entrar.

Grisalho deu privacidade aos únicos hóspedes que tinha no momento. Valek ocupou uma cadeira junto à Liana e lhe entregou uma das capas.

— Tome, senhora. Consegui algumas moedas de cobre também.

— Preciso dizer que a ideia de recorrer ao roubo não me agrada. Vou ter de jejuar para que *Lunna* expie nossos crimes.

— Pegamos só o que precisamos. — atalhou ele.

Grisalho voltou da cozinha com duas tigelas. A primeira com uma mistura de coalhada e ovos, a outra continha caldo quente de ervilhas. Para completar o pedido, serviu duas canecas de cerveja. Liana provou a coalhada sem sentir gosto algum, Valek nem deu atenção ao sabor.

— Até quando vamos ficar aqui, senhora?

— Partiremos hoje ao escurecer. Minha magia é mais forte à noite, nessa hora poderei rastrear melhor os resquícios do feitiço de Natsvaerd. Tenha um pouco de paciência. — ela esboçou um leve sorriso.

— Que foi?

— Lembrei-me de algo que aconteceu quando eu era uma aprendiz no templo. Todas as meninas tinham de passar uma noite ao ar livre e minha amiga Téssia morria de medo do escuro, mas não admitia, então...

As palavras de Liana ficaram distantes. Valek nem as escutava. Seu aborrecimento desapareceu enquanto a admirava. Falando daquela maneira expansiva e sorridente, ela parecia ainda mais bela.

Novamente ele ficou em dúvida sobre revelar como seus sentimentos. Mais do que o medo de descobrir que seu amor poderia não ser correspondido, o que realmente temia era que ela tivesse aversão a ideia de tal modo que passasse a tratá-lo com repulsa.

Isso era algo que não suportaria. Quando ela tocou em seu braço, foi como se o rapaz saísse de um transe profundo.

— Ouviu alguma palavra do que eu disse, Valek?

— Desculpe, mãe.

— Você esteve disperso a manhã inteira, filho. Algum problema?

— Bom, é que... — podia fazer isso, repetiu para si mesmo. Se era capaz de encarar a morte, deveria ser capaz de se declarar para a mulher que amava. — Tem uma coisa que quero te dizer.

Ela pôs o almoço de lado.

— Estou ouvindo.

— Senhora, eu...

— Olá, estalajadeiro! — uma voz masculina soou em alto e bom som na porta de entrada. — Minha companheira e eu queremos uma bebida e um bom almoço!

Grisalho correu para atender os novos hóspedes.

— Valek...? — indagou Liana.

— Tudo bem, senhora. Eu digo depois. — ele não conseguiu prosseguir, queria ter paz para tocar naquele assunto com Liana. Recostou-se na cadeira mais aborrecido do que nunca.

O sujeito que acabara de chegar era um homem de cerca de vinte e cinco anos. Tinha a cabeça raspada e um rosto bem desenhado, de queixo quadrado. Vestia uma camisa sem mangas, os braços musculosos à mostra. Uma pesada espada pendia da cintura.

— Um bom dia para vocês, amigos! — ele saudou mãe e filho.

A companheira do viajante era uma mulher da mesma idade. As feições lembravam o povo do norte, apesar da pele queimada de sol. Possuía uma beleza rústica. Os cabelos loiros e despenteados chegavam aos ombros. Trajava uma peça que se assemelhava a um vestido curto feito de pele de cervo. O traje terminava pouco abaixo da cintura, exibindo as pernas bem torneadas. As luvas e botas eram de couro curtido. Trazia uma espada curta em cada lado do cinto.

Os dois sentaram-se na terceira mesa, a mais afastada da porta.

— Para começar, traga-nos duas garrafas de hidromel. — disse o recém-chegado para Grisalho. — Tem alguma carne para nos servir...? Ótimo, traga uma dúzia de pães de centeio com linguiça, asas de frango e vitela. E pode servir um queijo enquanto o almoço fica pronto.

— Boa pedida! Se quiserem sobremesa, minha mulher pode preparar uma torta de marzipã deliciosa enquanto comem a refeição principal.

— Diga a ela que prepare três. Se for boa mesmo, levaremos duas para comer no caminho.

Grisalho foi para a cozinha, feliz da vida por receber hóspedes esfomeados. O recém-chegado disse algumas palavras para a companheira, que respondia apenas com gestos. Os viajantes despertaram a curiosidade de Liana.

— Parece muita comida para apenas duas pessoas.

— Estamos esperando dois companheiros nos alcançarem. Ah, sim! Onde estão meus modos? Eu sou Heiten e minha noiva se chama Suila-Ne.

Valek não tinha o menor interesse naquela conversa, mesmo assim não pôde evitar um comentário.

— Esse é um nome *acari*. Você é do clã dos Ne, do leste de *Norféria*?

Suila-Ne fez que sim com a cabeça, depois virou uma caneca de hidromel num só gole. Apontou para os Clancey e fez um gesto com dois dedos, simulando o caminhar de uma pessoa.

— Ela quer saber se também são viajantes. Por favor, não reparem em seu silêncio, Suila nasceu muda.

— Sim, moramos em uma cidade próxima daqui. — mentiu Liana e decidiu mudar o rumo da conversa antes que perguntassem seus nomes. — O que fazem nessa parte do reino?

— Estamos aqui a trabalho. Uma missão de busca para ser mais exato.

— Espero que encontrem o que procuram.

A sacerdotisa baixou os olhos para o prato sinalizando que não queria mais conversar. Suila-Ne cutucou o braço de Heiten e segurou uma mexa de cabelo com uma expressão que não agradou Valek.

— Eu sei. — disse Heiten para a noiva, antes de continuar a conversa. — Talvez vocês possam nos ajudar. Procuramos duas pessoas: Liana e Valek Clancey. Sabem de alguém com esse nome por essas bandas?

Liana colocou na boca mais uma porção da coalhada com ovos. Quem poderiam ser aqueles viajantes?

O rapaz encarou os viajantes, ambos sustentaram o olhar. Os risos haviam cessado. A sacerdotisa teve vontade cobrir o cabelo ruivo com o capuz da sua capa. Engoliu a mistura ciente que precisava dar uma resposta.

— Clancey? Não conheço. — disse ela. — Algum dos seus amigos tem esse nome, filho?

— Nunca ouviu falar. — respondeu ele, sem perder a dupla de vista.

— Por que estão atrás deles? — perguntou Liana.

— Digamos que nosso empregador tem um interesse especial nos Clancey. — disse Heiten. — Tem certeza de que não os conhecem?

— Lamento não poder ajudar. Agora se nos dão licença, precisamos partir.

Liana levantou bruscamente da mesa. Valek a imitou. Suila-Ne ergueu-se também, acenando na direção da porta. A sacerdotisa viu dois homens na entrada. Não pode deixar de notar que um era o exato oposto do outro.

— Olá, Kal! Ramue! — disse Heiten, ainda fitando Valek. — Cheguem mais perto, venham conhecer nossos novos amigos.

Um deles deu um passo a frente e fez uma leve mesura. Era um sujeito de cabelo curto e barba bem cuidada. Vestia uma camisa verde musgo de mangas curtas sobre uma camisa desbotada de mangas longas. Vinha com um arco na mão, nas costas uma aljava cheia de flechas, além de uma harpa.

— Saudações! Meu nome é Ramue Sanger, arqueiro por necessidade, músico por amor à arte. Este é meu bom amigo Kal Nanto, de *Nagherin*.

Kal era o mais alto de todos ali, dono de um corpo atlético e pele morena. As tranças de seu cabelo ficavam penteadas para trás. Usava luvas de pele de animal que cobriam os braços até os ombros, mas o peito estava nu. Vestia uma calça de couro sem tingir. Uma cimitarra de lâmina larga pendia na cintura.

— Muito prazer. — disse ele com uma voz grossa.

Após essa breve apresentação, Ramue caminhou lentamente na direção do balcão de atendimento, Kal continuou parado na porta.

Valek deu-se conta de terem caído em uma armadilha. Aqueles quatro os haviam encurralado num ambiente fechado, onde as mesas seriam obstáculos. Em algum momento, Suila-Ne cruzara as mãos na altura do umbigo, de forma que poderia desembainhar as duas espadas rapidamente. Heiten continuou sustentando o olhar do jovem ruivo.

— Mais hóspedes! Em que posso... — Grisalho veio da cozinha, mas parou imediatamente ao perceber a tensão que tomara conta do ambiente. — Perdão. Vou voltar para dentro.

— Terei de pedir que fique um pouco mais, estalajadeiro. — disse Ramue.

Valek moveu a mão devagar na direção do cabo da espada. Suila-Ne e Heiten fizeram o mesmo. Nem a interrupção de Grisalho os distraía.

— Vocês são um grupo bem exótico! — disse Liana. — Só tenho uma palavra a dizer...

— Seria uma palavra mágica, Liana Clancey? — interrompeu Heiten.

A tensão chegou limite, Valek decidiu fazer o primeiro movimento ou não teria vantagem alguma. Era agora...

— Estou morto de fome, Heiten! — disse Ramue. — Não podemos deixar isso para depois da refeição?

— Por que não? — a postura de Heiten relaxou, assim como a de seus companheiros. — Estalajadeiro, traga nosso almoço!

Em um piscar de olhos a tensão desapareceu, os quatro sentaram-se à mesa. Valek e Liana ficaram atônitos.

— O que aconteceu aqui? — questionou a sacerdotisa.

— Eles não queriam lutar. — respondeu Valek. — Foi apenas um teste.

— Acertou. — disse Heiten. — Mas não fiquem aí, puxem duas cadeiras e sentem-se conosco. Pedi o suficiente para seis pessoas.

— Mesmo que não fosse um teste. — Ramue fitou Liana. — Como bardo, sou um amante da beleza e não permitiria nenhum mal contra uma mulher tão bonita!

— Seus instintos são bons, Clancey. — atalhou Kal. — Mas te falta experiência. — Suila-Ne concordou com a cabeça entornando mais um copo de hidromel.

— Eu gostaria que dissessem logo quem são e o que querem de nós. — Liana se impacientou.

— Nosso empregador deseja conhecê-los pessoalmente. Já devem ter ouvido seu nome. — disse Heiten. — Nosso empregador é o lorde de *Londinium*, Darius Garet. Ele deseja muito conhecê-los, Clancey.

Capítulo XVII

Esfarrapados

Semanas antes do ocorrido na estalagem de Grisalho, *Londinium* fervia com as notícias de que um exército de cem mil homens rumava para a cidade. Mais cedo, naquele mesmo dia, lorde Gareth partira para interpelar o rei Kotler com uma delegação de apenas vinte guardas.

As áreas menos nobres da cidade viviam uma noite movimentada. Canções eram ouvidas nas tavernas lotadas, o cheiro de bebida e luxúria imperava no ar. A gente comum bebia, comia e trepava como se não houvesse amanhã.

Uma figura esguia vagava pelas sombras, metida em uma capa preta com o rosto oculto pelo capuz. Em seu caminho, ele saltou por bêbados largados na sarjeta, passou direto por prostitutas que vendiam seus serviços, perdeu o caminho por não ter o costume de andar naquela parte da cidade, encontrou o rumo novamente, viu um cão de rua marcar território e atravessou uma viela estreita onde um casal fazia sexo à vista de todos.

Quando enfim avistou a casa que procurava apertou o passo até alcançar a porta. Bateu duas vezes com o punho fechado e uma terceira com a mão espalmada. Um toque-senha. A cabeça loira de Suila-Ne apareceu no batente.

— Preciso falar com Heiten. — disse o encapuzado.

A *acari* o deixou entrar. Heiten organizava roupas e provisões no cômodo que servia de quarto, sala e cozinha. O visitante removeu o capuz, o rosto bonito do criado pessoal de Edan apareceu.

— Está se preparando para viajar?

— Com tudo que está acontecendo, sabia que você logo daria as caras. — disse Heiten. — Como o lorde tem passado?

— Desculpe, mas não tenho tempo para conversar. — Edan dirigiu um olhar para a *acari*. — Pode nos dar licença?

— Não tenho segredos para Suila. Se ela não ouvir a mensagem da sua boca, ouvirá da minha. — Heiten passou o braço em torno da cintura da noiva. — Qual é a missão secreta que o lorde tem para nós dessa vez?

— Encontrar duas pessoas. Uma sacerdotisa de nome Liana Clancey e seu filho, Valek.

Suila-Ne deu de ombros sem entender o propósito de irem atrás daquelas pessoas com um exército inteiro às portas da cidade. Heiten tinha a mesma opinião. Preferia agir ali, no coração do confronto.

— O que torna os Clancey especiais? — perguntou ele.

— Na verdade, não sabemos. — respondeu Edan. — Mas os espões do lorde apuraram que o feiticeiro Baltus em pessoa está empenhado em encontrá-los. E qualquer assunto que envolva esse homem merece atenção redobrada.

A *acari* assentiu. Edan deu instruções a respeito das possíveis localizações dos alvos e da aparência. Heiten impôs uma condição para aceitar o trabalho.

— Edan, quero uma audiência com o lorde quando voltar dessa missão. É um pedido bastante razoável.

— Transmitirei seu desejo ao lorde. — Edan apanhou dois pequenos sacos de moedas e os entregou. — Aqui tem dinheiro de *Ancestria* e neste outro tem ouro de *Lestonor*.

Com essas palavras, o criado escondeu o rosto no capuz e partiu.

Pouco menos de um mês se passara desde esse encontro.

Agora Heiten bebia hidromel sentado à mesa com Suila-Ne, o guerreiro de pele negra, Kal e Ramue, o arqueiro e harpista, além dos próprios Clancey.

Liana notou o clima leve após o almoço. Ramue dedilhava sua harpa, o som agradável e relaxante. Suila-Ne bebericava, aninhada no ombro de Heiten. Kal recostou-se na cadeira para descansar os olhos. Até Valek parecia mais calmo, dando atenção ao prato.

Imagens do templo e de suas amigas vieram à mente da sacerdotisa. Parecia estar longe de casa a mais tempo do que podia contar.

Ela sacudiu a cabeça para afastar as lembranças. Precisava concentrar-se na situação presente.

— Disseram que trabalham para lorde Gareth... — disse. — Acho difícil acreditar que um lorde confiara uma missão a um grupo tão esfarrapado.

— Mas aqui estamos. — retrucou Heiten.

— Sua dúvida é justa, bela dama. — disse Ramue. — Porém, acredite já executamos outros trabalhos para o lorde antes. Heiten o serve há anos.

— Isso é verdade. — ouviu-se o vozeirão de Kal. — Conheci Heiten e Suila-Ne quando estavam a serviço de *Londinium*. Naquele tempo, eu era um cavaleiro cornaca em *Nagherin* e os surpreendi espreitando uma mina de aço taringolês.

— O que é um cavaleiro cornaca? — indagou Liana.

— Um cavaleiro que cavalga mamutes. Esses animais podem atravessar as savanas de *Nagherin* melhor que os cavalos.

— Quanto a mim, fui o último a entrar no grupo. — intrometeu-se Ramue. — Esses três salvaram minha vida quando minha caravana foi atacada.

— E vocês? — perguntou Liana para Heiten e Suila-Ne.

— Nós estamos juntos desde a adolescência. — respondeu ele. A *acari* mostrou a mão, depois fechou os dedos um a um, num gesto de furto. — É verdade, nos conhecemos quando Suila tentou me roubar.

Os noivos riram e se beijaram. Valek continuava alheio, comendo o último pão de centeio com linguiça. Heiten tomou novamente a palavra.

— Vou ser sincero, não faço ideia de qual seja o interesse de lorde Gareth em vocês, mas pensem nisso como um sinal de boa fé.

Ele atirou cinco das moedas de ouro que recebera de Edan. Liana as examinou com cuidado.

— É ouro de *Ancestria*. — concluiu ela.

— Acha que um grupo como o nosso conseguiria tanto ouro se não viesse do nosso patrono? Nem roubando teríamos tudo isso. — e ele acrescentou com um tom sério. — Outra coisa, soube que o braço direito do rei Kotler, Baltus, mandou as Harpias Reais atrás de vocês. Podemos ajudar a lidar com elas.

Liana recolheu as moedas com um sorriso triunfante.

— Essa informação é inútil. Já encontramos com as Harpias. Doze delas.

— As doze Harpias? — Ramue espantou-se. — O que houve?

— Todas mortas. — Valek ergueu os olhos de seu prato. A afirmação causou espanto nos quatro companheiros. — Diga, Heiten, o que fará no caso de recusarmos a proposta?

Ao fazer a pergunta, o rapaz ruivo segurou firme o cabo da faca de carne. Kal antecipou-se à resposta.

— Escolha as palavras com cautela, Heiten. Clancey não estava distraído como parecia. Ele esteve observando e traçou um plano para matar nós quatro.

Suila-Ne pousou a caneca vazia na mesa, ao lado da própria faca. Como qualquer *acari*, ela nunca recusava um desafio. Heiten tomou a palavra com um ar tranquilo.

— Admito que nem percebi. Acho que o subestimei, Valek. Posso chamá-lo pelo primeiro nome? — não houve resposta. — Certo... Mas não temos as intenções que pensam.

— Não viemos capturá-los. — disse Kal.

— Encarem nossa proposta como um convite. — disse Ramue. — Por que não se juntam ao nosso grupo e viajamos todos juntos? Seria muito mais divertido dessa maneira!

Valek e Suila-Ne continuavam se encarando.

— Calma, Suila. — disse Heiten, e concluiu. — Nesse grupo, cuidamos uns dos outros. Juntem-se a nós e cuidaremos de vocês também.

Liana e Valek trocaram um olhar, incerto sobre o que fazer.

— São palavras bonitas. — disse a sacerdotisa. — Porém, ainda não temos certeza de que são quem dizem. Ainda penso ser improvável um lorde empregar os serviços de gente como vocês.

Heiten soltou um suspiro e passou a mão pela cabeça raspada. Não podia deixar os Clancey simplesmente irem embora, porém hesitava em levá-los à força sem ter certeza de quais eram os planos do lorde para eles.

— Existe algo que eu possa fazer para que confiem em nós?

— Deixe-me olhar suas memórias. — disse Liana. — Assim eu poderia ver se diz a verdade.

— Que seja!

Suila-Ne agarrou no braço dele e balançou a cabeça negativamente.

— Está tudo bem. — e voltou-se para Liana. — Vá em frente!

A sacerdotisa esticou o braço para tocar na testa de Heiten. Os olhos dela se mexeram rapidamente por baixo das pálpebras.

— Você é...! — surpreendeu-se Liana.

— ...O filho bastardo do lorde! Sim, Darius Garet é meu pai, essa é a verdade. Contei a vocês meu maior segredo.

— Tudo que eles disseram é verdade, Valek. — Liana voltou-se para os quatro viajantes. — Quando meu filho nasceu...

— Senhora?! — interrompeu o rapaz.

— Heiten teve um gesto de confiança conosco, é justo retribuir. Como eu dizia, quando meu filho nasceu, um oráculo profetizou que ele mataria o Rei Desmorto. Essa é a razão de sermos perseguidos.

— Mas Baltus morrerá primeiro! — acrescentou Valek.

— Pelos deuses! — Ramue saltou na cadeira. — Que história! Preciso fazer uma canção sobre isso!

— Impressionante! Falam como se matar um rei fosse uma tarefa fácil. — disse Kal.

Suila-Ne voltou a encher a caneca, animada com os rumos que essa jornada poderia tomar.

— De qualquer maneira, isso mostra que temos um inimigo em comum. Estamos do mesmo lado. — falou Heiten. — Que me dizem, lutamos juntos?

— Pretendemos partir hoje à noite para resolver um problema com uma mulher dotada de uma magia muito poderosa. — disse Liana. — Estariam dispostos a nos acompanhar?

Heiten olhou para seus companheiros. Todos concordaram.

— Aonde forem, nos iremos e aonde estivermos, poderão vir também.

Liana e Valek se entreolharam.

— Pois bem, não acredito que vou dizer isso, mas... — disse ela. — Podem nos considerar esfarrapados.

Suila-Ne e Ramue vibraram, Kal acenou a cabeça positivamente, Heiten levantou-se animado.

— Sejam bem-vindos ao grupo! — ele estendeu a mão para Valek.

A comemoração foi interrompida.

— Concordei em ser seu aliado, não seu amigo. — Valek deixou a mesa sem apertar a mão estendida. — Você vem, senhora?

— Com licença. — disse ela. — Obrigada pelo almoço!

Os Clancey foram para o piso de cima. Heiten sentou-se novamente. Encheu sua caneca e tomou um grande gole de hidromel.

— Que negociação difícil. — desabafou.

Suila-Ne tocou no braço dele com uma expressão preocupada no rosto.

— Está tudo bem, amor. — disse Heiten.

— Tem certeza? — perguntou Kal. — Você contou seu maior segredo para dois desconhecidos.

— Eu mesmo me surpreendi, meu amigo.

— O que faremos a seguir? — quis saber Ramue.

— Vamos cuidar desse negócio hoje à noite, depois levamos os Clancey até meu pai... E aí veremos o que acontece.

Heiten riu para disfarçar o nervosismo. Queria fazer tudo direito nesse trabalho.

Sua mãe, uma rendeira que se deixara seduzir pelo herdeiro de uma casa nobre, havia morrido no ano passado de febre tifóide, portanto, o lorde era agora seu único parente. Sabia que o pai jamais poderia reconhecê-lo publicamente, apesar de ser mais velho do que suas filhas legítimas, mas ainda alimentava a esperança de que um dia Garet o amaria como filho.

Um dia teria o amor de seu pai e não mediria esforços para tornar esse desejo em realidade.

Capítulo XVIII

Um Beijo

Algo não estava certo. Valek não sabia o quê, mas sabia que alguma coisa estava fora do lugar. Era inverno nas montanhas, o branco cobria tudo ao redor. Os caçadores *acaris* examinavam com cuidado o solo.

— Pegadas de *worg*... Dos grandes. — disse um deles.

O segundo caçador virou-se na direção de Valek.

— Venha aqui e preste atenção, garoto! — disse Goro-Mi.

Valek fez um sinal. A mão era tão pequena. A mão de um menino de doze anos, isso não estava certo. Goro-Mi estar parado ali não era certo. Afinal ele deveria estar... deveria... deveria o quê?

— Ai, você é um lerdo mesmo, Clancey! — disse uma menina. — Está sonhando acordado de novo.

Sara-Mi tinha treze anos, era filha do caçador que examinava as pegadas na neve. Uma garota bonita e intempestiva por quem Valek nutria uma paixão secreta há quase um ano. Ele teria dado uma resposta à altura se ouvisse aquilo de outro garoto, mas vindo dela, só conseguiu baixar o rosto corado de vergonha.

Um rosnado fez-se ouvir. Acima, um *worg* protegia seu território dos invasores em um piso mais elevado do morro. O animal era muito maior que um lobo comum, pelos em forma de crista adornavam a cabeça e as costas. A fera rosnou e se afastou para esperar os caçadores em outro ponto.

— Depressa, vamos atrás dele! — gritou Goro-Mi, acompanhado pelo outro caçador.

Os adultos se lançaram na direção que o *worg* seguira.

— Rápido, Clancey! Eles não vão nos esperar, molenga! — disse Sara-Mi.

— E-espere, Sara-Mi... — Valek segurou a mão dela. — ...Tem uma coisa que quero te dizer há um ano.

Ela o encarou. Ele levou a mão ao rosto para proteger-se de uma agressão que nunca veio. Com uma expressão maliciosa, Sara-Mi colou o corpo no dele... Algo não estava certo.

— Vai dizer que se apaixonou por mim? — sussurrou ela. — Vai dizer que deseja dar-me um beijo? Que deseja me possuir sobre a neve?

Sara-Mi pressionou a perna contra a virilha de Valek. O prazer tomou conta do garoto de imediato. Aquela sensação era boa, mas... Não estava certo! Ele a empurrou.

— Eu me lembro. Sara-Mi me deu um tapa no rosto quando peguei sua mão. Isso aconteceu há três anos... Eu... Estou sonhando? Quem é você?

Sara-Mi ficou de joelhos na neve, os cabelos dourados cobriam os olhos. Ela abriu a boca, a voz não soou como uma mulher adulta.

— *Não há propósito em perguntar, quando conheces a resposta.*

— Natsvaerd! — ele sacou uma espada que não se encontrava ali antes.

— *Refreia vossos impulsos, assassino de reis. Melhor é poupar vosso aço, unificador dos povos, para que vossa lâmina esteja afiada quando estiveres na presença de um inimigo.*

— Está dizendo que não é minha inimiga?

— *Chamas-me vosso passado e vosso futuro, Valek Clancey. De tudo abriu mão em vosso benefício. E também o fez por Liana... E por Mirya, e...*

— Não conheço nenhuma Mirya!

A menina colocou as mãos nos ouvidos.

— *Apresso-me, apresso-me!* — gritou. — *A Era dos Filhos da Serpente ainda não é chegada.*

— Não entendo nada do que diz. Se é minha amiga, por que invade meus sonhos ao invés de falar cara a cara?

— *Apenas nestas paragens, onde o que já foi e o que nunca será mesclam-se, podeis enxergar com vossos olhos mortais, aquilo que não pode ser visto.*

— Pare de falar por enigmas ou eu... — ela desapareceu bem diante dele. — Onde você está?

Subitamente, ele desmaiou neve. Antes de perder a consciência, ouviu a voz de Natsvaerd trovejar pelas montanhas.

Escutai, escutai com atenção, Valek Clancey, para recordares de minhas palavras no momento adequado...

À sombra de galhos que tocam as nuvens, entre as paredes de um reino caído, sob o olhar dos nags de Ilárdia...

Onde não podes chegar a pé ou a cavalo...

Eu lhe aguardo...

...Adiante, Valek, adiante... Se recuares um passo sequer, tudo estará perdido... Sempre adiante... Sempre adiante...

...Sempre adiante...

Valek despertou na estalagem de Grisalho.

Ele repousava no chão sobre a pele de animal. O corpo suado parecia pesar uma tonelada. Só conseguiu mover-se após alguns minutos, quando ficou mais desperto. Sentiu um contato molhado no lado esquerdo da calça e constatou que tinha gozado enquanto dormia.

— Ótimo! — ironizou.

Não vestia camisa, o peito banhado em suor. A cama vazia. Liana não se encontrava ali.

Livrou-se da calça e, nu, foi até a janela para colocar a peça de roupa no batente para que o calor e o vento a secassem.

Nos fundos da estalagem tudo que se via era mato. A altura do sol indicava ser fim de tarde. O silêncio chegou a lhe dar a impressão de sido deixado para trás, mas afiando os ouvidos, escutou as vozes de Heiten e seus companheiros no estábulo, embora não compreendesse o que diziam.

A grande janela era apenas uma abertura na parede, o sopro da brisa na pele suada esfriou o corpo. O pau estava duro. Como não havia ninguém por perto, ele decidiu aliviar a tensão.

Nesse momento, a porta do quarto abriu-se devagar. Liana quis evitar fazer barulho por não saber se Valek ainda dormia. Surpreendeu-se ao vê-lo despido diante da janela.

Ela admirou o corpo atlético do rapaz, bem trabalhado, mas sem exageros. Os músculos das costas e dos quadris se contraíam. Ele se masturbava sem perceber que era observado. Embora tenha tentado, Liana não conseguiu desviar o olhar.

Valek gozou. Ela voltou para fora e pediu a *Lunna* que afastasse aqueles pensamentos de sua mente. Respirou fundo antes de abrir a porta novamente fingindo ter chegado naquele instante.

— Finalmente acordou, dorminhoco! Pensei que dormiria até a noite... — ela parou de repente. — Você sonhou com Natsvaerd!

— Como sabe? — perguntou Valek ainda na janela.

— Posso sentir a magia dela. — Liana repreendeu-se por seus delírios adolescentes de ainda a pouco, certa de que haviam ofuscado sua percepção.

— Esse sonho foi muito mais vívido que outro... — disse ele. — E mesmo assim não consigo lembrar-me de nada.

— Não se preocupe, agora vou poder rastreá-la facilmente.

— A senhora tinha razão, Natsvaerd só nos deixará em paz depois que a encontrarmos frente a frente.

Valek foi até o criado-mudo, apanhou uma jarra d'água e despejou um pouco na pequena bacia sobre o móvel. Com uma toalha molhada, pôs-se a lavar o corpo suado.

— Podemos confiar em Heiten e nos outros, mãe? — indagou ele.

— Acredito que, por enquanto, sim.

Liana sentou-se na cama e cruzou as pernas. A coxa sensual apareceu pela abertura do vestido cor vinho.

— Finalmente estamos iguais. — disse ela.

— Iguais?

— Você me viu nua no lago, hoje é minha vez de vê-lo.

— A senhora me viu ontem à noite.

— Ver na escuridão da noite não é o mesmo que ver durante o dia. — Liana pensou que essa brincadeira era perigosa. — O que você queria dizer-me mais cedo, filho?

— Eu... — uma ideia lhe ocorreu. — Quero te mostrar uma coisa, mãe.

Ele abriu a gaveta do criado-mudo onde guardara a camisa e a capa, além de um pequeno item que colocou na palma da mão e escondeu colocando a outra mão por cima. Fechou a gaveta e sentou-se ao lado dela.

— Um presente para a senhora. — ele abriu as mãos, revelando o anel de ouro com uma pequena jóia azul incrustada.

— Que bonito! Onde conseguiu?

— O tenho faz um tempo. Eu ia dá-lo para Blie-Mi, mas... Bom... Quero que fique com ele.

— Tem certeza, Valek? Se é uma lembrança de Blie-Mi deve ser especial para você.

— É por ser especial que quero dá-lo à senhora.

Liana ofereceu a mão esquerda. Ele colocou a jóia no dedo anelar gentilmente. O anel serviu com perfeição.

— Não estou acostumada a ganhar presentes, obrigada!

Ela o beijou no rosto.

— Sempre me surpreendo com você, filho. Me cativa nunca saber o que você pensa. — Liana começou a brincar com algumas mechas do cabelo dele. — Desde que entrou na minha vida, as coisas não são mais as mesmas.

Ela continuou mexendo no cabelo do rapaz. Ele pousou a mão na perna dela e acariciou com a ponta dos dedos, a pele macia da coxa ficou arrepiada. Um silêncio cheio de expectativas fez-se por alguns momentos.

— Senhora, não sei como dizer... Eu... Eu a amo, mãe.

— Eu sei, filho.

— Quero dizer... Não assim... Como um filho deve amar a mãe... Estou tentando dizer que...

— Eu sei, Valek. Eu soube desde aquele dia no lago. Posso ver nos seus olhos que está apaixonado.

— Por que não disse nada?

— Porque sou sua mãe. Isso seria errado. Admito que posso tê-lo encorajado em alguns momentos, o que também foi um erro de minha. — e ela acrescentou. — Creio que está apenas confuso com tantas emoções diferentes ao mesmo tempo.

— Eu a amo de verdade, mãe. — ele olhou bem dentro dos olhos dela. — Desde o primeiro momento que a vi. Certo ou errado, não importa. Eu a amo...

— Você não sabe o que diz. É jovem demais para entender o que é amor.

— Não diga isso, não sabe o quanto o meu sentimento é forte. Você é a mulher que amo, mãe.

Liana ergueu o corpo. Os olhos de Valek brilhavam. Ela moveu a mão para o queixo do rapaz, com delicadeza pressionou os lábios contra os dele.

O primeiro beijo de Valek foi longo e suave. Só quando Liana afastou-se devagar o tempo voltou a correr para ele.

— O que foi, mãe? Fiz algo errado, eu...?

— Um beijo. Não posso ir além.

— Por que não?

— Você ainda é meu filho, mesmo depois de tanto tempo separados!

— Mas, senhora... Eu...!

— Vou esperar lá embaixo. — Liana se precipitou pela porta. — Desça quando estiver pronto.

Sozinho, Valek caiu sentado na cama. Inclinou a cabeça para trás até tocar na madeira da parede. Como pudera ser tão idiota? Deveria ter deixado acontecer naturalmente, mas não pode conter-se e arruinara tudo.

Foi até o criado-mudo e viu sua espada embainhada apoiada no móvel ao lado dos braceletes. Tudo ficou claro.

— O que estou fazendo? — disse para si mesmo. — Nunca desisti de uma luta antes.

Não podia abrir mão de seu grande amor assim. De ânimo renovado, vestiu-se, apanhou suas armas e desceu para se juntar a Liana e ao grupo de Heiten.

Havia chegado a hora de partir para encontrar Natsvaerd.

Capítulo XIX

Apenas os Fortes

Pelas aberturas do elmo, Solomon Kotler viu o brilho das chamas fundir-se com o céu vermelho do pôr-do-sol. O fogo consumia o tímido vilarejo nos arredores de *Londinium*, lar de pouco mais de duzentas pessoas. Nem chegava a ser um desafio para a tropa de mil soldados por tudo abaixo.

Tratava-se somente de um exercício para afastar o tédio dos comandados do Rei Desmorto, enquanto ele aguardava a chegada de Baltus. Nada além de uma brincadeira.

Gritos de dor e lamentação acompanhados de pedidos de súplica vinham de todas as partes. Um grupo de rapazes investiu na direção de Kotler armados com ferramentas de fazenda. O Rei Desmorto brandiu seu machado de batalha e os fez em pedaços num piscar de olhos.

Apenas um sobreviveu, um menino de cerca de dez anos de idade. Empunhando um facão, o garoto se desfazia em lágrimas. O machado desceu num golpe seco. Era uma criança, merecia a misericórdia de uma morte indolor.

Uma misericórdia que foi negada a sua filha. Como àqueles jovens, Kotler um dia fora um fazendeiro que tinha apenas suas ferramentas para se defender. E assim como eles, trabalhava na terra quando os invasores chegaram.

Cento e cinquenta anos atrás, um fazendeiro de corpo esguio cuidava do solo com uma enxada. Kotler vivia no campo com sua família. As terras eram pequenas e só conseguiam prover o mínimo necessário para sustentar três pessoas. Uma vida dura, porém nenhum deles se queixava.

— *Por que os reis fazem guerra, papai?* — perguntou Nairi quando foi avisar que o almoço estava pronto.

— As pessoas são ambiciosas, minha filha. Sempre querem possuir mais.

— Até os reis?

— Principalmente os reis, porque quanto mais se tem, mais se quer. Somos afortunados por viver uma vida simples. Como não temos nada, não precisamos ter medo.

Com onze anos, Nairi era uma menina inteligente, meiga e jovem demais para conhecer a maldade do mundo.

— Depressa, vocês dois. A comida vai esfriar! — disse Arlena na porta do casebre.

— Já vamos, querida. — respondeu Kotler para a esposa.

De repente, a expressão de Arlena mudou por completo.

— Querido, veja!

Um grupo de seis soldados da nação inimiga, Ancestria, se aproximava a cavalo. O fazendeiro mandou a mulher e a filha para dentro e foi ter com os soldados. Não sabia o que queriam, mas acreditava poder resolver tudo sem problemas...

A dor tirou Kotler do mundo das lembranças. De volta à realidade, ele viu um rapagão armado com uma foice, cuja lâmina fora cravada no ombro do Rei Desmorto.

Kotler partiu o cabo de madeira com apenas uma das mãos. Retirou a foice do braço, o corte logo se fechou. Assustado, o rapagão recuou.

Virando-se para correr, deu de cara com uma amazona de pele negra trajando uma armadura sensual.

Gya Marla brandiu sua alabarda — um tipo de lança que possui uma lâmina de estocar e outra em forma de machadinha. A arma desenhou um arco no ar, a cabeça do rapaz foi decepada.

— Está ferido, majestade? — perguntou ela.

— Somente um arranhão. — a voz grave soava abafada pelo elmo. — Dê-me seu relatório, chanceler Marla.

— Terminamos aqui, senhor. Quais são as ordens sobre os prisioneiros?

— Não faremos prisioneiros. Executem todos, menos os idosos. Eles se encarregaram de contar a história da força do Rei Desmorte.

— O senhor me permitiria fazer uma observação?

— É trabalho do chanceler aconselhar o rei. Se tiver algo a dizer, diga-o.

— Esse foi um bom exercício para a tropa que o senhor trouxe, mas a maioria dos homens continua no acampamento sem nada para fazer.

— Compreendo. É uma observação razoável. Ouça minhas novas ordens, Gya. Todos os homens, mesmo os idosos e os recém-nascidos devem ser executados. Todas as mulheres que não forem velhas demais serão capturadas e levadas como escravas.

— Sim, majestade!

Quando as tropas de Kotler partiram, pouco restava do vilarejo. Montado no beemote, ele guiou seus homens de volta pela fronteira, além do rio *Thamer*. A ponte de pedra fora puxada para cima pela besta-fera.

Mais tropas de mil soldados foram despachadas. Quando todo o exército de *Lestonor* se reuniu na madrugada, o saldo era de quatro vilas massacradas e quase quatrocentas mulheres capturadas. Os gritos das prisioneiras sendo estupradas foram abafados pelos sons de celebração dos soldados após verem alguma ação depois de semanas parados. Até mesmo o beemote saciara sua fome com a carne dos aldeões.

Kotler encontrava-se em sua barraca, a maior do acampamento, quase uma tenda. O espaço era ocupado por uma cadeira robusta que servia de trono, uma cama improvisada, uma grande mesa sobre a qual um mapa da fronteira repousava e outros objetos menores do dia a dia.

Marla achou que o Rei Desmorte parecia mais inquieto do que de costume. Com uma garrafa de vinho em uma mão e a taça na outra, ele vestia somente uma calça, o tronco forte e marcado por cicatrizes exposto.

Após os últimos capitães deixarem a tenda, Kotler largou-se sobre o trono improvisado e sorveu um grande gole de vinho.

— O senhor parece abatido, majestade. — perguntou Marla.

— Agradeço sua preocupação, Gya. — disse ele distante. — Entretanto, terminamos por hoje, pode retirar-se.

Ela fez uma leve reverência.

— Sei que não se recorda, majestade, mas nos encontramos uma vez quando eu era criança.

— Realmente?

— O senhor tinha ido à capital de *Nagherin* para inspecionar uma mina de aço taringolês onde meu pai era capataz. Mandaram que eu ficasse longe, mas fiquei tão fascinada em ver um rei de perto que furei a linha dos guardas. Fui até o senhor, segurei sua capa e disse que seria sua rainha um dia. O senhor olhou para mim e respondeu...

— “Apenas os fortes realizam seus desejos”. Lembro-me vagamente. — ele tomou um gole de vinho. — É uma lembrança feliz?

— Aquele momento me fez ser quem sou hoje.

— Lembranças não me agradam, nem mesmo as boas. — mais um gole. — De nada adianta olhar para o passado. O que aconteceu não pode ser mudado.

— Tem razão, majestade. — ela chegou perto do trono. — Me permitiria fazer um pedido como súdita?

Marla soltou as travas da placa que protegia o peito e removeu a armadura. Como o interior do peitoral era forrado com tecido, ela não usava nenhuma peça de roupa por baixo. Os seios morenos apareceram. Retirou também a parte que cobria o quadril, não possuía nenhum pelo no corpo.

Marla ajoelhou diante da cadeira, inclinando-se sobre o colo de Kotler.

— Sempre quis saber como seria ter o pau de um rei entre minhas pernas. — disse ela.

— Vá deitar-se, chanceler.

— Não o agrado, majestade? — ela tirou o pênis flácido para fora da calça.

— Como pode ver, não tenho disposição para o ato.

— Eu o deixarei disposto, meu rei.

Marla usou as mãos e a língua, provocando em Kotler sensações há muito esquecidas. O pênis logo enrijeceu, ela passou a usar a boca. A mente do rei foi invadida por imagens da época em que era somente um fazendeiro.

Ele agarrou Marla pelos braços. Lutando para afogar aquelas memórias, Kotler abocanhou um dos seios, quase engolindo o mamilo preto.

— Sim, majestade, é assim que eu gosto! — Marla tremia de excitação.

Sem cerimônia, Kotler a jogou em cima do mapa estendido sobre a mesa, baixou a calça e a penetrou com força.

A amazona não se conteve, seus gritos de prazer podiam ser ouvidos do lado de fora da tenda. O rei a possuía com estocadas vigorosas. Ele aumentou a intensidade do movimento, como se quisesse perder-se no interior quente e úmido de Marla. Ela se agarrou na lateral da mesa.

Kotler sentiu o orgasmo chegando. Era assim que sufocaria de uma vez por todas as lembranças daquela outra vida, do homem que há muito deixara de ser. O fazendeiro estava morto, o rei imortal vivia.

Mas quando estava prestes a ejacular, ele sentiu uma pontada no coração. Gotas de sangue enegrecido pingaram do nariz sobre a barriga de Marla.

— Majestade?!

Kotler foi ao chão com a mão no peito. O coração havia parado de bater. Sangue negro escorria pela boca. Ela pensou em chamar por socorro, mas isso exporia um momento de fraqueza do rei a seus súditos. O que faria?

— Não é capaz de salvá-lo, minha cara. Afaste-se e dê passagem para àquele que pode fazê-lo.

Marla viu um homem de idade avançada, trajando um manto azul adentrar a cabana com a confiança de quem sabia o que iria encontrar. Ela o conhecia de vista. Era aquele a quem chamavam de Baltus, o Feiticeiro.

— Solomon, alertei que teu coração não suportaria o rigor de uma campanha. — disse o feiticeiro. — Calma que nada está perdido ainda! Por minha honra, o Rei Desmorto verá o sol nascer de novo!

Capítulo XX

A Verdadeira Natureza Humana

Um século e meio antes da marcha rumo à Londinium, o fazendeiro Kotler se aproximou do grupo de meia dúzia de soldados de Ancestria.

O cheiro de álcool os impregnava, os semblantes exibiam uma expressão agressiva. Foi até eles, afastando-se da casa e também de Nairi e Arlena.

— Paz, meus amigos! O que desejam de um humilde fazendeiro sem nenhum centavo no bolso?

Aquele que parecia ser o líder desmontou, os demais soldados o imitaram.

— Não tem dinheiro, verme? Podemos dar um jeito nisso! — o líder riu embriagado. O hálito era insuportável. — Eu vi uma mulher e uma garota entrarem nesse barraco. São sua esposa e filha?

— P-perdão, mas acho que está enganado. E-eu vivo aqui sozinho.

— Não minta pra mim! Meus homens querem foder umas bucetas, como fomos expulsos da taverna, você vai nos ajudar. — os soldados empolgaram-se, o líder continuou. — Quanto quer para nos emprestar as duas?

— O q-quê?! Nem por todo o ouro do mundo eu poderia...

Antes que Kotler terminasse a frase, o punho do líder dos soldados o atingiu com força no estomago fazendo-o se dobrar.

— Vão lá dentro, peguem as duas! — ordenou o líder.

— Não! — gritou Kotler no chão.

O fazendeiro recebeu uma joelhada no maxilar. Caído, recebeu dúzias de chutes do líder e de dois soldados.

— Devia ter aceitado o dinheiro, imbecil! Veja o que vai ganhar agora!

O líder tirou o pênis para fora e mijou no rosto de Kotler. Os soldados gargalharam. O fazendeiro foi arrastado pelos cabelos para dentro do casebre onde Nairi e Arlena já haviam sido dominadas.

— Papai! — gritou a jovem Nairi.

— Parem! — implorou Arlena.

— Não! — Kotler tentou se erguer, mas foi derrubado novamente.

— Façam ele ficar quieto! Quebrem as pernas! — ordenou o líder. Os homens obedeceram.

Arlena e sua filha Nairi tiveram os vestidos rasgados.

Por horas, os seis soldados as violentaram seguidamente. Kotler testemunhou tudo. Ao menor sinal de reação, ele recebia outra surra.

No fim, o líder ordenou que Nairi e Arlena tivessem as gargantas cortadas. Depois mandou seus homens atearem fogo na casa.

— E esse aqui? — perguntou um soldado apontado para Kotler.

O líder examinou o estado do fazendeiro. O rosto desfigurado, o corpo ensanguentado, inúmeros ossos quebrados.

— O fogo termina o serviço.

Os soldados partiram, deixando Kotler mais morto que vivo na companhia dos cadáveres da mulher e da filha.

Queria tê-las protegido, mas não possuía a força de que precisava. O cheiro da fumaça invadiu suas narinas. Logo, a Dama Sem Rosto viria levá-lo para junto de Arlena e Nairi. Pediria perdão às duas quando as reencontrasse. A consciência desapareceu.

O sol nascia quando tornou a abrir os olhos. Ainda estava vivo, para sua tristeza, caído nas cinzas do que sobrara do casebre. Um homem de idade avançada o encarava com curiosidade.

— Olhando para tua condição e para esse sítio, creio que de nada adiantaria desejar-lhe um bom dia.

— Me... mate... — Kotler precisou reunir todas as forças que lhe restavam para aquele apelo.

— Tal atitude seria um desperdício de energia. É um milagre que a Dama Sem Rosto ainda não tenha levado tua alma. — o homem de manto azul coçou o queixo pensativo. — Certamente, isso há de ser alguma coisa. É possível que o destino tenha me trazido até este lugar para colocar minha magia a teu dispor.

— Vai... me... curar...?

— De forma alguma! Seu estado atual está além de qualquer cura. Já está morto, fazendeiro, e não há magia capaz de ressuscitar os mortos. Ainda assim, posso oferecer-lhe outra opção. — ele se abaixou para encarar Kotler mais de perto. — Meu nome é Baltus, posso ajudá-lo a desmorrer...

Aos poucos, a respiração do Rei Desmorto retornou a um ritmo instável. Kotler recostou-se na robusta cadeira-trono enquanto Baltus examinava seu pulso. Marla terminou de se vestir.

— Onde encontra-se o chanceler Talbor, amazona? — perguntou o feiticeiro. — Supõe-se que ele deveria estar próximo para ajudar o rei em um momento como este.

— Ele está morto, mestre Baltus. — respondeu Marla. — Vossa Majestade me encarregou de suas funções.

— Uma amazona chanceler?! Ainda é capaz de surpreender-me, Solomon!

Ela não soube o que dizer. Kotler tomou a palavra.

— Naturalmente, Gya, compreende que não deve contar a ninguém sobre este ocorrido. — a voz dele soava ligeiramente ofegante.

— Não sei de qual ocorrido fala, majestade.

— Ótimo. Vá agora.

Marla fez uma mesura e deixou a tenda. Baltus a mediu da cabeça aos pés. Depois o feiticeiro dirigiu-se ao rei.

— Solomon, antes de partir, o alertei a respeito de teu coração. E como se não bastasse expor-se a uma campanha, o encontro deleitando-se com os prazeres da carne!?

— Não preciso prestar contas sobre esses assuntos, velho amigo. — Kotler recuperara o tom manso de falar.

— Seja como for, é reconfortante ver que, enfim, está superando o passado.

— Não estou superando, estou esquecendo-me. Não consigo recordar-me de nada antes de casar-me com Arlena.

— Padeço do mesmo mau. A memória não se expande para se ajustar à condição da imortalidade... Uma imperfeição no feitiço, por certo... Assim como os primeiros anos da infância apagam-se das memórias de uma criança, as lembranças de sua antiga vida devem nublar-se com o tempo.

— Está dizendo que eventualmente, esquecerei-me delas?

— Não tenho resposta para essa questão, Solomon. Imagino que as memórias mais importantes permanecerão. Como a fatídica morte de tua família, por exemplo.

— Disso jamais esquecerei. — Kotler se postou de forma imponente, como se estivesse mesmo sentado no trono do castelo. — Por muito tempo, acreditei que era a ambição que movia os homens, mas naquele dia percebi estar enganado. Os soldados que nos atacaram saíram de mãos vazias, não houve ganho algum para eles. A única razão de terem feito aquilo, foi o fato de poderem fazê-lo. A lei que governa os homens é a lei do mais forte!

— Está certo do que diz, Solomon?

— Tudo ficou claro quando dei-me conta disso, Baltus. Na floresta, os animais mais fortes devoram os mais fracos, na sociedade não é diferente. O maior desejo de um homem que possui poder é devorar todos os outros homens que também possuem poder. Pense bem, até as crianças maiores batem nas menores. Impor a própria vontade pela força é a verdadeira natureza humana.

Baltus mexeu em sua bolsa, meditando sobre as palavras de Kotler.

— Um ponto de vista fascinante, Solomon. Embora eu não compartilhe desta visão. Sempre acreditei que somos todos náufragos no mar do destino. Meras vítimas da vontade dos deuses.

— Ver a si mesmo como um simples brinquedo não é um pensamento deprimente?

— Talvez o seja para peças menores, como um camponês, que não passa de um mero peão. Entretanto, essas pessoas não dispõem de tempo hábil para

meditar sobre a vida. Quanto a mim, fui escolhido por *Lunna* e *Solari* para ser uma peça importante e sinto-me honrado por gozar de tal condição.

— Agora entendo seu medo da profecia que fala sobre o guerreiro de cabelos flamejantes.

Baltus retirou um punhal de dentro da bolsa.

— De fato, estou certo de que Valek Clancey é aquele destinado a reclamar-lhe a cabeça, Solomon. No entanto, me parece que estou sozinho em meus temores.

— Eu sou imortal, Baltus! Estou em guerra com nossos mais poderosos e antigos inimigos! Espera que eu tenha medo de um ninguém? De um qualquer que não tem onde cair morto?

— Peço perdão se me expressei mal, mas se há algo que aprendi em meus mil anos de vida é que nada é realmente eterno. Todos morrerão um dia, mesmo os imortais. É impossível escapar a este destino.

— Que hoje não seja o meu dia. Qual é seu diagnóstico?

— Uma sangria deve recuperar-lhe as forças, porém, trata-se de uma solução temporária. — Baltus mostrou o punhal. — Somente um novo coração o remediará por completo.

— Faça o serviço, Baltus. Encontraremos o coração em breve.

— Devo alertá-lo que isto será consideravelmente desagradável.

A resposta de Kotler foi um resmungo. Com um semblante determinado, o rei apoiou o braço direito na cadeira-trono com a palma virada para cima e fechou o punho com força. A artéria do cotovelo se destacou.

Baltus sussurrou palavras mágicas. As veias do braço começaram a inchar à medida que o fluxo de sangue concentrava-se em torno do cotovelo. O rei trincou os dentes, os músculos queimaram por baixo da pele. O feiticeiro fez um corte na artéria. O sangue negro se derramou pela ferida em grandes quantidades.

— Mantenha-se firme, Solomon, até todo o sangue ruim sair!

Alheia ao que acontecia dentro da tenda, Marla recobrava-se do susto do lado de fora em meio a algazarra dos soldados.

— Chanceler! — chamou uma voz masculina.

Ela viu alguns homens trazerem uma mulher encapuzada pelo braço.

— Pegamos essa espiã tentando entrar no acampamento.

— Afaste as patas de mim, animal imundo! — debateu-se a prisioneira. — Já disse que não sou espiã!

A entonação e a maneira de pronunciar as palavras deixaram claro para Marla que se tratava de uma nobre. O soldado ofendido ergueu a mão para esbofetear a mulher capturada, mas a chanceler o conteve.

— Tire as mãos dela! — e dirigiu-se para a cativa em um tom respeitoso, mas firme. — Sou a chanceler Marla. Diga seu nome e seu negócio.

A estranha removeu o capuz. Sua beleza surpreendeu os soldados. O porte elegante, mesmo em trajes comuns, a fazia parecer ainda mais alta do que era naturalmente. A brisa noturna soprou nos fios de cabelo platinados.

— Sou Acássia Garet, filha do lorde Garet, de *Londinium*. Vim para forjar uma aliança com o rei Solomon Kotler!

Capítulo XXI

Outro Lugar

Uma leve brisa noturna soprava. Liana concentrou-se para expandir a consciência. A cicatriz em forma de crescente aqueceu o peito. Com o olhar voltado para dentro, ela enxergou uma chama distante na escuridão e sentiu a presença daquela que procuravam.

— Vamos nessa direção. É lá que encontraremos Natsvaerd.

O grupo fazia os últimos preparativos. Heiten e seus companheiros haviam levado um cavalo extra que foi oferecido à Valek. Liana recusou receber uma montaria própria. Seu vestido com aberturas laterais não era adequado para cavalgar, por isso ela decidiu ir com o filho. O cavalo velho que montavam fora vendido para Grisalho por meia prata numa negociação difícil.

— Aqui, senhora... Dê a mão. — Valek a ajudou a montar na garupa.

Ela ficou satisfeita em vê-lo tão disposto depois do ocorrido entre eles no quarto da estalagem.

— Essa é a busca mais estranha que já participei. — disse Heiten incrédulo.
— Sair por aí à procura de uma mulher misteriosa que vocês viram em sonhos!?

— Algum problema? — desafiou Valek.

— Este canto do reino é bastante inóspito. — Ramue coçou a barba bem aparada. — Seria de esperar que a presença de uma feiticeira despertasse todo tipo de histórias, mas Grisalho e a esposa não sabia de nada a esse respeito, e estalajadeiros sempre sabem de tudo que se passa nas redondezas.

Liana percebeu o que pretendiam dizer.

— Caso tenham esquecido, a ideia de nos juntarmos partiu de vocês, esfarrapados.

— De nada adiantará ficar aqui discutindo, isso é fato. — disse o vozeirão de Kal. — Por que Suila-Ne demora tanto?

— Alguma dúvida? Vinho, é claro! — brincou Ramue.

A *acari* loira chegou ao estábulo com uma bota de vinho estufada de tão cheia. Seus amigos riram. Ela tomou um gole da bebida e ofereceu a Heiten antes de montar em seu cavalo.

— Pelo menos o vinho de Grisalho é bom? — perguntou Heiten.

Suila-Ne fez uma careta e balançou a cabeça, novas risadas surgiram. A bota de vinho passou de mão em mão. Valek pensou um pouco antes de aceitar, mas tomou um gole também, assim como Liana. Com os preparativos terminados, o grupo partiu.

Seguiram em um ritmo calmo na direção indicada por Liana, que os levou para fora da estrada. Guiaram os cavalos por um longo tempo através do campo aberto, ligeiramente rochoso. Adentraram uma mata de árvores altas de troncos finos, cujas copas não ocultavam a luz da lua cheia.

Novamente em área aberta, viram-se em terreno elevado, onde o mato alcançava os joelhos das montarias. A direção que seguiam os levou a um barranco íngreme. Precisaram fazer uma grande volta para descer até o nível de um rio que corria mansamente.

— Vamos fazer uma pausa para descansar os cavalos. — sugeriu Heiten. — Deve ser quase meia-noite.

O grupo apeou e conduziu os animais para beberem água. Também aproveitaram para encher os cantis. Para Liana, a parada foi providencial, já que perdera o rastro de magia por conta do desvio.

— Tudo bem, mãe? — perguntou Valek.

— Está tudo errado. — sussurrou ela. — Eu deveria sentir a presença de Natsvaerd cada vez mais claramente, mas depois de cavalgar por horas, a intensidade da sensação não mudou. É como se a distância continuasse a mesma.

— Poderia olhar minhas memórias como fez com Heiten para ver meu último sonho com ela?

— Isso seria impossível, lembranças de sonhos são diferentes. Não consigo pensar em outra solução além de persistir.

Eles retornaram para junto dos demais. Suila-Ne aproveitou a pausa para beber mais um gole de vinho, sem oferecer a ninguém dessa vez. Ramue dedilhou a harpa. Kal parecia ser o mais bem disposto.

— Essa região é tão inóspita que devemos ser os primeiros a caminhar por essas terras em muitos anos!

— Mas não somos os primeiros em todos os tempos. — disse Liana. — O antigo reino dos druidas ficava por aqui.

— Já ouvi falar deles. — atalhou Ramue. — Eram um povo antigo, certo?

— Os druidas eram muitos mais ligados à natureza e a magia do que nós. Dizem que eles ergueram um reino nessas paragens mil anos atrás. Um reino que desapareceu da noite para o dia.

— O que aconteceu?

— Quem sabe? Algumas histórias dizem que foram amaldiçoados. Outras contam que os druidas partiram desse mundo para outro lugar, graças a uma magia poderosa.

— Fascinante! — Ramue fez uma reverência. — Sua inteligência é tão admirável quanto sua beleza, Liana.

— É melhor ficar menos admirado! — Valek se pôs entre eles.

A cena provocou risos em Suila-Ne e Kal. Heiten os acompanhou.

— Vamos cavalgar, pessoal. — disse o guerreiro de cabeça raspada. — Se não encontrarmos a nossa feiticeira, talvez possamos achar algum tesouro que os druidas deixaram para trás.

Colocaram-se em movimento novamente, porém a busca não rendeu resultados. Cavalgaram madrugada adentro sem se depararem com nenhum sinal de viva alma.

— Chega por hoje. — declarou Heiten. — Logo vai amanhecer, vamos procurar um lugar para acampar.

Pararam próximos a um declive natural. Liana frustrada por não encontrar pista alguma do paradeiro de Natsvaerd. Seu pé mal tocou na grama quando percebeu uma presença além do declive, mas teve certeza de que não se tratava de uma pessoa.

— Há um animal ali.

Antes que ela terminasse de falar, um cavalo robusto e imponente apareceu no alto do declive, de pelo tão negro que não fosse pelo contraste com a lua cheia

ao fundo, seria difícil vê-lo. Um forte relinchar foi ouvido. A longa crina e a cauda balançavam livremente. Um chifre em forma de lâmina adornava a fronte.

O grupo ficou atônito ante aquela aparição.

— Não pode ser...! — disse Liana estupefata. — É um unicórnio! Pensei que eram apenas lendas.

Ramue buscou fixar cada detalhe na mente para escrever uma canção mais tarde. Kal ficou maravilhado. Heiten permaneceu em silêncio. Suila-Ne disse a si mesma que aquela viagem já valera a pena apenas pela chance de ver um animal assim. Valek admirou-se ao mesmo tempo em que a visão lhe trouxe fragmentos de uma lembrança, de ver um *worg* no meio da neve.

O unicórnio empinou nas patas traseiras como se lançasse um desafio e mergulhou na noite.

— Vamos! — bradou Heiten. — Essa é uma montaria digna de um rei, não podemos deixar escapar!

Suila-Ne, Kal e Ramue subiram em seus cavalos sem demora. O grupo partiu apressado.

— Isso é obra dela, Valek! — disse Liana. — Natsvaerd enviou esse animal.

Valek deu a mão para que sua mãe subisse novamente e fustigou o cavalo a um ritmo acelerado. A cavalgada subiu pelo declive e escalou um pequeno morro. O som de uma queda d'água alcançou os ouvidos do grupo. Os cavalos chegaram ao ponto mais alto do morro e iniciaram uma descida até o leito de um rio. Uma cachoeira descortinou-se diante deles.

— Calma, devagar. — à frente de todos, Heiten fez sinal para que diminuíssem a marcha. — Olhem!

O unicórnio caminhava sobre a superfície do rio. Com um leve relinchar, o corcel dirigiu para a queda d'água e a atravessou.

— Que animal magnífico! — exclamou Ramue. — Para ele a água é como terra firme!

— Deve haver uma caverna atrás da cachoeira. — disse Kal.

— Já vamos saber. — disse Heiten.

O guerreiro de cabeça raspada amarrou as rédeas de seu cavalo em volta de uma das muitas rochas na margem do rio. Suila-Ne, Kal e Ramue o imitaram.

Logo os quatro estavam com água até a cintura. Seguiram para a cachoeira, sumindo no meio dela. Valek e Liana vinham logo atrás.

— Depressa, filho. Antes que os esfarrapados façam alguma idiotice.

— Estou quase me lembrando do sonho...

Valek entrou no rio e estendeu a mão para ajudar a mãe. O frio os deixou arrepiados.

— Natsvaerd disse uma palavra... — continuou ele. — O nome do lugar onde ela está... O nome era... Que barulho é esse?

Mesmo com o ruído da cachoeira, foi possível ouvir o som de um corpo mergulhando, seguido de outros três sons iguais. Valek desembainhou a espada.

— Fique atrás de mim, senhora.

O rapaz e a sacerdotisa caminharam pelo leito do rio na direção da cachoeira. O fluxo não era muito forte.

Os cabelos molhados grudaram na testa. As roupas ficaram encharcadas. Ele foi o primeiro a passar. Assim que cruzou a queda d'água, viu as paredes de uma grande caverna que se estendia para baixo. No passo seguinte, seu pé não encontrou o chão, ele precisou agitar os braços para não cair.

Diante dele, tudo que existia era uma parede de rocha. Nada de solo, exceto pelas pedras escorregadias onde se encontrava. Mas parecia haver água no fundo da caverna.

— Venha com cuidado! — ele precisou elevar a voz para superar o som da cachoeira. — Não há onde pisar!

— Grande Mãe *Lunna*! — Liana segurou no braço de Valek para manter o equilíbrio. — Pularam ou terão caído?

Por alguma razão a lembrança do sonho se tornou nítida na mente do rapaz.

— *Ilárdia*! Eu me lembro, Natsvaerd está em um lugar chamado *Ilárdia*!

— Não pode ser! *Ilárdia* era o nome do reino dos druidas!

Nesse momento, a sapatilha de Liana escorregou. Valek tentou segurá-la, mas ambos caíram.

Mergulharam na escuridão, caindo no lago no fundo da caverna, bem mais profundo do que imaginavam. Valek procurou Liana sem perceber que perdera a espada durante a queda. A mão do rapaz alcançou a dela. Viram uma claridade na superfície do lago, nadaram para cima até sentirem o ar voltar aos pulmões e a luz do tocar os rostos.

— Acalmem-se, está tudo bem agora. — disse Heiten amparando Liana, enquanto Kal ajudava Valek. — Podem ficar de pé.

Ainda dentro da água, a bota do jovem ruivo tocou piso firme, de repente. De fato, Kal encontrava-se bem a seu lado. Erguendo os olhos, Valek viu muros semi-destruídos cobertos de trepadeiras. A água do que deveria ser o lago da caverna reduzida a um líquido verde escuro lodoso, que lhe batia na altura da canela. Ele notou uma estatua à suas costas. A escultura retratava uma figura feminina segurando uma ânfora acima da cabeça. Da cintura para cima, a imagem era de uma bela mulher, porém da cintura para baixo, corpo se transformava em uma cauda de serpente.

— Uma fonte?! — concluiu ele. — Mergulhamos em um lago, mas saímos em uma fonte. Como é possível?

— Tem alguma ideia, Liana? — disse Kal. — Porque nenhum de nós sabe o que aconteceu.

Ela enxugou o rosto da melhor maneira possível antes de responder.

— Só consigo pensar que a cachoeira não era somente uma simples queda d'água. Era um portal mágico!

— Um portal?! — surpreendeu-se Ramue.

— Não estamos mais em *Lestonor*, estamos em... Outro lugar.

Suila-Ne emitiu um som gutural e apontou para algo atrás de Liana.

— Já tínhamos percebido que aqui não é *Lestonor*. — disse Heiten.

A sacerdotisa deu-se conta de estar à sombra. Virando-se ela e Valek viram o que bloqueava o sol. Ao longe, a face de *Solari* nascia atrás de uma árvore gigantesca. A sombra do tronco colossal poderia cobrir uma cidade inteira e os galhos, cobertos de folhas amareladas, estendiam-se até as nuvens.

Liana já não tinha dúvidas de onde se encontravam.

— Viemos parar no antigo reino druida... Estamos em *Ilárdia*.

Capítulo XXII

Nagas de *Ilárdia*

Suila-Ne e Ramue andavam de um lado para o outro dentro da antiga fonte, com a água lodosa pelos tornozelos. Ele batia com o arco no fundo da fonte, enquanto a *acari* pisava mais forte aqui e ali. Após uma minuciosa inspeção ela meneou a cabeça.

— Também não encontrei nada. — disse Ramue. — É impossível voltar à caverna por aqui.

— Portais mágicos são passagens que abrem apenas de um lado.

O grupo ainda se recobrava do susto de cair em um lago dentro de uma caverna e emergir em uma fonte nas ruínas do reino dos druidas *Ilárdias*.

Suila-Ne se livrara do traje de pele de gamo, que pesava uma tonelada quando encharcado e vestia a camisa sem mangas de Heiten. O noivo da *acari* passou a mão pela cabeça raspada pensando nas opções.

— Teremos que encontrar outro caminho para sair. — disse ele.

O guerreiro negro, Kal, enxugava a lâmina de sua cimitarra quando se atentou a um fato.

— O que houve com sua espada, Clancey?

— A perdi no lago da caverna. — respondeu o rapaz sem jeito.

Até Liana sabia que para um guerreiro, poucas coisas eram mais humilhantes do que perder a arma. Decidiu intervir para desviar a atenção.

— Vamos para lá. — ela apontou para a árvore colossal no horizonte. — Sinto a magia de Natsvaerd próxima.

— É uma visão sem igual! — exclamou Kal, admirando a gigantesca copa que alcançava as nuvens.

— Os galhos do topo desaparecem entre o azul do céu. — admirou-se Ramue. — Uma maravilha, sem dúvida!

— É a *Yggdrasil*. — disse Liana. — Contam que ela foi plantada pelos próprios deuses!

— Iremos até a árvore depois de descansar. — atalhou Heiten. — Mesmo que não encontremos nada, vale a pena ver isso de perto.

Repousaram à sombra por algumas horas. Com as energias refeitas, os seis começaram a caminhada.

Embora, a *Yggdrasil* os maravilha-se, as ruínas de *Ilárdia* não inspiravam o mesmo encanto.

A vegetação crescia desordenada em meio a paredes semi-destruídas, edificações parcialmente de pé e restos de casas. O céu cinzento projetava uma atmosfera lúgubre. O silêncio absoluto ajudava a completar a sensação de abandono. Passaram por estátuas semelhantes a da fonte: homens e mulheres com cauda de serpente. Poucas permaneciam inteiras, as trepadeiras as cobriam.

— Nunca tinha visto imagens como estas. — comentou Ramue.

— Eu vi em livros antigos. — disse Liana. — Essas criaturas são nagas.

Valek lembrou-se de um pouco mais do sonho que tivera na estalagem.

— Natsvaerd disse que aguardava sob o olhar dos nagas de *Ilárdia*.

— Ela devia estar falando das estatuas. Os nagas são apenas lendas.

— Hum... hum...!

Suila-Ne cutucou o braço de Heiten apontando algo.

— Tem um cadáver ali.

Havia um esqueleto caído junto a um muro. A figura trajava os trapos de suas antigas roupas. A mão segurava uma espada cuja lâmina repousava entre as próprias costelas.

— Será um dos antigos druidas? — questionou Ramue.

— Não creio. — Kal examinou a ossada. — Ossos não duram mil anos expostos ao tempo. Esse corpo deve ter no máximo uma década. Quem quer que fosse, parece ter cometido suicídio.

— Preferiu um fim rápido a morrer de fome. — disse Heiten.

— Será mesmo? Há duas marcas no osso do ombro. Parecem presas.

Valek abaixou junto ao corpo para retirar a espada das costelas. A mão do esqueleto se separou do braço.

— Ele não vai mais precisar disso. — o rapaz tirou a mão esquelética do cabo da espada.

A lâmina estava cega. Valek prendeu a ponta em uma fresta do muro. Com a sola da bota ele partiu a espada ao meio. Depois, ensaiou algumas estocadas. Pouco, mas melhor que nada.

Depois de meio dia de caminhada, pararam à sombra do que parecia ter sido um templo. O teto desabara há muito. Apenas parte das paredes estava de pé. O mato forrava boa parte do chão. No saguão principal, se depararam com uma dúzia de pilares dispostos em círculo, alguns deles jaziam no chão.

Enquanto os outros procuraram um lugar para se sentar, Liana foi ao centro do círculo, imaginando que tipos de rituais e celebrações aquele local testemunhara. Uma pequena parte do solo de terra batida afundou ligeiramente sob sua sapatilha. Ela recuou por garantia.

A sacerdotisa pensou que, se possível, gostaria de atravessar a passagem novamente algum dia acompanhada de Téssia e outras colegas para estudar aquelas ruínas.

Uma sensação a alcançou.

— Não estamos sozinhos!

— É ela? — perguntou Valek.

— Não, é algum tipo de animal grande.

— O unicórnio? — atalhou Heiten.

— Parece ser outro tipo de animal. Mais selvagem e mais perigoso.

De imediato, todos se levantaram com as armas em punho. Heiten tirou a espada de duas mãos da bainha, Suila-Ne sacou as espadas curtas, Ramue aprontou o arco, Valek segurou firme a lâmina quebrada, Kal desembainhou a cimitarra.

Ouviram um sibilar ameaçador. Kal viu algo serpentear pelo canto do olho. Vasculhou os arbustos fora do círculo de pilares.

— Não encontrei nada.

O guerreiro negro de *Nagherin* se virou para o interior do círculo. Nisso, um grande vulto emergiu por trás dos destroços de um muro. A estranha figura movia-se tão silenciosamente que Kal nem percebeu sua presença até uma cabeça esverdeada morder-lhe ombro com violência.

— Aaargh!

— Kal!!! – gritou Heiten.

Com fortes dores, Kal foi ao chão se contorcendo. A queda do guerreiro permitiu que os demais pudessem ver quem o atacara.

Por um instante, pensaram ser um homem de tronco robusto e braços fortes, mas logo perceberam tratar-se de um monstro de aspecto humanóide. A pele escamosa era verde, o rosto possuía traços que lembravam uma cobra. Da cintura para baixo, o corpo era de serpente, com uma longa cauda.

— Grande Mãe *Lunna*! — exclamou Liana. — É um naga!

O naga mostrou as grandes presas e a língua bifurcada, emitindo um sibilar assustador. Na mão, ele trazia uma pedra afiada em forma de lâmina. Ramue disparou uma flecha, mas o naga esquivou-se com uma agilidade surpreendente.

A criatura serpenteou por entre as ruínas contra o grupo. Com um grito, Heiten lançou-se contra o monstro. A investida foi contida pela espada de pedra. Erguendo seu enorme corpo, o naga contra-atacou e pôs Heiten na defensiva.

Suila-Ne avançou pelo flanco, a fera agitou a cauda. Com um salto, ela esquivou do movimento, mas antes do tocar o solo foi atingida por uma nova ondulação. Heiten continuou lutando. O naga agarrou seu pescoço com a mão livre e o jogou contra um pilar.

Nesse momento, a criatura emitiu um grito de dor. Valek enterrou a espada quebrada na cauda de serpente.

Tomado pela raiva, o naga voltou-se contra o rapaz ruivo. Valek correu por entre os pilares, a criatura serpenteou atrás dele, aproximando-se cada vez mais. O naga investiu na descendente, mas o jovem conseguiu saltar de lado para evitar o ataque, porém, sua garganta foi agarrada. O monstro exibiu as presas preparando-se para uma mordida, o veneno pingava.

Uma grande labareda de fogo verde levantou-se do solo entre eles. O efeito durou apenas um momento, mas foi o suficiente para fazer o naga soltar Valek.

A criatura voltou-se contra Liana. A sacerdotisa ainda estava no centro do círculo com a mão estendida após lançar o feitiço de fogo. O monstro ergueu o corpo. Súbito, uma flecha riscou o ar, atingindo-o no peito.

Com grande velocidade, Ramue disparou outra seta e mais outra. Valek aproveitou a chance para enterrar sua lâmina no tronco verde. Outra flecha atingiu o peito coberto de escamas.

O naga baixou sua espada de madeira. O enorme corpo tombou para frente. Liana recuou, pisando na parte afundada do solo. O chão fugiu, ela caiu por um estreito buraco.

— Mãe!!!

Valek correu, mas o corpo do naga caiu sobre o buraco.

O rapaz tentou mexer o corpanzil da criatura. Ramue juntou-se a ele. Mesmo o esforço combinado dois não foi capaz de mover o corpo mais que alguns centímetros. Apenas o suficiente para espiar o buraco com dificuldade. Valek se abaixou para ver melhor, mas antes que o fizesse, uma gota de um líquido gelatinoso pingou perto de sua mão.

Erguendo o rosto devagar, o rapaz deu de cara com uma naga fêmea. Ele precisou se esquivar para trás para fugir da mordida.

— Tem mais um aqui! — alertou Ramue.

— Desse lado também! — retrucou Heiten.

Um naga masculino se aproximou de Heiten e Suila-Ne. No chão, Kal continuava a se contorcer. Valek levantou sua lâmina partida mais uma vez, sem conseguir parar de pensar no que teria acontecido com sua mãe.

Liana abriu os olhos em meio a dores espalhadas pelo corpo. O rosto jazia sobre a grama, mas as pernas estavam dentro da água.

— Onde estou?

Próxima a ela, havia uma rocha esculpida na forma de uma cabeça de serpente bem diante de si. Dentro da boca da serpente, uma chama projetava uma luz esverdeada. Ela viu outras rochas como aquela pelo gramado.

Percebeu estar dentro de uma imensa câmara circular. Mais adiante, parte do piso gramado seguia para cima dando voltas em torno da parede de madeira viva. Correntes estendiam-se no alto da câmara. Um novo brilho intenso a ofuscou e Liana começou a entender tudo que se passava...

Capítulo XXIII

Câmara Mortuária

A naga fêmea serpenteou sobre o corpo sem vida do macho. A língua bifurcada lambeu o ar um par de vezes antes da criatura exibir as presas afiadas. Valek deu alguns passos para trás segurando com firmeza o cabo da espada quebrada. Ele pensou que não havia tempo a perder.

Liana desaparecera dentro de um buraco debaixo do corpo do naga derrotado. Podia estar ferida. Precisava ir em seu socorro.

— Sai... — disse ele entre os dentes. — Sai da minha frente!!!

Com um grito, Valek atacou a naga. O monstro escapou do ataque com extrema agilidade. A cauda de serpente enrolou no pé do rapaz. Tomado pela raiva, ele atacou com a ponta da lâmina sucessivamente.

Ramue tomou posição e preparou o arco. Uma flecha atingiu o olho da naga sem penetrar o bastante para matar. A criatura urrou de dor e fugiu por entre as ruínas.

No outro lado do centro do velho templo, Suila-Ne brandia suas espadas curtas contra outro naga masculino. Os ataques da *acari* conseguiram manter a fera no mesmo lugar por tempo suficiente para que Heiten pudesse atacar pelo flanco. A espada de duas mãos penetrou no lado do abdômen até metade da lâmina. O naga gritou. Suila-Ne aproveitou a brecha e desenhando um "X" com as espadas, cortou a cabeça do monstro.

— Você está bem? — perguntou ele.

Ela fez que sim com a cabeça, sem fôlego. As atenções de Heiten se voltaram para Kal. Espasmos cada vez mais intensos agitavam o guerreiro de pele escura.

Valek sequer percebia o que se passava. Empregou todas as forças para tentar mover o naga caído sobre o buraco, mas o corpo era pesado demais.

— Aaahhhh!!!

Após extravasar a raiva com um grito, ficou acalmou e raciocinou melhor. O rapaz saiu do estado que os *acaris* chamavam de *berserker*. Não era capaz de mover o corpo do naga, contudo, podia afastar a cauda o bastante para espiar dentro do buraco.

— Senhora?! Senhora, pode me ouvir?

O chamado não obteve resposta. Ramue deitou ao lado dele.

— Não creio que ela esteja aqui. — disse o arqueiro.

— Mas para onde foi?!

— Pelo reflexo, há água corrente no fundo... unf... — Ramue soltou a pesada cauda de serpente — Não é só um buraco. Pode ser uma cisterna ou...

— Uma passagem subterrânea! — Valek levantou num salto.

O rapaz ruivo correu para uma das paredes do templo e a escalou num instante. Avistou outro templo em ruínas. Talvez lá existisse uma passagem igual àquela por onde Liana despencara. De volta ao chão, saiu em disparada sem explicar seu plano para os demais.

— Clancey, espere! — Heiten chamou em vão. — Ramue, vá atrás dele!

— Mas e o Kal?

— Vamos tomar conta do Kal, agora vá! Traga os Clancey de volta!

Valek e Ramue correram para as ruínas do outro templo, onde se depararam com um círculo de pilares de pedra semelhante ao anterior. A terra batida no centro do círculo afundou sob a bota do rapaz. Derrubaram a terra com cuidado para não caírem à medida que uma espécie de poço se revelava. No fundo era possível ver o reflexo de água em movimento.

— Senhora?! Mãe?!

Nada.

O jovem ruivo prendeu a espada quebrada na cintura e saltou com os braços e pernas junto do corpo. A água chegou até acima da barriga quando atingiu o fundo. Os tornozelos doeram com o impacto contra o leito do rio subterrâneo.

Deu-se conta da imprudência que cometera ao saltar daquela maneira. Se a profundidade fosse menor, estaria com as pernas quebradas. Ramue veio logo

atrás com as costas na parede do poço. O bardo usou os pés, braços e as costas para controlar a descida.

— Parece que descobrimos uma rede de túneis abaixo da cidade. — comentou o arqueiro.

Valek não disse nada, sua única preocupação era encontrar Liana. Preferia morrer que perdê-la. Acompanhando o fluxo da água, seguiram por um caminho, de tal modo escuro, que não eram capazes de enxergar um palmo sequer diante do nariz, porém parecia haver luz no final do túnel. Enquanto caminhavam, Ramue ficava mais inquieto.

— Há muitas coisas que não fazem sentido, Clancey. Para onde foram as pessoas que viviam nessa cidade? Não podem ter simplesmente desaparecido.

Mais adiante, o pequeno túnel terminava em uma área bem maior. O rio subterrâneo dava em uma queda d'água logo à frente, mas era possível sair para a margem rochosa. Os dois estudaram o cenário com um arrepio na espinha.

Fogueiras verdes garantiam a iluminação. Encontravam-se num piso elevado, terminando em uma queda brusca de um lado. O rio seguia caminho dezenas de metros abaixo. O teto era delimitado por uma das raízes colossais da *Yggdrasil*.

Crânios cobriam as paredes. Milhares, talvez mais. Um número incontável de caveiras forrava as paredes por toda a longa extensão daquela área.

— Uma câmara mortuária. — disse Ramue. — Encontramos os druidas!

Valek foi o primeiro a se recuperar da visão funesta. O jovem ruivo pôs-se a examinar o solo com cuidado.

— Sem pegadas. Se minha mãe passou por essa aqui, o fez sem sair do rio.

— E se ela tiver ido por outro caminho?

— Estávamos indo para a *Yggdrasil*. As chances de encontrá-la são maiores se formos para lá.

Ramue concordou. Começaram a caminhar novamente. A câmara se estendia em descida. O rio corria cada vez mais forte lá embaixo. O arqueiro observou as chamas verdes espalhadas pelo caminho.

— Fogo mágico. Nunca vai apagar. — Ramue coçou a barba. — Algo mais me incomoda. Como os nagas sobrevivem? Não há fontes de alimento, exceto viajantes perdidos como nós. E não podem ter vindo tantos assim para cá.

— O que importa? — retrucou Valek rispidamente. — Só o que interessa é...

O som de um sibilar interrompeu a conversa. A mesma naga fêmea de antes vinha deslizando pela parede de crânios. Livrara-se da flecha, mas o olho ainda sangrava.

A criatura investiu. Ramue foi rápido com o arco. A naga sesquivou das setas serpenteando pela parede. O monstro desceu próximo a Valek, brandindo sua lâmina de pedra contra ele. O jovem ruivo conseguiu repelir os ataques com dificuldade com a espada quebrada.

A naga atacou com uma mordida, mas as presas afiadas encontraram o bracelete de ferro de Valek. Ele tentou atacar, porém a criatura afastou-se.

Ramue soltou uma flecha, que atingiu a naga no ombro. O ferimento não diminuiu o ímpeto da fera. O monstro atacou o arqueiro, cravando as presas no ombro de Ramue.

— G-gaaahhh...!!!

Valek viu uma brecha para atacar. O rapaz segurou o cabo da espada quebrada com ambas as mãos, correu na direção da criatura.

Ele saltou e, se valendo do peso do corpo, enterrou a lâmina partida na omoplata da naga. Empregando toda a sua força, empurrou o monstro e a vítima para a lateral do piso elevado. Na direção da queda.

A fera e o arqueiro despencaram. Valek caiu também, mas conseguiu se segurar na borda do piso elevado. Ramue e a naga atingiram o leito rochoso da margem do rio, transformando-se em manchas vermelhas.

O rapaz puxou o corpo de volta para cima. Viu que a cabeça de Ramue se chocara violentamente contra as rochas. Pedacos do cérebro boiavam numa grande poça de sangue. Não era uma visão agradável, mesmo assim ele não se deixou abalar. Estava mais preocupado com a mãe do que nunca.

Novamente desarmado, correu chamando por ela durante uma eternidade. Depois de quase uma hora, deparou-se com uma parede de madeira viva que cobria toda a extensão da câmara. Não havia para onde ir. Mesmo o rio terminava ali.

Era o fim do caminho.

— Mããããeeeeee!!!! — apenas o eco respondeu ao chamado.

Olhou ao redor como se procurasse uma resposta. Lá embaixo no rio, viu algo que lhe chamou a atenção. Aqui a parede de rocha era mais baixa e com mais reentrâncias. Mesmo assim, nada de saltos dessa vez. Tirou a camisa, a rasgou em duas partes e enrolou cada pedaço em uma das mãos para protegê-las da escalada.

Com esforço, desceu à margem. Os músculos dos braços e pernas doíam, mas o rapaz viu suas esperanças renovadas. Dentro da água, um pequeno pedaço de tecido cor vinho estava preso entre as rochas. Parecia um pedaço do vestido dela. Se passou por ali, para onde teria ido?

Ele entrou no rio. A água batia na altura do peito. Perto do imenso tronco percebeu que, embora na superfície o rio estivesse represado, continuava a fluir abaixo da sua linha de cintura. Tateando, encontrou um grande vão.

Um túnel submerso.

Era impossível calcular a extensão daquela passagem e seria bem complicado retornar nadando contra a maré. Valek concluiu que a possibilidade de se afogar caso tentasse seguir em frente era bem real. Porém, aquele pedaço de tecido era única pista que tinha do paradeiro de Liana. Precisava acreditar que de alguma forma, ela atravessara o túnel até o outro lado.

Ele encostou a testa na madeira viva como se tentasse sentir a presença de sua amada, da mesma maneira que ela fazia.

— Eu amo você, Liana Clancey! Preciso de você. Por favor... Esteja me do outro lado e esteja bem.

Ele livrou-se do peso extra dos braceletes. Aspirou a maior quantidade de ar que pode. Prendeu o fôlego e mergulhou.

Apesar do túnel ser estreito, podia nadar por seu interior. A passagem era escura, mas conseguia ver uma claridade verde à frente. Bem à frente. Há uma distância muito maior do que gostaria.

Nadou devagar, tentando aproveitar correnteza e economizar as energias e o ar. Continuou avançando na direção da claridade verde. Não poderia prender a respiração por muito mais tempo e acelerou o ritmo. Precisava seguir em frente. Só mais um pouco...

Ao sair do túnel, o rio ficava bem mais raso. Valek sentiu o peito queimar por dentro quando o ar retornou. Viu um gramado logo à frente. Esgotado, estirou-se sobre a relva. Queria procurar Liana, porém seu corpo não se mexia.

Precisava descansar, entretanto, não foi necessário permanecer muito tempo deitado. Suas forças retornaram em menos tempo do que esperava.

Ele percebeu estar em outra câmara. Esta era circular e bem iluminada. Sobre a grama, viu cabeças de serpente esculpidas, abrigando chamas verdes nas bocas. Viu que o piso se elevava em voltas em torno da parede de madeira.

Havia algo lá no alto. Um grande cristal, sustentado por correntes que saíam da parede.

— Mãe!!!

— Sejas bem-vindo à meu lar, Valek Clancey!

Não foi a voz de Liana que respondeu. Era uma voz feminina diferente, que ressoava levemente. O rapaz viu uma bela mulher de cabelos dourados sentada sobre a relva. Trajava um vestido verde escuro que deixava os ombros à mostra. Ela também vestia uma capa com um capuz da mesma cor.

— Quem é você? — perguntou ele.

— Sou aquela à quem procuras e de que tudo abriu em vosso benefício. Em tempos longínquos chamavam-me druida, amiga e até mesmo, amada. — a mulher sorriu. — Vós, porém podeis chamar-me Natsvaerd.

Capítulo XXIV

Clancey

As roupas verdes, os cabelos dourados e a pele clara de Natsvaerd possuíam brilho próprio, ainda que não tão ofuscante quando a luz que Valek vira em seus sonhos. Além desse fato, porém, aparentava ser uma mulher comum.

O jovem ruivo a observou quase sem acreditar tratar-se da mesma figura que assombrara seu sono, mas de alguma forma, sabia que era a própria. Havia muitas perguntas que poderia fazer sobre ela ou sobre a câmara circular com paredes de madeira viva, ou o cristal acorrentado no teto. Também poderia questioná-la a respeito dos nags, das ruínas de *Ilárdia* e de como poderia sair daquele lugar. No entanto, uma única dúvida tinha espaço em sua mente. Uma única pergunta exigia uma resposta imediata.

— Minha mãe, onde ela está?

Natsvaerd esboçou um leve sorriso.

— Ah, a impetuosidade da juventude! — a voz dela ressoava levemente. — Nada temeis. Vossa progenitora encontra-se sã e salva e tens minha palavra de que a veras tão logo encerremos nossos assuntos.

— Comece a falar, então!

— Peço-lhe que acompanheis meu caminhar. Anseio por mostrar-lhe algo.

Ela subiu pelo piso gramado que dava voltas em torno da câmara. Valek a seguiu em silêncio. Pode ver melhor o grande cristal suspenso no centro da câmara por correntes que se precipitavam das paredes. Notou uma espada incrustada no interior da jóia.

— Tudo isso por causa de uma simples espada? — disse ele.

— Aproximai-vos. — retrucou ela.

Valek caminhou até a borda, onde a rampa afastava-se da parede na direção do cristal acorrentado. Pode notar os detalhes arma. A lâmina nua era belíssima.

Mesmo sem testá-la poderia jurar que possuía um fio impecável. O tamanho era maior que uma espada *acari*, mas não grande o bastante pra precisar ser manuseada com as duas mãos. A guarda e o contrapeso do cabo eram ricamente trabalhados. Ele teve uma sensação estranha, era quase como se estivesse na presença de uma pessoa e não de uma arma.

— Olhai ao vosso redor. — disse Natsvaerd. — Encontraí-vos no interior da *Yggdrasil*, a árvore cujos galhos acariciam as nuvens. Recobraste vossas forças rapidamente por obra da magia impregnada no ar e no solo. Acreditas realmente que exista algo mundano ou simples nestas paragens?

O rapaz sentou-se na grama.

— Está bem! Conte sua história.

— Mostrar-lhe-ei se desejares. — ela sentou junto a ele e estendeu a mão espalmada.

— Tudo que desejar é terminar o quantos antes para ver Liana de novo.

Natsvaerd tocou a testa de Valek e pronunciou palavras mágicas.

Ele sentiu sua mente ser levada para longe. Quando deu por si, estava em *Ilárdia*, perto da mesma fonte com a escultura da mulher-serpente. Porém, não era uma ruína como antes. Parecia nova e despejava água cristalina pela ânfora.

A cidade estava inteira. Mesmo sendo noite, a *Yggdrasil* parecia mais viva e bonita. Ele viu a lua ao lado da árvore colossal e percebeu que não era a única fonte de luz. A Serpente de Fogo brilhava no céu. Não da maneira como disseram que foi na noite de seu nascimento. A Serpente estava praticamente parada, com o aspecto de uma grande esfera luminosa com uma longa cauda brilhante.

Valek viu um garoto correr em sua direção. O menino vestia trajes semelhantes aos de Natsvaerd, mas sem o mesmo brilho. Seria um druida?

— Você, diga-me onde eu...

O garoto passou direto através do corpo do rapaz ruivo como se este não tivesse substância. A voz de Natsvaerd ecoou.

— *Testemunhais uma lembrança, Valek. Não estais presente de fato. És como um fantasma do Além.*

Ele acompanhou o garoto pelas ruas relvadas de *Ilárdia*, rumo ao que parecia ser uma ferraria. Uma marreta golpeava o aço, indicando que o ferreiro

trabalhava. O rapaz o viu ao lado do forno, usando a ferramenta para moldar a lâmina de uma espada.

Perto do ferreiro, uma mulher jazia despida em um leito improvisado. À volta dela, meia dúzia de druidas ajoelhados repetia palavras mágicas sem parar. As cabeças cobertas pelos capuzes. Um deles destacava-se por vestir uma capa azul, enquanto todos os demais vestiam verde.

Um pouco mais afastada, outra druida embalava um bebê. As mãos e os pés da mulher deitada ficavam para fora do leito, cortes nos pulsos e nos calcanhares vertiam fios de sangue que era recolhido por tigelas de barro. Ela tinha a pele lívida, o aspecto bastante debilitado, mas foram as feições que realmente chamaram a atenção dele. Era Natsvaerd deitada ali.

— O que você está fazendo? — indagou Valek.

A pergunta foi dirigida à mulher no leito, porém foi a voz ecoante quem respondeu.

— *Já disse-lhe que testemunhas uma lembrança. Estais a ver um fragmento de meu passado. Não digas nada por hora, apenas observai.*

E assim ele fez.

O druida de azul apanhou uma vela feita de cera amarela e a acendeu com um gesto mágico. Os demais o imitaram. Todos continuaram a pronunciar palavras mágicas enquanto uma leve fumaça amarelada espalhava-se pelo ar.

A fumaça passou pelos cortes da mulher, fechando-os. Os druidas apanharam as tigelas e despejaram o sangue em uma pia de barro, que normalmente deveria estar cheia de água. O ferreiro usou suas ferramentas para erguer a lâmina incandescente e a mergulhar no sangue. Uma nuvem de vapor subiu. A Natsvaerd deitada no leito se contorceu de dor como se um ferro em brasa a queimasse.

O ferreiro recolocou a lâmina sobre a fornalha e começou a martelar novamente. O druida de azul apagou a chama da vela e levantou-se sem descobrir a cabeça. Os outros fizeram o mesmo. Um deles cobriu a mulher com um lençol.

— As forças que me restam são suficientes para continuardes, Yanis. — disse ela com uma voz fraca.

— Mereces repousar, Natsvaerd. Assim como meu coração, pois vê-la nesta agonia o magoa profundamente. — o druida de azul segurou a mão dela.

— Um sofrimento necessário, amado. Lembrai o porquê de procedermos desta maneira.

— Perdoai-me pela intromissão, mestres. — interrompeu um dos druidas de capa verde. — Um mensageiro recém-chegado traz-nos novidades.

Valek viu o mesmo garoto que passara direto por seu corpo.

— Incontáveis legiões marcham contra nós! Exércitos de todos os povos nos cercam enquanto falamos. Estarão às portas de *Ilárdia* na aurora.

— Preparai-vos, irmãos! — disse Yanis. — Não podemos consentir que a inveja e o medo de outras nações varram nosso glorioso reino. O momento da Grande Partida é chegado. Antes do galo cantar, *Ilárdia* terá deixado este mundo rumo à um plano diferente.

— Bem como é chegado o momento de despedir-me de vós, Yanis, e de nossa filha. — lágrimas rolaram pelo rosto de Natsvaerd. — Deixem-me segurar o fruto de meu ventre uma vez mais. Deixem-me embalar seu sono antes do adeus.

A outra druida colocou o bebê nos braços da mulher deitada. Yanis se abaixou junto ao leito.

— Tens certeza disto?

— Somos tão somente náufragos no mar do destino, amado. Se esta é a vontade dos deuses, assim será. Vós não partireis conosco. Deveis ficar e preparar o Mundo Antigo para a vindoura Era dos Filhos da Serpente.

— É necessário batizar nossa pequena. Dê-lhe um nome e não te esqueças do sobrenome. Usar sobrenomes não é um de nossos costumes, mas é a regra em outras terras.

— Escolhei-vos o nome. Dar-lhe-ei o sobrenome. — Natsvaerd beijou a testa do bebê. — Deste dia em diante, nossos descendentes chamar-se-ão “destino”.

Yanis removeu o capuz azul revelando o cabelo ruivo.

— A palavra em *laer* para destino é “clancey”. Nossa linhagem atenderá por este nome... Clancey!

Foi demais para Valek. O elo foi rompido. Ele levantou da grama num pulo, de volta à câmara circular, na presença da Natsvaerd brilhante.

— O que foi isso? — perguntou ele.

— Fragmentos de outra vida. — disse Natsvaerd com uma voz distante. — Após o que viste, Yanis beijou-me... Tomou nossa filha nos braços... E deixou *Ilárdia* antes da Grande Partida. Antes de nosso reino ser transportado por um antigo ritual do qual todos os druidas participaram.

O rapaz precisou de um tempo para assimilar tudo aquilo. Seu olhar pousou no grande cristal acorrentado.

— Essa é a espada que vi, não é? A espada forjada com sangue.

— Meu sangue. O mesmo que em vossas veias corre. O sangue dos Clancey. — ela foi até ele. — Meu antigo corpo humano à muito cessou de existir, entretantes, minha alma permanece viva dentro desta espada. Esta é a razão pela qual precisei invadir vossos sonhos ao invés de encontrá-lo pessoalmente.

— Mas está diante de mim agora!

— Tornei-me carne uma vez mais em decorrência de um arranjo temporário. Não tarda o momento em que minha alma retornará para o invólucro de aço no qual tenho observado os caminhos de meus descendentes por mil anos! Aguardando pacientemente o dia em que um deles viria a mim.

Natsvaerd encarou a espada dentro do cristal de forma emblemática.

— Tudo que você me mostrou... Essa história... — disse ele.

— Noto as sementes da dúvida em vosso semblante.

— Você disse para aquele homem lembrar a razão de estarem fazendo aquilo. Que razão era essa? Que motivo pode ter sido tão forte para fazê-la abrir mão de sua humanidade?

— Paz!

— Paz no Mundo Antigo?! Sou jovem, mas não sou tolo! Até eu sei que isso é impossível. Os povos nunca vão parar de guerrear.

— Disseste palavras verdadeiras. — ela ofereceu a mão novamente. — Permita-me compartilhar meu conhecimento convosco.

Ele segurou a mão dela, ambos foram levados para um cenário de destruição. Uma vila ardia em chamas. Natsvaerd permaneceu junto à Valek.

— Parece-lhe familiar? — perguntou ela. — Quem seria capaz de calcular quantas vezes o Mundo Antigo testemunhou a barbárie e a carnificina?

Por um momento, ele pensou estar vendo a aldeia do clã dos Mi. No entanto, logo percebeu que os casebres eram diferentes, mais rústicos. Um choro estridente chegou a seus ouvidos. Uma menina loira se desfazia em lágrimas diante dos corpos de dois adultos.

— Fui apresentada à crueldade humana ainda na infância. — disse Natsvaerd. — Tal experiência deixou feridas em minha alma que jamais cicatrizaram. Anos mais tarde, os druidas acolheram-me e pensei ter reencontrado a paz.

Ela parou um instante, recordando as dores do passado. Quando se virou para Valek novamente, sua expressão tinha se alterado por completo. Parecia mais ativa e mais assustadora do que antes.

— Uma paz ilusória, entretanto. Nas sombras, reis tramavam planos ardilosos contra nós. Felizmente, quando a Serpente de Fogo surgiu sobre *Ilárdia*, tive uma visão que abriu-me os olhos!

— Que visão foi essa?

— Um salvador carregando o estandarte da Serpente. Vi reis com flâmulas de todas as nações prostrarem-se e prestarem tributo a este homem. Foi quando meus olhos enxergaram um campo repleto de cadáveres atrás do salvador. Enfim, dei-me conta de uma verdade inescapável...

Natsvaerd brilhou, Valek viu-se em meio a batalhas furiosas que se sucediam. Um sem fim de soldados tombaram até que não restasse nada além de corpos. Ela apareceu acima dele.

— A paz jamais será alcançada! Ela deveis, portanto, ser conquistada! As guerras se findarão somente quando uma única coroa reinar absoluta sobre todos os povos!

Em um piscar de olhos, estavam de volta. Valek sentia-se aturdido. Nunca havia parado para pensar no que ela representava.

— Devo ressaltar que em minha visão, não pude divisar o rosto do salvador. — disse ela em um tom mais ameno. — Tomei tal fardo em minhas mãos, ainda que pudesse ter passado a tocha adiante. Este foi o destino que escolhi para minha descendência. Reescrever a história... Moldá-la... Quem em sã consciência rejeitaria tal glória?

Valek caiu de joelhos sem conseguir responder. Pela primeira vez, dava-se conta do peso que fora colocado em seus ombros.

Capítulo XXV

O Calor do Contato

A lua cheia observava a jovem ruiva de dezesseis anos pela abertura no teto do templo. Deitada no interior de um círculo de símbolos arcanos, Liana vestia apenas uma bata simples. Ao seu redor, sete sacerdotisas cobertas de preto entoavam palavras mágicas em uníssono.

As sete sacerdotisas converteram-se em piras. Mesmo queimando, elas continuaram com o ritual. Liana sentiu um calor intenso em seu ventre. O fogo apagou tão rápido quanto surgiu, as mulheres tombaram. Estava feito.

Denora e Téssia se precipitaram para amparar a moça de cabelo vermelho.

— Eu sinto... — disse a jovem Liana. — Sinto uma nova vida dentro de mim.

Mais duas pessoas testemunhavam a cena.

— O que está me mostrando dessa vez? — indagou Valek.

— Estas a ver o momento de vossa concepção. — respondeu Natsvaerd. — Não procuraste saber quem és vosso pai?

Ele já tinha pensando nisso uma ou duas vezes, mas de forma superficial. Não suportava a ideia de outro homem se deitar com Liana.

— Nunca perguntei.

— Agora conheceis a verdade. És fruto de um ritual mágico, concebido a partir do sacrifício de sete mulheres. Liana era virgem quando lhe deu a luz.

— Vamos voltar. Chega de lembranças.

Valek viu-se no interior da câmara circular. Precisava de tempo para absorver tantas novidades. Se as cenas que testemunhara eram mesmo verdadeiras, significava que ele descendia de Natsvaerd, que a alma dela habitava o interior da espada presa dentro do grande cristal e que jamais tivera um pai.

A única coisa que ainda não sabia era o paradeiro atual de sua mãe, embora Natsvaerd garantisse que Liana estava bem.

— Eu não precisava ter visto isso. — disse ele por fim.

— Queria que compreendesses vossa importância. O ritual da Filha da Lua é uma magia ancestral, cujo propósito é conceber uma vida feminina. Entretanto, nasceste um varão, conforme desejou a Serpente de Fogo.

Natsvaerd tentou se aproximar, mas ele se afastou.

— És uma criança improvável, Valek. Um predestinado! Um milagre sob todos os aspectos!

— Quando eu era criança... — começou ele. — Minha mãe de criação, Blie-Mi, contava sempre a mesma história na hora de me colocar para dormir. Ela dizia: “vou falar sobre um menino com cabelos de fogo que nasceu para ser o maior rei de todos...”

— Como o conto terminava...?

— Eu sempre dormia antes do fim.

— Isto significa que cabe a vós escrever o final da história.

Natsvaerd caminhou até Valek. Delicadamente, tocou as costas sem camisa do rapaz. Ele virou de repente e agarrou o pulso dela com força.

— Significa que estou farto de ouvir todos vocês falarem sobre meu destino!

— Irás desistir de vosso intento?

— Não posso perdoar os responsáveis pela morte de Blie-Mi. Encontrarei um meio de matar Baltus e Kotler. Depois vou viver como quiser! — e ele acrescentou. — Agora, quero ver Liana!

— Esquecei-vos de um fato importante. O Rei Desmorto é imortal. — ela se desvencilhou dele. — Se desejas matá-lo necessitarás de uma arma adequada.

— A espada!

— A espada forjada com o sangue dos Clancey. O receptáculo de minha alma. Uma arma viva!

— Como posso tirá-la do cristal?

O brilho do corpo de Natsvaerd desvaneceu, deixando-a com o aspecto de uma mulher comum.

— Aguardo este momento à um milênio.

Ela soltou a capa, a peça caiu no gramado. Depois foi a vez do vestido deslizar até os pés, deixando-a nua.

— Possua-me!

— Quer dizer... Eu e você...? — a proposta deixou o rapaz virgem desconcertado.

— A união dos corpos é uma magia de imenso poder! Um ato capaz de criar a vida demandando uma perda mínima de energia.

As mãos de Natsvaerd percorreram cada centímetro do peito nu de Valek, seguidas pelo rosto dela. Ele a envolveu pela cintura timidamente.

— O calor do contato pele contra pele! — disse ela. — Havia esquecido-me do quanto esta sensação é agradável!

Os lábios dela tocaram o peito uma e outra vez. A respiração de Valek acelerou. Sensações que ele nunca experimentara o invadiram. Ganhando mais confiança, acariciou as costas de cima abaixo.

— Venha... Percas o receio de tocar-me.

Ela tomou a mão dele e a conduziu ao seio. Valek apalpou de leve o peito macio. O corpo de Natsvaerd era tão belo e provocante quanto o de Liana. Ele notou uma marca em forma de lua crescente entre os seios.

— Minha mãe tem uma cicatriz igual a essa.

O rapaz inclinou-se para beijar os seios e lambe os mamilos rijos. Mesmo desajeitado no início, o gesto fez o desejo tomar conta dela. Valek se despiu, Natsvaerd quase o atirou sob a grama. Com a respiração entrecortada ela se posicionou. A fenda rosada recebeu o membro duro.

A sensação de penetrar uma mulher era diferente de tudo que ele imaginara. Valek deixou-se levar, chupando os seios vorazmente. Ela gemeu e aumentou o ritmo. Ele sentiu que explodiria de prazer a qualquer momento. Subitamente, Natsvaerd diminuiu a intensidade.

— É demasiado cedo! — sussurrou. — Prolonguemos o ato.

Ela ofereceu o pescoço para ser beijado até a iminência do orgasmo passar, depois começou a se mexer devagar. Após alguns minutos, a excitação a dominou. O ritmo acelerou de novo. Valek não conseguiu mais segurar. Uma ejaculação intensa levou Natsvaerd ao prazer também.

— Considerai... arf... o pacto selado. — disse ela. — Desta feita, vossas batalhas passam a ser nossas batalhas. Tenho fé de que... arf... encontraras vosso caminho...

Natsvaerd beijou Valek. Ela começou a brilhar novamente. A aura luminosa deixou o corpo na forma de uma nuvem que moveu-se pelo ar, atravessou o cristal e envolveu a espada.

A arma absorveu a luz. O cristal rachou em vários pontos até se despedaçar, as correntes penderam, a espada se precipitou na direção do solo, caindo com a ponta enterrada na grama.

Valek abriu os olhos e se surpreendeu com a transformação que se passara. O corpo colado ao seu continuava o mesmo, mas as feições eram diferentes. As mechas douradas haviam mudado para um tom forte de vermelho.

— Mãe?!

Liana afastou alguns fios de cabelo da frente do rosto. Os corpos continuavam unidos pela penetração.

— Valek... — ela desfaleceu.

Eles se separaram. Aflito, o rapaz a deitou na grama.

— Está tudo bem, filho... Só estou cansada...

— Apenas fique deitada, senhora! Esse solo é mágico, vai ajudá-la a se recuperar.

— Não precisa dizer-me isso, com quem pensa que está falando?

Apesar da tensão, Valek esboçou um sorriso. Sentia-se aliviado por vê-la bem. Mas o que teria acontecido? Natsvaerd mencionara um arranjo temporário que a permitira voltar a ser carne. O arranjo era tomar o corpo de Liana? Se ele soubesse disso, a teria forçado a sair de algum jeito.

— Vou pegar algo para cobri-la.

— Não vá! — ela agarrou a mão dele. — Fique comigo!

O rapaz balançou a cabeça e deitou, apoiado sobre o cotovelo. Trouxe o rosto dela para perto de seu peito. Ajeitou os cabelos desarrumados da mãe da melhor forma possível. Liana cochilou e despertou cerca de vinte minutos depois.

— Eu dormi?

— Um pouco, como se sente?

— Melhor.

— Não sabe como fiquei preocupado com a senhora. — ele tocou o rosto dela gentilmente.

— Sim, eu sei.

— Se era o seu corpo, significa que a senhora e eu...?

— Era o meu corpo, mas a vontade de Natsvaerd. Não era eu.

— Queria que fosse, mãe. — Valek se inclinou para ela. — Queria que fosse a senhora...

Os dedos passearam devagar pelo rosto dela, tocando a boca de leve. Os lábios se juntaram. Liana esboçou uma reação.

— Melhor pararmos agora. — sussurrou ela.

— Não quero parar.

Ele a beijou de novo, ela se entregou. As bocas uniram-se. Os dois se tornaram um só.

Ela sabia que não devia, mas não podia resistir, queria aquilo. Deixou-se levar pelas emoções que Valek lhe despertara desde aquele dia em que a surpreendera se banhando. Podia sentir o amor dele em cada gesto, em cada toque, em cada beijo.

— É quente. — disse ele com a respiração entrecortada. — Seu corpo é tão quente, mãe!

— Não diga nada agora, meu filho!

O rapaz mal podia acreditar no que acontecia. Sonhava com esse momento desde que a reencontrara. Tudo o mais desaparecera de sua mente. Que importavam o destino, os reinos ou até mesmo as juras de vingança? Não queria mais nada, além de permanecer ali, naquele lugar, amando Liana para sempre.

Atingiram o clímax juntos.

Valek caiu sobre ela, feliz como jamais se sentira antes. O rapaz levantou o rosto para encarar a mulher amada e seu sorriso desapareceu. Ela tinha uma expressão distante.

— Algum problema, senhora?

Liana só pensava no que haviam feito. Como puderam chegar tão longe?

— Está na hora de irmos.

Valek levantou confuso com aquela reação. Enquanto ele vestia a calça, Liana permaneceu sentada na relva com os braços cruzados sobre o peito.

— Meu vestido está escondido atrás de uma rocha lá embaixo. — a voz dela soava fria. — Pode trazer para mim?

O rapaz desceu depressa e apanhou a peça, já bem surrada. Viu a espada, mas sua atenção voltava-se para Liana. Indo até ela novamente, notou o vestido verde de Natsvaed caído onde ela o deixara.

— A senhora poderia vestir essa roupa, se quisesse. Ninguém mais vai usá-la mesmo.

— Prefiro ficar nua. — ela tomou o traje da mão do filho.

— Pensei que estávamos bem, mãe.

— Cometemos um erro, Valek. — retrucou ela enquanto se vestia. — Isso não devia ter acontecido.

— Um erro?! Eu a amo senhora, não me arrependo de nada.

— Não falemos sobre esse assunto. Vamos embora desse lugar.

Liana iniciou a descida para o piso inferior. Valek ficou para trás certo de que, dessa vez sim, tudo estava arruinado entre eles.

Capítulo XXVI

Terra Maldita

O ataque dos nags fez a situação fugir ao controle num instante. Kal fora mordido, Liana desaparecera. Antes que Heiten tivesse a chance de decidir o que fazer em seguida, Valek escalou uma das paredes do velho templo e depois de descer, partiu em disparada pelas ruínas.

— Clancey, espere! — chamou em vão. — Ramue, vá atrás dele!

— Mas e o Kal?

— Vamos tomar conta do Kal, agora vai! Traga os Clancey de volta!

Heiten passou a mão na cabeça raspada pensando se realmente poderia fazer algo pelo amigo de pele morena que continuava a se contorcer no chão.

Os espasmos estavam mais violentos, a testa ardia de febre e algo estranho se passava com os olhos. Os globos oculares haviam adquirido uma coloração amarela, as pupilas assumiram o aspecto de linhas verticais, semelhantes a olhos de cobra.

Suila-Ne permaneceu afastada. Assim como o noivo, ela também preocupava-se com o companheiro ferido, mas não compartilhava a mesma aflição. Todo *acari* sabia que perdas eram inevitáveis no campo de batalha. Ela tocou o ombro de Heiten e balançou a cabeça negativamente.

— Será que não podemos fazer nada? — indagou ele.

Em resposta, Suila-Ne ergueu uma das espadas curtas, suja com sangue de naga. Quando ainda vivia na aldeia do clã dos Ne, ela vira pessoas que se recuperaram após serem picadas por cobras e também assistira amigos morrerem por essa razão. Por experiência, sabia que Kal não tinha mais chances. Só o que restava era abreviar o sofrimento.

— De maneira nenhuma! — retrucou Heiten.

Nesse momento, Kal emitia um grito assustador. Todo o corpo dele começou a mudar. A pele rachou e ganhou uma coloração esverdeada. Os ossos estalaram. As pernas se juntaram, o tecido rasgou, uma cauda de serpente surgiu.

— *Solari* nos proteja! — bradou Heiten. — Ele está virando um naga!

Kal virou de barriga tentando erguer seu novo corpo. Não restava nenhum traço de humanidade no olhar. Ele emitia um som agressivo e exibiu as presas, mas o naga não teve tempo de atacar. A lâmina de uma espada curta entrou pela boca de Kal e saiu pela nuca.

Suila-Ne recolheu a arma. Aquilo que um dia fora seu amigo caiu morto.

Sem saber o que dizer, Heiten a abraçou, mais para confortar a si mesmo do que a ela. Outra coisa que os *acaris* aprendiam era a guardar as lágrimas para depois que o perigo passasse.

Novos sons vindos de todas as direções indicavam a presença de outros nagas. Muitos outros. Heiten despertou do estado de choque.

— Vamos para a *Yggdrasil*!

O casal começou a correr na direção da árvore colossal. Viram os vultos do povo-serpente entre as ruínas, o ataque era uma questão de tempo. Deparam-se com alguns, mas conseguiram seguir por outros caminhos.

Em situações normais, Suila-Ne jamais evitaria o combate. Os nagas não a intimidavam, mas não queria morrer naquele lugar a troco de nada. Desejava voltar para a fronteira e ter a chance de lutar em uma verdadeira batalha da Guerra Sem Fim. Heiten, por outro lado, não fazia planos à longo prazo. Seu único pensamento era sair daquele lugar esquecido pelos deuses levando todos que pudesse consigo.

Aproximaram-se das imensas raízes da *Yggdrasil*, altas como as torres de um templo. O espaço entre elas seria suficiente para que uma tropa marchasse sem dificuldade. Dúzias de nagas bloquearam o caminho, mais membros do povo-serpente rastejavam pelas raízes, outro tanto vinha por trás.

Heiten e Suila-Ne se postaram prontos para ação. Havia muito mais nagas do que imaginavam... Dezenas, centenas talvez. Homens-serpente de bom porte físico, fêmeas de corpo esguio e até mesmo filhotes os cercaram. O som que emitiam era assustador.

— Parem! — uma voz ergueu-se acima do barulho dos nagas.

O povo-serpente se deteve em silêncio. Os rostos humanóides exibiam uma expressão de confusão. Alguns mostraram as presas de forma temerária. De maneira inesperada, as feras deram passagem a duas pessoas.

Valek caminhava à frente, a espada com a lâmina enrolada em tecido verde. Liana vinha atrás dele. O rapaz decretou com firmeza.

— Sumam da minha frente!

Os nagas sibilaram, exibiram as presas, mas por fim. O povo-serpente partiu, deslizando e esgueirando-se para longe.

— Onde está Ramue? — questionou Heiten.

— Fomos atacados, ele não conseguiu. — respondeu Valek. — O mesmo com Kal, imagino.

— E essa espada?

— O tesouro dos druidas.

— Um tesouro que custou a vida de meus dois melhores amigos.

— Pessoas morrem no campo de batalha. — Valek foi seco. — Pergunte a sua noiva, aposto que ela compreende.

Sim, Suila-Ne compreendia, mas nem por isso ficaria contra seu amado em favor de um sujeito que mal conhecia.

— Hmpf! — ela virou o rosto para o outro lado.

— Lamento por eles, porém avisamos que seria perigoso. — atalhou Liana.
— Seja como for, manteremos nossa palavra. Iremos com vocês até lorde Garet.

— Quer dizer, se acharmos a saída dessa terra maldita!

Natsvaerd apareceu diante de Valek.

— Caminhai para o leste. Lá encontrareis um corredor sem paredes que lhes conduzirá aonde desejais.

Ela desapareceu. A ausência de reação dos demais o deixou em dúvida se a tinham visto.

— Ouviram o que ela disse?

— Ela quem?

— Ninguém, esqueçam. Vamos para o leste, é onde está a saída.

— Antes de irmos quero pedir um favor, Liana. — disse Heiten. — Pode fazer uma prece por Kal e Ramue?

— É claro.

Desde que começara a viajar com Valek, Liana esteve envolvida em tantas desventuras que quase se esquecera de seus deveres como sacerdotisa.

— Grande Mãe *Lunna*... Pai Sagrado *Solari*... Pedimos que zelem pelas almas daqueles que nos são caros. Que a Dama Sem Rosto os conduza ao descanso eterno! Assim seja...!

Ela persignou-se com o sinal de *Lunna* batendo dois dedos na testa. Heiten fez o mesmo formando uma figa com a mão, o sinal de *Solari*. Suila-Ne tirou a bota de vinho da cintura, derramou dois goles no solo e bebeu outro.

Os quatro seguiram para o leste.

— Os nagas não voltarão? — perguntou Heiten.

— Eles nunca atacariam... — Valek parou antes de dizer o nome de Natsvaerd. Não queria revelar os segredos de sua nova arma. — Nunca atacariam o dono dessa espada.

Era fim de tarde quando decidiram descansar à sombra da *Yggdrasil*. Suila-Ne e Heiten afastaram-se para ter um momento de privacidade.

Sozinhos, mãe e filho ficaram calados de início, mas se o rapaz era afeito ao silêncio, a sacerdotisa não o suportava, ainda assim evitou falar sobre o que se passara entre eles.

— É uma pena que aqueles dois tenham morrido. Queria ter ouvido mais canções de Ramue.

Normalmente, Valek não diria nada, porém a postura dela o incomodava. Enquanto faziam amor, ele pensou que seriam um casal daquele momento em diante. Agora ela tentava fingir que sequer acontecera.

— Eles não eram importantes.

— Não diga uma coisa destas! Estamos deixando uma pilha de cadáveres atrás de nós! Não gosto disso.

— Se bem me recordo, a senhora disse que ateou fogo em uma das Harpias.

— Não falo dos nossos inimigos e sim de nossos amigos! — ela se irritou com o desdém do filho. — Muitas pessoas morreram tentando nos ajudar. Essas perdas não te incomodam?

Ele meditou por um instante.

— A perda de Blie-Mi sim, quanto às outras... Nunca contei como Goro-Mi morreu, não é?

— Sempre imaginei que havia sido obra de Vrana.

— Não foi ela. Fui eu. — Liana arregalou os olhos. Ele prosseguiu. — Lutei contra Vrana dentro da casa em chamas, mas ela fugiu. Goro-Mi apareceu e me atacou, então fiz o que ele sempre me disse para fazer nessas horas.

— Por que ele te atacaria?

— Suas palavras finais foram: “esse é meu garoto”. Foi a única vez que ele demonstrou que gostava de mim. Aquele desgraçado me fez odiá-lo para que eu o matasse sem hesitar quando chegasse a hora! — Valek olhou bem dentro dos olhos de Liana. — Essa foi a última lição de Goro-Mi. Se eu matei o homem que me criou, sem remorso, porque deveria me importar com qualquer outra morte?

Liana ficou atônita ao ouvir palavras tão duras. Deveria ter percebido antes o tipo de homem que Valek era.

— Além da senhora, não há ninguém que eu lamentaria perder. — disse ele, antes de se juntar ao casal de noivos que reaparecera.

Ao deixaram as ruínas para trás, se depararam com uma densa neblina circundando *Ilárdia*. Valek pensou no que Natsvaerd dissera sobre um corredor sem paredes.

— Não é uma névoa comum. — Liana deu um passo à frente. — Posso sentir emanções de magia.

— Temos de atravessar. — disse Valek. — Esse é o caminho.

— Certo! — atalhou Heiten. — Vamos dar as mãos para não nos perdemos uns dos outros.

Suila-Ne balançou a cabeça em sinal de acordo com a ideia. Também era um jeito de evitar que os Clancey tentassem fugir, pensou ela.

Os quatro formaram uma corrente. Valek adentrou o nevoeiro à frente grupo. Após alguns minutos, a neblina começou a ralar. Ao saírem da nuvem, os

viajantes encontravam-se em terreno alto. Um morro bastante elevado margeando uma grande planície.

Liana deu uma última olhada para trás. Viu somente a cadeia de montanhas. A neblina desaparecera. Tal qual o lago na caverna, tratava-se de um portal mágico que abria apenas de um lado.

— Onde viemos parar? — perguntou ela para qualquer um que quisesse responder.

A lua cheia estava alta no céu.

Suila-Ne animou-se, Heiten a acompanhou.

— A planície *Lad Akai*! — exclamou ele. — Estamos na fronteira! Fizemos um mês de viagem em apenas um dia!

— É para lá que vamos? — Valek fios de fumaça negra subindo ao céu.

Heiten correu para mais perto da encosta. A cidade de *Londinium* surgiu no horizonte. Um frio na barriga tomou conta dele. Mesmo à distância, era possível ver uma falha na grade muralha e a fumaça de focos de incêndio.

— Chegamos tarde...! *Londinium* caiu!

Capítulo XXVII

Invasão

— Parem de me tratar como um moribundo! Tragam comida de verdade!

Sarissa riu-se por dentro. Depois de seu pai passar semanas agonizando após ser atingido por uma flecha envenenada, era bom vê-lo tão cheio de energia. O mau-humor se direcionava contra a dieta de sopa que o sumo-sacerdote Balem recomendara. Gareth se recusava a servir-se do prato de sopa fumegante.

— Ninguém pensa assim, Darius. — Brunella tentou negociar. — Mas ainda está doente.

— Ver tanta gente dentro desse quarto é que me deixa doente. Vão cuidar de suas tarefas! — ele enxotou os servos.

Como Gareth não tomaria a sopa por vontade própria, Sarissa sentou-se ao lado da cama com o prato no colo.

— Tome pelo menos um pouco, papai. — ela soprando a colher cheia. — Por favor.

Garet apoiou as costas na cabeceira. Como sempre, os poucos sorrisos dele eram reservados para a filha caçula.

— Apenas porque é vai deixá-la feliz, minha princesa.

— Espere, caiu um pouco na sua barba.

— Bem lembrado... Edan!!! — berrou ele.

O criado apareceu dentro do quarto quase de imediato, para desgosto de Brunella que o mantivera afastado durante a enfermidade do lorde.

— Estou aqui, meu senhor!

— Traga uma navalha e venha limpar meu rosto.

O rapaz balançou a cabeça e saiu para cumprir as ordens, mais que satisfeito com a recuperação de seu mestre.

— Não tenho lugar nesse momento familiar, meu lorde. — disse o sumo-sacerdote. — Se me dá licença...

— Pode ir, Balem. Seus serviços nessas horas difíceis não serão esquecidos.

O sumo-sacerdote pronunciou uma bênção antes de sair. Um clima ameno reinou dentro do quarto, enquanto Sarissa oferecia sopa à Gareth e Brunella permanecia junto deles. Porém, o lorde acusou uma ausência.

— Que é feito de Acássia?

— Ela... er... está ocupada com tarefas importantes. — mentiu Sarissa sem fazer ideia do paradeiro da irmã.

— Que pode ser mais importante que a família? — exclamou Brunella histérica. — Acássia anda dando muito trabalho.

Uma batida na porta interrompeu a discussão. O sentinela adentrou para avisar que o Mestre da Guarda, Nythan Jander esperava por uma audiência.

— Que entre! — declarou Gareth.

— Deveria deixar as visitas para quando estiver mais recuperado, Darius.

— Não é uma visita. Eu mandei chamá-lo!

Jander estava belo e altivo como sempre. O peito de Sarissa pulou. Teria essa audiência algo a ver com seu noivado?

— Que alegria é vê-lo recuperado, lorde Gareth! — disse ele após saudar a jovem e a mãe dela. — A cidade recuperou sua luz guia.

— Guarde os galanteios para sua noiva, Jander. — atalhou o lorde. — Para ela e mais ninguém.

— E como posso servi-lo, senhor?

— Fiquei confinado nesse leito maldito por tempo demais! Me atualize sobre Kotler e a guerra.

— Temo que a maioria das novidades seja desagradável.

— Não omita nada, quero o máximo de detalhes possível. Espere apenas um instante antes de começar. — Gareth voltou-se para a esposa e a filha. — Deixem-nos a sós. Esse não é um assunto para mulheres.

Jander fez uma mesura para Brunella quando está passou por ele. Sarissa, porém, ofereceu a mão para ser beijada. O Mestre da Guarda aceitou a oferta com o máximo de respeito, ciente do olhar inquisidor do lorde. Mãe e filha riram do lado de fora do quarto.

Naquela noite, Sarissa recebeu, uma vez mais, Jander pela passagem secreta de seu próprio quarto. Inicialmente, ela tinha uma excelente disposição, enquanto ele parecia distante.

— O que foi que você e meu pai conversaram?

— Nada demais. Apenas resumi os movimentos recentes do Rei Desmorto e sequer tocamos em outros temas.

Na hora da despedida, ele a olhou dentro dos olhos.

— São tempos incertos, pequena Sarissa, de decisões difíceis. Se algo acontecer, tranque-se em seu quarto, faça uma barricada na porta e me espere.

— Do que está falando, Nythan?

— Apenas lembre-se do que eu disse. E acredite quando digo que odiaria vê-la machucada.

Ele a beijou na testa e partiu rapidamente pelos túneis deixando uma confusa Sarissa para trás. Ela deu-se conta de que, a despeito do noivado, não sabia muito sobre Jander. Sempre conversavam sobre ela ou sobre algum acontecimento notável do castelo.

A jovem meteu-se debaixo das cobertas de camisola, mas o sono não veio. Sentia-se inquieta pelo comportamento de Jander. Sabia que os inimigos estavam à porta de *Londinium* e que um ataque era iminente, porém o envenenamento de lorde Gareth lhe afastara outras preocupações da mente. E se ele teve uma recaída? Decidiu ir até o pai para ver se tudo estava bem.

Ela abriu a passagem secreta e se esgueirou pelos túneis. Alcançou o quadro que levava para os aposentos dos pais. Encaixou seu anel no dispositivo que ficava ao lado parede e girou a trava, entrando no quarto com passos leves.

Só queria ter certeza de que ele dormia tranquilamente. Viu apenas a mãe deitada à sono solto. O lorde encontrava-se na sacada contemplando a noite. O rosto já estava barbeado.

— Papai...?

— Quanto tempo dormi, Sarissa? Sinto como se tivesse sido uma eternidade. Sinto como se tudo me escapasse pelos dedos.

— É melhor voltar para dentro. A brisa noturna pode te causar uma recaída.

— Você é uma boa menina. Sempre preocupada com o papai...

Garet olhou a filha de cima abaixo, trajando apenas uma camisola de seda. Os olhos dele ganharam um brilho obscuro. Com um gesto brusco, ele a agarrou pela cintura e colocou o corpo dela no seu.

— Papai... a m-mamãe está bem ali...

— Shhh... É só fazer silêncio que vai dar tudo certo. Agora, seja uma boa menina, deixe o papai matar as saudades de sua princesinha.

— S-sim, senhor...

Ela apertou os olhos. As mãos do lorde a invadiram. Sarissa sabia que aquele era um ato proibido e obscuro. A moça quase mordeu a língua para abafar a voz. Jamais perdoaria a si mesma por sentir prazer com tal perversão.

A luz de um lampião iluminou o quarto de repente, acompanhada de uma voz feminina.

— Sarissa! Ele faz isso com você também?!

A moça mais nova escondeu o rosto ao se dar conta de ter sido flagrada pela irmã. Gareth ficou furioso com a intromissão. Viu a filha mais velha colocar o lampião em cima da mesinha.

— Vá embora, Acássia! Volte para seu quarto!

Brunella despertou, desorientada com aquela agitação.

— O que é isso?! O que se passa?

— Esse miserável estava apalpando minha irmã do mesma maneira que fazia comigo!

Sarissa mal ouvia o que era dito, desejava enfiar-se debaixo da terra. No primeiro momento, a explosão da filha, sempre tão reservada, assustou Garet, mas logo ele lançou-lhe um olhar em brasa.

— Como se atreve a usar esse tom de voz comigo? Quer sentir o peso da minha mão?

— Parem com isso! — Brunella saltou da cama e abraçou Sarissa, que tinha os olhos cheios de água. — Acássia, tente se acalmar!

— Acalmar?! Tem ideia do que seu marido fez comigo e com minha irmã?

— Sim, eu sei, mas...

— Sabe?! Quer dizer que a senhora é cúmplice dele?

— Chega! — bradou Garet. — Escute bem, Acássia...

Nesse momento, o som de um chifre de guerra fez todos se calarem. O lorde correu para a sacada, as três foram atrás. Apertando a vista, podiam ver os portões de bronze escancarados, abertos deliberadamente.

As tropas de *Lestonor* precipitavam-se para dentro da cidade. Os soldados ganharam as ruas. Os mamutes vieram atrás. Uma onda de milhares de pequenas estrelas passou por cima das muralhas na forma de flechas incendiárias. Parte do muro veio abaixo dando passagem à Kotler e o beemote.

— Invasão!

— Deuses! — arrepiou-se Brunella abraçada a Sarissa. — O que faremos?

— Você não precisa se preocupar com isso, mãe! — disse Acássia.

Ela puxou Sarissa para longe, agarrou Brunella pelo pescoço e a empurrou pela mureta da sacada. A queda rumo ao pátio era longa... Só o que restou no chão foi uma poça de sangue sem vida.

— Mãe!!! — gritou Sarissa.

— O que você fez, Acássia?! — Garet foi tomado pela fúria.

— Fique longe!

Acássia agarrou a irmã e se escondeu atrás dela, puxando-a na direção da porta. Sarissa desfez-se em lágrimas. Um guarda adentrou o quarto de espada em punho. Ele vinha dar o alerta da invasão, mas parou diante da cena.

— Lorde Gareth, o que acontece?

— Atenção! — chamou outra voz vinda do corredor.

O guarda voltou-se para fora e antes que tivesse chance de reagir, a espada de Jander lhe atravessou a garganta. Acássia foi para junto do Mestre da Guarda. Sarissa se debatia, mas era menor e mais fraca que a irmã.

— Nythan, socorro!

— Ah, pequena Sarissa! Se tivesse permanecido em seu quarto como eu disse, não veria tantas coisas feias.

— Agora entendo... — disse Gareth por entre os dentes. — Traição!

— Eu me encarregarei do lorde. — disse Jander.

— Não o mate ainda. — retrucou Acássia. — Quero que ele veja sua preciosa cidade ser tomada.

— Não! Solte-me! — agitou-se Sarissa.

Acássia deixou o quarto, arrastando a irmã consigo. Gareth aproveitou para apanhar uma espada na parede sobre a cabeceira da cama. Ele ainda não estava forte o bastante para lutar, mesmo assim tentou assumir uma postura firme.

— Por favor, senhor, abaixe a arma. — disse Jander com um ar insolente. — Não quero tirar proveito de um homem nessas condições, sem mencionar a idade. Quantos anos há entre nós? Vinte e cinco? Trinta?

— Não estou tão velho que não possa dar uma lição em um moleque abusado!

Apesar das palavras confiantes, Gareth avançou com um movimento lento, impreciso. Jander o desarmou facilmente e lhe aplicou um corte sobre o ferimento ainda não-cicatrizado da flecha. O lorde caiu de joelhos sentindo as forças o abandonarem.

— Tenha a bondade de render-se, senhor. Caso contrário...

Um vaso se espatifou contra a parte de trás da cabeça de Jander. O Mestre da Guarda caiu inconsciente.

— Eu queria fazer isso há tempos. — disse Edan. — Meu lorde, está ferido!

— E-Edan...

O rapaz correu para acudir Gareth. Cortou um pedaço da manga da camisa que vestia e fez pressão sobre o sangramento. Seu mestre estava banhado em suor, a febre retornara. O lorde necessitava de cuidados imediatos, entretanto, precisavam sair dali sem demora.

— Aguenta firme, meu senhor! — o servo amparou Gareth.

Edan queria ir atrás de Sarissa também, mas sabia que tudo estaria perdido se o lorde morresse. Caminharam com dificuldade para a passagem secreta. Existia uma rede secundária dentro dos túneis conhecida apenas pelos Gareth e pelo servo. Seguindo por essas rotas, eles rumaram para fora de *Londinium*.

Sarissa baixou o rosto incapaz de testemunhar tamanha violência. A guarda do castelo era massacrada diante de seus olhos. Queria fugir antes que se voltassem contra ela e a irmã, mas Acássia a segurava com firmeza.

— Tenha calma, Sarissa. — disse a mais velha. — Tudo ficará bem.

— A nossa mãe...! — a mais nova tinha a voz embargada pelas lágrimas.

— Nem ela, nem aquele homem vão nos machucar de novo. Ninguém vai!

Os últimos guardas foram vencidos, mas para surpresa de Sarissa, elas não foram atacadas. Uma amazona de pele morena dirigiu-se à Acássia.

— E quanto a ela?

— Ninguém vai encostar um dedo na minha irmã, chanceler Marla.

— Abram alas para vossa majestade! — bradou alguém.

O beemote atravessou o portão principal com o Rei Desmorto no torso. Ele foi recebido de maneira efusiva pelos soldados.

Kotler desmontou. Sarissa se encolheu ao ver aquele homem enorme vir em sua direção. Ele tirou o elmo, revelando uma expressão satisfeita. Acássia deu um passo à frente.

— Como acordado, eu lhe entrego *Londinium*, majestade.

— Que todos vejam que o Rei Desmorto é um homem de palavra. — ele tomou a mão de dela entre às suas. — Faça as honras, Gya.

— Povo de *Lestonor*! — bradou Marla. — Saúdem sua nova rainha!!!

Uma nova onda de euforia tomou conta do pátio lotado. O barulho era imenso. De início, Sarissa não compreendeu o que se passava... Até ver um sorriso malicioso aflorar no rosto de Acássia.

REMINISCÊNCIAS

Terceiro Fragmento

Dos diários de Mirya Clancey...

A essa altura da narrativa, imagino que uma pequena dúvida possa ter lhe passado pela cabeça uma ou duas vezes: como é possível que eu saiba em detalhes fatos que ocorreram antes de meu nascimento? O escriba colocou essa questão diante de mim dias atrás.

Pareceu-me uma pergunta bastante honesta, na realidade, ainda assim não a respondi por completo. Preferi alimentar o mistério. Mas de você, meu leitor, nada esconderei.

A origem desse conhecimento reside em um de nossos maiores segredos e já está escrito nestas páginas. Natsvaerd contou-me. E se não a mencionei anteriormente em meus adendos foi para manter o relato coeso, evitando revelações importantes antes da hora devida.

Este relato, aliás, converteu-se de um mero passatempo a uma atividade prazerosa. Como já conclui a leitura dos livros que trouxe, narrar a história de meus pais tem sido o único desafogo para minha mente após ficar do nascer ao pôr-do-sol focada nas questões da campanha. Isso além de me deitar com meus capitães, mas procuro evitar excessos para que nenhum deles fique cheio de si.

Peço que não entenda essa declaração como uma mostra de fadiga, meu leitor. Tenho um grande apreço pelo jogo da guerra. Considero-o muito estimulante, porém, distrair-me um pouco me mantém afiada para o dia seguinte... E os dias têm sido muito agitados.

Após o término das chuvas, temos passado por uma série de batalhas menores, intercaladas por marchas constantes. As tropas de meu meio-irmão tem mantido-se em movimento, nos obrigando a segui-las e se não o fazemos, nos atacam. É evidente que ele tenta nos cansar ou nos atrair para uma armadilha.

Em contrapartida, noites atrás ordenei que três legiões se separassem para contornar a região dos confrontos ao largo, sem chamar atenção e por fim, atravessar o caminho dos inimigos, encurralando-os.

Esse é o plano que empreguei para frustrar os planos de meu meio-irmão. Naturalmente, se ele perceber o que planejo, irá mudar de estratégia para que a minha não vingue. E assim segue o mundo...

Todos possuem desejos, ambições, objetivos, e planos para alcançá-los. Eventualmente, esses desejos chocam-se com os de outra pessoa e ocorre um

confronto. Não há como evitar, não existe um caminho em que todos possam ter o que querem. Não nessa vida pelo menos.

Ignoro até que ponto Valek pensava além de seus planos de vingança, mas sei que ele pensava em Liana como seu futuro. Sei que desejava uma vida marital ao lado dela, mas quanto tentou alcançá-la, só conseguiu empurrá-la para longe. De sua parte, Liana desejava ver Valek cumprir a profecia e depois voltaria para o templo para viver uma vida de sacerdotisa ao lado das amigas.

Não apenas eles tinham seus desejos. Kotler, Garet, e todos demais envolvidos nessa trama, até mesmo Baltus, sonhavam com algo.

Mas como eu disse antes, nem todos podem ter o que desejam...

Capítulo XXVIII

Berserker

Edan olhou preocupado para as nuvens carregadas. Debaixo de chuva seria mais difícil conduzir lorde Gareth para um local seguro. O servo agradeceu aos deuses por encontrar arbustos de amora e mirtilo. Pouco sabia sobre como sobreviver na mata, mas recordava-se de que certa vez o finado Ruram lhe dissera que não existiam frutas venenosas nos arredores de *Londinium*.

Pensar na cidade, agora tomada pelo rei Kotler, aumentou o sentimento de aflição. Que seria feito de Sarissa?

O criado retornou para junto de Gareth, sentado junto a uma árvore. Mesmo superficial, o corte no abdômen inspirava cuidados e a febre persistia, sem mencionar a fraqueza.

— Coma, meu senhor.

— Não temos tempo a perder... — amparado pelo servo, o lorde ficou de pé.
— Vamos comer enquanto caminhamos...

— Perdão, lorde. Perdi a direção correta.

— Droga, Edan...! Quantas vezes terei de indicar o caminho...? É para aquela montanha que vamos... É onde fica a aldeia *Mylls*.

Localizada no alto de uma montanha, *Mylls* era uma dos únicos vilarejos no entorno de *Londinium* que escapara do massacre que os homens de Kotler haviam promovido semanas atrás, pelo fato de ser pouco prático deslocar um exército ou mesmo uma tropa colina acima. Por essa razão, Gareth combinara de antemão com seus capitães que ali seria o ponto de encontro, caso a cidade viesse a ser tomada. O lorde alimentava esperanças de encontrar um bom número de soldados refugiados na aldeia, o suficiente para planejar uma retomada.

O som de vozes chamou a atenção de Edan. Abrigando o lorde atrás do tronco de uma árvore, o servo foi até a beirada do barranco. Deitou-se na grama para chamar menos atenção e observou uma equipe de vinte batedores de

Lestonor passar abaixo dele. Significava que os homens do Rei Desmorto ainda procuravam lorde Gareth. O grupo descia o morro, na direção de *Londinium*.

O jovem criado esperou se afastarem e voltou para o lorde, certo de que era o momento adequado para se moverem. Caminharam por vinte minutos quando um farfalhar de folhas os deixou em alerta outra vez.

— Quem vem lá...? — Gareth tentou falar com a voz mais firme possível. — É amigo ou inimigo...?

Heiten saiu da mata, acompanhado de Suila-Ne. Com o peito nu, Valek vinha logo com a espada *Natsvaerd* enrolada em tecido verde, a seu lado estava Liana, metida no vestido cor vinho que já vira dias melhores.

— Amigo, senhor! — disse o guerreiro de cabeça raspada. — E muito feliz em por nos encontrarmos de novo!

Por um instante, Gareth pensou ver uma alucinação causada pela febre. A última pessoa que esperaria encontrar nesse momento era o filho bastardo que não via pessoalmente há três anos, mas logo percebeu ser realidade.

— O que está faz aqui...? Como me encontrou...?

— Por coincidência, na verdade. Seguíamos para *Londinium*.

— Como pode ser isso?! — surpreendeu-se Edan. — Essas matas ficam na direção oposta a que partiram.

— É uma história longa e complicada. Mais tarde conto tudo, agora me deixe ajudar.

Heiten tomou o lugar de Edan na tarefa de amparar Gareth. O lorde olhou de soslaio para os demais viajantes.

— Quem são...?

— Minha noiva, Suila-Ne... — ela cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Por que não diz nada...?

— Ela é muda de nascença, senhor.

Gareth emitiu um resmungo que desagradou a *acari*, mas Heiten não notou.

— E esses são os Clancey. Liana...

— Lorde! — saudou ela.

— E seu filho, Valek...

O rapaz ruivo fitou Gareth em silêncio, sem fazer qualquer gesto. O aspecto surrado dos companheiros de Heiten não inspirou confiança em seu pai.

— Estes mendigos são os Clancey que Baltus procurava...?! Deve haver algum engano...!

— É evidente que não tem se olhado no espelho, lorde... — desafiou Liana.

— Tenha cuidado com as palavras quando dirigir-se a mim, meretriz!

A frase irritou Valek. Com um gesto veloz, ele descobriu a lâmina da espada e a apontou para o pescoço de Gareth.

— Mais cuidado deve ter quem se dirige à minha mãe! Retire o que disse ou terminarei o serviço que começaram quando cortaram sua barriga!

— Pense bem no que está fazendo, moleque! — Gareth se enfureceu.

Edan ficou estático diante da cena. Heiten encarou Valek. Suila-Ne sacou as espadas, pronta para ficar ao lado do noivo, embora não deixasse de respeitar a prontidão com o que o rapaz defendeu a honra da mãe. *“Ele seria um excelente acari”*, pensou a guerreira loira.

Liana foi a única a não se surpreender, já acostumada com o sangue quente do filho.

— Está tudo bem, Valek. — disse ela. — É preciso mais que as palavras de um homem doente para me ofender.

O jovem ruivo baixou a espada, mas manteve a lâmina descoberta. Suila-Ne tornou a embainhar suas armas. O servo, Edan soltou o ar aliviado. Heiten apressou-se em apaziguar os ânimos.

— Não faça caso, meu senhor. Estamos todos desgastados pela viagem difícil que fizemos, mas garanto que esses são mesmo os Clancey que o feiticeiro Baltus procurava. O feiticeiro até mesmo enviou as Harpias Reais atrás deles e todas acabaram mortas.

Gareth, porém, deixara a conversa. A exaltação fora demais, as forças lhe faltavam. Heiten apoiou o lorde no tronco de uma árvore ao lado do mato alto, de modo que poderiam se esconder ficando abaixados.

— Suila, dê um pouco de vinho pra ele.

A *acari* tirou a bota de vinho da cintura e levou à boca do lorde. Heiten voltou-se para Liana.

— Pode fazer algo?

Ela hesitou por um instante, mas repreendeu-se por isso ao pensar no que Denora faria em seu lugar e juntou-se ao grupo que acudia Gareth. Apenas Valek permaneceu de pé afastado.

— Tentamos estancar o sangramento... — disse Edan. — Foi inútil, o corte continuava abrindo com a caminhada.

Liana examinou o ferimento.

— Sem uma poção de cura e sem descanso, não há como restabelecê-lo. Mas posso parar a hemorragia, o que evitará que ele piore. — ela pousou a mão sobre a ferida. — Isso vai doer!

A sacerdotisa pronunciou as palavras mágicas. Gareth sentiu o abdômen em brasa. Fios de fumaça subiram por entre os dedos de Liana.

Quando ela terminou, Suila-Ne ofereceu mais bebida. O ferimento no ventre ficara mais escuro, cauterizado.

— Obrigado, senhora Clancey! — agradeceu Edan. — Estou certo que o lorde irá recompensá-la, ele sempre foi generoso com aqueles que lhe prestam favores.

— Minha mentora dizia que as sacerdotisas de *Lunna* devem estender a mão sem esperar nada em troca. Mas eu não recusaria um banho quente, um vestido limpo e uma refeição decente.

Liana fez menção de se levantar, porém Suila-Ne a conteve. Com o dedo indicador nos lábios, a *acari* pediu silêncio.

Vozes se aproximavam. Arriscando olhar por cima dos arbustos, Heiten viu uma dúzia de batedores a menos de cem metros. Eram homens de aparência grosseira, a maioria com o peito descoberto, outros trajavam proteções de couro. Aquele que caminhava à frente procurava sinais na grama.

— Estão perto! — disse o rastreador para os demais.

— Maldição! — desabafou Heiten. — Ficamos parados muito tempo!

Passando a mão na cabeça raspada, ele analisou a situação. Os inimigos eram em maior número na proporção de dois para um. No entanto, como Liana e

Edan não eram combatentes e com seu pai fora de condições, a proporção subia à casa de quatro para um. Ele, Suila-Ne e Valek dariam conta do recado?

Enquanto os demais permaneciam entre os arbustos, o jovem Clancey continuava de pé, oculto dos batedores pelo tronco da árvore. Ao vê-los, Valek pensou no quão próximo estava do Rei Desmorto e de Baltus, os principais responsáveis pela morte de Blie-Mi. As últimas palavras de Goro-Mi lhe vieram à mente: *“Faça com que paguem”*.

A forma humana de Natsvaerd surgiu às costas dele. Mesmo que os demais não pudessem vê-la ou ouvi-la, ela tocou os ombros do rapaz e sussurrou nos ouvidos dele.

— Em que estais a pensar?

— “Até o último deles”! — os lábios de Valek mal se mexeram.

— Desejais realmente trilhar tal caminho?

Ele apertou o cabo da espada com força. Lembranças da morte de Blie-Mi lhe assaltaram a mente, de como ela sorria quando teve a cabeça cortada. O coração de Valek começou a bater forte.

— Compreendo. É do ódio que vossas forças provêm. — disse Natsvaerd. — Se assim és, que o ódio faça teus inimigos arderem!

Heiten ainda pensava no plano de ação quando ouviu a voz de Liana chamar pelo filho. Valek avançava com passadas largas na direção dos batedores.

Os soldados de *Lestonor* avistaram o jovem se aproximar com uma espada nua na mão. Um sujeito de barba cheia e cabelos desgrenhados tomou à dianteira do grupo, desembainhando uma espada rústica da cintura. Valek parou a dois passos de distância do dele.

— Quem é você? — perguntou o líder.

O rapaz ruivo atravessou a espada pelo peito do batedor. Os demais sacaram as armas prontos para fazer o jovem pedaços. Porém, a disposição diminuiu ao verem chamas surgirem na lâmina que matara seu líder.

Valek liberou a arma. *Natsvaerd* tornara-se uma espada flamejante!

Os batedores ficaram estáticos ante a visão. Mesmo Heiten e Suila-Ne, que desciam o morro apressadamente, pararam surpresos.

Valek avançou desenhando um rastro de chamas no ar. Dois batedores caíram mortos antes de saírem do estado de estupor, mais três tombaram sem ter chance de reagir. Outros avançaram brandindo suas armas, mas a espada flamejante cortava o aço das armas com a mesma facilidade que atravessava os corpos dos batedores.

À distância Edan ficou horrorizado e, ao mesmo tempo, maravilhado com os arcos incandescentes que duravam um instante antes de evaporar.

— A Serpente de Fogo desceu à terra!

— Não é a Serpente de Fogo. — disse Liana. — É o *berserker*!

— Como, senhora Clancey?

— Histórias que os *acaris* contam.

O combate prosseguiu. Um batedor com uma tatuagem no rosto girou um machado. Valek abaixou para desviar do ataque e deu um passo à frente. A perna do batedor foi decepada na altura da coxa.

Restavam apenas três oponentes de pé. Um deles avançou com uma lança. O rapaz girou de lado para escapar da arremetida e investir com um golpe fatal contra o soldado que vinha logo atrás do lanceiro. Aproveitando o mesmo impulso, ele atacou o mais jovem do grupo, cujas mãos trêmulas sequer conseguiram levantar a espada para se proteger do ataque fatal.

Valek girou para encarar o lanceiro que arremetia novamente. Após uma esquivas lateral, a lâmina incandescente partiu a lança ao meio. O movimento seguinte tirou a vida do lanceiro.

Em um piscar de olhos, os doze batedores foram derrotados. Apenas um ainda respirava, o batedor de rosto tatuado cuja perna fora decepada. Ele tentava arrastar-se pelo solo, mas Valek o alcançou sem dificuldade.

— Por favor... — disse o batedor. — Misericórdia!

Valek parou ao lado daquele homem com a respiração ainda acelerada. Nunca antes um de seus inimigos pedira clemência. Respingos de sangue inimigo se espalhavam pelos braços e pelo tronco. As primeiras gotas de chuva começaram a cair, sem apagar o fogo da lâmina. Ele fechou os olhos por um instante apenas para ver o corpo decapitado de Blie-Mi diante de si.

— Nunca!

A espada flamejante fez um arco descendente e cortou a cabeça do batedor.

Era assim que seria. Sem piedade. Todos que ficassem em seu caminho morreriam. Ele liberou a fúria em um forte grito. Um rugido que ecoou pelas montanhas causando arrepios a quem ouvia.

Valek pôs-se a imaginar que em algum lugar dentro das muralhas de *Londinium*, Kotler podia escutá-lo. Ele pensou se o Rei Desmorto fazia ideia do quê se aproximava.

Capítulo XXIX

A Dinâmica do Jogo

Sarissa despertou preguiçosamente. Como sempre, a ordem e o conforto do quarto lhe davam uma sensação boa. Um sentimento que perdurava poucos instantes. Logo recordava do pai desaparecido, da mãe morta e da irmã, que já não reconhecia. Sempre soube do ressentimento que ela tinha dos pais, mas jamais imaginaria que pudesse ir tão longe.

A adolescente voltou a enrolar-se nos lençóis. Temia caminhar entre os selvagens seminus de *Lestonor* e sempre que punha o pé fora do quarto, um sentinela a acompanhava a toda parte, tanto para guardá-la, quanto para prevenir tentativas de fuga. Também não poderia escapar pela passagem secreta atrás do quadro, esta fora selada com tábuas de madeira.

Ouviu baterem na porta, pensou ser a criada trazendo o café da manhã, mas quem apareceu foi Acássia.

— Bom dia, Sarissa! — saudou a mais velha em sua tradicional postura sóbria. — Como está hoje?

— Como tem coragem de andar por aí nesses trajes? Está quase nua!

A mais nova torceu o nariz em desaprovação à vestimenta da irmã. Nada além de placas de metal e tiras de couro cobriam os seios e o sexo. Usava longas luvas negras e botas da mesma cor, em contraste com a pele alva. Ombreiras adornadas sustentavam uma capa de pelo de animal que a deixava ainda mais alta. Os cabelos platinados estavam soltos, uma tiara de ouro enfeitava a testa.

— Admito que este traje é um tanto ousado. — disse Acássia. — Meus novos súditos não têm vergonha de exhibir seus corpos e vestir-me à sua moda facilita o processo de me aceitarem como rainha.

— Futuros súditos, você quer dizer.

— É verdade que o sumo-sacerdote Balem tem se negado a celebrar meu casamento, mas trata-se de um obstáculo temporário.

— Não sei como suporta ser tocada por um homem como o Rei Desmorto!

— Melhor que ser tocada pelo lorde contra minha vontade.

A irmã mais nova se encolheu. Acássia sentou-se na cama e segurou a mão dela.

— Não vim para discutir e sim para tirá-la deste quarto. Tenho sentido falta de sua presença no castelo. Troque-se e vamos tomar o café da manhã juntas.

Sarissa olhou para a irmã disposta a aceitar a proposta.

— Além do mais... — prosseguiu Acássia. — Solomon deseja conhecê-la melhor.

Ao ouvir a irmã chamar o rei Kotler pelo primeiro nome, Sarissa recolheu a mão e fechou a cara.

— Prefiro ficar em meus aposentos.

Acássia recuperou o ar sério.

— Hoje não! Proibi os criados de lhe trazerem refeições. Terá de ir ao salão de jantar quando quiser comer. — antes de sair do quarto, ela tentou se dirigir à irmã em um tom ameno. — Sei que são grandes mudanças, mas verá que tudo será melhor sem o lorde e sua esposa.

Sozinha novamente, a adolescente cruzou os braços, determinada a permanecer onde se encontrava. Ficaria ali o quanto fosse necessário. Até Acássia não ter alternativa a não ser permitir que as refeições fossem servidas no quarto.

Porém, Sarissa não estava acostumada a passar fome. Pela hora do almoço, a disposição havia se dissipado. Pois bem, ao menos deixaria claro à Kotler e seus seguidores que não era uma deles.

Envergou um vestido dourado, fez uma trança no cabelo branco, que prendeu com uma presilha de ouro e enfeitou os dedos com anéis caros. O sentinela do lado de fora do quarto, trajado com roupas de couro curtido, deixou escapar uma expressão de espanto e receio ante tanto luxo. Sarissa desprezou a presença dele e foi diretamente ao salão de jantar.

Encontrou a enorme mesa retangular vazia, à exceção de um casal de criados devorando as sobras, ambos trabalhavam a muito tempo no castelo. A dupla recebeu a jovem mestra com mostras de afeição.

— Onde está minha irmã?

— Minha senhora e o... o rei já almoçaram e estão no pátio... — o criado olhou de soslaio para o sentinela. — Cuidando de não sei qual assunto.

— O que está acontecendo no pátio? — perguntou a moça ao sentinela.

— Só presto satisfações ao Rei Desmorto!

— Grosso! — e se dirigindo aos criados. — Me tragam algo para comer, estou faminta!

Saciado o apetite, Sarissa pensou em retornar ao quarto, satisfeita por ter escapado de presenças incômodas. O sentinela a seguiu de perto na direção do largo corredor.

Ela notou que um senso de desordem se instalara no resto do castelo. As tapeçarias pareciam manchadas, quadros haviam desaparecido, talvez roubados ou talvez destruídos. Os servos do castelo tinham o medo estampado no semblante, muitos exibiam machucados e hematomas. A adolescente apertou o passo, ansiosa para se isolar de tudo em seus aposentos. Porém, um homem de idade avançada apareceu diante dela.

— Saudações, jovem Gareth! Permita expressar minha alegria em vê-la.

— Eu conheço o senhor?

— Não nos conhecemos, mas o cabelo platinado evidencia tua identidade. Me chamam Baltus!

Sarissa arregalou os olhos ao se dar conta de estar na presença do famoso feiticeiro. Baltus ofereceu o braço.

— Me concederia a imensa honra de caminhar a teu lado? Quanto a tu... — disse ele ao sentinela. — Suponho que tenha ordens de escoltar a senhorita, não de espionar-lhe as conversas.

— S-sim, mestre... — o sentinela manteve uma distância maior.

— O senhor deseja falar comigo?

— Em verdade, gostaria de entregar-lhe algo, mas não trata-se de um presente, já que encontrei este objeto no castelo.

Ele retirou uma pequena peça de madeira do cinto e entregou a ela, enquanto caminhavam em um passo lento.

— É a rainha branca do xadrez do meu pai.

— Joga xadrez, senhorita?

— Conheço as regras, mas não a dinâmica do jogo. Como é uma simulação de estratégias de guerra, meu pai nunca me deixou jogar, só observar.

— Uma simulação excelente simulação, de fato. No entanto, imperfeita.

— Meu pai discordaria!

— As peças de xadrez são obedientes, sempre fazem o que é ordenado e movem-se somente da maneira que lhes é permitida. As pessoas, entretanto, tendem a tornar-se peças rebeldes. Movem-se de acordo com os próprios anseios. Os jogadores hábeis são aqueles que sabem domar as peças rebeldes e torná-las obedientes.

— Que lugar eu ocuparia nesse jogo?

— Essa, minha cara... — com um gesto suave, ele fechou os dedos de Sarissa em torno da rainha branca. — É uma resposta que cabe unicamente a ti encontrar.

Chegaram ao fim do corredor. A luz da tarde passava através uma série de grandes janelas em forma de arco. Baltus despediu-se e seguiu pela direita.

— Por que o senhor me disse essas coisas?

O feiticeiro lembrou-se de ter encontrado o tabuleiro ao acaso, enquanto procurava um aposento para se estabelecer. Alguém brincara com as peças dispondo-as de qualquer maneira, quando Baltus encontrara o jogo, as rainhas estavam de frente uma para a outra, postadas entre os reis. Ele interpretou o fato como um sinal.

— Sou uma peça obediente, senhorita. — respondeu ele, por cima do ombro. — Vou aonde o destino ordena-me e, ocasionalmente, ajudo outras peças a encontrarem seu caminho.

À esquerda, Sarissa viu no final do corredor a porta que conduzia ao grande palanque localizado sobre o pátio principal do castelo. Guardou a peça de xadrez no decote e atravessou a porta.

Como o sentinela ficou de guarda do lado de fora, ela entrou sozinha na antessala onde lorde Gareth costumava fazer os preparativos antes dos discursos.

No palanque, além das cortinas pesadas, dois tronos estavam voltados para fora, Acássia ocupava um deles. Solomon Kotler, o Rei Desmorto estava de pé,

diante do outro. A moça compreendeu pouco das palavras, mas assim que ele terminou, uma imensa algazarra fez-se ouvir, seguida de um rugido bestial e de mais gritos empolgados da multidão no pátio. Um espetáculo selvagem surgiu diante dela.

Lá embaixo, centenas de guerreiros e amazonas de *Lestonor* se amontoavam para ver o beemote estraçalhar homens ainda vivos. Meia dúzia dos batedores de Kotler lutavam para manter a fera contida, segurando as robustas correntes presas à cela. A platéia vibrava a cada nova mordida.

— Sarissa! — Acássia deixou escapar um tom de surpresa. — Fico feliz que tenha se juntado a nós. Venha saudar o rei.

A adolescente aproximou-se do trono intimidada com a presença de Kotler. Mesmo sentado, ele parecia um gigante para ela.

— É uma honra conhecer minha futura cunhada.

— Vamos, irmã... — disse Acássia. — Cumprimente-o.

Sarissa mal ouvira a saudação. A voz gutural e os gestos calmos do Rei Desmorto eram diferentes do que esperava. Tudo que conseguiu foi acenar a cabeça.

Os servos trouxeram uma luxuosa poltrona para Sarissa sentar-se ao lado da irmã e lhe ofereceram vinho, Kotler e Acássia já estavam servidos. Nervosa, a moça agarrou a taça com ambas as mãos e sorveu de um só gole.

No pátio, o espetáculo recomeçava. Um grupo de quatro soldados com os pulsos atados foram trazidos. A amazona-chanceler Gya Marla tomou a palavra. O barulho da multidão diminuiu.

— Vocês são acusados de se oporem à Vossa Majestade Imortal Solomon Kotler! Em sua imensa bondade, o rei oferece uma chance de redenção. Serão perdoados caso se ajoelhem e jurem fidelidade ao Rei Desmorto! — os quatro permaneceram imóveis. — A pena para aqueles que recusam o perdão real é serem atirados ao beemote!

A multidão urrou ensandecida quando os quatro soldados foram devorados. Outros grupos foram trazidos e receberam a mesma oferta. Quem se ajoelhava recebia uma espada e ordens de executar os ex-companheiros. Os que cumpriam a ordem eram imediatamente incorporados ao exército de *Lestonor*, sendo recebidos com entusiasmo pela multidão. Aqueles que se recusavam, eram lançados à besta.

A cada nova execução, Sarissa virava o rosto e crispava os dedos no braço da poltrona com mais força. Não conseguia entender o que fazia ali, sentada ao lado do homem que agora mesmo caçava seu pai como um animal. Por que aceitava tudo aquilo calada? Deveria deixar a raiva sair, dizer a ele o que pensava, chamá-lo de nomes.

Chegou a abrir a boca, porém as palavras engasgaram. Parecia um gesto vazio. Tão inútil e infantil quanto o vestido dourado que apenas atestava que ela era uma estranha àquele mundo.

No pátio, um grupo diferente foi trazido. Desta vez eram sacerdotes de *Solari*. Sarissa sentiu um novo sobressalto. Balem vinha à frente deles.

— Vocês são acusados de espalharem mensagens subversivas entre o povo!

— Só dissemos para as pessoas terem fé nessas horas difíceis... — defendeu-se Balem.

Acássia ficou de pé.

— Sumo-sacerdote Balem, testemunhas relataram que recomendou às pessoas aguardarem pelo resgate do rei de *Ancestria*, uma autoridade que *Londinium* não reconhece mais. Se deseja ser poupado, ajoelhe-se.

— Olhe para si mesma, Acássia. Nem parece a moça que conheci.

— Se é tudo que tem a dizer...

— Não! — Sarissa levantou-se num salto. — Isso é loucura, irmã!

Acássia sorriu confiante, como se esperasse a intromissão. Ela voltou-se para Kotler, que fez um sinal positivo.

— Em consideração aos serviços prestados à minha família, lhe será concedida uma oferta única, Balem. Será perdoado se celebrar meu casamento com o rei Solomon Kotler.

— Um sacerdote não é nada se não manter-se firme à seus ideais.

— Prossiga, chanceler! — determinou Acássia.

Marla declarou a sentença.

— Ao beemote!

Sarissa desviou o rosto e não viu quando Balem foi despedaçado pela fera. Ela correu para a antessala, onde uma forte náusea expulsou o almoço recente. Que mundo era esse em que vivia agora?

A mão pousou no peito, sentiu o volume da peça de xadrez escondida ali. Voltou para o quarto apressadamente, meditando sobre o que Baltus lhe dissera. Ele consideraria sua irmã uma jogadora das mais habilidosas, mas e quanto a ela própria, que tipo de peça seria? O que deveria fazer dali por diante, ser uma peça obediente ou rebelde?

Capítulo XXX

Depois da Batalha

Pouco mais de uma centena de pessoas vivam na aldeia *Mylls*. Fazendeiros em sua grande maioria. Gente que ganhava a vida com a criação de cabras, ovelhas e suínos ou com o cultivo de pomares que se mesclavam às matas. Os poucos casebres ficavam dispostos em uma grande clareira na colina onde o aclave era menos acentuado. Se alguém pudesse olhar de cima, veria um desenho que lembrava um arco. Não existiam ruelas ou passeios de qualquer tipo. A grama forrava toda a extensão da aldeia e era impossível sair de casa sem sujar os pés de barro, por conta da umidade.

Uma chuva fina e constante caía sobre a tropa sonolenta. A face de *Solari* ainda surgia no horizonte quando os vigias alertaram que um destacamento de soldados de *Lestonor* subia a montanha.

— É uma surpresa que tenha vindo ajudar a defender a aldeia, Clancey. — disse Heiten.

Ao lado do guerreiro de cabeça raspada e de Suila-Ne, Valek ajeitava os braceletes de ferro preparando-se para a ação. O jovem ruivo vestia a camisa cinza de mangas compridas que ganhara de Edan.

— Estou aqui pela batalha, não pela aldeia.

— Seja como for, sou o homem de mais sorte hoje... — brincou Heiten, falando também com Suila-Ne. — Se ficar perto de vocês, nem vou precisar desembainhar a espada para sair sem nenhum arranhão!

Todos se calaram quando lorde Garet apareceu para passar a tropa em revista. Embora ainda não estivesse totalmente recuperado, sentia-se bem mais forte e ficou satisfeito em ver o filho na primeira linha, porém, fechou o rosto para Suila-Ne e Valek.

— Venha, meu jovem. Lutará ao meu lado e protegerá minhas costas das traições.

— Com prazer, lorde! — os olhos de Heiten brilharam. — E meus amigos?

— Estão bem aonde estão.

Garet continuou a revista. Heiten deu alguns passos, mas voltou para um beijo rápido na noiva.

— Nos vemos depois da batalha.

Suila-Ne estendeu a mão, mas o noivo afastou-se apressado. Desde que haviam se encontrado com Gareth, ele passava cada vez mais tempo com o pai. Para piorar a situação, o lorde já deixara evidente a antipatia que sentia por ela, mas Heiten parecia não se dar conta disso.

O olhar da *acari* cruzou com o de Valek, mas desviou o rosto.

— Não pretendo receber ordens de Gareth. — disse Valek. — Vou lutar fora da formação.

Suila-Ne fez um sinal positivo com a cabeça, indicando que o acompanharia.

O destacamento que subia a colina estava longe de ser o melhor que o Rei Desmorto tinha a oferecer. O confronto terminou em cerca de uma hora com vitória da tropa de Gareth.

Valek e Suila-Ne foram os últimos a retornarem, recebendo muitas saudações dos soldados. No auge da batalha, eles se afastaram da tropa e mergulharam na formação inimiga, onde promoveram um pequeno massacre.

— Todos estão falando de vocês! — Heiten os esperava nos arredores da aldeia. — Dizem que juntos mataram mais inimigos que todo o resto da tropa!

Suila-Ne atirou-se nos braços do noivo. Ele sabia que ela iria querer beber e fazer amor para comemorar a vitória.

— Gostaria de ficar com você, Suila, mas o lorde pediu minha ajuda com os planos.

A empolgação desapareceu do rosto da *acari*, dando lugar a uma expressão aborrecida. Valek não quis ficar para testemunhar a discussão e seguiu caminho. Ainda viu pelo canto do olho que ela agitava os braços nervosamente. Instantes depois, Suila-Ne o alcançou, irritada.

A população da aldeia praticamente triplicara com a chegada dos soldados que haviam escapado da invasão de *Londinium*. Por ordem de Garet, as famílias que tinham mais afinidade entre si passaram a morar juntas para que a tropa tivesse onde ficar. Casebres pensados para três ou quatro pessoas, agora abrigavam até uma dúzia de moradores. As exceções eram a casa em que o lorde se instalara com o servo, Edan, e o casebre que Valek e Liana dividiam com Heiten e Suila-Ne. Foi para onde o rapaz ruivo e a *acari* dirigiram-se.

Liana os esperava no interior da pequena casa, composta por dois cômodos mínimos. No primeiro ficavam o forno, uma mesa e cadeiras. Metade do piso do segundo cômodo era forrado com palha, um leito coletivo para todos os quatro.

— Heiten não está com vocês? — pergunta ela.

— Está com o lorde. — respondeu Valek, sem interesse no assunto.

Suila-Ne levou uma bacia e uma jarra d'água para o outro cômodo. Ao mesmo tempo, um menino da aldeia apareceu à porta.

— Senhora Clancey, me mandaram perguntar se irá dar as bênçãos hoje.

— Diga para esperarem no local de sempre, não me demoro.

O menino se foi para dar o recado. Liana sentou à mesa e serviu-se de pão e queijo de cabra. Valek apanhou uma jarra de cerveja e encheu dois copos.

O rapaz achava que nos últimos dias ela parecia ainda mais bela, devido a uma melhor disposição de espírito. Edan também lhe dera algumas roupas, como o vestido vermelho que usava agora. As mangas ficavam no meio dos ombros, exibindo o colo. Mesmo não sendo justo, o traje lhe desenhava a silhueta com perfeição, como se tivesse sido feito sob medida.

No entanto, ele sabia que a verdadeira razão do bom humor da mãe se encontrava nos trabalhos que realizava diariamente. Não existiam templos, nem sacerdotes na aldeia *Mylls*. Quando chegaram ao vilarejo pela primeira vez, a notícia da presença de uma sacerdotisa espalhou-se depressa. Os aldeões, assustados passaram a procurá-la. Todos os dias, pessoas se reuniam na clareira atrás do vilarejo para ouvir Liana falar sobre o destino e a vontade dos deuses. Ela também distribuía bênçãos e indicava poções para os doentes.

— Está radiante, senhora! — disse Valek.

— É bom colocar em prática aquilo que passei a vida toda aprendendo!

Sempre que a via com bom ânimo, ele começava a imaginar a melhor maneira de falar sobre o que se passara em *Ilárdia*, quando deitaram-se na grama como amantes, sem nunca encontrar a oportunidade certa.

— Que faremos agora, mãe?

— Não sei. Nada saiu como planejado.

— Os planos de Garet podem nos abrir uma brecha. Mas não confio nele.

Ele não queria fazê-la perder o bom humor e mudou a conversa para temas mais leves. Em dado momento, Liana levou a mão ao pescoço.

— Torcicolo? — perguntou o rapaz.

— Não tem como as coisas serem perfeitas, não é? Jamais vou me acostumar a dormir no chão. O que eu não daria por uma cama!?

— Acho que posso ajudá-la.

Valek viu a chance. Foi para trás da cadeira de Liana e começou a massagear-lhe os ombros.

— Melhor?

— Sei o que está fazendo, filho. — Liana ronronou de olhos fechados.

Ela pousou as mãos sobre as dele. Como o toque era agradável, foi preciso um esforço para levantar-se.

— Pensei que havíamos superado isso, Valek.

— O que sinto pela senhora não é algo que posso simplesmente deixar para trás.

— Filho...

Um ruído no quarto ao lado a lembrou de Suila-Ne. Liana o conduziu para fora do casebre.

— Estamos falando de incesto! — disse ela. — E incesto é algo muito grave!

— Que diferença faz o nome que dão? Eu a amo, mãe! Meus sentimentos não vão mudar!

— Filho, o que aconteceu entre nós foi... Serei sincera... Foi bom! Foi muito bom e se acontecesse de novo eu... — ela parou, surpresa com as próprias palavras. — Não é hora para isso, estão esperando por mim.

— A senhora está fazendo o mesmo que fez em *Ilárdia*! — o rapaz irritou-se.
— Está indo embora para fugir da conversa!

— Ainda falaremos sobre isso, mas não nesse momento.

— Quando?

— Logo! Agora, preciso ir.

Liana caminhou controlando a respiração para se acalmar. Pensativa, pousou a mão sobre o ventre. Havia algo que precisava ter certeza antes de conversar com Valek.

O rapaz voltou para dentro. Largou-se sobre a cadeira e apoiou os cotovelos na mesa. Precisou resistir ao impulso de descarregar a frustração no móvel rústico. Suila-Ne saiu do segundo cômodo enxugando os cabelos loiros. Valek quase tinha se esquecido da presença da *acari* na casa.

Ela fez um gesto rápido com os ombros e o queixo, indicando curiosidade. Ouvira pouco da conversa, mas era evidente que o jovem ruivo discutira mãe.

— Minha mãe e eu temos uma relação complicada. — respondeu ele.

A *acari* cortou um pedaço grande de queijo. Enquanto comia, o olhar dela encontrou o de Valek uma vez ou outra. Uma ideia lhe veio a cabeça. Por que deveriam deixar seu dia ser estragado daquela forma por aqueles que lhes deram às costas?

— Hum...!

Suila-Ne fez um gesto como quem pede a palavra. Valek a observou ir até o outro cômodo e voltar com algumas moedas, atar o cinto e abrir a porta. Ela estendeu a mão para que ele.

— Não estou com disposição para sair. — disse ele. Suila-Ne insistiu. — É sério, prefiro ficar aqui.

Com um ar bem-humorado e fingindo impaciência, ela agarrou o braço do rapaz e o puxou para fora. Ele só teve tempo de prender a bainha no cinto.

Com os casebres lotados, as pessoas passavam a maior parte do tempo ao ar livre. Valek seguiu Suila-Ne por entre aquela pequena multidão na direção de

uma casa que funcionava como armazém. Foram saudados por um grupo de soldados que bebia ali. Apesar da recepção calorosa, o rapaz ruivo sentiu-se desconfortável e ficou satisfeito ao ver a *acari* apontar uma garrafa de vidro escuro, pagar e deixar o armazém.

Os soldados os convidaram a se juntarem à celebração, ao que Suila-Ne respondeu desenhando círculos com o dedo indicador.

— Mais tarde! — Valek apressou-se em traduzir o sinal.

Muitos gestos da *acari* ainda lhe escapavam, mas a essa altura, já conseguia compreendê-la bem. Ela o guiou para fora da aldeia, para a mata. Embora os pinheiros continuassem verdes, outras árvores não tinham mais folhas e até mesmo haviam caído. Foi no tronco tombado de uma dessas que Valek e Suila-Ne repousaram suas armas e sentaram-se para descansar.

A *acari* tirou a rolha da garrafa, apreciou o cheiro da bebida e tomou vários goles de uma vez. Quando terminou, balançou a cabeça positivamente e ofereceu ao rapaz. Ele virou a garrafa pensando ser vinho, mas o primeiro trago lhe queimou a garganta de tal maneira que foi preciso segurar a tosse.

— O que é isso? — Valek pensou nas bebidas que nunca provara e arriscou.
— Rum?

Suila-Ne fez que sim, achando graça. O rapaz tomou fôlego e conseguiu beber alguns goles. Sentindo a garganta arder, compartilhou o bom humor dela. Continuaram a beber e Valek começou a sentir-se mais disposto, sem saber se era devido a tranquilidade do lugar, a companhia ou a bebida lhe subindo à cabeça.

Mediu a *acari* de cima à baixo. Era uma década mais velha, mas ele nem se dava conta da diferença de idade. Não era formosa, mas estava longe de ser feia. Os braços e as pernas bem torneadas a destacavam de outras mulheres que ele conhecera. Valek concluiu que Heiten era um tolo por preferir estar com um velho arrogante ao invés de ficar com uma mulher como Suila-Ne.

Enquanto bebiam, a *acari* fazia gestos que ele respondia com mais ânimo que o habitual. Trocaram um sorriso cúmplice, um ar tenso caiu entre os dois.

Timidamente, o rapaz fez carinho no braço dela. Suila-Ne ficou quieta, mas o peito se mexeu mais rápido. Os dedos dele passaram a acariciar a perna. Ela olhou ao redor e como não viu ninguém, deslizou a mão para a perna dele.

Valek ganhou mais confiança. Ele inclinou o rosto e estalou um beijo rápido no braço de Suila-Ne. Depois outro, os beijos começaram a subir na direção do pescoço ao mesmo tempo em que a mão apalpou os seios por cima do vestido.

"Heiten, me desculpe, mas não vou conseguir parar", pensou Suila-Ne, se deixando levar pela libido.

Beijaram avidamente. Um desejo nervoso tomou conta deles. Valek baixou o vestido dela e chupou os mamilos com vontade. Ela quase arrancou a camisa dele. Depois, Suila-Ne apoiou-se sobre o tronco com as mãos afastadas e inclinou as costas para trás, projetando os quadris para frente. O rapaz se posicionou entre as pernas dela, levantou o vestido e introduziu o pênis duro na vagina loira.

Moveram-se com pressa. Ela chegou ao orgasmo primeiro, ele logo em seguida. O rapaz fez questão de deitar o gozo fora pra não correr o risco de engravidá-la.

Afastaram-se ofegantes. Trocaram um sorriso desanimado e ela tocou o rosto dele como se tentasse confortá-lo. Mesmo tendo passado um momento agradável, nenhum dos dois estava com a pessoa que realmente queria estar.

E enquanto ajeitavam as roupas, preparando-se para retornar à aldeia, nem Valek, nem Suila-Ne perceberam que uma pessoa escondida entre os pinheiros testemunhara o que havia se passado.

Capítulo XXXI

Moeda de Troca

Todas as manhãs, a rotina se repetia. O menino sentava em um banquinho de três pernas para que a mãe lhe raspasse a cabeça com uma navalha, sem dizer a razão. Essa era uma das lembranças mais vividas que Heiten tinha da infância na casa modesta em uma área pobre de *Londinium*.

Era uma vida simples. Nunca tinham uma mesa farta, mas a mãe rendeira nunca permitia que faltasse comida à mesa, mesmo que fosse necessário varar a noite tecendo as peças que vendia aos vizinhos.

Em uma noite qualquer, ela o acordou dizendo que havia uma pessoa que desejava conhecê-lo. O sonolento menino foi levado à presença de um homem trajando uma capa com um capuz que ocultava a identidade.

— Olá, Heiten! Sabe quem sou eu?

O estranho descobriu o rosto. Os cabelos eram brancos, apesar de não ser tão velho. O garoto lembrou-se de tê-lo visto uma vez, liderando uma cavalcada pela cidade e sendo saudado pelo povo.

— O senhor é o lorde Gareth.

— Sabe por que estou aqui? — o menino sacudiu a cabeça. — Sou o seu pai!

Ter um pai mudou tudo. Mesmo sem estar presente, o lorde garantiu a educação de Heiten e enviou um mentor para ensiná-lo a manusear a espada. Quando a mãe foi acometida pela febre tifóide, Gareth mandou curandeiros para ajudá-la. Infelizmente, o tratamento não foi eficaz. Ela faleceu um mês depois.

A essa altura, Heiten entendia o significado da palavra “bastardo”. Ele também descobriu que seu cabelo era platinado, uma cor rara. Tão rara que denunciava a paternidade. Por essa razão, precisava raspá-lo diariamente, já que Gareth não podia dar-lhe seu sobrenome, nem admiti-lo como herdeiro, privilégios que cabiam às filhas legítimas do lorde.

Sozinho e sem família, ele passou a se esforçar, na esperança que, de alguma forma, o pai pudesse aceitá-lo em seu lar.

Suila-Ne sempre soube o quanto isso era importante, mas agora que ele finalmente estava perto de alcançar esse objetivo, ela se ressentia da presença do lorde. Heiten decidiu que após a reunião com Gareth, iria ter com a noiva para remediar a situação.

Localizada no centro da aldeia, a casa em que se encontravam era a única com piso de madeira. Edan dava duro para que tivesse o aspecto mais organizado possível. Embora o lorde tivesse dito que desejava discutir alguns planos, ignorou o mapa aberto sobre a mesa e dedicou a atenção a uma garrafa de vinho.

— Que castigo desumano é beber esse lixo! — queixou-se Gareth.

— Perdão, meu senhor! — disse Edan enquanto varria o casebre. — Foi a garrafa mais cara que encontrei na aldeia.

— Pois deveria obrigá-los a devolver o pagamento.

Heiten achou que o vinho era bom, mas pensou que seu paladar não devia ser tão apurado. Diante de Gareth, ainda sentia-se como o menino que fora acordado no meio da noite para encontrar uma figura misteriosa.

— Como se ficar neste barraco miserável não fosse o bastante! — o lorde continuou a se queixar.

— Qualquer que seja o plano para retomar para *Londinium*... — Heiten estufou o peito. — Saiba que pode contar comigo!

— Retomar?! Use a cabeça, rapaz! Kotler tem cem mil homens acampados em torno da cidade, eu tenho duzentos amontoados em uma fazenda. Suicídio seria mais sensato!

— Tem razão...

— Mesmo que os números fossem iguais, minhas mãos estariam atadas da mesma maneira. Não posso fazer nada enquanto Sarissa for refém daquela traidora que já não é mais minha filha!

Heiten esperou o lorde acalmar-se um pouco, enquanto ele próprio tentava conter a ansiedade.

— O que vamos fazer, então, meu senhor? — indagou passando a mão pela cabeça raspada. — Se é que posso perguntar.

— Não é preciso ser tão formal. — Garet tomou um gole de vinho e prosseguiu. — Pode me chamar de pai quando estivermos apenas entre nós. Afinal, você é meu único filho homem!

— Obrigado, pai! — os olhos de Heiten brilharam.

— Deixe que eu me preocupe com a estratégia, apenas mantenha-se preparado. — mais um gole. — Estou satisfeito com seu crescimento, rapaz! Não se surpreenda caso torne-se um nobre ao fim desse negócio.

— Um nobre?! Como?

— Depois que expulsarmos Kotler, *Londinium*, por certo, estará repleta de viúvas ricas. Será fácil te arranjar um bom casamento se eu apresentá-lo como meu protegido.

Para Heiten, foi como se lhe jogassem um balde de água fria.

— Mas, pai... Estou comprometido com Suila-Ne e quero me casar com ela, com sua permissão.

— Casar-se com uma muda?! Não pode estar falando sério!

— Nos estamos juntos há muito tempo e a verdade é que amo ela.

— Amor é para mulheres! Nós, homens, temos de nos manter acima dessas fantasias.

Embora Heiten tenha evitado discordar do pai novamente, Garet duvidava que o filho tivesse entendido a mensagem.

— Ouça... — mesmo com uma postura mais amena, o lorde falou com firmeza. — Não precisa afastar a moça... Aliás, é sempre bom ter um *acari* por perto no campo de batalha... Pode tê-la como amante, mas consentirei que coloque seu futuro em risco dessa maneira!

As palavras do lorde deixaram Heiten atordoado. Sempre sonhara com o dia em que o pai o aceitaria em seu círculo sem nunca pensar a sério em como ocorreria. Estava claro que Garet considerava casamento e amor como elementos distintos.

Heiten recordou-se que a esposa do lorde havia falecido recentemente, mas não o ouvira falar em Brunella uma vez sequer. Será que o pesar era tão grande que ele evitava falar sobre isso? Não parecia ser o caso.

Em sua antiga casa, Heiten era vizinho de uma mulher cujo marido fora assassinado por ladrões. Ela ficou tão devastada que, durante muito tempo, foi incapaz de tocar no assunto. Mesmo assim, a dor no semblante era evidente. Uma dor da qual não se via sombra alguma no rosto de Garet.

Na primeira chance, Heiten pediu licença para retirar-se. Queria muito falar com Suila-Ne. Agora entendia o motivo da noiva andar irritada. Com certeza, ela já tinha percebido que Garet a rejeitava. Precisava encontrá-la para dizer que nada mudaria na relação deles.

Teria de encontrar um jeito de obter a aprovação do pai, porque não conseguia se imaginar casado com outra mulher. Após a morte da mãe, Heiten passara muito tempo sozinho, até que durante a escolta de uma caravana, um dos primeiros trabalhos que realizara para o lorde, flagrou Suila-Ne à espreita, esperando alguém se afastar do grupo para roubá-lo. No instante em que pôs os olhos nela, algo despertou em seu interior. Ao invés de denunciá-la, a escondeu. E foi assim que se conheceram. De início, a comunicação era difícil, mas à medida que a relação evoluiu, ele aprendeu a compreendê-la com perfeição, quase como se ela realmente pudesse falar.

Heiten encontrou o casebre que dividiam com os Clancey vazio. Bem, em um lugar pequeno como a aldeia *Mylls* seria fácil encontrá-los. O leve sereno não chegava a incomodar, tanto que muitos aldeões se juntaram para o discurso de Liana, mas Suila-ne não estava com esse grupo, nem Valek.

Ele lembrou-se do armazém onde os soldados costumavam ir para beber. É claro, como não tinha pensando nisso antes? A noiva jamais recusava uma bebida. Porém, outra vez a busca não deu em nada.

— Por acaso viram uma guerreira loira com um vestido curto de pele de gamo? — perguntou ele.

— A *acari* que entrou no meio da formação inimiga? — devolveu uma amazona robusta com uma caneca de cerveja na mão. — Vi ela e o namorado entrarem na mata com uma garrafa de rum. É melhor não ir atrás, devem estar ocupados!

O comentário disparou uma onda de gargalhadas maliciosas entre os soldados.

— “Namorado”?!

— Aquele rapaz de cabelo vermelho. Que inveja dela, quem me dera ter um namorado mais novo!

Alguém disse qualquer coisa, provocando uma nova onda de gargalhadas. Heiten seguiu para a mata transtornado. Não tinha dúvidas dos sentimentos de Suila-Ne, mas sabia que ela perdia o controle quando bebia além da conta.

Meses atrás, em uma taverna, a *acari* ficou bêbada, começou a dançar e teria se despedido se ele não a impedisse. Era melhor Clancey nem pensar em tirar proveito da situação.

Caminhando depressa entre os pinheiros, Heiten escutou sons. Escondido atrás de uma árvore, viu aquilo que temia: Suila-Ne e Valek metiam com vontade.

No primeiro momento, ele sequer conseguiu acreditar. O guerreiro de cabeça raspada trincou os dentes, o sangue ferveu. Levou a mão ao cabo da espada, pronto para lavar a honra, mas as pernas não obedeceram ao impulso.

Caminhou para longe para não continuar testemunhando o ato. Estava com raiva e ao mesmo tempo, sentia-se parcialmente culpado. Suila-Ne era alvo do desprezo de Gareth sem que ele tivesse percebido, talvez temesse pela continuidade do noivado. Até mesmo os soldados acreditavam que Valek era o amante dela, e quem poderia culpá-los por pensarem assim? Mas e Clancey?

Tentara fazer amizade e como lhe pagava? Kal e Ramue haviam morrido para que ele pudesse lhe roubar a noiva? Não! Isso nunca! Iria à desforra! Heiten correu de volta para a aldeia e foi diretamente para o casebre do lorde.

— O que aconteceu, rapaz? — perguntou Gareth.

— Tive uma ideia para libertar Sarissa. — Heiten viu que tinha o interesse do pai e concluiu. — Basta oferecer algo que queiram como moeda de troca: Valek Clancey!

Capítulo XXXII

Manobra Ousada

Kotler coçou a barba, pensativo, diante de uma decisão estratégica complexa. Precisava agir com cuidado, qualquer movimento mal planejado o levaria à derrota. Após muito pensar, moveu a rainha negra e a posicionou de forma a pressionar a rainha branca.

— Uma manobra ousada, Solomon! — disse Baltus.

O feiticeiro pôs-se a analisar o tabuleiro, imaginando como libertar a rainha branca, ou melhor, o dedal que substituíra a peça verdadeira, aquela que Baltus entregara a Sarissa. Os jogadores estavam sentados em uma mesa no jardim atrás da torre principal do castelo. Kotler deixou o oponente pensando para dar atenção à Jander, de prontidão na porta que conduzia para o interior.

— Diga-me, Mestre da Guarda, que pensa da mudança de poder em *Londinium*?

— Que posso dizer, majestade? — Jander fez uma mesura exagerada. — O senhor é uma linda viva!

— E qual sua opinião sobre o povo de *Lestonor* após vê-los de perto?

— São... — Jander escolheu as palavras. — Diferentes do povo de *Ancestria*, muito diferentes. Tem sido uma experiência.

— Uma experiência agradável, espero. — Kotler percebeu que o Mestre da Guarda não respondera nenhuma das perguntas. — Penso que uma recompensa lhe é devida por sua colaboração na tomada da cidade.

— Já fui bem recompensado, majestade, mas se deseja...

A chegada de um mensageiro interrompeu a conversa.

— Majestade... — anunciou. — A comitiva que aguarda está próxima da cidade. Devem chegar ao castelo em uma hora.

— Excelente! — Kotler incumbiu o mensageiro de transmitir o mesmo recado para Acássia e Marla.

— Com sua licença, majestade... — disse Jander. — Irei recomendar os guardas a respeito dos convidados.

O rei o liberou para partir.

— Estive pensando, Baltus... — disse Kotler, assim que ficaram sozinhos. — O Mestre da Guarda poderia solucionar minha necessidade de um coração novo.

— Nythan Jander parece um bom doador. No entanto, me pergunto se essa escolha não terá sido motivada por razões sentimentais.

— Explique-se, velho amigo.

— Tua prometida tem este homem na palma da mão e não é difícil imaginar de quais ferramentas ela lançou mão para obter este controle. Ouviu-o falar sobre a recompensa que recebeu?

— Acaso, pareço um adolescente apaixonado e cego de ciúmes? Não nego que Acássia é belíssima, mas sabe muito bem que Arlena foi a única mulher que amei e que pretendo amar.

— Seja como for, estarei preparado para o ritual.

— Quanto a mim, devo aprontar-me para receber os convidados. — o rei se levantou. — Aproveite o tempo para pensar na próxima jogada. Sua rainha está encurralada.

— A situação é difícil, mas esta rainha... — o dedo de Baltus tocou o dedal que substituíra a peça verdadeira. — Ainda pode alterar o equilíbrio do jogo.

A voz confiante do feiticeiro soou em tom de desafio. Kotler examinou o rosto dele desconfiado. O conhecia o bastante para saber quando escondia algo.

— Diga-me, Baltus... Você sempre alegou ser um servo do destino. O que faria se descobrisse estar destinado a voltar-se contra mim?

O feiticeiro colocou a mão no queixo.

— Não vejo razão para te trair, Solomon, uma vez que teu destino já foi traçado pela profecia da Serpente de Fogo. — e acrescentou. — Sentirei falta de nossas conversas depois que Valek Clancey reclamar tua cabeça.

Kotler lançou um olhar firme para o feiticeiro e retornou para o interior do castelo. Estava farto de ouvir falar sobre a profecia, precisava encontrar uma solução definitiva para tal questão. Também havia o casamento e o problema do novo coração. O quanto antes cuidasse de tudo isso, mais cedo poderia retornar à campanha. Ficar parado apenas dava espaço para lembranças e sentimentos que preferia esquecer, enquanto memórias que valorizava lhe escapavam.

Por vezes, ele tinha a impressão de que cada lembrança perdida alterava um pouco de sua personalidade. Que tipo de homem viria a ser se vivesse tanto quanto Baltus? Kotler receava a resposta e sem querer pensar mais nisso, seguiu para o salão de banho, localizado no piso inferior do castelo, um luxo digno da realeza.

O ambiente era tomado por uma grande piscina de água cristalina, ao redor da qual, pilastras esculpidas sustentavam o teto. Com as servas dispensadas, o salão era ocupado apenas por duas mulheres.

De pé na piscina, com água na altura do joelho, Acássia e Marla davam-se prazer tocando uma à outra enquanto as bocas buscavam os seios. Não demorou para gozarem juntas. A chanceler deitou-se na água.

— Posso ver porque Solomon aprecia seus serviços, Gya.

— Pode contar com eles a hora em que desejar, minha senhora.

— Seus mamilos têm uma cor bonita! — Acássia admirou a tonalidade escura da pele de Marla antes de passar a língua pelas aureolas. — Venha...

Acássia sentou-se na borda da piscina com os pés dentro da água. Marla nadou até ela e escondeu o rosto entre suas coxas. A futura rainha gemeu de prazer.

— É assim que preparam-se para receber visitas? — a voz gutural de Kotler se fez ouvir.

O rei estava ao lado da piscina. Marla teve dúvidas sobre qual seria a reação dele, mas logo percebeu estar tudo bem.

— Ajudando minha noiva a banhar-se, Gya?

— Estou me esforçando, majestade, mas lady Garet é incansável!

— Se juntará a nós, Solomon? — convidou Acássia, vendo o rei se despir.

Marla lembrou o incidente que ocorrera na última vez em que estivera com Kotler e decidiu se esgueirar para fora da água.

— Infelizmente, acho que não tenho energia para continuar, minha senhora. Se me derem licença, vou cuidar dos preparativos para receber os convidados.

Enquanto a chanceler se vestia e se retirava, Acássia ajeitou os cabelos molhados. Kotler entrou na piscina observando a noiva com curiosidade.

De olhos fechados, ela respirou fundo uma... duas... três vezes... e quando os abriu novamente, o rosto exibia um sorriso enigmático. O rei já percebera que por trás daquele ar tranquilo escondia-se uma tempestade.

— Entre esses convidados está a pessoa que irá celebrar nosso casamento? — perguntou Acássia.

— Sim... — ele lavou a barba e os cabelos. — Ela vem à frente da comitiva.

— “Ela”? Quer dizer que será uma mulher?

— Uma mulher que minhas tropas reconhecem, mesmo que seja apenas pelo nome. Tornará a cerimônia mais legítima para eles.

Acássia pensou que essa conversa estava muito fria. Mesmo com o pacto que fizera com Kotler, ainda não tinha controle sobre ele, uma situação que esperava mudar, mas o noivo era uma pessoa mais difícil de decifrar.

Ele sentou-se dentro da água com as costas na parede da piscina, estendo os braços sobre a borda.

— Quando conquistei a cidade, nos tempos de seu bisavô, esse salão não existia. — disse Kotler. — Gareth sabe viver bem.

— Já que mencionou... — ela aproximou-se. — Por que o lorde continua a viver?

— A colina onde ele abriga-se está cercada e a aldeia deve estar quase sem recursos. É uma questão de tempo até que Gareth renda-se ou morra de fome.

Acássia foi para junto de Kotler e acariciou o peito musculoso. A voz dela soou no tom mais suave que podia.

— Para quê esperar para nos livrar de um problema? Dê ordens para que a aldeia seja varrida do mapa.

— Mobilizar tantos homens contra somente um, apenas inflaria o ego de seu pai. Prefiro aguardar. Sou um homem paciente, é parte de minha natureza imortal.

— Bem, não sou imortal, nem paciente. — Acássia deixou transparecer certa irritação. — Tomei tudo que era do lorde, mas ainda não é o bastante. Eu quero que me traga a cabeça de Darius Gareth!

— Está tentando dizer-me o que fazer? — surpreendeu-se Kotler. — Lembre-se de que fala com um rei, minha cara.

— E lembre-se de que se não fosse por mim, ainda estaria acampado na lama, esperando seu coração falhar. Majestade.

Kotler a agarrou pelos cabelos. A frieza do rei havia sido perturbada.

— Não obrigue-me a macular seu belo rosto.

Acássia pensou em ceder, evitar o confronto com o futuro marido e tentar adquirir o controle sobre ele de outra maneira, mas em seu íntimo, teve a impressão de que esse era um momento crucial. Sentiu que se baixasse a cabeça agora, estaria condenada a uma postura submissa, assim como no casamento com Ruram.

— Não ouse me ameaçar... — ela trincou os dentes.

As unhas de Acássia cravaram-se no peito de Kotler. O rei urrou de dor e a segurou pelo pescoço. Ela reagiu, deixando novas marcas e foi arremessada para o meio da piscina. Os ferimentos do rei fecharam. Ele avançou furioso e agarrou novamente as mechas platinadas, ela lhe puxou a barba.

O casal se encarou, ambos ofegantes. Kotler contemplou o rosto da mulher que o desafiava.

Com um gesto brusco, ele puxou Acássia para si. As bocas uniram-se num beijo intenso. Depois foram os corpos. Sons de prazer tomaram conta do salão de banho. A ejaculação foi forte, todo o corpo dela se agitou com o orgasmo.

Ele sentou-se no fundo da piscina ao lado dela, que se deixava boiar na superfície da água.

— Está sangrando, Solomon. — Acássia limpou o fio vermelho que escorria do nariz dele.

— Baltus alertou-me que a sangria era uma solução temporária. Preciso de um novo coração sem demora.

— Estava se arriscando ao me tomar dessa forma?

— Um risco que valeu à pena. — ele sorriu. — Jamais conheci uma mulher como você.

— Eu sei!

Trocaram um novo beijo. Kotler ofereceu a mão para ajudá-la a sair.

— Pois bem, darei-te o que deseja. — disse ele. — Vou trazer-lhe a cabeça de Garet espetada em uma lança.

No salão principal do castelo, convertido em sala do trono, os preparativos estavam terminados. Ao longo de um extenso corredor, um soldado se posicionou ao pé de cada um dos pilares. Marla assumiu posição no final do corredor, com Jander no lado oposto. Sarissa ocupou um lugar de honra. Em um tablado, alguns degraus acima, uma altiva Acássia sentou-se ao lado de Kotler.

As portas se abriram para dar passagem à comitiva. Um grupo de cerca de vinte sacerdotisas, a maioria na casa dos trinta anos, mas algumas eram bem mais velhas ou bem mais jovens. As mais novas trajavam tons claros como branco e palha. Já as veteranas vestiam cores escuras.

Aquela que vinha na dianteira era a de aparência mais austera. Vestia-se de preto e tinha cabelos bem curtos. A comitiva parou diante do trono, as sacerdotisas fizeram uma reverência.

— Saudações, Filhas de *Lunna*! — disse Kotler. — Seja bem-vinda, sumo-sacerdotisa Téssia Moonay.

Téssia deu um passo à frente.

— Sinto-me honrada em celebrar o casamento real, majestade.

Depois da cerimônia, as sacerdotisas foram conduzidas à seus aposentos e reuniram-se no quarto reservado para Téssia.

— Disseram que o salão de banho está a nossa disposição! — animou-se uma jovem. — Podemos usá-lo?

— Não vejo por que não. Um bom banho cairia bem depois da viagem. — respondeu Téssia. — Mas prestem atenção: não se esqueçam do verdadeiro motivo de estarmos aqui. Que a Grande Mãe nos proteja!

As sacerdotisas se persignaram. Desde a saída de *Mazilev*, a sumo-sacerdotisa estava sempre a recordar que só aceitara a oferta de Kotler por causa de Liana e Valek.

Graças ao Sonho Compartilhado, Téssia havia se inteirado da situação da amiga uma semana atrás, pouco antes de ser convidada para realizar o casamento do Rei Desmorto. Por enquanto, não sabia o que podia fazer por Liana, mas ao menos, não a deixaria sozinha.

O grupo de mulheres começou a dirigir-se ao salão de banho, mas uma sacerdotisa mais velha pediu para falar em particular com Téssia.

— Está mantendo uma postura exemplar, sumo-sacerdotisa. — começou a anciã. — Deve ser difícil sorrir para os responsáveis pela morte de Denora.

— Mais do que a senhora imagina. — respondeu Téssia.

— Aquilo foi terrível, mas precisamos encarar a realidade. Talvez seja melhor levar esta oportunidade um pouco mais a sério.

— Como assim?

— Sei que você e Liana sempre foram muito apegadas e entendo porque quer ajudá-la...

— Não estamos aqui porque Liana é minha amiga! — interrompeu Téssia. — Estamos aqui para acudir uma de nossas irmãs. Uma irmã que fez sacrifícios enormes por nossa Ordem.

— Sim, sim! Não me esqueci de tudo que Liana fez por nós. Só peço para não dispensar a amizade do rei ainda. Sabe tão bem quanto eu que nosso templo vai mal. Essa pode ser a chance de nos reabilitarmos.

— Faremos o que for melhor para templo.

A velha sacerdotisa imaginou que o argumento surtira efeito. Porém, em seu íntimo, Téssia já havia decidido que o melhor para o templo é que a profecia fosse cumprida e Valek, enfim, destronasse o Rei Desmorto.

Capítulo XXXIII

Coragem Para Agir

O castelo se agitava na véspera do casamento real. Sarissa atravessou os corredores à procura de uma pessoa que perdera de vista após a recepção das sacerdotisas. Encontrou Jander nas estrebarias. Como não queria que o maldito soldado que a escoltava ouvisse a conversa, chamou o Mestre da Guarda para dentro dos estábulos.

— Esse é um assunto particular. — disse à escolta.

O soldado acenou sem interesse, cansado de segui-la a toda parte. Para escapar de qualquer olhar, ela conduziu Jander para uma baia sem cavalos, embora o cheiro permanecesse.

“*Por onde começo?*”, pensou ela. As roupas do Mestre da Guarda lhe chamaram a atenção. Ele continuava vestindo-se da maneira habitual, com uma bela camisa e um colete verde, enquanto Sarissa adaptara seus trajes. Ela vestia uma peça que lembrava um espartilho azul escuro sem mangas ou alças e uma saia longa da mesma cor, que lhe ressaltava os quadris, trazia o cabelo solto, a única jóia era o anel com o brasão dos Garet.

— Bonita camisa, Nythan! Não pensa em vestir-se à moda de *Lestonor*?

— Meus gostos são diferentes. — respondeu Jander, curioso para saber o que Sarissa queria depois de tanto tempo sem se falarem. — Mas reconheço que sua nova roupa lhe caiu maravilhosamente bem!

Ela cruzou os braços sobre o peito de forma impaciente.

— Esse traje é apenas para não chamar a atenção de minha irmã, para ficar incógnita enquanto observava algumas coisas.

— E o que suas observações revelaram, pequena Sarissa?

— Que você ama Acássia! Foi por ela que traiu meu pai, não foi?

— Do que está falando?! — o sorriso dele desapareceu. — Meu compromisso era contigo, lembra-se?

— Já vi como olha para ela! — Sarissa elevou a voz, mas depois procurou se conter. — De um jeito que nunca olhou para mim.

Pela primeira vez, Jander não sabia o que dizer a uma mulher.

— Há algo mais que queira, além de atormentar-me com essas teorias?

— Vou te confiar um segredo, Nythan. Planejo fugir do castelo e me reunir com meu pai.

— Fugir a troco de quê? Acássia contou-me o que o lorde fazia com vocês.

— Pelo menos eu podia lidar com aquilo! Não sei qual é meu lugar nessa realidade, mas sei que não quero ficar aqui. E também sei que vou precisar de ajuda para escapar.

— E espera que eu a ajude?!

Ela suspirou.

— Torço para que isso aconteça, porém não espero mais nada de ninguém.

— Eu a conheço, Sarissa. Mesmo que tenha a disposição, duvido que tenha a coragem para agir. Meu conselho é que esqueça essa ideia maluca!

— Então não temos mais nada para conversar. Quero acreditar que manterá esse encontro em segredo.

Ela caminhou para fora da baía sem esconder a decepção.

— Sarissa...! Fico feliz que ainda confie em mim.

— Temos algo em comum, Nythan. Nós dois sabemos como é amar alguém que não nos ama da mesma maneira.

— Amanhã à noite... — disse ele. — Todos estarão bêbados após a celebração do casamento. Pode usar a passagem secreta do meu quarto. Cuidarei do guarda que a escolta, se for necessário, mas isso é tudo.

Ela agradeceu com um aceno de cabeça e partiu. Jander a acompanhou com o olhar, ciente de que não poderia mais chamá-la de “pequena”.

— Devo ter perdido o juízo! — disse para si mesmo. — As irmãs Gareth ainda vão custar-me a vida!

Com as tarefas concluídas, ele rumou para seus aposentos, onde deu de cara com Acássia, metida naquele traje de tiras de couro e placas de metal que a deixava seminua.

— Disponho de pouco tempo, Nythan. É melhor não desperdiçá-lo com conversa.

Para surpresa dela, Jander hesitou.

— Algum problema?

— Não é nada... Nada mesmo.

“*Só mais um dia*”, pensou Sarissa. Fugiria do castelo após o casamento, portanto, mais um dia era o tempo que precisava continuar fingindo estar bem. Enquanto se dirigia para o salão de jantar, ouviu a chamarem.

— Espere por mim, irmã!

O soldado que escoltava Sarissa saudou Acássia.

— Amanhã é o grande dia, não? — a mais jovem fingiu interesse.

— Fico feliz que tenha aceitado essa nova realidade. — Acássia parou para fazer pequenos ajustes no espartilho de Sarissa. — Ajeitando dessa maneira, valorizará o busto. Você tem mais curvas que seus antigos vestidos faziam crer. O que é isso?

Acássia sentiu um volume estranho por dentro do decote de Sarissa. Era onde a rainha branca do xadrez de lorde Garet estava escondida.

— É um talismã que o senhor Baltus me deu.

Sem dar maior atenção àquilo, a irmã mais velha alinhou os cabelos da caçula.

— Não deve lembrar-se, Sarissa, mas eu gostava muito de pentear seu cabelo quando era bem pequena.

— E como poderia me esquecer? Eu não deixava ninguém, além de você tocar em meus cabelos!

— Estive pensando, irmã. Deseja retomar seu noivado com Nythan?

— Eu... — Sarissa desconfiou. Jander teria revelado os planos? — B-bom, essa união foi ideia do nosso pai...

— Tudo bem, compreendo. Perguntei apenas para saber. — a mais nova suspirou aliviada. A mais velha continuou. — Mas notei que tem andado desanimada. Talvez te faça falta uma companhia. Pelo que ouvi dizer, uma das sacerdotisas simpatizou com você.

— Pensarei no assunto. — disse Sarissa para agradar a irmã e, com uma alegria travessa, acrescentou. — A essa altura, tudo pode acontecer.

Adentraram o salão de jantar juntas.

As sacerdotisas eram as convidadas de honra de Kotler. O rei trajava um colete aberto, sem camisa e usava uma coroa escura, feita de aço *taringolês*. Sentada ao lado da irmã, Sarissa procurou mostrar-se disposta. Como o estômago andava fraco, preferiu salmão à carnes vermelhas.

— Espero que nos perdoem por recebê-las com uma mesa tão simples. — disse Acássia com um ar de superioridade. — Estamos nos poupando para o banquete de amanhã.

Téssia, que nunca tinha visto uma mesa tão farta, teve certeza de que a nova rainha zombava dela e de suas amigas. Tudo transcorreu sem incidentes até a hora em que era servida a sobremesa.

— Sumo-sacerdotisa Moonay... — disse o rei. — Alegra-me que tenhamos superado as diferenças que seu templo teve no passado em relação a meu governo.

— Um líder deve agir para o bem dos liderados. — devolveu Téssia. — Farei o que for melhor para o templo.

— Sábias palavras. Sua mãe orgulharia-se.

— Agradeço, majestade. — outra provocação. Téssia forçou-se a sorrir e tentou descobrir algo sobre Liana. — Parabênizo-o por sua vitória, apesar de ter ouvido que há resistência em uma aldeia próxima.

— Um movimento insignificante liderado por lorde Garet. Uma distração que pretendo eliminar ainda essa noite.

Téssia engoliu o ar, mas manteve-se firme.

Sarissa, porém, deixou o garfo cair e, instintivamente, apertou o cabo da faca. Essa noite? A morte do pai estava agendada para essa mesma noite? Teve um impulso de protestar, como na execução de Balem, mas conteve-se certa de que seria inútil. A irmã nunca lhe dava ouvidos. Teria de confrontá-la.

— Não seria mais adequado esperar para depois do casamento, Acássia? — disse em alto e bom som.

— Enquanto não lidarmos com esse problema, tudo que estamos construindo estará ameaçado.

— Fiz o que pediu. Agora sou eu quem está pedindo: não faça isso.

— Já tivemos essa conversa. — Acássia sussurrou. — Faço somente o que é melhor para nós duas!

Sarissa levantou transtornada e apertou o cabo da faca com ainda mais força. A raiva que vinha guardando no peito começou a jorrar para fora.

— Para nós, não! Para você! Só consegue pensar em si mesma e nesse casamento ridículo!

Todos os olhares voltaram-se para aquele ponto da mesa. Kotler inclinou-se e sussurrou para Acássia.

— Controle sua irmã.

Entre chamar alguém para levar Sarissa para fora e ela própria tentar contornar a situação, a futura rainha escolheu a opção que lhe parecia menos indigna. Com toda a classe possível, diante das circunstâncias, segurou a irmã pelo pulso.

— Chega de escândalos.

— Me solte! — debateu-se Sarissa.

— Venha comigo!!!

Acássia a puxou com força para mais perto e sentiu uma pontada dolorosa na barriga.

Por um momento, os olhos azuis das irmãs se encontraram. Sarissa recuou assustada. Compreendeu o que acabara de fazer ao ver as pontas dos dedos sujas de sangue. Acássia tentou falar, mas as pernas amoleceram. Ela desabou com uma faca enfiada no lado esquerdo do ventre.

— A rainha foi esfaqueada! — alguém gritou.

— Segurem-na! — Kotler apontou para Sarissa.

Ela correu para a saída e se lançou pelo corredor. Podia ouvir os passos do soldado que sempre a escoltava correndo logo atrás. Ele a agarrou pelo braço.

— Peguei!

— Ei, você! — chamou uma voz.

O soldado teve tempo apenas de ver Jander avançar rapidamente antes que a espada do Mestre da Guarda lhe atravessasse o pescoço.

— Vamos, Sarissa!

Os dois se enfiaram no primeiro gabinete que apareceu. Sem perda de tempo, Sarissa usou o anel para abrir a passagem e disparou para dentro dos caminhos secretos.

— Há uma rede de túneis secundária que quase ninguém conhece. — ela pressionou dois tijolos ao mesmo tempo, uma nova passagem abriu. — Se seguirmos por aqui nós... Nythan?!

Só então ela percebeu que ele estava parado na porta do primeiro túnel.

— Adeus, Sarissa! Espero que encontre alguém digno do seu amor.

Ele retornou para o gabinete e fechou a passagem atrás de si. Ela estendeu a mão, quis chamá-lo, mas não foi capaz. Com um enorme esforço, Sarissa obrigou-se a entrar no túnel secundário e trancar a passagem.

Dentro do gabinete, Jander preparou-se para resistir o máximo de tempo possível. Marla foi a primeira a aparecer na porta, armada com sua lança.

— Saia do caminho! — ordenou ela.

— Lamento, chanceler, mas não consigo pensar em um fim mais adequado para mim do que morrer por causa de uma mulher.

— Que seja!

Marla arremeteu com a ponta de estocar da alabarda. Jander desviou duas investidas e contra-atacou, mas ela se defendeu com a lâmina em forma de machadinha. Girando a lança na vertical com grande agilidade, a amazona repeliu os avanços do Mestre da Guarda.

Com um giro na descendente, ela fez um corte na coxa dele, que o desequilibrou. Com outro movimento, ela o estocou no ventre.

Jander caiu de joelhos exposto ao golpe final.

— Espere, Gya! — Kotler adentrou o gabinete acompanhado de um par de soldados e do feiticeiro Baltus. — Preciso dele vivo.

Os soldados agarraram Jander pelos braços, o obrigando a permanecer de joelhos.

— Que vão fazer comigo? — indagou o Mestre da Guarda.

— Logo saberá. — retrucou o rei e voltou-se para Marla. — Reúna uma tropa de dois mil homens. Marcharemos contra a aldeia *Mylls* e massacraremos aquele lugar miserável! Baltus garantirá que tenham uma noite... Tempestuosa!

— Estou pronto para o ritual, Solomon. — disse o feiticeiro assim que a amazona saiu.

— Ainda deseja saber o que acontecerá? — disse Kotler para Jander com imensa frieza. — Baltus vai abrir-lhe o peito, arrancar-lhe o coração e entregá-lo a mim para devorá-lo. Não será bonito, admito, mas é necessário para prolongar minha imortalidade.

Jander debateu-se sem conseguir escapar. Com o punhal ritualístico em mãos, o feiticeiro começou a pronunciar palavras em laer. O Mestre da Guarda sentiu os batimentos acelerarem. Baltus rasgou-lhe a camisa e encostou a lâmina no peito. As artérias destacaram-se. As palavras mágicas eram pronunciadas cada vez com mais energia.

Baltus ergueu o punhal e o cravou no peito do Jander.

Os gritos de dor ecoaram pelo castelo até chegarem ao salão de jantar onde Acássia recebia os cuidados das sacerdotisas. A futura rainha olhava para um ponto distante no teto.

— Ignore! — ordenou Téssia para a sacerdotisa que limpava o ferimento, embora também sentisse calafrios. — Como ela está?

— A faca não perfurou nenhum órgão. Está em choque, mas ficará bem.

Os gritos de Jander cessaram. Téssia e as demais persignaram-se. A sumo-sacerdotisa pôs-se a pensar em como salvar Liana e Valek do Rei Desmorto. Ao mesmo tempo, Sarissa corria para longe do castelo.

Capítulo XXXIV

Uma Nova Vida

Quando era uma aprendiz no templo, Liana mostrou ter um talento natural para magias elementais. Conjurar fogo ou vento e purificar água eram tarefas que executava sem dificuldade. Também possuía habilidade com magias da mente, como a leitura de memórias e o Sonho Compartilhado.

Presságios, porém, se revelaram seu fraco. Não desenvolvera o dom da premonição e, por essa razão, teve de esperar quase um mês até que a lua cheia surgisse sobre a aldeia *Mylls*. Apenas quando *Luuna* mostrava-se por completo no céu, sua arte ficava forte o bastante para enxergar as linhas do destino.

Durante esse período, a situação no vilarejo se degradara a um nível precário. Com os homens de Kotler impedindo a chegada de novos suprimentos, a escassez de alimentos era grande e em breve, todos passariam fome.

Mas nem tudo eram más notícias. Através dos sonhos, Téssia lhe avisara de sua chegada à *Londinium*. Logo poderiam agir, mas antes Liana precisava tomar uma decisão a respeito de um segredo que vinha escondendo de Valek.

Ela olhou para o filho, com quem caminhava à luz do luar. Nos anos que ficaram afastados, Liana sempre sonhava com o dia em que se tornariam uma família feliz, mas quando se reencontraram, deparou-se com uma realidade diferente. O treinamento e a convivência com os *acarís* o haviam tornado um guerreiro duro e implacável. Forte com a espada, mas inábil no trato social. E ainda assim, de alguma ele fora capaz de entrar em seu coração e levá-la a infringir os mandamentos de *Lunna* ao cometer o pecado do incesto.

— É longe daqui, filho?

— Estamos quase lá, senhora.

Valek estava com ótima disposição. Era bom ter um momento com Liana novamente. Não que não fosse agradável ficar a sós com Suila-Ne, mas nem se comparava a estar com a mulher que amava. O rapaz carregava um cobertor e um feixe de galhos secos. Imaginou que a acompanhava para algum ritual mágico.

Ainda assim, mesmo que nada de íntimo acontecesse, ele ficou feliz por ela o ter chamado para um passeio noturno.

Enquanto vivia com o clã dos Mi, Valek raramente pensava em Liana Clancey. Quando o fazia, sempre a imaginava de uma forma diferente. Às vezes era uma mulher arrogante, que aparecia do nada esperando que a obedecesse. Em outras, a via como uma figura lamentável, que chorava sem parar e implorava perdão por tê-lo abandonado. Ele viu inúmeras Lianas em sua mente e acreditava estar preparado para qualquer coisa quando a encontrasse... Menos se apaixonar por ela.

— É aqui, mãe. Esse lugar está bom?

Antes de saírem do casebre, Liana perguntara se Valek sabia de alguma clareira na mata, fora da vista dos aldeões. Ele decidiu levá-la ao mesmo ponto onde estivera com Suila-Ne pela primeira vez, onde jazia o tronco caído de uma árvore.

— Está ótimo, filho! Pode montar uma fogueira?

Com uma palavra mágica, ela fez chamas verdes surgirem, acendendo os galhos secos. O cobertor foi estendido perto do fogo. Liana apoiou-se no rapaz para descalçar as sapatilhas.

— Para essa magia, não posso estar em contato com nada material. Significa que preciso despir-me.

— Deixe-me ajudá-la. — disse Valek, com um brilho no olhar.

Liana confirmou com um aceno discreto. Ele tirou o vestido dela devagar, admirando cada parte do corpo. Os seios fartos, o umbigo sensual, os pelos ruivos, as belas coxas. Ela precisou se controlar ao sentir o hálito dele contra sua pele.

— Preciso tirar o presente que você me deu também.

Liana removeu o anel de pedra azul com cuidado e o depositou na palma da mão de Valek. Ele fechou os dedos e tocou o punho nos lábios.

— Fique aqui me vigiando, sim?

Ela afastou-se sete metros e sentou sobre os joelhos na grama úmida. A luz da lua a banhava.

— Ilumine meu caminho, Grande Mãe!

Existiam diferentes maneiras de prever o futuro. Alguns o liam em ossos, outros sacrificavam animais. Eram métodos eficientes, porém, Liana preferia algo mais elegante.

Fechou os olhos e controlou a respiração para concentrar-se. Começou a sussurrar palavras em *laer*. Sem abrir os olhos, levou o dedo indicador à boca e o mordeu, tirando um pouco de sangue, que passou sobre a cicatriz em forma de crescente entre os seios. Continuou sussurrando os encantamentos, mergulhando em um transe cada vez mais profundo.

Sentiu fortes contrações no baixo-ventre, uma dor que já conhecia. A dor do parto. Estava dando à luz. Ouviu vozes e notou dois vultos através das brumas que escondiam o futuro. Não conseguia ver os rostos ocultos pela névoa, mas um dos vultos tinha cabelo escuro e a outra pessoa era uma mulher idosa... Não... Liana ouviu a voz distante dela. Era uma jovem, apesar da cabeça branca.

Novas contrações atingiram a sacerdotisa. As dores enfraqueceram a magia, a visão embaçou. Colocou mais força nas palavras mágicas, pode ouvir o choro de uma criança. Liana redobrou os esforços. Por um instante a neblina dissipou-se e conseguiu enxergar claramente. Valek vinha banhado em sangue e segurava um bebê nos braços, uma pequena menina rosada e saudável.

Porém, não era tudo. A visão prosseguiu, mas o que viu em seguida foi demais para ela. Tudo obscureceu.

— M... ãe... acord... Mãe...!

Liana abriu os olhos com dificuldade. O rosto de Valek, inclinado sobre ela, tinha uma expressão preocupada. Percebeu que retornara à clareira na mata no tempo presente. Estava enrolada no cobertor ao lado da fogueira.

— Como está, mãe? — ele sentiu um enorme alívio ao vê-la recobrar a consciência.

— Estou bem, filho. — a voz dela soava mole, como se despertasse de um longo sono.

— Me deu um grande susto, senhora! Eu a vi desmaiar de repente e quando a toquei, sua pele estava gelada.

— Perdi calor porque gastei muita energia. Vou me recuperar logo, mas é melhor não fazer mais magias essa noite.

Um fio vermelho ainda escorria do dedo indicador. Valek tomou dedo dela gentilmente e levando-o à boca, aplicou uma ligeira pressão com a língua para que parasse de sangrar.

— Pronto! — disse ele. — O que aconteceu, senhora?

Ela sentou-se na grama, segurando o cobertor sobre o peito.

— Antes de responder, quero saber do meu anel.

A jóia repousava sobre o vestido, dobrado em cima do tronco caído, bem ao lado da espada embainhada de Valek. O rapaz o recolocou no dedo anelar da mão esquerda da mãe. Ela ajeitou o cabelo ruivo e preparou-se para contar o que vira e a decisão que tomara.

— Tudo o que fiz hoje tem a ver conosco e com o nosso relacionamento. — Liana notou o interesse dele crescer. — A razão de o incesto ser um pecado é a possibilidade de gerar crianças imperfeitas e até mesmo deformadas. Essas crianças têm vidas muito difíceis. É melhor beber uma poção abortiva à condenar uma criança a viver assim.

Valek assentiu, sinalizando que entendeu o que ela queria dizer, embora ainda não compreendesse qual era o ponto.

— Por isso, quis ver o futuro. — continuou Liana. — Eu precisava saber se a criança que carrego em meu ventre sofre de algum mal.

— C-criança...! Está grávida, senhora?

Liana confirmou com um aceno e um sorriso. Valek precisou de alguns instantes para assimilar a novidade.

— C-como...? Há q-quanto tempo?

— Eu pude sentir uma nova vida se formar dentro de mim um dia após deixarmos *Ilárdia*, cerca de um mês atrás.

— A senhora conseguiu ver nosso bebê?

Os olhos de Liana ficaram cheios de água.

— Vi uma menina linda! Tinha cabelinhos da mesma cor dos nossos e era tão... Perfeita! Perfeita de todas as formas! — Liana enxugou uma lágrima rebelde. — Eu a quero, Valek. Vou dar à luz a essa menina, mas preciso saber o que você pensa de ser pai tão jovem.

— Mirya! — disse ele. — Não me recordo onde ouvi esse nome, mas o acho bonito.

— Mirya...? Eu gosto. — ela passou a mão sobre a barriga. — Mirya Clancey!

— Nossa filha!

Valek também tocou o ventre de Liana, encantado com a ideia de ter uma filha com sua amada.

Ele se inclinou para beijá-la e foi correspondido. Os lábios permaneceram unidos por muito tempo. Ela entregou-se por completo àquele sentimento. Não temia mais nada, muito em parte por saber como o bebê seria, mas também por conta da última coisa que viu antes de perder a consciência. Por que temer se aquele era seu destino?

Valek desenrolou o cobertor, expondo o corpo nu de Liana. O desejo tomou conta dele, tirou as botas depressa e deitou no cobertor afoito.

— Calma... — brincou ela. — Devagar, não tenha pressa.

Liana ajudou-o a tirar a camisa, beijando o peito atlético. Tirou a calça dele. Ver o pênis duro a excitou. Ela sentou no cobertor com o ombro e a lateral do quadril encostadas no corpo de Valek, as pontas dos dedos tocaram o membro de leve, depois começou a movê-los com mais confiança. Tinha esse desejo desde que o vira se tocando. Podia sentir todo o corpo do filho vibrando. A mão, o antebraço e a barriga dela ficaram molhados com o gozo do rapaz.

Trocaram sorrisos cúmplices.

Valek pensou que jamais se cansaria de beijar aquela boca ou tocar aquela pele macia. Retribuiu o toque acariciando os seios macios e brincando com os mamilos rijos, primeiro com os dedos, depois com a ponta da língua e, por fim, com os lábios. Arrepiada, ela arqueou as costas, estufando o peito como se pedisse mais. A mão dele passeou devagar pelo corpo feminino buscando o ponto mais sensível da mãe. O orgasmo logo veio.

Liana deitou, puxando-o sobre si. Quando se juntaram, sentiram que não apenas os corpos tornavam-se um só. Uma ligação muito mais profunda os uniu. Amaram-se sem receios. Alcançaram o clímax juntos uma vez e outra e ainda mais uma.

Após o ato, permaneceram juntos sob a luz da lua cheia, aquecidos pela chama mágica da fogueira.

— Deseja voltar? — perguntou ele.

— Ainda não. Vamos ficar um pouco mais.

Ela aninhou-se no peito de Valek, ele a envolveu nos braços e acabaram adormecendo.

Liana começou a sonhar que tinha dezesseis novamente e estava grávida. Sonhou que encontrava-se na sacada do templo ao lado de Denora, de Blie-Mi e de Téssia. Era um sono tranquilo no início, porém sentiu uma perturbação, uma mão pousou no ombro.

A Téssia ao seu lado não era a jovem amiga de longos cabelos morenos, mas a Téssia adulta, de cabelo curto.

— Acorde! Você está em perigo!!!

Liana despertou sobressaltada. A luz da lua desaparecera, a mata mergulhara na escuridão. A agitação dela acordou Valek, que olhou para cima surpreso. O estrondo de um trovão desfez o silêncio. O céu foi tomado por nuvens tão pesadas que pareciam prestes a desabar. Raios e trovoadas cortaram a noite. A sacerdotisa entendeu de imediato que não se tratava de uma tempestade comum. Podia sentir uma poderosa magia em ação!

As primeiras gotas de chuva caíram. O som de um chifre de alerta soou na aldeia, indício de um ataque.

Capítulo XXXV

Tormenta

Garet metia em Edan quando bateram de forma impaciente à porta da casa. Ambos vestiram-se rapidamente. Heiten o chamava, acompanhado de Suila-Ne. O recado era simples: havia chegado a hora de agir. O lorde ordenou que o servo fosse de casa em casa, convocando os soldados.

Os homens de Gareth começaram a se reunir. Em voz baixa, o lorde os colocou a par do plano: capturar os Clancey e entregá-los à Kotler em troca de um acordo. Um mês atrás, todos teriam resistido a essa ideia. Agora, porém, o fantasma da fome se aproximava, por isso, os homens lamentaram em silêncio, mas concordaram. As nuvens carregadas surgidas do nada os deixaram ainda mais assustados.

— Vejam, as nuvens se aglomeram apenas sobre a colina, além dela é possível ver o céu estrelado. — disse Gareth. — Essa tormenta é obra de magia! Precisamos agir! Heiten, diga onde estão nossos alvos.

— Eles saíram e foram naquela direção, onde há uma clareira. Levaram poucas coisas, não devem ter fugido.

Enquanto Gareth prosseguia com as instruções, Heiten voltou-se para Suila-Ne. Há dias o guerreiro de cabeça raspada vigiava cada passo dos Clancey e quando os viu sair do casebre no meio da noite, acordou a noiva e foram alertar o lorde.

— Esse é o único jeito, Suila. Do contrário, vamos todos morrer de fome, se não formos massacrados primeiro.

A *acari* limitava-se a balançar a cabeça negativamente com os braços cruzados e uma expressão de desagrado. Desde que acordara, Heiten tentava convencê-la a aderir ao plano.

— Vai preferir ficar do lado do seu amante?

Suila-Ne arregalou os olhos diante da acusação. Então era sobre isso que se tratava? Ela tocou o braço dele com ar arrependido, depois colocou a mão sobre o coração do noivo e sobre o próprio. Heiten sabia que esse era o jeito dela de dizer que o amava.

— Também amo você... — disse ele. — E posso esquecer o que aconteceu, mas tem de ficar comigo nisso.

Suila-Ne olhou bem dentro dos olhos do noivo. Ela podia ouvir uma voz em seu interior, mas não a dele. Era a voz da mãe repetindo as palavras que disse na última vez que se viram.

Lara-Ne era uma mulher forte, que prezava a honra acima de tudo. Acreditava que um *acari* sem honra era como uma lâmina cega. O marido morrera em batalha contra os Mi durante as Guerras dos Clãs, deixando-a com três meninos para criar. Ela não se casou novamente, mas teve casos lhe trouxeram sua única menina e outro menino, Tailo-Ne.

Suila-Ne, que nascera com a língua morta, era muito apegada ao irmão caçula, já que os mais velhos preferiam a companhia uns dos outros. Foi um choque quando, durante uma caçada, Tailo-Ne caiu e bateu a cabeça em uma pedra, vindo a falecer. Uma semana mais tarde, ela acordou antes do sol nascer e juntou as coisas para ir embora, mas se deparou com Lara-Ne parada na porta. A mãe, porém, não tentou impedi-la.

— Viva ou morta... — disse, abraçando a filha. — Volte com honra!

Essas lembranças passaram como um raio pela mente de Suila-Ne, enquanto o noivo aguardava uma resposta que, para ela, não existia. A honra *acari* valorizava os companheiros, mas jamais conseguiria ficar contra o homem que amava.

Heiten sentiu o coração partir ao vê-la se afastar. Ela correu para longe dele e dos Clancey, mergulhando na noite e na chuva que começava a cair.

— Suila! — Heiten a chamou, mas era tarde.

— Ela fez uma escolha... — disse Gareth. — E não escolheu você.

Nesse instante, um dos vigias chegou correndo como se fugisse da morte.

— Lorde Gareth! Lorde Gareth, emergência! — o vigia parou diante da casa, ofegante. — Kotler e seus homens... arf... Subindo a colina... arf... Mataram os vigias dos dois primeiros postos... antes do alarme ser soado...

— Quantos?

— Duas... arf... legiões...!

— Que o Pai Sagrado nos proteja! Soem o alarme!

O chifre feito de osso de mamute foi soprado. O alerta soou como um lamento e, por um instante, superou o som da chuva e dos trovões. Garet segurou Heiten pelos ombros.

— Tenha coragem, porque esse é o momento crucial! — a urgência na voz do lorde mostrava a gravidade da situação. — Os Clancey não suspeitarão de nada se os abordar sozinho. Encontre-os e traga-os para cá sem demora.

Heiten apertou o passo na direção da mata enquanto toda a aldeia despertava. A chuva ganhou intensidade, caindo ruidosamente. Cada passo dele espirrava água, o rosto e as roupas logo ficaram encharcados. Parte dele questionava se esse era mesmo o caminho certo, mas evitou pensar no assunto e afinal, não devia nada aos Clancey, além de problemas.

Viu um par de vultos vermelhos e os chamou, fazendo uma concha com as mãos.

— Liana! Valek!

— Aqui, Heiten!

O guerreiro de cabeça raspada aproximou-se.

— Qual é a situação? — perguntou Valek.

— O Rei Desmorto está vindo à frente de dois mil homens!

— O que faremos? — a sacerdotisa ficou apreensiva.

— Meu pai reuniu a tropa. Vamos!

Heiten deixou que Valek passasse. Vê-lo tão perto, acabou com as dúvidas. Pôs a mão no ombro do rapaz ruivo e quando este se virou, teve o rosto atingido por um soco.

Pego com a guarda baixa, ele perdeu o equilíbrio. Conseguiu se apoiar na queda, mas recebeu um chute na barriga que o derrubou de costas sobre o solo encharcado.

— Filho!

Heiten desembainhou a espada num piscar de olhos e tomou posição de forma a ficar de frente para Liana enquanto mantinha a ponta da lâmina no pescoço do rapaz caído.

— Nada de magias!

— O que significa isso, Heiten?! — indagou Liana.

— Estou dando a esse maldito o que ele merece!

— Mas o que ele pode ter feito contra você?

— Conte para sua mãe, Valek, sobre seus encontros com a minha noiva.

Liana viu a sombra da culpa passar pela expressão do filho. Logo em seguida, o rapaz encarou Heiten com brasa no olhar.

— Quer dizer que o ataque à aldeia é mentira? — indagou ela.

— A ameaça é bem real! A única esperança agora é entregar Valek à Kotler.

— Heiten, me escute. Se tiver algum problema com meu filho, resolvam entre vocês, porque se o entregar ao Rei Desmorto vai condená-lo à morte.

— Não quero te machucar, Liana, mas farei o que for preciso para levar esse sujeito comigo.

A mão de Valek, que deslizava devagar na direção do cabo de sua espada, parou diante da última frase.

— Não vou abandonar meu filho!

Liana ergueu a mão para lançar um feitiço.

— Pare, senhora! — interveio o rapaz. — Heiten, te dou minha palavra que vou sem resistir se deixá-la ir.

— Valek, não! — interveio Liana.

— Estou mais preocupado com a senhora e com o bebê.

Heiten surpreendeu-se ao ouvir falar em bebê. Pensou um pouco e fez um sinal positivo. Sem movimentos bruscos, Valek soltou a bainha da espada e a jogou em uma poça ao pé da mãe.

— Esconda *Natsvaerd* e fuja para um lugar seguro, senhora. A alcançarei depois.

Por um instante, apenas o barulho da chuva e de um trovão foram ouvidos. Liana não queria deixá-lo para trás, mas Valek tinha razão. Agora que decidira levar a gravidez adiante não podia mais pensar apenas em si mesma. Ela recordou-se que em sua visão, o filho aparecia enquanto dava à luz. Esse pensamento a confortou.

Liana apertou a espada embainhada junto ao peito.

— Não demore. — disse ela para o filho e se foi.

Heiten voltou-se para Valek deitado em um charco e deu espaço para que ele pudesse levantar. O rapaz ficou de pé sem dar sinais de que planejava algo.

— Como prometido, vou sem resistir. O que vai acontecer quando chegarmos ao nosso destino é outra história.

Tomaram a direção da aldeia. Valek caminhava na frente com um passo lento, tentando ganhar mais tempo para Liana. O guerreiro de cabeça raspada o seguia, com a lâmina nas costas dele. A chuva não dava trégua, os raios e trovões ficaram mais frequentes.

— Eu devia ter feito isso desde o início. — disse Heiten. — Trazê-lo na ponta da espada ao invés de oferecer minha amizade.

— Amizade...? — Valek não se conteve. — Não me faça rir. Sempre quis nos dar de presente à Gareth.

— Estendi a mão naquela estalagem, lembra-se? Esse gesto custou a vida de meus melhores amigos e talvez o amor de Suila.

— Perde seu tempo se espera que vou dizer que sinto por algo. Não lamento por Kal, nem por Ramue e tampouco lamento ter dormido com sua noiva. — e olhando por cima do ombro, acrescentou. — Você não está à altura de Suila-Ne.

— Cale a boca e ande!

O movimento era grande na aldeia. Os duzentos soldados haviam se reunido. Muitos aldeões observavam nas portas dos casebres para verem o quê iria acontecer em seguida. Medo e apreensão dominavam o ambiente.

— Onde está a sacerdotisa? — Gareth antecipou-se no meio dos soldados.

— Não pude evitar que ela fugisse. — respondeu Heiten.

Edan, também observava tudo de dentro da casa em que vivia. O jovem servo pouco conhecia Valek, mas gostava de Liana e agradeceu por ela ter escapado, ainda que a sorte do filho fosse diferente.

— Venha conosco, Clancey... — declarou o lorde. — É melhor não tentar nenhum truque.

Valek analisou o cenário. Seria impossível derrotar tamanha quantidade de inimigos, porém, eles pareciam dispersos e assustados, por conta da tempestade. O rapaz concluiu que sua melhor chance seria roubar uma arma e tentar embrenhar-se na mata novamente.

Nesse momento, um clarão intenso ofuscou a todos, seguido de um estrondo imediato. Um dos casebres fora atingido por um raio, sendo destruído quase que por inteiro. Outro barraco foi atingido e mais outro.

Em um instante, o pânico tomou conta da aldeia. As pessoas começaram a correr para fora dos casebres. Edan tentou fazer o mesmo, mas um raio atingiu a casa onde estava. A lufada de ar lançou o servo no chão desacordado.

No meio da confusão, Valek sacou a espada de um soldado que o segurava pelo braço e o matou.

Heiten percebeu e investiu, mas o rapaz ruivo esquivou-se e revidou. A ponta de sua lâmina rasgou a lateral do tórax do guerreiro de cabeça raspada causando grande dano. Heiten desabou, ciente da gravidade dos ferimentos.

Valek começou a correr na direção da mata. Gareth deu ordens a respeito dele, mas ninguém ouviu. No caos que se instalara, os aldeões e os soldados corriam para todos os lados gritando por suas vidas. Os raios continuaram a cair, derrubando casas e até mesmo alvejando os que tentavam fugir. Não poderia ser coincidência. Liana dissera que aquela tempestade era mágica e, pelo visto, o responsável decidira atacar.

Os homens de Kotler surgiram pelo flanco da aldeia como uma onda furiosa, passando por cima de tudo e todos que viam pela frente. Ao mesmo tempo, Valek se aproximava da mata sem olhar para trás.

Que lhe importavam o vilarejo e os moradores? A mãe era sua única preocupação. Porém, foi obrigado a parar quando o brilho de um relâmpago revelou um enorme vulto em seu caminho.

Tratava-se de um homem muito alto. Tinha o rosto oculto por um elmo adornado com chifres e era dono de um corpo musculoso. Envergava uma capa feita de pele de animal e portava um poderoso machado de batalha.

Valek apertou o cabo da espada. Nunca tinha visto aquele homem, mas por tudo que lhe haviam dito, sabia estar na presença do Rei Desmorto.

— Kotler! — gritou. — Olhe para mim, sou Clancey!

O rei encarou o rapaz.

— Enfim, o destino uniu-nos, Garoto de Cabelos Flamejantes!

Capítulo XXXVI

Reunião

Liana olhou para as mãos sujas de lama. A intensidade da chuva diminuía à medida que se afastava da aldeia, embora continuasse a cair sem trégua. Pensara em cavar um buraco no solo encharcado para esconder a espada *Natsvaerd* e chegou a começar a tarefa, mas por alguma razão, parou, incapaz de prosseguir.

Como chegara a esse ponto? Os revezes dessa malfadada viagem nunca teriam fim? Quando partiu para encontrar Valek, o plano era levá-lo ao templo, onde o rapaz poderia ser corretamente instruído enquanto reuniam dissidentes e traçavam uma estratégia para cumprir a profecia da Serpente de Fogo. Porém, tudo dera errado e passaram a maior parte do tempo dessa jornada, que parecia durar uma eternidade, fugindo de perigos e colocando suas vidas em risco.

Ela se imaginou como a personagem de uma parábola que ouvira na infância: uma andorinha que se deparava com uma briga de dragões no caminho da rota migratória. A única de forma evitar ser queimada era contornar, mas a ave teimava em passar pelo meio do embate.

A sacerdotisa sentiu um fluxo de magia vindo da espada deixada sobre a grama molhada. A forma humana de *Natsvaerd* surgiu diante dela.

— Penso que este seja um momento inadequado para meditates a respeito de vossa jornada. — as gotas de chuva passavam através dela sem tocá-la.

— Você é a culpada por essa situação. — retrucou a sacerdotisa. — Se não tivesse interferido, Valek e eu estaríamos no templo da Ordem de *Lunna*, na companhia de amigos.

— Esquecei-vos do que dissestes a vosso filho? “Sempre estamos indo em direção ao nosso destino, seja ele qual for... Não existem coincidências”.

Liana recordou de quando dissera essas palavras para Valek, ainda no início da viagem. Isso significava que seu destino era estar debaixo dessa chuva?

— “Aonde quer que vá...” — imendou Liana. — “Irá se encontrar com pessoas que, por uma infinidade de razões, chegaram lá ao mesmo tempo que você. Porque é seu destino encontrar-se com elas”.

— É chegado o tempo de encontrar-vos com alguém. — Natsvaerd sorriu, sua imagem desvaneceu.

A fé de Liana reacendeu. Precisava ser forte, por Valek e também por Mirya. Agarrou a espada embainhada e passou a concentrar-se para sentir a presença da pessoa que Natsvaerd mencionara. Em situações normais, isso ocorria de forma instintiva, sem a necessidade de um esforço consciente, mas estar envolta por uma magia poderosa como essa tempestade lhe confundia a percepção. Sem mencionar que ainda não se recuperara do desgaste causado pelo transe do presságio.

Mesmo assim, identificou uma pessoa a cerca de cem metros de onde se encontrava, na direção de um enorme pinheiro com um buraco no tronco. Ao chegar mais perto, viu uma moça sentada junto a árvore, abraçada as próprias pernas numa tentativa de se proteger da chuva. O rosto estava escondido, sendo possível ver apenas o cabelo. Liana constatou a jovem tinha cabelos platinados, como Garet.

— Olá! — saudou a sacerdotisa. — Como se chama?

A moça levantou num pulo. A princípio pensou ter sido pega por algum inimigo, mas depois imaginou que a mulher ruiva era uma aldeã.

— Sou Sarissa Garet, filha do lorde. E você, quem é?

Liana a reconheceu de imediato. Era a jovem que vira na premonição. Aquela que estaria ao seu lado durante o parto. Não fazia sentido, mas Denora a prevenira certa vez que visões do futuro tendiam a ser confusas porque se enxerga o fim da viagem, ignorando o caminho percorrido. Como a moça ainda aguardava uma resposta, a sacerdotisa apresentou-se.

— Clancey?! — Sarissa tinha certeza de ter ouvido esse nome, mas não importava agora. — Precisa me levar até meu pai, sacerdotisa. Tenho de avisá-lo que o rei Kotler vai atacar a aldeia.

— Seu alerta vem tarde. — retrucou Liana. — A aldeia já está sob ataque!

O brilho de dezenas de relâmpagos caindo na área dos casebres iluminou a noite. Sarissa sentiu um aberto no peito. Se perdera pelo caminho e como resultado, não chegara a tempo.

— Será que meu pai está bem?

— Ah, sim! — Liana deixou o ressentimento transparecer. — Ele estava muito bem, e ansioso para se livrar de mim e do meu filho.

— Do que está falan...?

A moça parou de repente, sentindo um calor intenso no peito. A peça de xadrez guardada ali esquentava mais e mais. Tirou a rainha branca do decote e a jogou fora antes que lhe queimasse os dedos. Liana captou um fluxo de magia, igual ao que gerava a tempestade. Diante delas surgiu a imagem semi-transparente de um homem idoso que a sacerdotisa vira apenas uma ou duas vezes nos banquetes do Rei Desmorto, mas não se esquecera dele.

— Baltus!

— Há quanto tempo, Liana Clancey!

— Não o bastante!

Sem perder o feiticeiro de vista, ela amparou Sarissa com uma das mãos, enquanto a outra segurava a bainha da espada com mais firmeza do que antes. Duvidava que Baltus tivesse utilizado a mesma magia que havia transferido a alma de *Natsvaerd* para a arma. O que seria então?

— Foi ele quem te deu aquilo? — perguntou à moça. — Entendi! A peça foi imbuída de magia para que pudesse realizar uma Projeção Astral através dela.

— Excelente dedução! — exclamou Baltus. — Os anos não te trouxeram apenas beleza, como também sabedoria.

Saber que tinha razão não confortou Liana. O motivo foi a chuva que continuava a cair. A Projeção Astral era uma magia que permitia que a alma se afastasse do corpo temporariamente. Fazer algo assim através de um objeto e ainda ser capaz de manter a tempestade indicava que ele era mesmo tão poderoso quanto diziam.

— Por favor, me diga o que aconteceu com minha irmã e com Nythan. — interveio Sarissa.

— Acássia recupera-se bem, quanto a Nythan Jander... Parece-me que *Londinium* precisará de um novo Mestre da Guarda. Espero que tenha despedido-se dele adequadamente.

— Como pode dizer algo tão cruel, senhor Baltus? Pensei que era meu amigo.

— São as mazelas da vida, minha doce jovem! Lamento tê-la usado, mas devo dizer que se revelou uma peça deveras obediente. Trouxe-me precisamente aonde eu desejava: à presença de Natsvaerd.

Liana agarrou a espada com ambas as mãos e a segurou firme junto ao corpo. Como o feiticeiro conhecia aquele nome? Trovões iluminaram a noite.

— Vamos, revele-se a mim... — prosseguiu ele. — Aguardo este momento há mil anos, não me faça esperar mais!

A forma humana de Natsvaerd apareceu diante de todos.

— Prolonguei vossa espera por ansiar e temer esta reunião em igual medida, Yanis.

Liana deixou escapar uma exclamação de surpresa. Estudando a aparência de Baltus, questionou-se como nunca percebera. De fato, o cabelo ruivo havia perdido a cor e o rosto, outrora jovem, estava marcado por linhas de expressão, mas ainda assim a semelhança do feiticeiro com o druida que ela viu nas memórias de Natsvaerd era inegável.

— Se você é mesmo Yanis, significa que... — disse a sacerdotisa.

— Que conto mais de mil anos e que tu descende de mim, Liana. Bem como Valek e como a vida que sinto em teu ventre.

Ela recuou instintivamente.

— Então porque enviou as Harpias Reais para nos matar?

— Não fostes os primeiros. — Natsvaerd antecipou a resposta. — Ao longo dos séculos, o vi cruzar o caminho de nossa descendência inúmeras vezes sob diversas alcunhas, causando-lhes dano e até tirando-lhes a vida. Em que pensavas, Yanis?

Embora não compreendesse tudo que se passava, Sarissa mantinha-se atenta. Chegou a pensar em fugir dali e procurar o pai, porém refreou o impulso. Se a aldeia estava sob ataque só iria atrapalhar, obrigando-o a se preocupar com a segurança dela. Por mais que fosse duro admitir, ninguém precisava de sua ajuda.

— Antes de repreender-me, Natsvaerd... — disse o feiticeiro. — Coloque-se em meu lugar, esperando séculos a fio por um dia que jamais chegava. Foram tantas as vezes que pensei ter encontrado aquele que traria a Era dos Filhos da Serpente, apenas para decepcionar-me com o fracasso que veio em seguida. Ah, quantas frustrações suporti!

— Frustração! — a ira tomou conta de Liana. — Por isso começou a caçar o sangue do seu sangue? Por estar frustrado?!

— Caçá-los, não... Testá-los para saber qual dentre eles era o predestinado.

— Monstro! Seus testes custaram à vida da mulher que me criou! E Valek viu a mãe adotiva ser decapitada!

— Enxerga somente o lado negativo, Liana! Pense no quanto tais dificuldades os fortaleceram!

— Basta! — Natsvaerd não acreditava no que ouvia. — Jamais pedi-lhe que prolongasses vossa existência e estás claro que viver por mil anos deturpou vossa mente. Não o reconheço mais, meu amado Yanis.

Baltus acusou o golpe. Aquelas palavras mexeram com ele.

— Tudo o que faço é pelo bem de nossa linhagem, pelo bem dos Clancey. — disse sem vontade. — E continuarei a fazê-lo, mesmo que não me compreendam... Principalmente agora que descobri algo interessante.

Liana não gostou da maneira como o feiticeiro olhou para sua barriga. Baltus deu passo com um sorriso maldoso nos lábios. De súbito, a sacerdotisa sentiu um jorro de magia se aproximar rapidamente. Uma aura o envolveu, imobilizando os braços e pernas junto ao corpo, como se estivessem amarrados.

— Você fez isso, Natsvaerd?

— Tal intervenção não é obra minha.

Uma forte lufada de ar derrubou Sarissa. Liana sentiu que aquela força não lhe faria mal. Fechando os olhos, pode ver claramente sua amiga Téssia e outras sacerdotisas reunidas entoando palavras mágicas de forma ritmada. Não lutava sozinha, suas amigas também perseveravam. A onda mágica perturbou a tempestade.

— Não hei de levantar a mão contra este homem. — disse Natsvaerd. — Deixarei o resto por vossa conta, Liana.

A essência retornou para a espada. A sacerdotisa depositou a arma no solo molhado. Ela respirou fundo, ergueu as mãos e começou a entoar palavras na língua dos deuses, o *laer*.

— Pare! — alertou Baltus. — A tempestade irá resistir e não serei capaz de impedi-la!

Liana ainda não havia se recuperado o bastante para tamanho esforço, mas como não teria outra chance de acabar com a tormenta, lançou suas energias na direção das nuvens. Relâmpagos se projetaram contra a sacerdotisa, que mal teve forças para desviá-los.

O espetáculo de raios caindo sem parar deixou Sarissa aterrorizada. Ela viu a sacerdotisa ruiva aumentar os esforços, o que parecia fazê-la sofrer muito. A voz de Liana tornou-se um grito, um relâmpago brilhante quase a atingiu.

Sarissa só tornou a erguer o rosto quando teve certeza de que tudo havia se acalmado. A chuva cessara e as nuvens começavam a se dispersar. Olhando ao redor, viu apenas Liana e mais ninguém.

— A s-senhora está bem?

A sacerdotisa voltou-se para ela com uma expressão exausta e tombou. A moça correu para ampará-la.

— Os soldados... estão vindo... — a voz de Liana revelava seu esgotamento, mas agora que a magia de Baltus se fora podia sentir a aproximação dos inimigos.

— O que vamos fazer? — Sarissa já ouvia os gritos de guerra. Logo estariam sobre elas.

— A espada é a única arma... contra o Rei Desmorto... Precisa escondê-la...

Sarissa nem pensou em questionar. Tomou a espada nas mãos pensando se deveria enterrá-la ou... Ou enfiá-la em buraco! Havia um buraco no tronco do pinheiro onde se sentara. Só precisava torcer para que fosse grande o bastante. Felizmente era. Escondeu a arma no interior da árvore e voltou para Liana.

Bem a tempo. Dezenas de soldados de *Lestonor* apareceram. Berravam como loucos enquanto brandiam suas armas.

— Esperem!!! — gritou Sarissa agitando os braços. — Sou a filha de lorde Garet e essa mulher está comigo!!!

A moça tinha esperança de que revelando quem era, as levariam como prisioneiras ao invés de simplesmente executá-las. Sem dar ouvidos, os soldados avançaram.

Capítulo XXXVII

Viver Para Lutar

Kotler ouvia o barulho da chuva bater no elmo. A luz de um trovão permitiu que enxergasse melhor o rapaz à sua frente que brandia uma espada. O tom quase vermelho do cabelo combinava com a descrição que recebera. Finalmente viu-se frente a frente com aquele destinado a matá-lo.

— Esperava alguém maior e mais preparado. — a voz do rei soava abafada pelo elmo. — O que o faz crer que tem o necessário para bater-se comigo?

Valek ignorou a pergunta. A morte de Blie-Mi o alcançou de forma tão nítida, que foi como se ela estivesse bem ali, a cabeça rolando e o corpo decapitado caindo. Com um brado, ele avançou. A lâmina da espada chocou-se contra a do machado de batalha. O jovem recorreu à estratégia de sempre dar um passo a cada movimento. As armas travaram-se uma a outra. Tirando proveito da posição, o Rei Desmorto bateu com a face do machado no rosto do rapaz, deixando um machucado na frente. Em seguida, Kotler o empurrou para trás com um golpe de ombro.

Valek teve dificuldade para manter o equilíbrio no solo encharcado. O rei conservou a mesma posição.

— Lamento que não seja adepto de digressões. — disse Kotler. — Gostaria muito de saber o que se passa na cabeça do menino que acredita ser capaz de matar um rei.

Os soldados que vinham atrás precipitaram-se para fora da mata.

— Alto! Cuidarei deste pessoalmente!

Obedecendo, os homens se espalharam pela aldeia.

Valek investiu novamente, dessa vez conservando a distância. Esquivou-se de um grande círculo desenhado pelo machado e atacou o flanco desprotegido de Kotler, deixando um corte no lado do tronco. Sem perder tempo, o rei tirou uma das mãos do cabo e desferiu um poderoso soco com as costas do punho.

O ataque fez os dentes de Valek vibrarem. O jovem foi ao chão sentindo a boca cheia de sangue. O corte na barriga de Kotler se fechou em um instante.

— Como vê, matar-me não é tarefa das mais fáceis. — disse o rei andando ao redor despreocupadamente.

O rapaz levantou-se devagar. A sensação de êxtase que o tomava por vezes se dissipara.

— E se eu te cortar a cabeça, crescerá outra no lugar?

— O convido a tentar descobrir.

Kotler ficou em posição. Valek o estudou e teve de admitir que ele estava certo, matá-lo seria um desafio. O poder regenerativo somado aos reflexos apurados, a imensa força física e a larga experiência tornavam o Rei Desmorto um adversário extraordinário.

Absorvido pela tarefa de encontrar uma forma de derrotar o oponente, Valek mal percebia a chuva caindo e nem ouvia os sons do massacre que tomava conta da aldeia. A ampla superioridade numérica assegurava uma vitória sem sustos para o exército de *Lestonor*, que passava à espada todos que encontravam pelo caminho sem importar se eram soldados ou aldeões, mulheres ou crianças.

Debaixo da chuva pesada, Gareth e seus últimos homens foram encurralados por uma tropa liderada por Marla. O lorde os incitava a manterem-se firmes, inclusive Heiten, que jazia no solo com um grande talho aberto no lado direito do abdômen.

— Levante-se, meu rapaz! Se despeça da vida de pé!

Heiten tentou obedecer, mas o gesto apenas aumentou a hemorragia e ele caiu novamente, com muita dor.

— Renda-se, Gareth! — decretou Marla. — Está apenas sacrificando sua guarda.

— Verá como homens de verdade morrem, rameira!

— Que seja!

Os soldados de *Lestonor* avançaram sem dificuldade. O lorde recuou para junto de Heiten ante o ataque de Marla. A amazona se preparou para o golpe final, mas algo chamou sua atenção. Os homens às costas de Gareth começaram a cair.

As atenções voltaram-se para onde uma *acari* abria caminho entre os soldados. Três que tentavam cercá-la foram mortos e um quarto que a atacou por trás teve o mesmo fim. Suila-Ne alcançou o interior do círculo formado pelos invasores, ameaçando com as espadas curtas quem tentasse se aproximar. Os soldados buscaram intimidá-la com gritos ferozes.

— Onde estava? — Gareth fechou a cara para ela. — Se não tivesse nos abandonado isso não teria acontecido!

A *acari* ignorou o lorde e abaixou-se junto à Heiten, preocupada com seu estado.

— V-você voltou... — apesar da fraqueza, a alegria dele era visível.

Os soldados apenas aguardavam a ordem para acabar com aqueles três, mas Marla fez sinal para que esperassem e apontou a lança para Suila-Ne.

— Já vi que você luta bem e sempre há lugar em nossas fileiras para um bom braço. O que me diz: prefere morrer aqui ou viver para lutar mais um dia?

Suila-Ne foi pega de surpresa pela oferta. O olhar foi do agonizante Heiten ao arrogante Gareth. Viu-se novamente em um dilema. “*Viva ou morta... Volte com honra*”, foi o que a mãe lhe dissera. A honra *acari* prezava os companheiros e Heiten era mais que um companheiro. Quanto ao lorde... Não havia honra alguma em morrer lutando ao lado desse homem.

— S-suila... n-não...

Heiten tentou segurar a mão da noiva, mas ela levantou-se e encarou Gareth com brasa no olhar.

— É mesmo uma mulher desprezível! Muda e traidora!

Marla e os soldados agitaram-se. O lorde investiu contra a *acari*. Ela esquivou o primeiro ataque e ao desviar o segundo, a guarda de Gareth ficou aberta. Uma das espadas curtas penetrou no ventre dele até o cabo. Suila-Ne ainda fustigou a lâmina um par de vezes para agravar o dano.

— P-pai!!! — gritou Heiten com todas as forças que restavam.

Ouviu-se o som de um trovão. A *acari* puxou a lâmina coberta com o sangue do lorde, encarando-o enquanto caía de joelhos.

A guerreira loira voltou-se para Marla e indicou Heiten com uma das espadas, batendo também no próprio peito. A chanceler não compreendeu o

significado do gesto, mas estava curiosa com o sujeito caído. O ouvira dizer “pai” e, olhando bem, era possível notar que possuía certa semelhança com Garet.

— Saúdem nossos novos irmãos de armas!

Os soldados vibraram. Dois deles ampararam Heiten para levá-lo para fora da aldeia onde pudesse ser tratado, Suila-Ne os acompanhou para ter certeza de que manteriam o acordo. Quando o olhar dela cruzou com o do noivo, a alegria dera lugar a uma raiva indizível.

Suila-Ne conformou-se. O que mais poderia esperar? Fora infiel, lhe dera as costas e agora deixara seu pai nas mãos dos inimigos, destruindo os sonhos que Heiten alimentava de ter uma família. Ficaria por perto apenas até ter certeza de que ele estava bem e depois partiria. A relação estava acabada.

A tropa de Marla ainda comemorava e não eram os únicos.

Sem mais inimigos para combater, os soldados formaram um grande círculo em torno do Rei Desmorto. Vibravam a cada vez em que ele derrubava o tolo rapaz ruivo, que insistia em levantar de novo.

A lâmina de Valek investiu pelos flancos sem conseguir atravessar a defesa de Kotler. O machado desenhou um arco descendente, forçando a espada para baixo e depois moveu-se para cima na direção do maxilar do jovem. O rapaz recuou a tempo de escapar de um golpe fatal, mas não conseguiu evitar receber um corte acima da orelha.

Mesmo debaixo de chuva, as mechas ruivas ficaram empapadas de sangue. O Rei Desmorto ergueu os braços, o furor se espalhou entre os soldados. O corpo de Valek protestou. Os músculos ardiam, sangue escorria pelo canto da boca e agora, um corte na cabeça. Porém, a dor da humilhação era pior. Kotler já poderia tê-lo ferido de morte se quisesse, mas preferia brincar, fornecendo um espetáculo para seus homens.

O rapaz olhou ao redor e constatou que mesmo que derrotasse Kotler, seria impossível passar por tantos inimigos. Esse era por certo, o seu fim. Pois bem, iria assegurar uma despedida memorável.

Dezenas de raios caíram nas imediações da aldeia, o local da luta foi iluminado. Os relâmpagos e a chuva cessaram de repente, causando espanto no rei e nos demais.

— O que sucedeu-se contigo, Baltus? — murmurou Kotler.

Valek viu uma brecha e avançou com a espada em posição horizontal, o ataque mirava o abdômen do Rei Desmorto. Era assim que morreria, derrotando um imortal.

A lâmina penetrou acima do umbigo, mas somente a ponta.

Uma das manoplas de aço de Kotler agarrou a espada antes que causasse mais dano, a mão livre moveu o machado, partindo a arma de Valek em pedaços. O rapaz sequer teve tempo de se recuperar, um poderoso chute o atingiu no tórax e o arremessou ao chão. Ele ainda tentou levantar, mas a pressão da bota do Rei Desmorto em seu peito o obrigou a permanecer no solo.

— Isso é tudo que o predestinado é capaz de fazer? — disse o rei, com imenso desprezo. — Sinto-me insultado!

Os soldados vibraram com a postura vitoriosa de Kotler. Quando o machado se ergueu, a algazarra diminuiu na expectativa do golpe final. Por mais que Valek se debatesse não conseguia sair do chão. O único consolo da morte iminente era a esperança de Liana ter fugido para longe.

O machado começou a descer...

— Majestade! — a voz de Marla fez-se ouvir. — Abram caminho!

O chamado da chanceler desviou a atenção de Kotler. Devido à sua altura, o rei via acima da parede humana e enxergou Gareth ser trazido pela tropa de Marla. Gravemente ferido, o lorde foi jogado no interior do círculo. O Rei Desmorto afastou-se do rapaz com cuidado, mas não tinha o que temer. Livre da pressão no peito, Valek preocupou-se apenas em recuperar o fôlego.

Outra tropa trouxe Liana e Sarissa como prisioneiras. No último momento, um dos soldados reconheceu a filha do lorde e decidiu levá-la ao rei juntamente com a mulher que a acompanhava. A sacerdotisa desabou esgotada. Valek se apressou para acudi-la, enquanto Gareth foi socorrido pela filha.

Kotler retirou o elmo, o colocou embaixo do braço e segurou o cabo do machado de batalha na outra mão. A satisfação estampada no rosto.

— Que todos vejam o que acontece com aqueles que desafiam o Rei Desmorto!

Os soldados explodiram em uma barulhenta comemoração. Marla esperou os ânimos acalmarem-se um pouco antes de tomar a palavra.

— Devemos levá-los para que passem pelo julgamento do beemote, meu rei?

— De forma alguma. Casarei-me amanhã e tal julgamento desviaria o foco da cerimônia. — respondeu Kotler, e acrescentou. — Decidiremos o destino deles aqui e agora!

Capítulo XXXVIII

Nossa Justiça

O peito de Valek ficou apertado ao ver Liana ser trazida como prisioneira. Quando ela foi ao chão, a preocupação misturou-se a um sentimento de raiva e temor de que a tivessem machucado. Ao ampará-la, constatou que não estava ferida, mas tinha sinais de esgotamento físico. O esforço combinado de usar o dom da premonição e dissipar a tempestade mágica criada por Baltus a deixara perto do limite.

— Como está, senhora?

Liana lançou os braços ao redor da nuca do filho. Ele a abraçou e a ajudou a sentar-se.

— Cubra bem os olhos quando eu tocar seu braço... — sussurrou ela, com a boca colada no ouvido do rapaz. — Terá que me puxar pela mão.

Ele fez um ligeiro sinal positivo com a cabeça e, sem perguntar maiores detalhes do plano, começou a estudar o cenário. Ao lado deles, um Garet ferido jazia na grama sob os cuidados de Sarissa. O Rei Desmorto era celebrado por Marla e por um sem fim de soldados ao redor. O rapaz ruivo terminou de examinar o ambiente em busca de qualquer coisa que facilitasse a fuga... Nada. Suas esperanças foram depositadas na magia de Liana.

Kotler fez sinal a seus homens e tomou a palavra, projetando a voz para que todos ouvissem.

— O Mundo Antigo é um lugar comandado pela força! Um mundo onde os fracos morrem e os fortes prevalecem... E nós somos os mais fortes! — ele esperou a vibração diminuir antes de prosseguir. — Eis nossos inimigos, derrotados e humilhados, esperando nossa justiça! A questão agora é por onde começar...

O rei se aproximou de Valek e da mãe.

— Liana Clancey, a favorita da sumo-sacerdotisa Téssia Moonay. Recordo-me de tê-la conhecido em um de meus banquetes anuais há cerca de uma década. Na ocasião, sua beleza e inteligência impressionaram-me muito. Seu mal foi ter nascido na pobreza, reis duelariam por sua mão se fosse nobre.

— E seu mal é ter se apaixonado pelo som da própria voz. — retrucou ela.

— Cuidado, sacerdotisa! Tenho paciência com muitos desvios de conduta, menos com o desrespeito.

Valek estreitou o abraço em torno da mãe, posicionado entre ela e Kotler.

— Valek Clancey, o garoto de cabelos flamejantes, o predestinado a reclamar minha cabeça... — o tom sarcástico provocou gargalhadas desdenhosas nos soldados. — Um guerreiro feroz, reconheço, mas a ferocidade sem controle o rebaixa ao nível de um animal selvagem.

Kotler caminhou para perto de Gareth. Com dificuldade e a ajuda de Sarissa, o lorde conseguiu apoiou-se num dos joelhos. O ferimento na barriga continuava a verter sangue.

— Darius Gareth, um homem de tal modo obcecado com a nobreza que deixou-se cegar pela arrogância.

— Não disse uma vez... — cada palavra do lorde exigia um esforço. — Que me tinha em... alta conta...?

— E é verdade, lamento profundamente que encontre seu fim de forma tão indigna, no meio da lama.

Em seguida, Kotler dirigiu o olhar para Sarissa. Um calafrio subiu pela espinha da jovem. O que o Rei Desmorto teria a dizer a seu respeito?

— Sarissa Gareth... Irrelevante.

— C-como? O q-que é irrelevante?

— É você, minha cara. Em nossa breve convivência pude ver perfeitamente que é somente a filha mimada de uma casa nobre, nada mais. Reconheço que vê-la atacar Acássia com uma faca foi inesperado, mas pareceu-me apenas um gesto de paixão desenfreada. O repetiria se fosse preciso?

Sarissa não conseguiu responder. Lágrimas rolaram pelo rosto. Ela própria não sabia dizer se a facada foi um ato consciente ou acidental.

— Foi o que pensei. — concluiu Kotler. — Não vejo razão para ocupar-me contigo. Acássia decidirá sua sorte.

— Como ousa falar assim com...? — Garet tentou protestar, mas a filha o conteve.

— Está tudo bem, papai!

“Ele está certo, sou mesmo irrelevante. Ninguém precisa de mim”, pensou ela.

Enquanto Kotler estava distraído com os Garet, Liana decidiu que era o momento de agir e tocou o braço de Valek... Os instantes seguintes mudaram tudo.

Como a mãe disse para cobrir os olhos, Valek os escondeu cruzando os braceletes na frente do rosto com um gesto tão rápido quanto o seu melhor saque de espada. Liana pronunciou uma única palavra em *laer* e um pequeno sol apareceu no centro do círculo. A noite virou dia por uma fração de segundos, o suficiente para ofuscar a todos, inclusive a própria sacerdotisa. Tão logo o brilho apagou, a mão esquerda de Valek agarrou a de Liana e começaram a correr. Pontos luminosos dançavam pela vista dele enquanto procurava um caminho entre a confusão de soldados temporariamente cegos.

Porém, o som do elmo de Kotler caindo no solo alcançou os ouvidos de Valek. Ele viu o Rei Desmorto avançar na direção deles com os olhos apertados.

A experiência de um século de batalhas ensinara ao rei que a melhor maneira de saber quando um usuário de magia vai agir era observar os companheiros dessa pessoa e imitar seus gestos. Cobriu os olhos quase no mesmo instante em que viu o jovem Clancey fazê-lo.

O Rei Desmorto agarrou os cabelos ruivos de Liana com força ao mesmo tempo em que mirou o machado contra a mão de Valek, ainda puxando a mãe. A lâmina desceu pesadamente sobre o pulso do rapaz logo abaixo do bracelete. A mão esquerda foi decepada.

— Filho!!! — gritou Liana.

Foi como se o tempo voltasse a correr normalmente. Recuperados da cegueira, um grupo de soldados agrediu Valek. O derrubaram, depois cobriram-no de chutes e pontapés. Garet fez menção de reagir, mas a lança de Marla posicionada sobre seu peito o fez mudar de ideia.

— Ordem! Recomponham-se!

Kotler tentava recuperar o controle da situação, enquanto continuava a segurar Liana pelos cabelos. A sacerdotisa se esforçava para manter-se de pé.

— Me solte!

O Rei Desmorto precisou repetir o comando e depois o fez novamente. A cada vez, sua irritação aumentava. Os soldados, enfim, recuperaram um mínimo de compostura, mas continuavam agitados. O calor da batalha recente ainda não havia passado.

Com hematomas nos braços e no rosto, Valek enrolou o pulso esquerdo na barra da camisa. O sangue tingiu o tecido cinza de rubro. Apesar disso, o rapaz continuava forcejando para erguer-se.

— Tire as mãos dela...!

— Escutem-me!!! — bradou Kotler furioso. — O destino enviou esses dois contra mim! Que todos vejam o que o Rei Desmorto pensa sobre o destino!

Ele não podia admitir ser desafiado dessa forma. Os Clancey serviriam de exemplo.

Com modos mais brutos do que antes, Kotler cravou o machado no solo. Com um puxão vigoroso nos cabelos vermelhos, obrigou Liana a ficar com o corpo ereto. Um braço forte a prendeu pela cintura, a mão livre do rei rasgou a parte de trás do vestido. A sacerdotisa protestou e tentou se libertar, sem sucesso. Ela sentiu seu corpo ser invadido.

— Desgraçado!!! — Valek esqueceu-se completamente do ferimento, foi preciso meia dúzia de homens para contê-lo.

Após o que pareceu uma eternidade, Kotler jogou Liana ao chão como um objeto sem valor. O rapaz livrou-se dos soldados e correu até ela, apoiando-lhe a cabeça sobre mão direita.

— Fale comigo, mãe... — lágrimas de raiva e aflição rolavam pela face dele.
— A senhora está bem?

— Filho... — disse ela com um fio de voz.

Os dedos de Liana deslizaram pelo braço esquerdo de Valek, envolvendo o pulso desmembrado. Ela pronunciou as mesmas palavras mágicas que disse quando cuidou de Garet. O rapaz sentiu a carne em brasa, mas quando a dor passou o ferimento estava cauterizado e o sangramento estancado.

Exaurida, Liana perdeu os sentidos. Valek quase agradeceu por isso, ao menos a consciência da mãe se libertara daquele pesadelo. Ele a abraçou e ficou deitado com ela, sem forças para reagir.

Kotler sentiu uma pontada de remorso por ter se deixado levar pelo calor do momento. Não que isso fizesse qualquer diferença agora. Ele ajeitou a roupa e apanhou o machado antes de pronunciar a sentença.

— Que os Clancey sejam enviados para as masmorras de *Mazilev*!

— E quanto aos Gareth, majestade? — indagou Marla. — Já declarou a sentença da moça, mas e o lorde?

— Execução! — sentenciou Kotler de forma seca. O rei sentiu-se subitamente ansioso para acabar logo com aquilo.

Sarissa agarrou-se ao pai em uma tentativa vã de protegê-lo, Marla a afastou sem esforço. Dois homens seguraram Gareth pelos braços e o colocaram de joelhos diante do Rei Desmorte, um terceiro puxou o cabelo platinado para trás, forçando o rosto a se inclinar, o pescoço do lorde ficou exposto.

— Deseja dizer suas últimas palavras? — perguntou Kotler.

— M-malditos sejam...! — Gareth gritou todas as ofensas que conhecia.

Kotler ensaiou o golpe um par de vezes, com pressa de terminar esse assunto. Lembranças do fim trágico da esposa e da filha começavam a assaltá-lo e essa não era hora para fraquejar.

O machado foi erguido novamente e desceu com um movimento seco.

— Não!!!

O grito de Sarissa deu lugar a um pranto cheio de amargura quando o soldado que segurava os cabelos de Gareth ergueu a cabeça do lorde, agora separada do corpo.

— Vida longa ao Rei Desmorte! — bradou Marla.

Os soldados explodiram em celebração pela vitória. O nome de Kotler ecoou pela noite, repetido a uma só voz.

Capítulo XXXIX

Para Mazilev

Eram as últimas horas da madrugada quando o exército acampado nos arredores de *Londinium* saudou com alarido o retorno das legiões que desciam a colina. Na dianteira, Marla carregava a lança como se fosse um estandarte, a cabeça de lorde Gareth espetada na ponta. Kotler vinha à frente das tropas, mas ao contrário do que se poderia esperar depois de uma vitória, o Rei Desmorto tinha uma expressão aborrecida.

Mais atrás, Sarissa — com os olhos vermelhos fixos no chão — era conduzida por um soldado que segurava a mesma corda que lhe amarrava os pulsos. Perto dela, Valek carregava Liana, ainda desacordada, nos braços. Mesmo enfraquecido, ele não permitiria que ninguém a tocasse. E havia mais um prisioneiro. Edan caminhava com passos trôpegos, despertando risadas zombeteiras nos soldados.

— Por favor, tenham paciência!

Ele sentia vergonha de sua covardia. Quando recobrou os sentidos, deparou-se com um amontoado de cadáveres onde antes era a aldeia *Mylls*. Alguns batedores que vagavam pelo campo passavam a espada em qualquer sobrevivente que encontravam. O servo chegou a pensar que se tudo estava perdido, a saída mais digna era deixar-se matar e se juntar ao lorde no Além, mas quando os inimigos se aproximaram, o medo da morte falou mais alto e Edan caiu de joelhos e implorou misericórdia. Disse que era criado da família Gareth e se dispunha a servir a rainha e citou todos os pratos favoritos dela para provar que poderia ser útil.

Acássia, nesse momento, se impacientava pela longa espera no pátio. Seria impossível medir o prazer que lhe invadiu ao ver a cabeça empalada do pai. No entanto, quando Sarissa foi levada à sua presença, rapidamente a futura rainha assumiu aquela postura sóbria que ocultava as emoções.

A irmã mais velha tocou rosto da mais nova. Se existia algo para ser dito, disseram através do olhar. Em seguida, um tapa estalou na bochecha de Sarissa.

No fundo, a moça ficou feliz por isso. Tinha dúvidas sobre como reagiria se a irmã demonstrasse qualquer tipo de arrependimento, mas diante dessa atitude, não lhe devia mais nada.

— Decida o destino de Sarissa por mim, não consigo fazê-lo. — disse Acássia à Kotler. — Só peço que não lhe tire a vida.

Impaciente, ele declarou a primeira coisa que veio à mente.

— Para *Mazilev* com os Clancey!

O casal real afastou-se, os prisioneiros foram levados para a torre do castelo. Mesmo depois de uma noite tão agitada, o casamento não foi adiado e deu-se no fim da tarde seguinte no palanque sobre o pátio lotado.

Com o punhal ritualístico, Téssia fez um pequeno corte na palma da mão esquerda de Acássia e outro na mão direita de Kotler. O casal entrelaçou os dedos, a sumo-sacerdotisa pronunciou uma bênção e estavam casados.

Terminada a cerimônia, uma festa regada a música, bebida e sexo teve início. Téssia apressou-se em reunir as sacerdotisas em um só quarto, proibindo-as de sair até segunda ordem, principalmente as mais jovens. Não queria que nenhuma delas tomasse parte na celebração, que começou no pátio do castelo e logo se espalhou pela cidade, abarrotada com a população local e os cem mil homens de Kotler. A celebração prolongou-se noite afora e mesmo quando o sol nasceu, parecia longe de terminar. Por três dias, *Londinium* foi palco de uma orgia generalizada.

Apenas alguns sons da festa alcançavam a cela no alto da torre. Sentada sobre uma cama de palha mofada, Sarissa ficou contente por não precisar testemunhar o que se passava. Uma profunda apatia se abatera sobre ela, de modo que sua atual situação não a perturbava. Era como se observasse outra pessoa de fora e não a si mesma.

Liana ocupava-se com os cuidados do ferimento de Valek, tiras cortadas da camisa dele serviam como ataduras. No resto do tempo, a sacerdotisa ficava de pé junto às barras de ferro, olhando para algum ponto distante no corredor. Tinha dificuldade em processar o que havia acontecido e por vezes imaginava que tudo era apenas um pesadelo do qual acordaria a qualquer momento. Falara pouco nos últimos dias e evitava dirigir-se à Sarissa. Não ficava à vontade com a moça, por ela ter visto o que se passara.

Valek permanecia quieto, ainda fraco pela hemorragia que a perda da mão esquerda causara. O rapaz jamais se perdoaria por ter fracassado mais uma vez

em proteger alguém que amava e chegou a pensar que se estivesse com *Natsvaerd*, o desfecho da luta com Kotler seria diferente, mas sabia que se iludia. Os poucos ferimentos que infligira não seriam fatais nem contra um oponente comum. Talvez Goro-Mi estivesse certo a seu respeito: não era um guerreiro, era apenas um garoto com raiva.

O anoitecer mergulhou a cela na penumbra, iluminada pela luz mínima dos archotes no corredor e pela parca luz da lua que adentrava por uma pequena janela próxima do teto. Em lugar de música e algazarra, apenas o som de cigarras era ouvido.

— Finalmente a baderna terminou. — disse Liana.

A sacerdotisa foi a primeira a adormecer, aninhada junto ao filho. Mesmo sem prestar muita atenção, Sarissa notou que os Clancey possuíam uma intimidade incomum para uma mãe e um filho. Será que se passava entre eles o mesmo que se passara entre ela e o pai? O toque de Gareth nunca fora agradável, entretanto, era evidente que não a perturbava tanto quanto à irmã.

O olhar dela pousou no toco de Valek. Os braceletes deles haviam sido tomados, exibindo o corte, que fora tão rente ao pulso que o antebraço permanecera intocado.

— Dói? — perguntou.

Ele não respondeu. Não queria conversa com nenhum parente de Gareth.

— Sua família só trouxe coisas ruins para a minha vida! — resmungou o rapaz.

— Para a minha também. — suspirou ela depois de algum tempo.

Pego desprevenido, ele virou-se para a moça. Sarissa estava sentada junto à parede, abraçada aos joelhos para espantar o frio, sem se preocupar se a conversa prosseguiria.

— Dói sim. — disse Valek. — Ainda consigo sentir a mão e os dedos.

— E como é a sensação?

— Péssima...

O assunto parou por aí e ambos logo adormeceram. A manhã seguinte trouxe certa ansiedade para o trio, pois era o dia em que teria início a viagem para as temidas masmorras de *Mazilev*. Ouviram uma pesada porta se abrindo e

em passos apressados ganharam o corredor, passos bem mais leves que os dos guardas. Téssia apareceu afoita.

— Liana!

— Como você...? — a sacerdotisa ruiva ficou espantada.

— Hipnotizei o guarda e peguei isto...!

Téssia exibiu um molho de chaves. Os primeiros testes não deram em nada, mas quando uma das chaves serviu e a porta foi aberta, os prisioneiros encheram-se de ânimo com o vislumbre da liberdade. Liana abraçou a amiga.

— Que bom que está aqui!

— Ora, Liana, você... — Téssia percebeu a presença de outra vida. — Você está grávida!

— Conversem depois! — atalhou Valek.

As amigas concordaram, mas antes que pudessem avançar, perceberam a aproximação de um grupo. Atrás, o corredor terminava em um beco sem saída a poucos metros dali. A única opção seria enfrentar quem quer que aparecesse. Vários soldados de *Lestonor* surgiram e o feiticeiro Baltus vinha com eles.

— Você!!!

Téssia adiantou-se com a mão estendida. Quis conjurar uma magia de ataque, mas se conteve. O feiticeiro era poderoso demais para ela e outra tragédia como a que vitimou sua mãe poderia acontecer.

— Alegra-me ver que te preocupa com a liberdade de Liana Clancey, sumo-sacerdotisa Moonay. Tenho uma oferta direcionada para este exato assunto.

— Então fale logo, Yanis! — retrucou Liana.

— Como?! — surpreendeu-se Valek. — Esse homem é Yanis?

— O próprio!

— Agora que nós acalmamos... — disse Baltus. — Me permitam apresentá-lhes uma proposta. Adquiri certo interesse em teu bem-estar, Liana, após tomar conhecimento de tua condição. De fato, estou pronto a aceitá-la como minha aprendiz.

— Quer dizer prisioneira.

— Seria mantida como cativa, é verdade, mas tal destino nem se compara a ser enviada para as masmorras, onde tua gestação não vingaria.

— Por curiosidade, como conseguiu permissão do rei para isso?

— A ressaca abafa o desejo de discutir! — riu-se o feiticeiro. — Continuando... A condição para esse acordo é que Téssia Moonay não volte para a Ordem de *Lunna*, mas permaneça como autoridade religiosa em *Londinium*, onde rebeldias como o ataque contra minha pessoa noites atrás possam ser vigiadas de perto.

— Se pensa que vou aceitar essa proposta absurda, minha resposta é...

— Sim! — interrompeu Valek.

— Também aceito a condição! — emendou Téssia.

— Sei que não é da minha conta, senhora Clancey... — disse Sarissa. — Mas se está grávida, deve pensar em concordar.

Liana sentiu-se acuada, mas não quis ceder, mesmo diante da insistência de seus companheiros.

— Estão loucos?! — disse, por fim. — Valek, o que Yanis quer é colocar as mãos em nossa filha!

— Mas não vai conseguir, vai? — ele tomou as mãos dela entre a sua. — Senhora, durante nossa viagem ficamos sempre pensando em quando e como entraríamos na guerra e esse foi nosso erro, não perceber que estávamos em guerra desde o início. E ainda estamos, mas agora nossas batalhas serão diferentes.

Liana engoliu seco. Ela afastou-se de Valek sem beijos ou despedidas. Mais uma vez, a sacerdotisa se agarrou a visão de que o filho estaria com ela durante o parto. Ele assentiu com a cabeça. Os guardas levaram Sarissa, que não resistiu. O rapaz se recusou a ser conduzido e caminhou por conta própria.

A visão da masmorra de *Mazilev* acabou com a indiferença de Sarissa. As paredes do estreito corredor tomadas por um limo escuro e viscoso, as lamúrias dos aprisionados, o vapor amarelado vindo de lugar nenhum e o odor pútrido a

lançaram num estado de desespero. Começou a espernear e se debater, gritando para que a soltassem.

— Joguem-na em qualquer lugar! — ordenou Marla.

Um dos guardas abriu a porta de madeira da primeira cela vazia que encontrou. Sarissa lutou o quanto pôde para não ser levada para dentro, mas não pôde muito. O guarda que a segurava a jogou no chão coberto de mofo e um terceiro fechou a porta. A moça viu-se confinada com três homens.

— Os prisioneiros daqui não usam roupas, mocinha!

— N-não... — ela tinha lágrimas nos olhos.

Cada guarda a segurou por um braço enquanto o terceiro começou a cortar os trajes de Sarissa com uma faca. Sorrisos maldosos indicavam que o pior estava por vir.

Os gritos da moça não perturbaram Marla, nem par de guardas que conduziam Valek. O rapaz tinha os pulsos atados na frente da cintura e caminhava entre os dois soldados.

— E esse? — perguntou um dos guardas.

— Antes de partirmos, o rei me deu ordens para jogá-lo no fosso. — respondeu Marla.

— Deuses! Até a morte é melhor que o fosso!

Com a amazona à frente, o grupo atravessou por uma porta que dava em um corredor escavado na rocha pura. Água pingava do teto, o vapor amarelo tornou-se mais denso, bem como a escuridão.

Passaram por uma arcada, sob a luz parca da chama verde dos archotes, Valek viu um enorme buraco circular no chão. Realmente parecia um grande fosso, atravessado por uma estreita passarela rochosa. O vapor amarelo transformara-se em uma fumaça densa, erguendo-se das profundezas da vala. Marla ficou na borda, os soldados conduziram o rapaz pela ponte.

“É agora ou nunca!”, pensou Valek. Ele se lançou contra o soldado à sua frente. Num gesto rápido, o jovem ruivo passou os pulsos atados sobre a cabeça do guarda e, com a corda, lhe aplicou um torniquete no pescoço. O rapaz ouviu o soldado à suas costas desembainhar a espada e girou o corpo, usando o refém como escudo. Não houve tempo para segurar o golpe e o guarda armado matou o próprio companheiro.

Valek conseguiu libertar o pulso esquerdo do cordame, o cadáver caiu no fosso. Sem perda de tempo, o rapaz projetou-se, empurrando o segundo guarda da passarela. Como a câmara só possuía uma saída, ele precisou encarar Marla com a lança em posição de ataque. O rapaz escapou da lâmina algumas vezes, mas ainda não se recuperara o suficiente e recebeu um corte na barriga que o fez cair de joelhos sobre a passarela.

— Sabe de uma coisa, Clancey? — ela se aproximou. As pontas dos dedos passearam sob o tecido que cobria o peito do jovem. — É um desperdício jogar um garoto bonito e com tanta energia em um buraco, mas nunca questiono as ordens do meu rei!

E dizendo isso, ela o empurrou. Valek viu a borda se afastar rapidamente enquanto caía para a escuridão do fosso. Vozes vagamente humanas o esperavam no fundo...

REMINISCÊNCIAS

Quarto Fragmento

Dos diários de Mirya Clancey...

O fim se aproxima! Depois de tantas batalhas e tantas campanhas é possível sentir o final iminente de uma. Talvez seja essa noite, antes mesmo que eu solte a pena de escrever ou pode ser amanhã, sob a luz do sol. Tenho certeza de que não demora mais que alguns dias. Esse é o tempo de vida que resta para mim ou para meu meio-irmão.

Mesmo que eu saía vitoriosa desse embate, meu leitor, não espere ver-me sorrir ou celebrar. Não desta vez! Nem sempre as coisas foram assim entre nós, já fomos muito ligados, ele e eu. Já nos amamos como verdadeiros irmãos devem amar-se e também nos amamos de outras formas, mas cá estamos... Um pronto para matar o outro.

Nem me atrevo a cogitar a possibilidade de tudo voltar a ser como antes. Se há algo que Valek nos ensinou foi a nunca recuar e a nunca ter piedade! E jamais poderei perdô-lo... Não depois de tudo o que fez! Nosso destino é nos enfrentar em uma luta até a morte!

Destino... Que palavra tão poderosa! Quem me dera ter conhecimento suficiente para meditar sobre ela nesse momento, mas o destino fala sobre o futuro, sobre sementes germinadas no dia de hoje, cujos frutos serão colhidos no momento adequado. Essas reflexões cabem melhor aos pensadores. Quanto a mim, como uma amazona, preciso ser prática e ocupar-me do presente, só assim poderei defender-me das espadas inimigas, das emboscadas e das chuvas de setas.

Mas como tocamos no assunto, é impossível não pensar em quantas vezes ouvi alguém se perguntar sobre o limite entre o destino e o livre arbítrio. Isso me faz lembrar uma parábola que falava sobre um homem advertido a não sair de casa em um determinado dia sob o risco de encontrar a morte por culpa de uma pedra. Ainda assim, ele deixou a segurança do lar e no caminho deparou-se com um grande e sólido pedregulho no chão. Temendo tropeçar e bater a cabeça, o homem afastou-se. Como tinha os olhos fixos na pedra, ele não viu uma serpente peçonhenta que passava pelo caminho e que, ao ser pisoteada, aplicou-lhe uma mordida fatal no tornozelo.

É comum as pessoas questionarem se os deuses comandam nossas vidas ou se fazemos nossas próprias escolhas. O que me pergunto é se realmente existe alguma diferença. Muitas vezes, quando tentamos fugir de nosso destino, acabamos indo ao seu encontro...

Sobre o que mais posso falar? Há tantas outras coisas que eu gostaria de contar. Minha infância e minhas viagens... Meus romances e meus filhos. Entretanto, nada direi a esse respeito. Meu objetivo quando comecei este projeto era relatar a saga de minha família de maneira isenta e ninguém é isento quando se trata da própria vida. Por essa razão é melhor que outra pessoa coloque meus feitos no papel.

Esta é nossa última conversa franca e direta, meu leitor. Entregarei a pena ao escriba para narrar o final deste conto. Sem assuntos pendentes, poderei ir tranquila para a batalha vindoura.

Deixo-lhe agora, meu leitor, com a história de como Valek e Liana alcançaram seus destinos e trouxeram uma nova Era para o Mundo Antigo!

Capítulo XL

Infelizes

Dor. O impacto contra o chão duro fez as costas doerem. O zumbido nos ouvidos de Valek abafou qualquer outro som. Tudo era escuridão ao seu redor, exceto pela abertura do fosso, um buraco na sombra por onde penetrava uma luz parca que mal alcançava o fundo, por onde a densa fumaça amarela escapava. A queda tinha o tamanho exato para machucar sem matar.

O rapaz sentiu as parcas forças esvaírem-se. O pouco sangue que lhe restava escorria pelo corte no ventre. Ele levou as mãos ao ferimento apenas para se recordar que a esquerda não estava mais lá. A dor nas costas se intensificou ao tentar erguer o corpo, pelos menos duas costelas estavam quebradas. Valek começou a sentir o calor ir embora aos poucos, dando lugar ao frio. Isso significava que o fim se aproximava.

Precisava estancar o sangramento ou morreria de hemorragia em minutos, mas sentia-se tão fraco e cansado que só queria ficar ali deitado até o sono chegar...

— *Se meteu em confusão de novo, Valek?* — ele ouviu a voz de Blie-Mi.

— Desculpe, mãe... eu não queria que as coisas fossem assim...

— *Sempre diz isso toda vez que entra em uma briga. Está machucado?*

— Estou... acho que logo vamos nos encontrar...

— *Nunca abaixe a guarda, garoto!* — gritou Goro-Mi. — *É só o que o inimigo espera!*

O zumbido nos ouvidos desapareceu, Valek tornou-se consciente do que acontecia. Uma dezena de outros prisioneiros estava sobre ele. Rostos imundos emergiam da escuridão quase total, dedos esqueléticos tentavam agarrá-lo com unhas compridas, sorrisos desdentados se abriam em meio a gemidos inarticulados.

— Pega... Come... — diziam os poucos que se lembravam como falar.

Ávidos por carne, os prisioneiros avançaram contra Valek. Ainda no chão, o rapaz se agitou, afastando-os como podia.

— Saiam daqui, infelizes!

Em meio à luta no solo, um odor indefinido alcançou as narinas dele, superando o fedor exalado por seus agressores. Enquanto se debatia, uma ideia formava-se no fundo de sua mente. Pelo canto do olho, Valek viu a fumaça amarela emitida por pedras em brasa no fundo do fosso. Tudo ficou claro quando a lembrança veio à tona.

Ele tinha visto aquele tipo de fumaça nas memórias que Natsvaerd lhe mostrara. Daquela vez, eram apenas fios de vapor emanados pela vela acesa por Yanis — também conhecido como Baltus —, o homem que projetara as masmorras de *Mazilev*.

As esperanças de Valek renasceram. Ele empregou as últimas forças para livrar-se dos prisioneiros. Cambaleante, o rapaz tirou o que restava da camisa e ajoelhou-se ao lado da fumarola. Sua vida dependia de que seu palpite estivesse certo. Se as pedras em brasa fossem iguais àquela vela, a fumaça possuiria propriedades curativas.

Os filetes amarelos entraram no corte na barriga, nos arranhões causados pelos prisioneiros e ele ainda aspirou muito daquele ar. Subitamente, sentiu um forte tranco nas costas.

— Oh!

A sensação de alívio que seguiu-se foi indescritível. As dores simplesmente desapareceram. As costelas quebradas haviam retornado ao lugar. Mesmo o pulso esquerdo ficou amortecido, pela primeira vez não doía ou latejava.

Valek levantou-se depressa. Os prisioneiros avançavam contra ele, mas apesar de estar enfraquecido, os corpos raquíticos dos agressores pareciam tão frágeis que poderiam se partir ao menor contato. Sem dificuldade, o rapaz ruivo agarrou o mais próximo e o jogou no chão. À mostra de força, assustou os demais.

— Perdão...! — eles se encolheram.

Sem interesse nesses indivíduos lamentáveis, Valek gritou para espantá-los. Com a batalha vencida, ele permaneceu junto à fumarola à espera dos ferimentos se fecharem devagar. Disseram-lhe que Yanis conduzia torturas terríveis com os presos das celas lá de cima... Experimentos, como o feiticeiro costumava dizer. A

fumaça amarela deveria ser a garantia de que estariam prontos para a próxima sessão.

Valek respirou, procurou se acalmar. Precisava colocar as ideias em ordem, além de dar tempo para que os olhos claros se acostumassem ao escuro.

O fosso era basicamente um imenso buraco escavado na rocha. A câmara era bem maior do que poderia imaginar, a quantidade de prisioneiros também. Homens jovens, na maioria, embora não fosse difícil encontrar mulheres e velhos. Caminhavam livremente a passos trôpegos, alguns vestiam farrapos que há muito haviam deixado de ser roupas, outros não tinham nada para cobrir os corpos imundos.

Valek viu dois grupos inclinados no solo. À dentadas, arrancavam nacos de carne de um par de massas disformes. Um calafrio lhe subiu pela espinha ao notar, pelos pedaços de tecido, que os prisioneiros se banquetevam dos soldados que derrubara do alto da passarela. Mesmo ele, que não se impressionava com facilidade, ficou aturdido. O rapaz sacudiu a cabeça, tinha de ser prático para manter a mente focada. Mais tarde daria um jeito de recuperar as espadas dos soldados, por hora, prosseguiria com o estudo do ambiente.

Havia um segundo piso, o qual podia ser alcançado subindo um leve aclave. Acima desse ponto, as paredes tornavam-se verticais. Escalar não parecia impossível, porém, seria um esforço inútil. A entrada do fosso ficava no centro do teto, longe das paredes.

Morcegos dormiam pendurados no alto da câmara. Valek pensou que poderia alimentar-se deles se preciso, ou dos ratos que infestavam o lugar. Não era uma perspectiva animadora, mas soava melhor do que recorrer ao canibalismo.

Ele ouviu o som de água em algum lugar da caverna e o seguiu. Muitos prisioneiros o olhavam com curiosidade, outros pareciam tê-lo esquecido por completo. Uma jovem passou correndo em meio a risos histéricos, um homem mantinha-se estático no meio da caverna, uma figura mais distante permanecia sentada sobre as pernas balançando a cabeça e o tronco para frente e para trás. Mas nem todos eram insanos, Valek podia sentir olhares conscientes, atrás de semblantes carregados.

No extremo da caverna, ele encontrou um fio de água caindo do teto, com o volume semelhante ao de uma bica. Quando criança, o ensinaram que nas cavernas as rochas agiam como um excelente filtro, portanto, podia beber sem receio. E ele o fez avidamente, depois entrou embaixo do fluxo, deixando-a cair

sobre o cabelo ruivo. Com água boa, poderia sobreviver naquele lugar, o que podia ser tanto uma benção, quanto uma maldição.

Capaz de enxergar melhor, Valek deu-se conta de que o fosso não era uma prisão e sim uma câmara de tortura prolongada. O que mais poderia ser se não uma forma de intimidar os inimigos que não temiam tombar no campo de batalha? Para esses, o fosso servia para lembrar de que existiam destinos piores que a morte. O único consolo que lhe restava residia no fato de Liana e o bebê terem escapado desse pesadelo.

— Clancey? Valek Clancey?!

Ele voltou-se para um ponto no segundo piso, um vulto fugia em meio aos demais prisioneiros.

— Ei, você! Espere!

Mais do que depressa, Valek subiu o aclave sem ter ideia de quem poderia tê-lo reconhecido num lugar como esse. O vulto escondeu-se numa estreita fissura na parede da caverna. O rapaz animou-se com a possibilidade de haver ali uma rota de fuga. No entanto, se deparou com um pequeno beco sem saída onde uma mulher se encolhia com o rosto escondido entre as mãos.

A cor da pele era escura, mas manchas enormes em vermelho vivo se espalhavam. Apenas tiras de couro cobriam o corpo esguio, que não era seco como o dos demais prisioneiros. A cabeça dela não possuía cabelo algum.

— Mostre-me seu rosto! — ordenou Valek. Com certo esforço, ele a reconheceu. — Você é uma das Harpias Reais!

— Zora é como me chamo e, sim, fui uma das Harpias. — disse ela sem coragem de encará-lo diretamente. — Isso foi o que restou de mim depois que sua mãe atirou-me em uma casa em chamas.

— Pensei que todas as Harpias estavam mortas.

— As outras estão, fui a única a sobreviver ao nosso confronto.

— Disso me lembro bem, foi quando vocês mataram Blie-Mi!

— Só cumprimos as ordens de Baltus!

— Acha que isso muda alguma coisa? — disse ele, entre os dentes. — Ela morreu pela mão das Harpias!

A mão de Valek agarrou o pescoço de Zora e apertou com força. Ele podia sentir aquela fúria despertar, o *berserker* vinha tomar conta de suas ações.

— V-vá em f-frente... — balbuciou ela. — p-prefiro morrer... agh... do que a-acabar c-como... eles...

— Vou atender seu desejo!

Ele aumentou a força do aperto. Mas apesar das palavras de Zora, duas lágrimas rolaram, pingando sobre a mão de Valek. Uma sensação estranha tomou conta do peito dele. Sem perceber, o rapaz a soltou. Ela caiu sem fôlego.

— Por... cof... quê...?

O rapaz recuou assustado consigo mesmo, matar em combate era uma coisa, mas matar a sangue frio era assassinato. Será que não conseguia pensar em nada além de morte? Valek correu para fora da fissura, deparando-se novamente com o fosso, que parecia mais opressor do que antes.

— Acabou, senhora! Esse é o fim!

Valek pensou em Liana, na filha não-nascida e na vida que jamais teriam como uma família. Despediu-se delas em seu íntimo, desejando que ficassem a salvo e fossem felizes onde quer que estivessem. Pronto. Não lhe restava mais nada. Estava preparado para morrer naquele lugar.

Capítulo XLI

Gestação

Liana contava o segundo mês de gestação quando o exército de *Lestonor* partiu de *Londinium* para retomar a campanha. Relatos dos espiões alertavam que o rei de *Ancestria* se preparava para confrontá-los, um indício de que a vitória seguinte não viria com a mesma facilidade. Kotler partiu à frente das fileiras cavalcando o beemote com a promessa de voltar coberto de glórias meses mais tarde para o banquete que celebraria o centésimo ano de seu reinado.

Marla ocupava uma posição de destaque, orgulhosa por ter recrutado uma hábil guerreira: Suila-Ne, que marchava a seu lado. Sozinha e com uma dívida de honra por terem cuidado de Heiten, agora seu ex-noivo, a *acari* concordou em fazer parte das fileiras de *Lestonor*.

Toda a guarda da cidade fora substituída. Os antigos homens que serviram lorde Garet partiram com Kotler, deixando a proteção da cidade aos cuidados de soldados leais ao rei. Acássia estava livre para fazer o que bem entendesse com *Londinium*. Pelo que ouvira a respeito daquela mulher, Liana previa um futuro sombrio para a cidade. No dia após a partida, Baltus e a sacerdotisa ruiva foram chamados à presença da rainha.

— Uma hora de atraso! Parece-me que ela desconhece a pontualidade!

Liana impacientava-se com a longa espera na sala do trono. Ela se protegia do frio do inverno em um vestido de lã que cobria todo o corpo. O traje não tinha enfeites, tratava-se de uma roupa comum de sacerdotisa cedida por Téssia.

— Não te impaciente, minha cara... — retrucou Baltus. — É característica da realeza ocupar-se com incontáveis tarefas, muitas das quais pedem respostas urgentes.

O feiticeiro permanecera em *Londinium* para proteger Acássia, em troca lhe fora permitido manter Liana sob custódia e a rainha forneceria cabaias para que pudesse continuar com seus experimentos.

— Não me trate como se eu fosse sua aluna, Yanis. — disse Liana de forma casual.

— Mil perdões! Quando se tem a minha idade, torna-se um hábito pensar em todos como jovens, mesmo uma mulher feita.

— Completarei trinta e três anos em uma semana.

— Meus parabéns antecipados!

Liana não ficou nada satisfeita, mas tentou disfarçar. Uma porta lateral abriu-se para dar passagem a uma serva conduzindo um jovem forte e de cabeça raspada. Embora nunca tivesse sido realmente apresentado a ele, Baltus sabia se tratar do bastardo de lorde Garet.

— Espere aqui. — disse a serva.

Heiten agradeceu à moça, surpreso com a presença de Liana e do famoso feiticeiro. A sacerdotisa virou o rosto sem esconder o aborrecimento.

— Liana, quero que saiba que sinto pelo que aconteceu.

Heiten aproximou-se e tocou no braço dela de leve. O contato inundou a mente de Liana com lembranças da noite em que fora capturada. Numa reação instintiva, a sacerdotisa lançou um feitiço que derrubou o guerreiro no chão. Os guardas do salão agitaram-se.

— Parem! — Baltus os conteve com um gesto.

— Nunca mais me toque... — Liana voltou-se para Heiten com a voz embargada. — Ou vai morrer!

— Não sei que assuntos têm com esta mulher... — disse Baltus. — Porém, te aconselho a dá-los por encerrados.

Humilhado e farto de ter suas boas intenções rejeitadas, Heiten buscou recompor-se, bem como Liana.

Anunciaram a chegada da rainha. Ela adentrou o salão do trono acompanhada de três servas metidas em vestidos curtos de lã e também por Edan. Acássia cobria-se do frio do inverno com uma longa capa de pele sobre os ombros, por baixo vestia um traje que deixava o colo, a barriga e as coxas à mostra, uma tiara fazia às vezes de coroa.

— Mal acreditei quando Edan contou-me! — ignorando Liana e Baltus, ela dirigiu-se à Heiten. — A semelhança não é óbvia, mas é inegável quando se compara seu rosto com o do lorde. Sabe por que o chamei?

— Não, eu não sei, majestade.

Apesar do rosto abaixado, o tom de Heiten deixou transparecer o ressentimento contra a mulher que arquitetara a morte de Garet.

— Olhe nos meus olhos... — disse Acássia. Ele obedeceu de forma relutante. — Os deuses são testemunha de que sempre desejei uma família feliz, um desejo que nunca me foi concedido. Diga-me, compartilha tal sonho?

— O lorde está morto, de nada adianta sonhar.

— Longe de mim denegrir a imagem que tem do lorde, mas se o conhecesse bem, saberia que ele jamais praticou os valores que pregava. Você é o maior exemplo disso. Deve ser horrível crescer sem o reconhecimento do pai!

— Ele me reconheceu como possível!

Diante da impaciência de Heiten, Acássia assumiu uma postura conciliadora.

— Ele era o senhor de *Londinium*, suas palavras eram a lei. Crê realmente que não poderia tê-lo recebido se assim desejasse? Edan... — o criado entregou o rolo de pergaminho a ela, que por sua vez o passou a Heiten. — Este é um decreto que redigi com meu próprio punho, reconhecendo-o como filho de lorde Garet. Serão concedidos todos os direitos que lhe cabem como tal.

Limitando-se a observar, Liana viu pequenas transformações passarem no semblante de Acássia, cada vez mais satisfeito ao mesmo tempo em que as defesas de Heiten desmoronavam com a leitura do decreto.

— Diante dessas testemunhas, eu o reconheço como meu irmão de sangue! — a rainha tirou um dos anéis que usava e o colocou no dedo de Heiten. — Esse é o brasão de nossa família. Bem-vindo ao lar, Heiten Garet!

Acássia envolveu o confuso meio-irmão nos braços.

— N-não sei o que dizer, majestade!

— Ora, não seja tão formal. Sou sua irmã, me chame pelo primeiro nome. — ela sorriu diante da nova conquista e ofereceu o braço. — Venha, vamos brindar à sua saúde. Depois Edan mostrará seus aposentos!

Acássia e Heiten caminharam de braços dados pelo corredor da sala do trono, seguidos por Edan e pelas servas. Ao passarem por Baltus e Liana, ela voltou-se sem se deter.

— Está convidado a juntar-se a nós, mestre Baltus! — e Acássia acrescentou com imenso desdém. — Pode trazer sua acompanhante, caso queira.

Edan saudou a sacerdotisa discretamente e deixou a sala do trono juntamente com o séquito. Liana e Baltus ficaram sozinhos, à exceção dos guardas em seus postos.

— Essa foi, certamente, uma audiência curiosa. — ironizou ela.

— A rainha teve suas razões, creio.

— Razões que estão bem claras. Como Kotler acabou de partir, ela queria mostrar quem manda. É evidente que essa mulher sente prazer em reafirmar seu poder.

— Não é prudente tecer tais comentários em voz alta.

— O que tenho a temer? Sei que você protegerá minha filha de qualquer perigo, o que significa proteger-me enquanto durar a gestação.

— Parece-me que ignora a seriedade de tua situação.

Liana assumiu uma postura altiva.

— Fui estuprada e feita cativa enquanto meu filho teve a mão decepada e foi atirado na pior masmorra do Mundo Antigo. Acredite, Yanis, levo tudo isso muito a sério!

Sem esperar pela resposta, ela encaminhou-se para uma porta lateral. Há tempos não se sentia tão forte e disposta. Valek tinha razão, estavam mesmo em guerra.

Não demorou para que uma nova ordem se estabelecesse em *Londinium*. Heiten foi nomeado o novo lorde, mas Acássia dava as ordens. Um regime de tirania teve início. Novas taxas foram criadas, qualquer suspeita de insurgência

era rechaçada com violência. Baltus passou a conduzir seus experimentos em *Londinium*.

Após aquela primeira audiência, Liana foi confinada a seus aposentos. Baltus lhe cederia uma cama razoavelmente confortável, uma mesinha para ler, sua própria lareira e até mesmo uma tina de banho. Para ela, tudo isso constituía mais luxo do que se acostumara. Porém, fora proibida de por o pé para fora do quarto sem a companhia do feiticeiro.

Téssia aparecia sempre que o trabalho no templo de *Solari* — agora convertido em um templo de *Lunna* — permitia. Essas visitas consistiam na única alegria de Liana. Quando aconteciam, as amigas conversavam durante horas, como nos velhos tempos. Uma delas aconteceu no dia em que a gravidez completou três meses.

— Preciso que faça algo por mim, Téssia. Não aguento mais ficar sem saber sobre o Valek, pode entrar em contato com ele através do Sonho Compartilhado?

— Tenho certeza de que ele gostaria mais de falar com você, Liana.

— Seria arriscado! A percepção de Yanis é incrivelmente apurada, mesmo à noite. Por hora, quero fazê-los acreditar que não represento perigo, o que não acontecerá se souberem que contactei meu filho.

— Tem razão. Vamos adotar essa estratégia, então.

— “Vamos”?

— Não vou te abandonar, mas não posso dizer o mesmo da Ordem. As anciãs estão descontentes com nós duas.

— Sabia que podia contar com você!

Depois disso, Téssia adotou a mesma estratégia, batizada de “*fingir-se de morta*”, limitou-se a cuidar do povo e a evitar sermões que pudessem desagradar a rainha. Foi assim que seguiram por algum tempo. Liana continuou vítima do desdém indireto de Acássia nas poucas vezes em que encontravam-se. Quando a gestação passava do quarto mês, Edan explicou o motivo desse tratamento.

— Ela se acostumou a ser a bela do castelo... — disse ele ao encontrar-se casualmente com Liana e Baltus no salão de jantar, quando comiam os restos da ceia. — E não gosta de ter outras mulheres bonitas por perto.

A sacerdotisa respirou aliviada. Se a rainha a visse como ameaça, seus planos estariam ameaçados, mas podia lidar com uma questão de ego feminino.

A disputa, porém, logo chegou ao fim. À medida que a barriga de Liana começou a crescer, os olhares que atraía diminuíram.

O mês seguinte marcou o início da primavera e a dispensa das roupas de frio. Acássia viajou à *Mazilev* para ser apresentada como rainha de *Lestonor* na capital. Aproveitando esse intervalo, Téssia começou a levantar aos poucos o tom dos sermões, a sondar a cidade em busca de possíveis aliados. Ela descobriu que muitos dos que estavam no calabouço embaixo do castelo eram soldados que haviam lutado ao lado de Garet, talvez pudessem ser convencidos a lutar com elas. Liana não podia fazer muito sob a vigilância de Baltus, mas aprendeu algumas magia que desconhecia, embora se recusasse a auxiliar nos experimentos do feiticeiro.

Sessenta dias foi o tempo que durou a viagem de Acássia. Ao retornar, a barriga proeminente de Liana acabou com a necessidade de desdenhá-la, assim passou a simplesmente ignorá-la.

No oitavo mês da gestação, um mensageiro anunciou o retorno de Kotler para comemorar o centésimo ano de reinado com um grandioso banquete. A essa altura, metade do território de *Ancestria* estava sob o jugo do Rei Desmorto. Ao saber da notícia, Liana e Téssia reuniram-se novamente.

— Chegou a hora!

— Sei que essa vai ser a melhor oportunidade, Liana, mas estou preocupada. Nosso exército será composto de presos mal-nutridos.

— Reconheço que o plano é frágil. Teremos de depositar nossas esperanças em Valek. Como ele está? — perguntou com ansiedade.

— Lamento, mas não consegui alcançá-lo. Sabe como é difícil trazer alguém sem magia para dentro de um Sonho Compartilhado.

— Precisa falar com ele! Cabe a vocês cuidar de tudo daqui em diante. Não deve me visitar novamente, Téssia.

— Fala como se não fosse mais tomar parte nos planos.

Liana respirou fundo e sentou-se na beirada da cama. Em parte por ser um assunto delicado, em parte por ter se cansado de ficar em pé com uma barriga de oito meses.

— Precisa me expulsar da Ordem.

— Expulsar?! — Téssia repetiu a palavra para ter certeza de que ouvira direito. — E por quê?

— Há motivos de sobra! Fui cúmplice de roubo quando meu filho assaltou um tecelão, colaborei com a destruição da aldeia do clã dos Mi, assassinei duas Harpias, sem mencionar o incesto. — Liana acrescentou em tom de brincadeira. — Vamos reconhecer: não sou uma boa pessoa!

— Não tem graça e não foi o que perguntei! Quero saber o verdadeiro motivo.

— Se tudo der errado... — a ruiva mudou de postura. — Não quero que você ou a Ordem sejam prejudicadas por minha causa outra vez.

— Ah, Liana! — Téssia se sentou ao lado dela e tocou o ventre da amiga. — Entendo suas razões, mas não me peça para fazer isso. Posso fingir que a expulso, até chamá-la de feiticeira, se necessário. E nada mais. Voltará para a Ordem quando tudo terminar.

Liana concordou e a conversa desviou para temas mais leves, a gravidez foi o assunto dominante. A feiticeira ruiva teve dificuldade para dormir naquela noite. Ansiava saber sobre Valek e precisou lutar contra o impulso de buscá-lo no mundo dos sonhos.

Ela também pensou nos planos de Téssia para o futuro: voltar para o antigo templo e criar Mirya como uma sacerdotisa. Liana teria adorado uma vida assim, mas não aconteceria porque tinha visto seu destino e sabia que nunca voltaria para o único lar que conheceu.

Seus dias estavam contados.

Capítulo LII

À Sua Espera

Algo estava errado... e Valek sabia o quê. A luz do dia não aquecia como deveria, o cheiro da grama molhada era diferente do esperado, mão esquerda retornara como se jamais tivesse sido cortada fora. Um sonho. Mas não um sonho comum.

— Quem está aí?

Uma mulher emergiu das brumas.

— Valek?! Graças a *Lunna*! Lembra-se de mim?

— Lembro-me que é a amiga da minha mãe, a sumo-sacerdotisa Moonay. E isso é um Sonho Compartilhado.

— Me chame de Téssia. Está certo sobre o sonho, mas não foi esse o lugar que...!

A sacerdotisa engoliu o ar. Valek virou-se acompanhando a direção do olhar e viu *Ilárdia*, o reino perdido dos druidas no horizonte, ao redor da colossal *Yggdrasil*! Àquela distância, os contornos da gigantesca árvore fundiam-se com o azul do céu. Bem mais perto, encontrava-se Natsvaerd, em seu manto verde, com os cabelos dourados ao vento.

— Então foi você quem...

Sem se virar, ela fez um gesto para que esperassem. A brisa vinda de *Ilárdia* tornou-se mais forte. Em torno da cidade, o vento soprou com tamanha intensidade, que o fluxo de ar ficou visível graças ao pó levantado. A ventania ganhou mais e mais força, acelerando sem parar, envolvendo toda a cidade em um turbilhão.

Uma nova lufada de ar fez Valek apertar os olhos e se encolher. O vento cessou de uma vez. Quando isso aconteceu, a *Yggdrasil* e a cidade-reino haviam desaparecido.

— A Grande Partida... — Natsvaerd, virou-se de frente. — A partida de *Ilárdia* deste plano rumo à outras paragens.

— Liana contou-me a seu respeito. — explicou Téssia. — Falhei em entrar nos sonhos de Valek, mas você parece ter tido sucesso.

— Enganai-vos. Fracassei repetidamente em tal intento, distante da *Yggdrasil* minha magia limita-se. Parece-me que esforçamo-nos simultaneamente e a soma de nossas forças obteve sucesso.

— Deixem a conversa para outra hora... — Valek foi ríspido. — E digam o que querem!

— Que venhas buscar-me. Encontro-me oculta no âmago de uma reles árvore. Um pobre eufemismo de minha condição anterior!

— Liana e eu temos planejado uma nova investida. — disse Téssia. — Estamos à sua espera para agir!

— Minha filha já nasceu? Como elas estão? — indagou o rapaz.

— A gravidez está no oitavo mês. Ela está bem, mas...

— Se estão bem, é tudo que me importa. Não tenho a intenção de fazer nada.

— Vai abandoná-las?

— Minha mãe é forte e inteligente. Tenho certeza que vai saber se virar.

— E quanto a vós? — Natsvaerd interveio. — Desejas terminar vossos dias de forma tão deplorável?

— Já causei dor demais às pessoas que amo! Agora chega!

— Valek...

— CHEGA!!!

A consciência do rapaz começou a deixar o mundo dos sonhos.

— Olhai para dentro, onde a verdadeira chama arde, e encontrarás as respostas!

Foram as últimas palavras que ele ouviu antes de tudo escurecer. Abrir os olhos caído junto à fumarola do fosso com o rosto no chão.

— Como vos atrevei a aceitar a derrota?

A voz vinha de um vulto dentro da densa nuvem amarela.

— Eu te conheço. — disse o rapaz, sentido o corpo pesar uma tonelada. — Você é o *berserker* que vive dentro de mim.

— Não hábito em vós, sou uma parte de vosso ser. Sou a Serpente de Fogo! Dizei-me o que desejais, meu rebento?

— Sabe o que desejo... Liana!

— Se necessitas de uma razão para lutares, que sejas esta! Lutai por amor, lutai por ela!

Ele acordou ofegante. A aspereza do ar, a ausência da mão esquerda, a dor nas costas por dormir sentado contra a parede de pedra da fossa evidenciavam o retorno ao mundo desperto.

— O que foi? — perguntou Zora, ao lado dele.

— Um sonho ruim.

Valek tirou o cabelo da testa, as mechas sujas desciam abaixo dos ombros. Quando passava a mão no rosto podia sentir uns poucos fios de uma barba rala, sua primeira barba. A fossa lhe parecia ainda mais escura após ver à luz do dia, mesmo que fosse apenas uma luz ilusória. Se a gravidez de Liana contava oito meses, estava preso a sete meses, mas poderiam muito bem ser sete anos. Ali embaixo o tempo não passava de apenas uma lembrança.

— Posso te ajudar a acabar com os pesadelos. — Zora acariciou o peito nu do rapaz.

— Mais tarde.

— Preciso te lembrar do nosso acordo outra vez? Esqueceu dos segredos que contei em troca de foder-me quando eu quisesse?

— Fico imaginando se algum dia esses segredos me servirão.

— Deveria ter pensando melhor antes de concordar.

A mão dela se enfiou no que restava da calça de Valek. Mesmo sem vontade ou prazer, ele meteu e gozou em Zora. Depois do ato, o rapaz empunhou a espada sem fio que mantinha por perto desde o primeiro dia e decidiu caçar alguma ratazana, mas acabou indo à grande fumarola.

O Sonho Compartilhado estava bem vívido em sua memória. Natsvaerd dissera para olhar para dentro, onde a verdadeira chama ardia. Referia-se às pedras em brasa que emanavam a fumaça amarela ou falava de algo mais profundo? Ele não se lembrava do segundo sonho, mas sentia que algo importante lhe fora dito. Com a ponta da espada, rolou uma das pedras para fora. Um golpe de espada a rachou. Por baixo da casca dura, o interior continha um pó ocre grosseiro e mal-cheiroso.

Juntou uma porção daquela poeira sobre a lâmina da espada e jogou na fumarola só para ver o que aconteceria. O pó liberou fumaça branca e estourou em estalinhos. O coração de Valek saltou no peito. Deu voltas em torno da fumarola, rachando todas as pedras que podia. A nuvem branca combateu a amarela e ele entendeu que era o momento de afastar-se. Pelo caminho, agarrou Zora, que observava tudo e correu para a fissura na parede.

As paredes da fossa sacudiram violentamente, tamanha foi a força da explosão. Pedras caíram do teto e ele puxou Zora para fora instantes antes da fissura colapsar, toda aquela parte da fossa veio abaixo, mesmo a passarela lá no alto desmoronou.

Quando os tremores pararam, Valek e Zora jaziam atordoados no solo. Uma enorme nuvem de poeira tomou conta de tudo. Ele sentiu cheiro de sangue, indício de que muitos prisioneiros haviam morrido na explosão ou sido soterrados. Os sobreviventes gemiam aqui e ali.

— Deuses, Valek! Podia ter avisado que... cof... pretendia fazer uma loucura dessas!

— Zora, veja... — atrás da poeira, era possível ver que os destroços da parede desmoronada formavam uma rampa até em cima. Ele ficou de pé, cobrindo o nariz com o cotovelo. — Precisamos sair daqui agora... cof... antes que os guardas apareçam.

A dificuldade da subida foi maior do que ele esperava. Os músculos protestavam pelo esforço após meses de inatividade, os pés escorregavam e ainda conduzia Zora, agarrada a seu braço esquerdo. Por vezes, precisou usar a espada sem fio como apoio. Atrás deles, outros prisioneiros tentavam subir.

O primeiro guarda apareceu quase ao mesmo tempo em que Valek pôs os pés no piso acima do fosso. Os instintos permaneciam bons, mas os reflexos enferrujados o fizeram perder a espada e o equilíbrio, ele foi ao chão sem defesa contra o que seria o golpe final do guarda.

“*Maldição*”, pensou ele. Não podia morrer dessa forma, não tão perto de escapar.

No último momento, Zora saltou no caminho da lâmina. Um golpe fatal atravessou o peito dela.

— Não!!!

Furioso, o rapaz investiu desarmado contra o guarda, o derrubou e esmurrou seu rosto mais vezes do que pode contar. Quando parou, restava apenas uma massa disforme engasgada no próprio sangue. Valek apanhou a espada do guarda e atravessou a garganta dele.

Ergueu-se ciente de que precisava se manter em movimento. Por experiências anteriores sabia que aquela descarga de energia lhe daria força extra. Ainda assim, não queria simplesmente abandonar Zora, tombada numa poça vermelha. Vê-la morta lhe despertou sentimentos opostos. Ali estava uma das responsáveis pela morte de Blie-Mi, mas também estava a única companhia que tivera nos últimos meses, a pessoa que acabara de lhe salvar. Deixou-a deitada de costas e fechou os olhos dela antes de se lançar para o corredor.

Os efeitos da explosão podiam ser vistos também nessa parte da masmorra. Blocos de pedra haviam caído do teto e rachaduras cobriam as paredes. Os presos das celas gritavam ensandecidos. Algumas das portas de madeira, fracas e corroídas pelo tempo e a umidade, tinham se soltado dos trincos, libertando um punhado de cativos. Valek trombou com alguns deles enquanto corriam nus em todas as direções à procura de uma rota de fuga.

— Aqui, ajuda! — gritou um guarda. Outros dois vieram em seu socorro.

Valek e os demais fugitivos os atacaram. Defender a masmorra era uma tarefa encarada mais como uma punição que uma missão. Seus guardas não costumavam ser guerreiros experimentados, do tipo que não se amedrontaria com o ataque de um bando de loucos.

Dois dos guardas foram mortos de imediato, assustados demais para reagir. O terceiro fugiu aterrorizado. Valek correu atrás dele, certo de que lhe mostraria a saída, mas lhe faltaram pernas para acompanhá-lo.

Além de uma esquina, o encontrou novamente, junto a outro guarda mais velho que tentava acalmá-lo. Sem perder tempo, o rapaz ruivo matou o veterano e acuou o guarda covarde contra uma porta que não resistiu. Os dois caíram dentro da cela onde Valek o executou.

— Ahhh...!!! — gritou uma moça pálida, desnuda, encolhida no canto da cela.

De início, o rapaz a ignorou, mas num segundo momento a reconheceu, apesar do aspecto debilitado. A cor dos cabelos eliminava qualquer dúvida.

— Sarissa Gareth?!

— Não me machuque!

Valek espantou-se. Aquela jovem bonita, com o porte de uma princesa, transformara-se num farrapo humano. Por outro lado, pensou que aos olhos dela, devia parecer igualmente lamentável.

— Sarissa... — ela agitou-se ao ver a mão estendida em sua direção. — Não vou te machucar! Você me perguntou se meu pulso dóia, lembra-se?

— C-Clancey...? — o azul do olho apareceu timidamente atrás das mechas brancas desgrenhadas.

— Venha comigo, vamos fugir!

— Fugir...?

Ela encolheu-se novamente, o que impacientou o rapaz.

— Pegue no meu braço ou vou te deixar para trás! Quer ficar aqui?

Sarissa segurou o cotovelo dele e se deixou guiar a passos fracos e inseguros. Valek a conduziu para uma cela vazia onde esperou um grupo de guardas se afastar. Lembrando de um dos segredos que Zora contara, ele conseguiu encontrar o acesso ao laboratório de Baltus.

— Ei, você! — um dos guardas o viu antes que fechasse a porta.

Mais que depressa, Valek arrastou uma mesa para escorar a porta. O olhar avoado de Sarissa o fez duvidar que ela estivesse totalmente consciente, mas ao menos parara de resistir. A poeira evidenciava que ninguém punha o pé no laboratório há meses. Entre as estantes de livros e outros móveis, destacava-se um manequim coberto com um lençol. Um sorriso apareceu no rosto dele ao remover o pano.

— O que isso? — perguntou Sarissa.

A capa preta que vestia o manequim mudara. Antes era toda de penas negras, agora elas adornavam apenas a borda do capuz, preso ao resto da peça

por uma fivela circular dourada. A aparência era outra, mas ao menor toque podia sentir a energia da peça.

— É o Manto das Sombras de Zora. O último Manto das Sombras! — rapidamente, ele pôs a capa sobre os ombros. — Com isso podemos ir a qualquer lugar!

Sarissa aproximou-se com uma curiosidade infantil. Os guardas do corredor já tentavam forçar a porta escorada. Sem tempo a perder, Valek envolveu Sarissa pela cintura e a puxou para perto de si. Ela debateu-se em esforços débeis que ele ignorou.

Zora lhe contara que o segredo para utilizar o Manto era pensar com todas as forças em uma pessoa conhecida ou um lugar familiar. Ele cobriu a cabeça com o capuz, de imediato sentiu uma força irresistível puxá-los para longe. O ar ficou pesado e espesso como um rio de águas caudalosas. Via apenas os vultos da paisagem sem cor. Sarissa apertou-se a ele, apavorada.

A viagem estendeu-se por horas. A força os soltou de repente, desabaram sobre um chão de granito. No limite de suas forças, Valek viu uma dúzia de rostos femininos atônitos inclinados sobre ele. O de Téssia se destacava entre os demais.

— Estavam me esperando? — e ele perdeu a consciência.

Capítulo XLIII

Ceros

Passavam algumas horas do anoitecer quando Valek arriscou-se para fora do quarto. Mantinha-se fora das vistas das moças que viviam no templo, como prometera a Téssia. Após dormir durante toda a manhã, passara a tarde praticando com um cabo de vassoura, o primeiro exercício depois de quase uma semana desacordado mais dois dias de cama. Durante esse período, a sumo-sacerdotisa lançara magias e ministrara poções de cura para acelerar sua recuperação, também lhe cortaram o cabelo e as unhas.

Exausto e faminto, ele praticamente se arrastou até o refeitório. Além das dores musculares, a luz do dia fez os olhos arderem e a cabeça doer. Consequências de ter passado tanto tempo em um buraco escuro. Mesmo as chamas das velas da cozinha pareciam demais. Longas mesas de madeira e fogões de pedra no fundo ocupavam o salão. Um painelão fumegava sobre um deles. Téssia era a única ali.

— Ainda tem bastante sopa de legumes... — ela nem se deu ao trabalho de cumprimentá-lo, ocupada com o próprio prato de sopa. — Sirva-se à vontade.

Ele encaixou um prato nos dedos de ferro da prótese presa ao pulso esquerdo e serviu-se. Seu organismo não suportaria alimentos mais pesados.

— Sente-se melhor? — perguntou Téssia.

— Dolorido. — ele tomou lugar à mesa. — Uma poção de cura cairia bem.

— Abusar de poções é uma idéia ruim. Seu corpo precisa de tempo para se recuperar.

— Tempo é tudo que não temos.

— Disse bem. Qualquer mensageiro que tenha partido de *Mazilev* quando vocês fugiram, deve estar perto de *Londinium* com as notícias.

Valek limpou o prato e foi ao fogão enchê-lo novamente. A última frase de Téssia soou mais como uma sugestão do que um comentário.

— Cuidarei do mensageiro amanhã. Vou Saltar pela estrada até encontrá-lo. — ele notou a expressão de dúvida dela. — Salto é como é chamada a magia de ir de um ponto à outro.

— Eu esperava nunca ver um Manto das Sombras novamente. Pergunto-me se iria gostar de saber como o conseguiu.

— Prefiro não falar sobre minha estadia no fosso. — sentenciou ele, depois mudou de assunto. — Tenho de reaver *Natsvaerd*. Se eu voltar à aldeia *Mylls*, estou certo de que posso encontrá-la.

— Será mais rápido se levar a pessoa que a escondeu. Fisicamente, Garet se recupera bem... — Téssia esfregou as temporas. — Mas o dano mental será mais difícil de curar. Sondei as memórias dela enquanto dormia. É impossível dizer quanto vezes os guardas a violentaram, sem falar no confinamento naquele cubículo escuro e sujo! Pobre garota!

Valek ouvira muita agitação no quarto ao lado do seu durante a tarde. Sarissa gritara com as moças que tentavam tratá-la, também jogou coisas nelas antes de entregar-se a um choro solto.

— Não precisa me contar isso! — disse ele. — Não tenho interesse em ninguém dessa família.

— E por que a tirou da masmorra?

— Eu... não sei. Agi por impulso, acho.

— Você a trouxe a nós, o que pode fazer agora é nos ajudar a recuperá-la. Bom, eu vou me deitar...

Ela levou o prato de volta para a cozinha e se dirigiu para a saída do refeitório, mas Valek a chamou.

— Tem uma coisa que sempre quis saber, Téssia. Por que a Ordem de *Lunna* desafiou o Rei Desmorto?

Ao contrário do que ele esperava, ela respondeu prontamente.

— Nosso templo era forte e tinha muita influência nos tempos do rei anterior. Com Kotler a situação mudou. Ele afastou-se de nós e perdemos força. Minha mãe tinha esperança de que Liana nos daria uma filha capaz de nos guiar de volta aos tempos de glória. — Téssia suspirou. — Bom, Liana deu à luz um menino e o resto da história você conhece.

— E os seus motivos para continuar a luta, quais são?

— Mataram minha mãe!

Valek não disse mais nada, Téssia foi se recolher. Ele encheu o prato de sopa novamente. Sem sucesso, tentou afastar Liana do pensamento.

Em dado momento, sua consciência voou para longe, para as montanhas de *Norféria*, onde fora criado, para uma isolada, mas aconchegante cabana. E viu-se morando ali com Liana, que o beijava sem receio e com a pequena Mirya, com quem brincava com ramos imitando espadas. Blie-Mi e Goro-Mi fizeram uma visita e todos jantaram juntos num clima agradável.

Ele acordou debruçado sobre a mesa do refeitório. O sonho esvaiu-se sem deixar lembranças. A dor de cabeça havia passado, substituída por um mau jeito nas costas. As velas pela metade mostravam que tinha dormido durante horas.

Sentada do outro lado da mesa, Sarissa comia um pedaço de queijo e bebia um copo de leite. Uma refeição tão simples quanto o vestido de sacerdotisa que usava ou a camisa que Valek vestia. Era a primeira vez que a via desde a fuga e reparou que haviam cortado os cabelos da moça na altura do ombro.

— Tenho inveja de você... — a voz de Sarissa soou baixa. — Parecia que estava tendo um sonho bom. Só tenho pesadelos quando durmo.

Para estar acordada àquela hora, Valek supôs que o ritmo de sono dela andava tão errático quanto o seu. O rapaz ficou de pé para esticar os músculos, ela esboçou um sorriso ao vê-lo levar a mão às costas com um gemido.

— Deve ser muito tarde... ou muito cedo. — disse ele.

Valek lembrou-se da recomendação de Téssia e imaginou de que maneira poderia iniciar uma conversa. Não quis perguntar como ela estava porque a resposta seria óbvia.

— Já sabe o que vai fazer de agora em diante? — ela apenas balançou a cabeça e bebeu um gole de leite. — No seu lugar, eu iria querer acertar as contas com quem me prejudicou. — Sarissa continuou comendo de cabeça baixa. Valek pensou que talvez o melhor fosse simplesmente deixá-la quieta. — Vou voltar para o meu quarto.

— Pode ficar um pouco mais?

Valek concordou, um tanto aborrecido. Passaram-se longos minutos de silêncio.

— Sarissa... — ele perguntou de forma direta. — Ainda se recorda onde escondeu aquela espada?

— Me recordo, mas não vou contar. Estou cansada de espadas.

— Também estou! — desabafou ela. — Minha vontade é de tirar minha mãe do castelo e fugir para longe. Infelizmente, eles viriam atrás de nós, como sempre. Não tenho escolha, preciso lutar por ela!

Sarissa terminou de engolir o pão devagar. O olhar continuava perdido.

— Hoje percebo que amava meu pai. — disse para si mesma. — Apesar dos defeitos, eu o amava da mesma maneira que sei que ama sua mãe. Mas ele se foi. Todos que amei me deixaram ou me traíram. Não sobrou ninguém...

Valek percebeu que não conseguiria avançar com a conversa e limitou-se a esperar que ela terminasse a refeição. Sarissa sorveu o último gole de leite e só então o olhou nos olhos. Ele viu um semblante cheio de dor e mágoa.

— Obrigada por me tirar daquele lugar e obrigada por não falar comigo do mesmo jeito que as sacerdotisas falam. Como seu eu estivesse louca.

— Vai me ajudar? — ela assentiu. — Então vamos!

Pela posição da Lua, Valek calculou que faltava pouco para amanhecer. Ele pensou que seria bom estar ao ar livre após meses de confinamento, mas ao contrário, sentia-se um pouco intimidado com o espaço aberto na clareira próxima do lugar onde ficava a aldeia *Mylls*. O som estridente das cigarras, bem como o piar das corujas soavam familiares e estranhos ao mesmo tempo. Sarissa cruzou os braços sobre o peito de forma protetora, manteve a cabeça coberta pelo capuz da capa que vestira antes de deixarem o templo.

Ele descobriu o capuz do Manto das Sombras, uma sensação que há muito não sentia o alcançou.

— Tire o capuz para sentir a brisa da primavera, Sarissa.

A moça o fez. O vento suave acariciou ambos os rostos, renovando os ânimos. De repente, a clareira não parecia tão intimidadora. Ela indicou uma

árvore de tronco largo. A copa, outrora desfolhada, torna-se toda verde. Um problema surgiu.

— A árvore é essa, mas o buraco fechou.

— Permitam-me assistir-vos!

A voz veio acompanhada de um relinche e do som abafado de ferraduras sobre a grama. Valek e Sarissa depararam-dr com a forma humana de Natsvaerd sentada no lombo de um robusto cavalo de pelo preto dotado de uma lâmina óssea na testa.

— Há quanto tempo! — saudou ele.

— Estejas certo, meu caro Valek, que ouviras muitas queixas de minha parte, porém, guardá-las-ei para um momento oportuno. Afastai-vos.

O unicórnio aproximou-se da árvore e moveu a cabeça, golpeando o tronco com o chifre. Valek usou a prótese de ferro para terminar de abrir o buraco. E assim, reaveu a espada *Natsvaerd*.

— Posso? — Encantada, Sarissa estendeu a mão. O unicórnio abaixou a cabeça para ser tocado no focinho. — Ele tem nome, Espírito da Espada?

— Ceros, é como o chamo. Ele o último exemplar de uma espécie ancestral. É mais inteligente e sábio que a maioria das pessoas. E compreende a linguagem dos homens com perfeição.

— Me lembro que foi esse alazão que atraiu minha mãe e eu para *Ilárdia*. Depois disso não o vi novamente.

— Unicórnios escolhem seus mestres, jamais o oposto. Ceros não vos julgastes um mestre digno na ocasião. Entretanto, não deveis lamentar. Raros foram os homens merecedores de tal honraria.

— E ele mudou de ideia?

— Em verdade, sois vós a quem Ceros deseja servir, Sarissa Garet.

— A mim? — os olhos da moça brilharam.

— Espere! — interveio Valek. — Eu poderia fazer melhor uso de uma montaria como essa.

— A escolha foi feita. Resta-nos aceitá-la, não questioná-la. Agradeço-vos por tudo, velho amigo!

Natsvaerd acariciou o pelo preto, o espírito dela retornou para a espada.

Sarissa tocou o focinho de Ceros, feliz como uma criança que ganha um cãozinho. Os dedos da moça passearam pelo dorso do unicórnio, fascinada com a beleza e força do animal. Ela viu a expressão fechada de Valek, claramente descontente por ter sido preterido.

— Vamos montar juntos. — sugeriu Sarissa. — Você conduz. Tudo bem, Ceros?

O unicórnio resfolegou e baixou o pescoço. O semblante do rapaz desanuviou. Não perderia a chance de cavalgar um animal de tal porte.

Valek e Sarissa subiram no dorso descoberto, a moça o abraçou pela cintura. Sem rédeas ou sela, ele segurou na crina escura. Deram os primeiros passos e logo trotavam pela clareira. Mais confiante, Valek avisou que tentaria um galope, Ceros começou a correr.

De início, o passeio foi dos mais agradáveis. Então, sem perceber, foram parar nos restos da aldeia *Mylls*. O céu claro revelou os destroços cobertos pela grama. A visão lúgubre trouxe à tona lembranças da noite fatídica.

— Hora de voltar. — disse Valek. Ela concordou.

Ceros abaixou o pescoço novamente. O rapaz desceu, Sarissa hesitou.

— Não vem conosco? — perguntou ao unicórnio.

— Ele chamaria muita atenção, o caçariam.

— Acho que tem razão. — ela desmontou com ajuda de Valek. — Fique por perto, Ceros. Voltarei para te ver.

O unicórnio relinchou. Sarissa se deixou ser envolvida pelos braços de Valek e preparou-se para o Salto.

Viajaram através do ar denso. Quando a sensação os deixou, não estavam no templo. Encontravam-se em uma passagem espremida entre duas casas.

— Perdi a concentração... — Valek cobriu o rosto com o capuz, incomodado com a claridade.

— Isso é mesmo *Londinium*? — Sarissa também puxou seu capuz.

A moça caminhou para a rua. Valek a acompanhou estudando o terreno. Num primeiro momento, não viram ninguém e poderiam jurar que se tratava de

uma cidade abandonada pela deterioração das casas. Nas sarjetas, água suja de dejetos empestava o ar. Quando enfim, se depararam com uma mulher equilibrando uma bacia, esta persignou-se e passou depressa por eles. As poucas pessoas nas ruas evitaram, chegavam até a mudar de rumo.

— Estão com medo de nós? — indagou Sarissa.

— Talvez pensem que somos uma visão.

A torre do sino do templo destacava-se adiante, nos arredores da grande praça comercial. O local parecia deserto para quem o tivesse visto outrora, quando fervilhava de gente. Soldados que deveriam vigiar o lugar, causavam distúrbio em algumas barracas. A tensão causada pela presença deles era palpável.

No centro da praça, Sarissa viu algo que a deixou em choque. Três cadáveres pendurados em forcas e um quarto laço à espera do próximo condenado. Ela deu-se conta de aquilo era obra de sua irmã. O governo de Acássia transformara a cidade por completo.

Uma comoção os tirou do estupor. Valek puxou a moça pelo braço, escondendo-se atrás da quina de uma casa. O som de cavalos vinha descendo a rua, acompanhado de uma voz familiar.

— Afastem-se das ruas! Dêem espaço para lorde Gareth!

Capítulo XLIV

Sacrifícios Maiores

— Abram alas para lorde Gareth!

O grupo de dez homens a cavalo ganhou a grande praça. Batedores de *Lestonor* em sua maioria, um par, porém, destacava-se. Um deles era Edan, cujo alerta servia mais para lembrar ao povo do poder sobre eles do que para abrir espaço nas ruas quase desertas.

A outra figura de destaque era um sujeito de braços fortes e cabelos platinado, mais cheios que compridos. Por um instante, Valek penso estar vendo o fantasma de Darius Gareth. Sarissa teve um pensamento semelhante.

— P-pai...?

A moça encheu o peito para chamar pelo pai, mas o rapaz ruivo lhe tapou a boca. Ela debateu-se enquanto era puxada para trás da quina de uma casa. O grupo de cavaleiros se dirigiu para o templo, onde Edan desmontou para bater às portas duplas. Sob o olhar assustado de feirantes e clientes, o líder do grupo olhou ao redor, o que deu à Valek a chance de reconhecê-lo.

— Calma, Sarissa! — ele teve dificuldade para contê-la. — Olhe bem para o rosto. Não é o seu pai, é seu meio-irmão bastardo Heiten.

Ela parou de resistir, as sobrancelhas arquearam em sinal de dúvida. Sabendo que a moça tinha aversão a ser tocada desde a masmorra, ele achou melhor soltá-la, mas o fez com cautela, para assegurar de que não sairia correndo.

— Você não sabia dele? — ela fez um sinal negativo discreto. — Téssia me disse que Heiten é o braço direito de sua irmã. Vejamos o que vai acontecer.

Téssia surgiu na entrada no templo. As aprendizas esconderam-se atrás dela, temerosas.

— Um bom dia, sumo-sacerdotisa Moonay! — saudou Heiten. — Sinto incomodá-la tão cedo.

— O que querem aqui? — perguntou ela rispidamente.

— Estamos procurando um fugitivo que causou alvoroço nas masmorras de *Mazilev* há uma semana. Ainda levou com ele, provavelmente contra a vontade, uma prisioneira que interessa muito a rainha. — Heiten levantou a voz para todos na praça ouvirem. — O nome do fugitivo é Valek Clancey! Qualquer informação sobre o paradeiro desse indivíduo será recompensada com generosidade!

— Deve suspeitar que eu esteja abrigando os fugitivos, lorde.

— Veja bem, não a acusei de nada. Mas não é impossível que Clancey a tenha procurado por sua amizade com a mãe dele.

O rapaz entendeu que o mensageiro já havia chegado ao castelo e que sua fuga não era mais segredo. Também percebeu que Heiten utilizava-se do mesmo método que empregara quando se aproximou na estalagem de Grisalho. Restava ver como Téssia reagiria.

— Sim, me procuraram. — declarou ela. — Porém, deixaram o templo esta manhã e *Lunna* é testemunha de que não sei para onde foram. Devem estar longe agora!

Valek imaginou que a última frase, dita em alto e bom tom, poderia ser dirigida a ele. Téssia não se voltara em sua direção uma única vez, mas como sacerdotisa, ela não precisava olhar para sentir sua presença.

— Acredito. Mesmo assim, meus homens irão vasculhar o templo, apenas por garantia.

— Isso não acontecerá! — Téssia ficou transtornada. — Há dezesseis anos, minha mãe foi assassinada em uma missão de busca semelhante. Não vou permitir que entrem aqui para fazerem mal a mim ou as jovens sob minha proteção.

— Sua postura nos coloca num impasse, sumo-sacerdotisa.

— O que vamos fazer, Valek? — perguntou Sarissa com um sussurro.

O rapaz também viu-se diante de um impasse. Não conhecia Téssia muito bem, mas Liana lhe contara como ela os vinha ajudando a distância. Não podia abandoná-la. Por outro lado, estava longe de ter condições de lutar contra o grupo de Heiten.

Em meio à indecisão, uma lembrança distante de um vulto em meio à fumarola do fosso lhe veio à mente.

— Sarissa, fique aqui.

— Espere! Não quero que se machuque!

— Não vou. — ele sorriu confiante.

Valek descobriu a cabeça. O rapaz sentia-se diferente dessa vez. Em um momento como esses, o coração costumava acelerar, o impulsionando a agir.

— Heiten!!!

Todos se voltaram para ele. Em um instante, Valek ficou cercado pelas espadas de Heiten, seus homens e dos demais guardas que da praça. O aço de *Natsvaerd* deslizou para fora da bainha. Ele sentia-se diferente, mas os sentimentos que lhe davam força — a dor, a mágoa, o ódio — ainda estavam lá. Só precisava deixá-los fluir... A lâmina da espada tornou-se flamejante.

— Téssia, magia de fogo!

A sumo-sacerdotisa entendeu o que deveria fazer. Com uma série de palavras mágicas, ela projetou seus poderes na espada. As chamas ganharam vida na forma de duas serpentes de fogo, que rodopiaram ao redor de Valek e investiram contra os soldados. As pessoas esvaziaram a praça, os cavalos correram para longe em pânico.

O rapaz precisou segurar o cabo com força para conter o fluxo de energia. Agitando a lâmina, fez as serpentes de fogo dançarem no ar contra os inimigos. Alguns fugiram com as roupas incendiadas. Um deles correu na direção de Téssia, mas foi engolido pelas chamas. Heiten reagrupou-se com o que restava de seus homens a uma distância segura que julgou segura.

— O que foi, Valek? — provocou. — Perdeu a coragem de me enfrentar?

— Tenho reis para matar, Heiten! Seria desperdício de tempo me ocupar com um peixe pequeno!

O rapaz balançou a espada, aticando as serpente de fogo. Heiten saltou para trás e escapou de um ferimento mortal, mas não conseguiu evitar que as chamas deixassem uma queimadura diagonal em seu tronco.

— Peguem o lorde e vamos embora! — gritou um dos soldados.

Eles fugiram, carregando Heiten ferido. Valek esperou até ter certeza de que tinham mesmo partido antes de aquietar-se e permitir que o fogo apagassem. Aquilo exigira um esforço maior que o esperado. Sarissa saiu do esconderijo para

ver se ele estava bem, enquanto que na entrada do templo, as jovens amparavam Téssia para que não desmaiasse.

— O que vamos fazer com esse? — uma delas chutava Edan, caído.

— Por favor... ai... deixem-me ficar com vocês. Não quero... ai... servir a rainha... — de repente, o servo levantou num salto. — Sarissa, você está viva!

— Conhece esse traste, Sarissa?

— Conheço, sim. — respondeu ela sem emoção. — É apenas um pobre tolo, deixem-no ficar.

Téssia conseguiu se erguer. Valek tinha certeza de que Liana teria suportado melhor o desafio.

— Isso foi imprudente! — disse a sumo-sacerdotisa. — A ira da rainha cairá sobre nós!

— Não foi imprudência, foi um revide! — retrucou o rapaz. — Voltem para dentro e façam barricadas nas saídas, selem todas com magia! Vou ao castelo buscar minha mãe!

Em transe meditativo, Liana fazia a Saudação ao Sol sentada dentro do retângulo de luz que a janela projetava no chão do quarto, como fazia todas as manhãs desde seus primeiros dias como aprendiz de Denora. Concentrada dessa maneira, sua percepção tornava-se mais aguçada e podia sentir o movimento de todos pelo castelo. Também percebeu de forma tênue a magia de Téssia em um local afastado.

Aumentou a concentração na tentativa de captar mais sinais, porém estava muito distante. Mas pode sentir outra presença deslocando-se rapidamente. A mesma sensação que as Harpias Reais lhe causavam. Liana levantou depressa, equilibrando a barriga de oito meses e meio. Ouviu o barulho de asas e concentrou um feitiço de ataque. A presença da Harpia surgiu à suas costas, ela girou pronta para se defender, contendo-se no último instante.

— Olá, senhora!

Liana engoliu o ar.

Ela tocou o rosto do filho para assegurar que não era um sonho e atirou-se nos braços dele. Valek envolveu a mãe num abraço, lhe afagando os cabelos. Como sentira falta do calor dela, do som da voz, da simples certeza de que estava por perto!

— Sua mão! — exclamou ela.

O rapaz mostrou a prótese. Havia tantas coisas que Liana queria dizer, tantas perguntas a serem feitas, mas só queria ficar feliz por ele estar ali. Os lábios se juntaram em um beijo carinhoso interrompido abruptamente por ela.

— Yanis se aproxima!

— A rainha, senhora. — ele ajeitou o capuz. — Pense na rainha.

A porta do quarto abriu instantes depois. Baltus viu somente penas negras no ar. O feiticeiro atravessou os corredores o mais rápido que a idade permitia, atrás do rastro mágico do Manto das Sombras rumo ao salão de jantar, que encontrou tomado por uma grande comoção. Dezenas de soldados agitavam-se de espada em punho.

Baltus abriu caminho por entre a pequena multidão para dentro do tenso salão. Acássia estava sentada na cabeceira da mesa, com Valek de pé a um lado e Liana do outro. A lâmina de *Natsvaerd* pendia próxima ao pescoço da rainha, os guardas despejavam maldições e ameaças.

— Silêncio! — a voz do feiticeiro soou como o sino de uma torre. — Deixem-nos!

— Mas, mestre Baltus... — protestaram os guardas.

— Obedeçam-no! — Acássia foi categórica.

Os soldados recuaram em meio a novas imprecações. Assim que o último cruzou as portas do salão de jantar, Baltus as trancou com um gesto mágico. Um silêncio nervoso tomou o ambiente, quebrado pelo som das palmas irônicas do feiticeiro.

— Vejo que encontrou o presente que te deixei, Valek!

— Se apresse em tirar-me desta situação inglória, Baltus! — ordenou a rainha.

— Peço-te que evite interromper, Acássia. Este é um assunto de família.

O feiticeiro ignorou a confusão dela, atento ao semblante cansado de Valek.

— Não tente nos impedir de partir e nem pense em atacar o templo, Yanis... arf... ou corto a cabeça da sua rainha.

— Duvido que esteja em condições de ameaçar-me, Valek. Tu me parece à beira de um colapso físico. Zora não contou do desgaste provocado pelo uso do Manto das Sombras?

— Isso é loucura! — exclamou Liana. — Por que ficar contra nós se sabe que meu filho é o predestinado?

— Mas predestinado a quê?! É um guerreiro de valor, Valek, mas não um rei. Natsvaerd já o corrompeu com a ideia de alcançar a paz pela guerra, um absurdo com o qual jamais consentirei! Não passei mil anos preparando terreno para um destruidor! Sob minha orientação, Mirya se tornará a predestinada que trará a verdadeira paz ao Mundo Antigo!

O feiticeiro avançou alguns passos com a mão erguida. Em resposta, Valek tocou a lâmina na pele alva de Acássia.

— Prossiga... — desafiou Baltus. — Fiz sacrifícios maiores no passado.

— Como ousa...?! — indignou-se Acássia. — Todos vocês pagarão por isso!

Com um gesto brusco, Liana aproximou-se mais da rainha e posicionou a ponta da espada em sua barriga.

— Não encostará um dedo em nossa filha, desgraçado!

— Senhora...?! — Valek se surpreendeu.

— Já disse antes: prefiro abortar à condenar uma criança a uma vida de sofrimento! Abro mão de minha vida com prazer se isso livrar Mirya desse sádico e suas experiências!

Baltus caminhou vagarosamente com ar zombeteiro.

— Ora, Liana, sabemos que os sentimentos de Valek por ti não permitirão que a machuque. Que me diz, rapaz? Poderia viver com este peso em tua consciência, se é que possui uma?

O rapaz olhou bem dentro dos olhos da mãe.

— Não, eu não poderia. — ele encaixou os dedos da prótese no cabo da espada e encostou o pulso direito no fio da lâmina. — Agora a decisão é sua, Yanis! Está pronto para ver sua linhagem terminar de uma só vez?

— Basta! — vociferou Acássia, perdendo o que restava de seu autodomínio.
— Baltus, ordeno que ponha um fim nessa insanidade! Mate-os!

O feiticeiro ergueu voltou a erguer a mão. O olha dele pousou na lâmina de *Natsvaerd*, que passava pelo pulso de Valek, o pescoço de Acássia e apontava para Mirya, dentro do ventre de Liana. Baltus pensou que mais que aquelas quatro vidas, o destino do Mundo Antigo dependia de ser mais rápido com o feitiço do que o rapaz com a espada.

— Não ousem pensar que não tomarei atitude alguma. — a voz soou seca.

A mão do feiticeiro baixou, ele deu as costas. O som de asas batendo foi ouvido e ele se viu sozinho. Um sorriso orgulhoso apareceu no rosto.

— Ah, meus caros descendentes!

O sorriso surgiu deu lugar a um riso abafado. Baltus começou a gargalhar, o som das risadas encheu o salão.

Capítulo XLV

Vitórias Árduas

“*Isto é fácil demais!*”, pensou Suila-Ne após derrubar mais um inimigo. Empunhando suas espadas, a *acari* loira investiu contra um par dos mercenários contratados pelo dono de enorme fazenda nos arredores de *Braghtow*. Fácil demais!

Um ou outro mercenário ainda resistia na fazenda e a batalha continuava na vila, mas ela não duvidava de que logo terminaria. Limpou o sangue das espadas e foi para o casarão, onde o saque já havia começado. Tendo enchido os alforjes com mais ouro e jóias que precisava em batalhas anteriores, foi direto ao porão ajudar um grupo de soldados na tarefa de esvaziar grandes tonéis de bebida. A *acari* encheu a bota de vinho e tomou posse de algumas garrafas.

Sentou em um banco na varanda do casarão como se fosse a dona do lugar. Uma dúzia de soldados rumou para os barracos dos trabalhadores à procura de mulheres para serem levadas, outros ocupavam-se da colheita e dos animais. Tudo que não pudesse ser levado seria incendiado.

À vontade, Suila-Ne começou a beber de uma das garrafas. Não demorou a ver Marla distribuindo instruções por toda a fazenda. A chanceler cumprimentou a *acari* com um aceno de cabeça e minutos depois, juntou-se a ela.

— Não parece satisfeita. — disse Marla. — Será verdade que os *acaris* só valorizam vitórias árduas?

A guerreira loira acenou indicando certa concordância, bebeu da garrafa e a ofereceu a Marla.

— Eu acredito que qualquer triunfo é tão bom quanto outro. — a amazona de pele morena tomou um grande gole.

Suila-Ne meditou sobre aquilo. É verdade que preferia um bom combate à uma conquista fácil, mas não era isso que a incomodava. Certamente, sentia-se satisfeita por ser celebrada como uma das guerreiras mais hábeis de um exército tão poderoso. Seria de se esperar que uma força assim encontrasse poucos

adversários à altura. Ela olhou em volta e deu-se conta de Marla ser a única pessoa de quem era próxima. Uma pessoa ocupada demais para aprender o significado de todos os seus gestos.

“*Sinto falta dos meus amigos*”, pensou. Tinha saudade do vozeirão de Kal, das canções de Ramue e até mesmo de Liana, com quem pouco conversara. Sentia falta do mau-humor de Valek e do tempo em que foram amantes. E Heiten... “*Não!*”, havia sido tão difícil esquecê-lo que não se permitia pensar nele. Ela sacudiu a cabeça para afastar aqueles pensamentos e conseguiu ouvir Marla terminando de falar sobre escolher uma menina como serva.

Embora se dissesse que as duas dividiam a mesma barraca, a chanceler dormia na tenda do rei quase todas as noites.

— ...preciso de alguém para organizar meus pertences. E se for bonita, tanto melhor, não concorda?

A *acari* balançou a cabeça distraída. Marla tocou o rosto dela com a ponta dos dedos e lhe ajeitou o cabelo atrás da orelha. Não sabia por que a amante estava chateada, mas queria animá-la e puxou seu rosto para beijá-la. Mantinham aquele relacionamento há meses. Suila-Ne correspondeu prontamente. A língua de uma entrou na boca da outra.

— Sei como te fazer sentir melhor.

A ponta da língua da chanceler desceu pelo queixo de Suila-Ne, percorrendo lentamente o caminho pelo pescoço rumo ao colo. A *acari* deixou-se levar pelas sensações agradáveis. Um gole a mais e teria se esquecido que estavam à vista de todos.

— Está gostoso, mas precisamos voltar. — disse Marla.

A tropa levou tudo que podia consigo, deixando uma fazenda em chamas para trás. Rumaram ao acapamento que sitiava *Braghtow*, uma das maiores cidades de *Ancestria*.

— Venha comigo para a tenda do rei, Suila-Ne. Vamos deitar juntas na cama dele.

A *acari* a beijou, mas preferiu declinar a proposta. Elas se separaram.

Marla foi à procura de Kotler, o encontrando no sítio do beemote, rodeado de bajuladores que almejavam sua posição de chanceler. O rei bebia uma caneca de rum com ar sério, em contraste com a alegria embriagada dos demais. Por vezes, traziam algum prisioneiro assustado e o empurravam na direção do

beemote, os homens riam enquanto a besta estraçalhava a vitima, devorando-a em minutos.

— Joga mais um, majestade! — gritavam.

A brincadeira estendeu-se até que a fera, saciada, ignorou um mercenário. O pobre coitado mijou-se de medo. Mesmo ao perceber uma chance de escapar, correu para sumir na noite. Zonzos com a bebida, os seguidores do rei lamentaram sem dar importância ao que seria feito do fugitivo.

Marla notou que Kotler mantinha-se com o olhar fixo no beemote.

— Que parece-lhe, Gya?

Ele fez a pergunta de forma casual e começou a caminhar na direção do beemote, acorrentado a uma estaca de ferro grossa como uma tora. A chanceler aproximou-se com cautela, receosa com a bocarra cheia de dentes da fera, cujo dorso tinha a altura de dois homens adultos. Ela parou a uma distância segura, Kotler avançou mais alguns passos. O beemote emitiu um ronco surdo e rosnou, mas não atacou.

— Me parece que... — disse Marla depois de pensar numa resposta. — Sua montaria tem sido bem alimentada.

— De fato, temos alimentado-o bem. Estou certo que engordou. — Kotler estendeu a mão como se pensasse em afagar a besta. — Dizem que um cão nunca morde quem o alimenta. Terá o beemote a mesma noção de lealdade?

— Acredito que seria uma temeridade tentar descobrir, meu senhor.

— Francamente, Gya, jamais embriago-me à ponto de fazer tolices! — censurou ele. — O que penso são em todos os anos que mantenho essa criatura presa em correntes mágicas que a sujeitam a meu comando. Pergunto-me o que aconteceria caso o beemote pudesse correr solto novamente. Seus instintos de caçador permaneceriam ou continuaria sendo minha mascote e vindo a mim busca de alimento? Uma fera enjaulada ainda é uma fera?

— Eu... Não sei o que dizer, majestade.

Kotler baixou a mão espalmada devagar. A cabeça do beemote acompanhou a descida, as patas dobraram, o animal se deitou. A respiração da fera levantava poeira do chão. O rei caminhou para fora daquela área, Marla ficou mais que feliz em acompanhá-lo.

— Quanto falta para o fim da primavera? — perguntou ele.

— Poucos dias.

— É hora de retornar à *Londinium* para comemorar o centésimo ano de meu reinado.

— Quais são suas ordens, majestade? — Marla afiou a mente para não se esquecer de nada.

— Partirei com um destacamento de dez legiões. Como trata-se de uma celebração, irei acompanhado da nata dos meus guerreiros, como você e sua amiga *acari*. Os demais prosseguirão com o sítio à *Braghtow*... — Kotler prosseguiu com mais uma dúzia de recomendações.

— Despacharei um mensageiro para *Londinium* ao amanhecer, majestade.

— Usaremos o falcão-correio com o qual Acássia presenteou-me. É o hábito deste lado da fronteira.

A ave engaiolada na tenda do rei foi solta, levando a mensagem. O destacamento de dez legiões pôs o pé na estrada dois dias depois. Kotler cavalgava o beemote na dianteira.

Marla passou a viver uma rotina agitada. Na hora de montar acampamento, após um longo dia de marcha, enfiava-se na barraca com Suila-Ne e logo se ouviam os gritos de prazer da chanceler. Depois seguia para a tenda do rei, onde se entregava a noites movimentadas e ruidosas.

A viagem melhorou a disposição de Kotler. Ele até mesmo dispensava seus bajuladores mais cedo para se dedicar a assuntos mais prazerosos com Marla. Passaram rapidamente por cidades já conquistadas, duas semanas se foram depressa, restava apenas mais uma de viagem.

A essa altura, a ausência de incidentes deixava todos à vontade na hora de dormir. Faltando seis noites para o fim da jornada, Marla dormia a sono solto, aconchegada nos braços vigorosos de Kotler.

Os sonhos da chanceler foram interrompidos de forma abrupta. Kotler foi despertado subitamente com um banho que a molhou também.

O rosto do rei recebeu um violento golpe, o agressor segurava o urino. Marla percebeu que não era água que tinham jogado. Antes que tivessem tempo de reagir, o vulto ao lado do colchonete soltou o objeto e desembainhou sua espada.

O invasor vestia uma capa de penas negras. Não era outro senão Valek Clancey.

— Acorde, Kotler! Acorde e veja isto! — o rapaz mostrou a mão de ferro. Um anel pendia folgado no dedo mínimo. Apesar da parca luz do lampião foi possível reconhecer o formato do anel dos Garet. — Se apresse ou pode não encontrar sua rainha com vida.

— Pagará por essa insolência!

O rei saltou da cama agarrando o cabo do machado, Valek foi mais rápido e virou a mesa no centro da tenda onde Kotler costumava estudar seus mapas. O rapaz abrigou-se atrás do móvel por um instante, o suficiente para desaparecer no ar.

Kotler descontrolou-se! O machado golpeou a mesa diversas vezes, a fazendo em pedaços. Descarregada a fúria, ele procurou se recompor.

— Muito bem. Não ouço nada suspeito do lado de fora. É provável que Clancey tenha partido. Muito bem... — repetiu. — Primeiro a dignidade!

Ele apanhou a jarra com água para se lavar e despejou uma grande quantidade sobre a cabeça e o rosto.

— Lave-se também, Gya.

A chanceler obedeceu prontamente, enxugou-se com uma toalha de rosto e vestiu a armadura. Tudo num instante.

— Mandem o alarme. Diga aos homens que... — o rei escolheu as palavras. — Que recebi uma mensagem mental de Baltus alertando-me sobre uma insurgência em *Londinium*. Vamos levantar acampamento e partir imediatamente, independente de que horas sejam! Não desejo ouvir uma única palavra sobre este incidente.

O chifre de alarme soou. Os soldados começaram a despertar aos poucos.

Suila-Ne abriu os olhos preguiçosamente, nua debaixo do cobertor. O alarme soou novamente, ela se espreguiçou para espantar o sono. Tateou no escuro à procura das roupas, mas os dedos sentiram outra coisa. Ela ergueu a tampa do lampião, revelando a chama que fora mantida acesa. Uma pena negra repousava sobre o vestido dobrado.

“De onde isso veio?”, perguntou-se. Teria algo a ver com o alarme?

Nesse momento, Marla entrou praguejando na tenda. Apesar do alerta, a amazona estirou-se sobre o colchonete.

— Aquele cretino vai me pagar por essa!

Suila-Ne ergueu os ombros e o queixo em sinal de dúvida.

— Vou te contar, mas é segredo. Esse assunto morre aqui. — a *acari* fez que sim. Em voz baixa, Marla revelou o que se passara na tenda de Kotler. — Pode acreditar nisso? O Clancey jogou urina em mim! Na verdade, no rei, mas ele vai me pagar assim mesmo!

A chanceler destilou uma série de insultos, enquanto Suila-Ne ocupou-se dos próprios pensamentos. A menção à capa que Valek usava deixou claro que a pena negra era um sinal de que ele esteve em sua barraca. Mas por que não a acordou?

Talvez porque agora andava com os inimigos dele. Temeraria que tivesse tornado-se sua inimiga também? Se fosse o caso, qual a razão de deixar um sinal evidente de sua presença? Seria um convite para lutar a seu lado novamente? Seria a maneira de Valek dizer: “Estou aqui, quero saber o que vai fazer sobre isso”?

A *acari* sacudiu a cabeça, zozna com tantas hipóteses. Nem mesmo poderia descartar a possibilidade da pena ter simplesmente se soltado da capa e caído ali por acidente. Ela sentiu a mão de Marla lhe acariciar as costas nuas. A chanceler tinha uma expressão desanuviada.

— Obrigada por me ouvir. Eu precisava extravasar.

Suila-Ne riu disfarçadamente. A verdade é que escutara pouco do desabafo. A *acari* inclinou-se para beijar a chanceler. Um beijo mais suave do que de costume e pela primeira vez, pareceu que poderia existir algo mais entre elas do que apenas a atração física. Teriam feito amor se não precisassem levantar acampamento.

O nascer do sol as encontrou em movimento, rumo à *Londinium* com o resto da caravana. Suila-Ne deixou-se guiar pelo cavalo, mal prestando atenção ao caminho.

Sua mente martelada pela certeza de que precisaria escolher um lado quando chegasse a hora da batalha. Valek... Marla... com certeza Heiten também se envolveria. Com quem ficaria durante o conflito? Essa era uma dúvida cruel demais para encontrar qualquer resposta.

Capítulo XLVI

Dias Contados

Centenas de soldados sitiaram o templo na grande praça central de *Londinium*. Agitavam-se e faziam barulho durante a noite para impedir que as pessoas lá dentro dormissem, mas limitavam-se a permanecer do lado de fora.

— Temos que resgatar a rainha, mestre Baltus! — declarou Heiten, refeito do confronto que deixara uma grande cicatriz cruzando o peito.

— Tu conhece Valek melhor que eu, caro lorde. Que pensa que ele fará caso sinta-se ameaçado? Vamos aguardar o momento certo.

Curioso para ver o que Liana e Valek fariam, o feiticeiro convencera a todos a esperar. Além disso, divertia-o pensar em como Acássia estaria lidando com essa situação.

Do quarto onde estava confinada, a rainha podia ouvir a movimentação nas ruas, mas não conseguia ver o que se passava lá fora, já que a janela dava para o jardim murado nos fundos do templo. Tentou abri-la uma vez, porém havia sido selada com magia, mesmo o vidro fora protegido, como descobriu ao tentar quebrá-lo.

O aposento era um quarto comum do templo, trancado à chave. A mobília se resumia à cama, um baú e a uma cômoda, sob a qual deixariam uma jarra d'água e um copo, uma cesta de frutas, uma bacia e uma toalha. Até mesmo colocaram roupas nas gavetas, as quais ela ignorou. Para Acássia, acostumada ao luxo, tais condições eram desumanas, principalmente por causa do balde no canto do quarto onde fazia as necessidades.

Ouviu a chave ser girada. Por certo, uma das moças vinha lhe trazer o almoço. Respirou fundo e postou-se no centro do quarto de forma altiva. No entanto, sua confiança sofreu um golpe quando Sarissa entrou no quarto com um prato de sopa. Se encararam em silêncio durante o que pareceu uma eternidade.

— Trouxe o seu almoço. — sem emoção alguma, Sarissa depositou o prato sobre a cômoda e caminhou para a porta.

— Visitei *Mazilev* no início da primavera... — disse Acássia sobriamente. — Disse para me conduzirem à masmorra e a vi dormindo em sua cela. Parecia tão fraca. Não imagina como me alegra vê-la novamente.

— Você se importa? — a pergunta foi feita de forma direta, sem nenhum ressentimento.

— Sempre a amei acima de tudo, minha irmã. Mais que me ferir, aquela facada partiu-me o coração. Mas o que está feito, está feito. Nada mudará o fato de termos nos machucado. Sugiro colocarmos uma pedra no passado e pararmos de nos odiar.

— Não a odeio, Acássia. Agora que a vi, percebo que não sinto nada a seu respeito.

— Só me diga mais uma coisa, pode parecer irrelevante, no entanto, é algo que desejo saber. Clancey roubou meu anel quando me capturou, talvez para te entregá-lo. Existe algo entre vocês?

— Sua sopa está esfriando.

Sarissa trancou a porta atrás de si. Ouviu o som do prato quebrar antes de levar a chave de volta à sala da sumo-sacerdotisa, onde a pendurou no prego na parede. Uma sensação de alívio tomou conta dela. Ver a irmã não a deixara feliz, nem triste, mas sentia-se leve depois de tê-lo feito.

Dirigiu-se ao refeitório, encontrando Liana no caminho.

— Bom dia, Sarissa!

— Falta muito para o bebê nascer, senhora Clancey?

— Na verdade, pode acontecer a qualquer momento. É uma pena que ela tenha de nascer rodeada por inimigos.

— Deve ser bom estar grávida.

— Vejamos, estou pesando uma tonelada, tenho dificuldade para andar e preciso ir ao banheiro a cada cinco minutos. — os olhos de Liana brilharam. — Não há nada melhor no mundo!

Sarissa sorriu timidamente.

Liana ressentiu-se quando soube que ela estava no templo, uma vez que a visão que tivera meses antes, lhe revelou que a jovem Garet estaria a seu lado na hora do parto. Significava que o resto da visão tinha mais chances de acontecer.

Mas depois de Téssia ter lhe contado tudo que moça passou, ficou difícil ter raiva dela.

Chegaram ao refeitório, estranhamente vazio. O cheiro de sopa deveria ter atraído todos até ali. Ouviram passos apressados, Edan apareceu.

— Que bom que a encontrei, senhora Clancey! A sumo-sacerdotisa precisa da sua ajuda.

— O que acontece?

— As alunas querem ir embora!

A notícia não pegou Liana totalmente desprevenida. Das vinte jovens que moravam no templo, poucas podiam ser chamadas de aprendizas, e nem mesmo essas receberam a marca de *Lunna*, a pequena cicatriz em forma de crescente entre os seios. Quase todas foram enviadas por suas famílias em troca de favores, na esperança de ficarem livres da tirania de Acássia e seus homens. Porém, o sequestro da rainha fez do templo o pior lugar para se estar.

Conduzidas por Edan, Liana e Sarissa depararam-se com a agitação em frente à porta de acesso ao jardim, onde existia um portão que conduzia à rua. As alunas pressionavam Téssia para que as deixasse partir. Em meio à confusão, podia-se ouvir o choro de um bebê nos braços de uma jovem morena.

— Aqui é perigoso! — reclamou uma delas.

— Não foi o que prometeram aos meus pais! — protestou outra.

— Podemos protegê-las! — Téssia tentou argumentar.

— Escutem... — interveio Liana. — Vocês têm razão, entendo porque estão com medo, mas é isso mesmo que querem?

— Sei que não quero ser jogada ao beemote! — retrucou a que parecia ser a líder, as demais a apoiaram.

Os ânimos exaltaram-se, o bebê chorou com mais força, Sarissa teve um ataque de ansiedade e cobriu os ouvidos, Edan a amparou. A discussão foi interrompida pelo som da mão de ferro de Valek chocando-se contra a parede.

— Chega! — sentenciou o rapaz. — Deixem-nas ir!

— Filho...?

— Já fomos traídos uma vez, senhora, não daremos a chance para que isso se repita. Abram a porta e quem quiser partir, que vá. Mas decidam com cuidado, porque quando a porta fechar será em definitivo. Quem estiver de fora, não voltará e quem ficar aqui dentro, permanecerá conosco até o fim!

A sugestão agradou às alunas. Liana acenou para Téssia. A sumo-sacerdotisa removeu o selo mágico com um gesto.

A maioria das moças precipitou-se pelo jardim rumo ao portão sem hesitar, meia dúzia saiu com passo inseguro. Apenas a jovem com o bebê nos braços permaneceu firme.

— Tem certeza, Nara? — perguntou Téssia. — Me agradaria que ficasse, mas é quem tem mais motivos para partir.

Liana recordou-se do nome. Quando Téssia a visitava no castelo falava sobre ela com deferência. Disse ser uma das poucas que buscaram o templo por vontade própria. A jovem aparentava dezoito anos, tinha cabelo escuro e seios cheios de leite. O bebê contava poucos meses.

— Não há nada lá fora para mim. — desabafou Nara. — Meu noivo, meus pais... Toda minha família morreu durante a invasão do Rei Desmorto. Não vão tirar minha menina também!

— Qual é o nome dela? — Liana aproximou-se com um ar maternal.

— Eleine.

— Minha filha se chamará Mirya. Espero que elas sejam boas amigas.

Valek fitou Sarissa e Edan.

— Vou ficar. — disse ela, refeita.

— Contem comigo. — disse Edan.

A porta foi fechada. Téssia disse palavras em *laer* e fez um gesto. Por um instante, a madeira ondulou como a superfície da água quando uma pedra é jogada. O pequeno grupo trocou olhares entre si, sob a luz que entrava pelas janelas. Naquele momento, um pacto silencioso se forjou.

— Ah, quase me esqueci! — Valek tirou um anel do dedo de ferro e o depositou na palma da mão de Sarissa.

— É o anel da minha irmã.

— Pelo que entendi, o anel dos Garet é o maior símbolo de poder nessa cidade. — o rapaz fechou os dedos dela sobre a joia. — Que seja usado por alguém que merece.

— Obrigada...

Sarissa levantou o rosto, seus olhos azuis encontraram com os olhos verdes dele e um sentimento que vinha crescendo em seu peito aflorou por completo.

Valek sentiu as atenções voltadas para si. Imaginou que deveria dizer algo, afinal, tudo aquilo era por sua causa.

— Não sou bom com palavras, mas quero que saibam que os agradeço por ficarem. Podemos todos morrer nisso, mas pensem bem. Nosso inimigo é o homem mais poderoso do Mundo Antigo e mesmo assim não conseguiu se livrar de nós. Muitos diriam que sonhamos com algo impossível. Eu acredito que o fato de ser impossível, não quer dizer que não pode ser feito!

O rapaz viu sua própria confiança refletida nos rostos a seu redor. Podia sentir o calor de todos lhe dando força. A espada embainhada vibrou ligeiramente, a forma humana de Natsvaerd surgiu.

— Belas palavras, Valek! Confio em vossa coragem e em vossos companheiros, entrentes, sei como podeis reduzir um pouco a desigualdade do confronto vindouro.

— Estou ouvindo...

Caiu a noite. Valek e Liana recolheram-se a seu quarto. Ela pediu ajuda para se despir e sentou na cama. Pôs-se a examinar o filho enquanto este se preparava para deitar. Fisicamente, a recuperação dele ainda não era completa, mesmo assim, ela permitiu-se um momento de mãe orgulhosa.

— Você amadureceu, Valek. — disse ela, massageando o ventre. — Meses atrás, teria sacado a espada e ameaçado aquelas moças.

— Ficar tanto tempo em um buraco muda a perspectiva das coisas. — ele soltou os aros que prendiam a prótese.

— É mais que isso. Sinto a sua presença de uma forma diferente. E parece-me que aprendeu a controlar seus rompantes de fúria.

— Está enganada, acredite! — o rapaz tirou a camisa.

— Seja como for, é bom saber que pode cuidar de tudo sozinho.

— E por que eu estaria sozinho? — ele se livrou do resto das roupas.

— Não é nada... — Liana deu-se conta de ter falado mais do que devia. — Esqueça e mantenha-se concentrado em sua missão.

— Senhora, eu poderia ter assassinado Kotler em sua tenda enquanto dormia, mas seria uma conquista vazia. Uma vingança só tem sentido se o inimigo sabe quem o mata e por qual razão. O alertei para que passe os próximos dias ciente de que o matarei por tudo que fez contra nós. — Valek sentou ao lado da mãe. — Te contei isso para que entenda que nada me distrairá do meu objetivo. O que quer que a incomode, conte-me. Viemos longe demais para ter segredos entre nós.

Ela suspirou. Valek era a última pessoa com quem deveria ter essa conversa, mas revelar a verdade poderia ajudá-lo a se preparar.

— Direi de uma vez. Estou com meus dias contados!

O rapaz sentiu o chão sumir. Liana esperou alguns instantes para que ele se recuperasse antes de continuar.

— Naquela noite em que invoquei o dom da premonição, me vi dar à luz e te entregar nossa filha. Você parecia bem, a despeito do sangue que o cobria. Mas eu senti-me fraca e com muito frio, então entendi o porquê. O parto irá exaurir minhas forças e vou morrer assim que Mirya tiver nascido.

Valek saltou da cama e começou a caminhar de um lado para o outro. A mão tremendo nervosamente.

— O quê...? Eu... Como...? Como a senhora pode dizer uma coisa dessas com tanta tranquilidade?

— Acredito que meus filhos ficarão bem. É o bastante para mim.

— Para mim, não é! — ele levantou a voz, mas logo se conteve e sentou ao lado dela novamente, a mão pousou na barriga da mãe. — Não pode morrer, não aceito! Quando tudo terminar, a senhora, Mirya e eu viveremos como uma família. Merecemos ser felizes!

Liana abriu a boca para protestar, mas sentiu o bebê chutar. Valek também percebeu.

— Está vendo?! — disse ele. — É o que Mirya quer!

Os olhos de Liana encheram-se d'água. O que poderia dizer? Ela se arrependeu por ter desistido tão facilmente.

— Uma família...!

Os dias seguintes correram depressa em meio à tensão crescente dentro e fora do templo. Apesar do perigo, Valek e Liana puderam, enfim, passar algum tempo como um casal. Ela desejou que a filha nascesse antes da batalha para que pudesse ser mais útil, porém, Mirya preferiu permanecer na barriga da mãe.

Téssia meditava constantemente para expandir sua consciência, na tentativa de sentir a aproximação do Rei Desmorto e sua tropa. Repetia o exercício várias vezes por dia, até que em um fim de tarde, identificou os sinais de milhares de soldados. Toda aquela gente deixava um traço que podia perceber sem dificuldade.

— Kotler e suas forças se aproximam... — disse a todos. — Tudo terminará essa noite!

Capítulo XLVII

Um Quarto de Hora

Construída há mais de trezentos anos na planície *Lad Akai* em uma posição estratégica na fronteira entre os reinos, *Londinium* sempre foi uma peça valiosa para *Ancestria* na Guerra Sem Fim contra *Lestonor*. A cidade atuou como porto seguro durante uma infinidade de confrontos entre as nações até ser tomada pelo Rei Desmorto. Foi a primeira vez que uma batalha aconteceu no interior de *Londinium*. A movimentação de soldados na praça central nessa noite evidenciava a proximidade de um segundo conflito.

No interior do templo, Liana sussurrava orações em *laer*, pedindo a proteção de *Lunna*, segurava uma tigela cheia de uma pasta azul com a qual desenhou marcas no tronco nu e nos braços de Valek.

— Mantenha o peito descoberto. — disse ela. — Confie na Grande Mãe, as bênçãos Dela o protegerão como nem a melhor das armaduras poderia.

Liana prendeu a espada embainhada no cinto do rapaz e colocou o Manto das Sombras sobre os ombros dele. O ritual terminou com uma última benção.

— Posso levá-la para longe, senhora.

— Não, Valek. Se fugirmos, passaremos a vida inteira sem saber quando nossos inimigos iriam aparecer novamente.

Ele assentiu. Beijaram-se, trocaram juras de amor e depois se dirigiram à nave principal do templo. Quase todos os compridos bancos haviam sido usados para barricar a entrada. Num dos bancos restantes, Nara amamentava a pequena Eleine sob o olhar fascinado de Sarissa.

— Está tudo mais tranquilo do que eu esperava. — disse Nara.

— Não se iluda. — retrucou Valek. — É a calmaria antes da tempestade.

— Onde estão Téssia e Edan? — perguntou Liana.

— Trazendo minha irmã.

Acássia apareceu por uma porta lateral. Caminhava por contra própria à frente da escolta, de queixo erguido e peito estufado. Adivinhou que o banco posicionado de frente para a entrada fora destinado para si e ajeitou-se como se estivesse em seu trono, assumindo uma postura imponente e, ao mesmo tempo, sensual.

— Devemos amarrá-la? — questionou Edan.

— Será desnecessário. — foi a própria Acássia quem respondeu. — Não pretendo ir a lugar nenhum. Desejo ter uma posição privilegiada para vê-los morrer.

Ela ajeitou a bota, sentindo a ponta do caco de cerâmica escondido machucar a pele. Tratava-se de um pedaço do prato que partira dias atrás e que pretendia usar como arma na primeira oportunidade.

Passados alguns minutos, todos ouviram um baque surdo vindo do jardim, depois um segundo ruído idêntico e um terceiro, seguido por outros.

— Vou ver o que é!

Edan correu para um dos quartos e ficou chocado com o que viu pela janela. Cabeças de mulheres estavam sendo jogadas dentro do jardim. Ele reconheceu os rostos. Eram as alunas que haviam deixado o templo dias atrás. Uma a uma, dezenove cabeças decapitadas foram arremessadas sobre o muro.

Na praça, Heiten tomou posição e Baltus colocou a mão em suas costas na altura dos pulmões. Um feitiço simples faria a voz do lorde ecoar pelo centro de *Londinium*.

— Clancey! — Heiten soou como um sino. — Não há mais para onde fugir, se tivessem desistido antes, poderiam ter saído ilesos, mas sua persistência não nos deixa escolha. Prometo que, ao menos terão uma morte misericordiosa caso libertem a rainha. Tem um quarto de hora para decidir!!!

O interior do templo ficou em silêncio enquanto a ameaça era absorvida. Acássia foi a primeira a se manifestar.

— Espero que resistam. Ficarei desapontada se tiverem uma morte rápida. — no fundo, queria instigá-los a lutar, receosa de que o ultimato deixaria sua situação pior.

— Heiten cansou de esperar. — disse Valek.

— Cabeças cortadas e ameaças não fazem o gênero dele. — argumentou Liana. — Devem ser ideias de Yanis.

— O que faremos? — indagou Nara.

— Natsvaerd! — chamou o rapaz. Ela apareceu. — Quinze minutos serão o bastante para colocar seu plano em prática?

— Receio que a resposta vos desagradará.

— Podemos tentar o plano original. — disse Liana. — Téssia e eu pensávamos em libertar os prisioneiros do calabouço do castelo. A maioria deles é contrária ao Rei Desmorto.

— Infelizmente... — disse Téssia. — Não tivemos tempo de convencê-los a se aliarem a nós.

— É melhor do que não fazer nada! — sentenciou Valek. — Irei até o castelo com o Manto das Sombras, mas preciso de alguém para me guiar.

Liana, que já havia se esgueirado para o calabouço para tentar um primeiro contato com os prisioneiros estava prestes a se oferecer, porém, uma voz fraca antecipou-se.

— Vou com você, Valek. — os olhares se voltaram para Sarissa. — Muitos desses homens foram guardas do meu pai e me conhecem. Não será mais fácil seguirem a mim?

— O que ela diz faz sentido. — apoiou Téssia.

— Tem certeza, Sarissa? — perguntou o rapaz.

— É o que eu quero.

— Para esse plano funcionar... — disse Téssia. — Precisamos enganar Baltus. Certamente ele perceberia as presenças de vocês afastando-se.

— Basta irradiar magia a um ponto de ofuscar as presenças de todos aqui. — sugeriu Liana.

Edan abraçou Sarissa, Nara desejou sorte, Liana e Téssia assumiram uma postura de meditação. Valek apressou-se em ajeitar o capuz e envolver a jovem Garet nos braços.

— Sarissa... — disse Acássia, sem se virar. — As coisas estão perigosas lá fora. Tenha cuidado!

Ao receber o sinal da mãe, Valek sentiu o puxão mágico ao qual já se habituara. Tentou não pensar em nada para que a mente de Sarissa os levasse ao local correto. Através do ar gelatinoso as imagens alternavam-se rapidamente em quadros sem cor. A concentração de soldados na praça era maior do que ele imaginara, de maneira que a guarnição no castelo deveria ser pequena. Atravessaram o pátio e desceram rumo ao calabouço, onde se materializaram.

Um guarda assustou-se com a aparição repentina. Valek sacou a espada e o matou antes que as penas negras tocassem o chão. O mesmo aconteceu com outro guarda.

Sarissa apanhou um molho de chaves na parede, cada uma com um número gravado em baixo-relevo. A primeira chave abriu a grade que dava acesso a um lance de escadas, lá embaixo ficava o calabouço, composto por amplas celas, cada uma abrigava uma dúzia de presos.

— Vejam, é Sarissa Garet. — sussurraram os prisioneiros.

— Alguém fala por vocês? — perguntou Valek.

— Eu falo pela antiga guarda.

Um homem de cerca de quarenta anos aproximou-se da grade de uma das celas. Aparentava ter sido forte como um touro em seus melhores dias, mas agora era um animal velho e cansado. A moça o reconheceu.

— Capitão Khern, é o senhor?

— Soube que tinha sido enviada para *Mazilev*, minha senhora. Louvado seja *Solari* por trazê-la de volta.

Valek gostou de ouvir aquele homem chamar Sarissa de “senhora”. Era evidente que ainda mantinha a velha disciplina.

— Precisamos de ajuda, capitão... — começou a moça. — Ainda estamos lutando contra o Rei Desmorto e contra a minha...

Sem aviso, chamas escuras cobriram o Manto das Sombras. Valek livrou-se da capa com as costas ardendo. A imagem semi-transparente de Baltus surgiu em meio ao fogo negro.

Sarissa entendeu tratar-se da mesma magia que ele utilizara naquela noite tempestuosa, quando o feiticeiro projetou seu espírito através de uma peça de xadrez.

— Como vê, meu jovem, teus esforços para ludibriar-me foram de balde, visto que acompanhei cada passo teu desde a fuga! Irei ao templo sem demora reclamar meu prêmio!

— Não se atreva a encostar um dedo nelas!

A lâmina de *Natsvaerd* ficou incandescente. Valek investiu contra imagem de Baltus que se desvaneceu com o golpe. As chamas negras consumiram o Manto das Sombras, transformando-o em um líquido escuro que logo escorreu. Valek deu-se conta de ter caído em uma armadilha. Agora teria de abrir caminho entre Heiten e seus homens para chegar à Liana.

Graças a energia que havia deixado no Manto das Sombras, Baltus não apenas tinha consciência de que Valek e Sarissa haviam deixado o templo, como sabia com quais intenções.

— Uma fuga em massa está em andamento no castelo, caro lorde Garet. — disse o feiticeiro, caminhando para a entrada. — Sugiro que te ocupe deste problema e deixe que eu me encarregue do templo.

— Fuga?! Não compreendo! — retrucou Heiten. — Além do mais, o tempo que prometi aos Clancey não se esgotou.

— Deste tua palavra, é verdade. Entretanto, eu não fiz promessa alguma. — sem esperar pela resposta, Baltus posicionou-se a frente do templo e se dirigiu aos soldados com a voz soando como um sino. — Necessito da atenção de todos!

Ele pronunciou palavras mágicas, a praça foi iluminada por um enorme globo de luz. O brilho tinha a intensidade de vários sóis. A luz intensa ofuscou a todos, inclusive a ele mesmo, mas podia encontrar o caminho utilizando apenas sua percepção apurada.

No interior do templo, Liana e Téssia agitaram-se ao sentirem o jorro de magia do lado de fora. A pequena Eleine despertou nos braços da mãe. Nara colocou o bebê em um cesto sobre o altar e preparou-se para fazer o que fosse preciso para protegê-la. As paredes e o teto do templo tremeram, derrubando pequenos pedaços de concreto.

— O que é isso?! — assustou-se Edan.

— Yanis! — respondeu Liana. — Ele está tentando abrir caminho através do nosso selo mágico.

— Abrigue-se, Liana! — disse Téssia.

— Vamos juntas até o fim! — Liana segurou a mão da amiga.

Acássia viu-se no meio de um confronto prestes a se iniciar e saltou do banco. As portas duplas do templo se escancararam. Os bancos, cadeiras e toda a barricada foi jogada ao ar, onde ficaram suspensos. Com um passo lento, Baltus adentrou o templo, o manto azul sendo agitado pelo vento etéreo. Assim que passou, as portas fecharam e a barricada retornou para a mesma posição.

— Ambas merecem minhas congratulações, perseveraram com bravura! — disse o feiticeiro. — Porém, é chegada a hora de encerrar este ciclo!

Com o braço estendido e a mão espalmada, Baltus lançou uma magia ofensiva na forma de uma onda de vácuo. De mãos dadas, Liana e Téssia contra-atacaram com um feitiço semelhante. As forças se chocaram. O banco no meio do caminho desintegrou-se.

O embate de energias prosseguiu. O chão cedeu, as paredes e o teto voltaram a tremer. Acássia tentou se abrigar como possível, Edan fez o mesmo. Nara atirou-se sobre o cesto para proteger a filha.

Baltus ficou surpreso com o poder das amigas, mas não recuou. O feiticeiro mostrou a outra mão direcionando uma magia contra Liana. Ela sentiu o bebê agitar-se dentro de seu ventre, como se o tentassem arrancar à força.

— De um jeito ou de outro, terei o que desejo!

Fraquejando, Liana puxou a mão de Téssia para cima, a magia foi projetada contra o teto sobre do feiticeiro. O gesto as deixou sem defesa. Foram atingidas em cheio pela onda de energia. Baltus não teve tempo de fugir dos pesados blocos de concreto que desabaram e foi soterrado.

O interior do templo se aquietou. Téssia ergueu-se com a cabeça doendo. Podia ver a lua cheia através do buraco no teto. Edan e Nara pareciam bem, mas Liana estava caída, talvez inconsciente. Antes que a sumo-sacerdotisa pudesse socorrer a amiga, foi tomada por uma dor aguda.

Acássia enfiou a ponta do caco de porcelana na lateral da barriga de Téssia. A rainha tentou puxar a arma improvisada para outro golpe. Edan saltou sobre ela, derrubando-a. Debateram-se no chão. Ele foi atingido no ombro pelo caco, que se partiu.

Acássia levantou-se, seu olhar furioso voltou-se para Nara e Eleine, mas mesmo caída, Téssia conseguiu lançar uma magia que jogou a rainha contra a parede.

O impacto fez com que ela perdesse os sentidos.

Assustada com tudo que acabara de acontecer, Nara ficou paralisada, sem conseguir se mexer. O choro de Eleine a tirou do estado de estupor. Mais que depressa, pegou a menina nos braços e correu para Liana.

— Edan, ajude a sumo-sacerdotisa, vou acudir a senhora Clancey!

Nara sentou-se de joelhos e apoiou a cabeça ruiva em no colo, embalando Eleine. Chamou por Liana algumas vezes, até que esta forcejou para abrir os olhos.

— M-minha filha...?

O olhar de Nara se voltou para o ventre de Liana e viu o vestido encharcado entre as coxas.

— A bolsa rompeu! — disse atônita. — A senhora entrou em trabalho de parto!

Capítulo XLVIII

Lamentos

Téssia obrigou-se a levantar do chão, agora coberto por uma camada de poeira de concreto. Constatou que o corte na barriga não era tão grave quanto tinha imaginado. Sequer precisava ser cauterizado. Bastou fazer pressão sobre a ferida e aquecer a palma da mão para estancar o sangramento. O mesmo com o ombro de Edan.

Liana a preocupava mais. A cabeça ruiva jazia no colo de Nara, que só conseguiu acalmar Eleine oferecendo o peito. A pequena sugava o leite avidamente, alheia ao perigo que a rodeava.

Edan correu para um dos quartos. Trouxe um colchão e um travesseiro para Liana, depois buscou uma bacia com água e toalhas de rosto. Téssia foi até seu gabinete e voltou com uma cabaça cheia de poção de cura, com a qual encheu um copo e deu de beber a amiga. Queria poder fazer mais em um momento como esse, mas apesar do conhecimento de Nara sobre partos ser pequeno, era maior que da sumo-sacerdotisa e o de Edan.

A jovem colocou a filha no cesto e assumiu a função de parteira, auxiliada pelo servo. À Téssia restou a tarefa de segurar a mão de Liana e dar apoio a ela, como fizera há dezesseis anos. Socos e pontapés atingiram a porta do jardim, acompanhados de maldições proferidas pelos soldados invasores. Um forte impacto atingiu a entrada principal. Tudo aquilo reavivou as lembranças da fatídica noite em que Denora perdeu a vida.

— Valek está... arf... demorando! — disse Liana.

— Sei que ele logo retornará! — Téssia tentava convencer também a si mesma. — Só precisamos ganhar tempo para o plano de Natsvaerd.

— A essa altura... arf... precisamos é de um milag... Argh!

Liana sentiu uma forte contração acompanhada de muitas dores internas. Mais que antecipar o parto, a luta contra Baltus havia exaurido suas forças e lhe machucara por dentro. Cada contração, cada movimento aumentavam os danos

internos. Outro choque contra a barricada, o selo mágico resistia, mas até quando?

“Perdão, filho”, ela teve certeza de que sua hora havia chegado. “Acho que não poderemos viver como uma família”.

— Téssia, venha cá...

Liana ergueu o rosto. Imaginando que a amiga queria lhe dizer algo ao ouvido, a sumo-sacerdotisa abaixou a cabeça. Para sua surpresa ela pressionou os lábios contra os seus e deitou-se novamente com um sorriso travesso. Veio outra contração.

Um novo golpe foi desferido contra as portas de entrada. O pesado tronco que servia de aríete moveu-se para trás e foi empurrado novamente. Outro impacto.

— As portas começam a ceder, meu lorde... — disse um soldado. — Mas abrir um buraco na parede seria mais rápido.

— Arriscado demais. — respondeu Heiten. — É impossível dizer o quanto os tremores abalaram a estrutura do templo. Parte do teto já caiu e não queremos derrubar o resto em cima de nossa rainha.

— Posso perguntar o que deu no mestre Baltus, senhor? Querer entrar no templo sozinho é uma coisa, nos cegar com uma bola de luz é outra!

— Baltus sabe o que faz! Agora pare com as perguntas tolas e volte ao trabalho!

Sim, Baltus sabia o que estava fazendo, disse Heiten não tinha dúvidas. Porém, ignorava o que exatamente o feticheiro tentava fazer. Fosse o que fosse, o mais importante era resgatar Acássia, ilesa se possível.

Não podia permitir que sua longa lista de fracassos continuasse a aumentar. A morte da mãe, a perda de Kal e Ramue, a derrota que culminou com a decapitação do pai, a traição da única mulher que amou... Precisava provar algo para si mesmo e acertar tudo antes da chegada de Kotler.

— Lorde Gareth! Lorde Gareth! — um mensageiro desceu a rua à todo galope. — Os prisioneiros do calabouço fugiram e, nesse momento, tentam tomar o castelo. — disse saltando da montaria. — Poucos guardas ficaram no castelo, precisamos de reforços.

— Então Baltus tinha razão. Está bem, enviarei metade dos homens para lá.

— Há algo mais, senhor. O líder da rebelião é Valek Clancey!

— O quê?! Tem certeza disso?

— Sei que parece impossível, mas a descrição bate: cabelo vermelho e mão canhota de ferro.

— O desgraçado deve ter usado a capa das Harpias para deixar o templo! — Heiten sentiu um desejo enorme de esmurrar alguém. — Escutem, os homens do lado norte da praça irão comigo ao castelo. Os demais estão encarregados de salvar a rainha!

Heiten saltou para a sela do cavalo do mensageiro, os soldados o seguiram a pé. Nunca antes ele sentira um ódio tão intenso contra alguém.

Valek — sempre ele — atravessando seu caminho de novo. Como se arrependia por não ter dado ouvidos aos conselhos de seus companheiros quando se preparavam para abordar os Clancey na estalagem do Grisalho, numa estrada isolada próxima à fronteira de *Lestonor* com *Norféria*!

Ainda recordava de quando observaram o lugar à distância.

— Muito bem, sabemos onde estão. — disse naquela oportunidade. — Como vamos proceder?

— Acredito que o mais prático seria rendê-los. — sugeriu Kal. — E oferecer a opção de nos acompanharem por bem, caso contrário...

Suila-Ne bateu no cabo de uma de suas espadas com uma expressão confiante em sinal de apoio. Ramue agitou-se.

— Ei, vão com calma. Ouvi dizer que essa tal Liana é uma mulher muito bonita. Se for verdade, por que não me deixam amolecê-la com uma canção? Na impossibilidade do meu charme falhar, seguimos o plano de Kal.

— Agradeço as sugestões... — declarou Heiten. — Mas como não tenho ideia do que meu pai pretende fazer com os Clancey, acredito que é melhor não machucá-los. Vamos conversar com eles, fazer amizade. Estou certo de que posso ganhar a confiança de ambos, mãe e filho.

— Que seja. — concordou Kal. — Sua liderança sempre nos conduziu a vitória, meu amigo.

— Isso mesmo. — disse Ramue. — Você é o líder, Heiten!

Suila-Ne fez uma careta exagerada de descontentamento. A brincadeira provocou risos.

A lembrança dessa conversa fez lágrimas rolarem pelo rosto do lorde. É verdade que Clancey já o derrotara duas vezes e desejava pagar na mesma moeda, mas agora estava disposto até mesmo a suprimir esse desejo e colocar o orgulho de lado, atacando-o em grupo. Faria o que fosse preciso para ver aquele sujeito morto antes do final da noite.

Com o elemento surpresa a seu lado, Valek e a antiga guarda conseguiram subjugar a pequena guarnição do castelo. Khern e seus homens estavam fora de forma, mas ainda possuíam alma de soldados. Com armas tomadas dos inimigos derrotados, lutavam de maneira organizada e disciplinada.

— Para a praça central! — bradou o ex-capitão. — Mostraremos do que a antiga guarda é feita!

Khern e seus homens avançaram pelo pátio. Ao contrário deles, Valek não deixou-se empolgar pela vitória no castelo. Um bando de prisioneiros magros e mal-alimentados não teria chance contra uma tropa completa, porém, nada fez para impedi-los.

O que precisava era que ganhassem tempo para o plano de Natsvaerd se revelar, mesmo que para isso fosse necessário sacrificar alguns de seus soldados. Como dissera à Suila-Ne certa vez: “pessoas morrem no campo de batalha”. Nada podia mudar essa verdade.

Além disso, suas verdadeiras preocupações eram com a mãe e a filha. E precisava cuidar de Sarissa também. A moça saiu do esconderijo para alcançá-lo, perturbada pelos gritos de batalha e o cheiro de sangue.

— Tudo bem? — perguntou ele. — O castelo sofreu algum dano.

— Não importa.

— Precisamos de um cavalo, onde fica o estábulo?

— O estábulo é por...

Nesse instante, o pátio foi invadido por Heiten e seus soldados. Khern e a antiga guarda foram forçados a recuar.

— Fique aqui, Sarissa.

A moça observou Valek afastar-se e voltou para dentro. Ela notou que a tinta azul do peito e dos braços dele havia manchado a roupa de sacerdotisa que usava. Por alguma razão, essa simples constatação fez surgir em Sarissa um forte desejo de agir, mas o que podia fazer? Talvez esgueirar-se para o estábulo e conseguir a montaria para... Montaria?! Essa era a resposta!

Ela fechou os olhos para se concentrar. Sua mente andava um tanto confusa, mas com um pouco de determinação podia focar-se em um só pensamento.

— Se puder me ouvir, precisamos de ajuda, Ceros.

A antiga guarda apertou a formação à medida que os soldados de Heiten enchiam o pátio. Valek posicionou-se à frente deles juntamente com Khern, decidido a não usar a espada de fogo para evitar um desgaste prematuro de suas forças.

De um lado e outro, todos empunharam as armas. O lorde desmontou do cavalo.

— Olhe ao redor, Valek. Estamos em maior número e em melhor forma. Acabou! — sem resposta, Heiten dirigiu-se à Khern. — Escute o que digo: Clancey não é digno de confiança.

— Qualquer inimigo da corja de Kotler é nosso amigo! — os antigos guardas agitaram-se.

— Pois bem, façam como quiserem. Quanto a você, Valek, eu juro que agora vai pagar por tudo que tirou de mim!

— O melhor de matá-lo, Heiten, será ficar livre dos seus lamentos intermináveis! — retrucou o rapaz.

Todos prenderam a respiração, prontos para o confronto. A tensão palpável. Mas antes que qualquer um deles pudesse dar um passo sequer, o som de um chifre ecoou pela noite. Não tratava-se de um som estridente de alerta e sim do ruído grave de um chifre de batalha.

O chamado prosseguiu. Por um instante, as atenções no pátio do castelo desviaram-se do conflito iminente. Os soldados da praça central interromperam

os esforços com o aríete. No interior do templo, os corações ficaram apertados. Em cada casa de *Londinium*, os habitantes sentiram o sangue gelar, pois reconheciam o anúncio feito por aquele chifre.

O Rei Desmorto havia chegado.

Capítulo XLIX

Criaturas

As espadas chocaram-se. Vários membros da antiga guarda tombaram mortos na primeira investida como anúncio de um massacre. Valek brandiu *Natsvaerd* contra Heiten. Os ataques e revides sucederam-se, nenhum dos dois ofereceu uma brecha para o adversário.

O rapaz ruivo teve dificuldade para manter a mente apenas no confronto. Os ecos dos rugidos do beemote indicavam que o Rei Desmorte dirigia-se para o templo. Já sabia do paradeiro de Acássia? Baltus o teria alertado por meio do Sonho Compartilhado? Isso era irrelevante. O que importava para Valek era deixar o castelo e ir ao encontro de Liana o quanto antes.

Um corte no braço o trouxe de volta à luta. Não tinha tempo a perder, mas precisava concentrar-se ou acabaria morto.

Nisso, um vulto ganhou o pátio e atravessou a zona de conflito num galope veloz. Heiten mal teve tempo de saltar para trás. Conseguiu evitar ser atropelado, mas não escapou totalmente de ser atingido pelo corpo do animal.

— Ceros! — Sarissa deixou o esconderijo. — Você ouviu meu chamado!

Valek embainhou *Natsvaerd*, saltou para o dorso sem sela do unicórnio e deu a mão para a moça. Seria perigoso deixá-la sozinha, além do mais, duvidada que Ceros o aceitasse sem ela. Ele estava pronto para ir, mas Sarissa hesitou em abandonar a antiga guarda.

— E quanto ao capitão?

— Khern! — chamou Valek. — Tente apenas ganhar tempo, tenho reforços à caminho!

— Vá, Clancey! — respondeu o veterano. — Cuide de minha senhora!

Sarissa enfim concordou em subir na garupa do unicórnio.

— Para o templo, Ceros! — bradou o rapaz.

— Volte aqui, Valek! — gritou Heiten. — Ainda não terminamos!

O unicórnio disparou para fora do pátio. O lorde buscou seu cavalo e iniciou uma perseguição, porém a extraordinária velocidade de Ceros o deixou para trás. Sarissa teve de se agarrar à cintura de Valek num abraço apertado para não cair. O vento arrancando lágrimas dos olhos. Ainda assim, não parecia rápido o bastante para o rapaz. Os sons do beemote aproximavam-se cada vez mais da praça central.

A besta ocupou as ruas, a cauda balançante atingia as paredes da casa de quando em quando. Kotler digiriu-se para o templo acompanhado de sua elite, enquanto a maioria das tropas montava acampamento nos limites da cidade.

Suila-Ne ainda sentia o coração apertado, incerta sobre que rumo tomar. Talvez a situação tivesse sido resolvida e não seria necessário tomar partido. Mas se fosse o caso, Heiten já teria morrido pelas mãos de Valek ou ao contrário, embora acreditasse que o ex-noivo não era páreo para o ex-amante. Ambas as possibilidades lhe desagradaram. Olhou para Marla. A amante atual respondeu com um sorriso cheio de intenções.

A *acari* distraiu-se tanto com os pensamentos que quase não percebeu o sinal de Kotler para fazer alto quando chegaram à praça.

Ele puxou as correntes-arreio do beemote, a fera emitia um poderoso rugido. A um toque da manopla de ferro, a besta aquietou-se. O rei saltou de sua montaria, caindo firme de pé, alguém trouxe seu machado de batalha. Marla, Suila-Ne e os demais ocuparam a praça. O aríete foi depositado no chão, os soldados que ali estavam fizeram uma reverência para saudar seu soberano.

— De pé, homens. — disse o rei, a voz abafada pelo elmo. — Coloquem-me a par da situação.

Um dos soldados resumiu as últimas horas, relatando a maneira como Baltus lançou uma magia de luz para ofuscar a todos e os abalos que se seguiram à entrada no feiticeiro no templo.

— Imaginei que cedo ou tarde o velhaco agiria por contra própria. E quanto ao novo lorde? Aonde encontra-se meu pretenso cunhado?

— Lorde Gareth retornou ao castelo para frustrar uma fuga de prisioneiros liderada por Valek Clancey.

— Francamente... Não posso dar às costas por um instante sem que a desordem impere?! — irritado, Kotler foi às portas de entrada do templo. — Afastem o aríete. Mostrarei como se faz.

Os soldados saíram do caminho com o tronco. O Rei Desmorto ficou diante das portas do templo, segurou o cabo do machado com as duas mãos. Os músculos tensionaram-se. O machado de batalha moveu-se para baixo e desenhou um grande círculo ascendente, chocando-se contra as portas com um enorme estrondo.

O selo mágico que revestia a madeira da porta ondulou, rachaduras surgiram na parede.

A potência do impacto surpreendeu até mesmo aqueles que conheciam a descomunal de Kotler, como Marla. Suila-Ne reconheceu que o Rei Desmorto era, sem dúvida, um guerreiro extraordinário, mas no fundo, o vira como inimigo por tempo demais para simpatizar com ele. O machado golpeou as portas novamente. A barreira de magia foi atravessada, a madeira trincou.

Todas as atenções voltaram-se para o rei com tal curiosidade e fascínio que sequer notaram quando um soldado atrás da multidão foi puxado para as sombras sem ruído. O mesmo aconteceu com uma amazona e depois com um soldado do outro lado da praça.

Dentro do templo, o estrondo do terceiro impacto só foi abafado pela respiração acelerada de Liana, ainda a se esforçar para dar à luz. A dor era muito maior do que no primeiro parto! Exausta, ela pousou a cabeça no travesseiro, o cabelo vermelho grudado no suor abundante.

— É tarde demais... arf... Precisam... arf... fugir...

— Como você disse, Liana, vamos juntas até o fim. — Téssia enxugou o rosto da amiga.

— Se eu fugisse, nunca me perdoaria. — disse Edan.

— Vamos ter fé, senhora Clancey. — acrescentou Nara.

As portas racharam ante um novo golpe. O abalo derrubou pequenas porções de poeira aqui e ali. Caída junto à parede, Acássia forcejou para abrir os olhos, sentindo o corpo dolorido. Experimentou um momento de confusão antes de ver o grupo em volta de Liana e a pilha de escombros que desabara sobre Baltus. Ela também viu um pedaço de madeira em forma de estaca perto de sua perna, certamente um dos pedaços do banco que fora destruído durante o duelo

de magia. A rainha percebeu estar no campo de visão de Edan e às costas da sumo-sacerdotisa Moonay. Decidiu se fingir der desmaiada por enquanto, à espera da melhor oportunidade para agir.

Um novo impacto. As portas cederam. Os soldados da praça vibraram. Kotler abriu caminho à machadadas pela barricada. Caminhou até ficar embaixo da primeira arcada.

A visão do Rei Desmorto causou calafrios em Téssia, Nara e Edan. Deitada, Liana foi a única a perceber um vulto se esgueirar pelo buraco do teto.

— E pensar que um grupo tão pequeno ousou desafiar-me. — disse o rei. — Não sei dizer se estou mais impressionado com a coragem ou com o atrevimento.

Téssia fez menção de levantar-se para enfrentá-lo, mas Liana a segurou pelo pulso.

— Finalmente... arf... chegou a hora... arf... do plano de Natsvaerd...

Só então, a sumo-sacerdotisa notou uma presença incomum. Instintivamente seu olhar moveu-se para cima. A nova aparição deixou Nara e Edan atônitos. Acássia arriscou levantar a cabeça. A visão a deixou tão chocada que por pouco não deu um grito de alerta. Ela conteve-se apenas porque Kotler notou por conta própria que algo estranho acontecia quando uma gota gelatinosa pingou em sua manopla de ferro.

O Rei Desmorto viu uma criatura escamosa deslizando pela parede da arcada, bem acima de sua cabeça. Tinha cabeça e tronco de homem, uma longa cauda de serpente e segurava uma rocha afiada como arma rudimentar.

O naga deixou-se cair sobre Kotler. Ele debateu-se para se livrar do abraço da fera. Na confusão, o elmo foi arrancado de sua cabeça. A agilidade do inimigo surpreendeu Kotler. A fera investiu, derrubando-o fora do templo.

Os soldados não tiveram tempo para se surpreenderem com a cena. Por toda a praça, dúzias e dúzias de nagas emergiram da escuridão para se lançarem contra os soldados com um sibilar aterrorizante. Uma nova batalha teve início.

Aço cortou pele escamosa, ossos foram esmagados pelas espadas de pedra, presas pingando veneno cravaram-se na carne dos guerreiros de *Lestonor*.

Finalmente, o machado do Rei Desmorto abriu o crânio do homem-serpente com quem lutava. Ele pensou que se as sacerdotisas controlavam esses monstros, tudo que precisa fazer era matá-las. Dirigiu-se para as portas de

entrada novamente, porém dois nags — um macho e uma fêmea — bloquearam o caminho, erguendo-se sobre as caudas para parecerem maiores.

Perto dali, a lança de Marla girou no ar. A lâmina em forma de machadinha cortou a mão de uma naga com quem lutava e depois a ponta de estocar perfurou o coração da fera.

— Deuses! De onde vieram essas criaturas?!

Suila-Ne sabia a resposta, mas mesmo que pudesse explicar a todos que aqueles eram os guardiões de Ilárdia, não faria diferença. Após alguns minutos de luta, os nags recuaram um pouco. A *acari* logo entendeu a razão. Os soldados que haviam sido mordidos contorciam-se no chão em convulsões horrorosas, enquanto se transformavam em homens-serpente, como acontecera com Kal.

Em outra parte da praça, os nags saltaram sobre o beemote. O ataque despertou a besta do transe, que agitou-se avançando contra tudo e todos ao redor. O caos tomou conta do cenário.

Valek e Sarissa já podiam ouvir os gritos e rugidos com clareza. Ela viu as estranhas silhuetas sobre as casas e apertou-se com mais força em torno da cintura dele.

— Acalme-se! — disse o rapaz. — Os nags obedecem Natsvaerd e, por consequência, a mim. — ele tirou a espada da bainha para falar com o espírito que habitava a lâmina. — Diga a eles quem são nossos aliados, inclusive a antiga guarda.

Uma ligeira vibração indicou que a mensagem havia sido entendida. A praça surgia logo adiante, onde as tropas de *Lestonor* combatiam os nags. Valek avistou o templo. O buraco no teto e as portas escancaradas apertaram seu peito.

No entanto, o instinto de guerreiro lhe dizia que não era tarde demais, ou talvez fosse apenas a chama da esperança tentando manter-se viva. O unicórnio alcançou a praça e mergulhou no conflito.

Capítulo L

Ato de Reconhecimento

Heiten não demorou em perceber que seu cavalo não conseguiria alcançar o unicórnio e contentou-se em segui-lo o mais rápido que era possível. O chifre de alerta soou alto na praça, um chamado agudo convocando as tropas que montavam acampamento nos limites da cidade para se juntarem à batalha no centro de *Londinium*, onde a elite do poderoso exército do Rei Desmorto batia-se contra os nagas, o povo-serpente de *Ilárdia*.

Passado o susto inicial, os homens de Kotler recuperaram-se e revidaram. Por um momento, ficaram em vantagem, matando muitos dos monstros escamosos. Foi então que os soldados mordidos passaram pela horrível transformação e se reergueram como nagas tão selvagens quanto seus novos irmãos. Logo, o medo das presas venenosas tornou-se a maior arma no conflito.

De costas uma para outra, Marla e Suila-Ne protegiam-se ao mesmo tempo em que contra-atacavam, mas os homens e mulheres-serpente eram ágeis, conseguiam esquivar-se da maioria das investidas. Enfim, a lâmina curva da lança da chanceler cortou a cabeça de um naga, a espada da *acari* entrou na parte de baixo do maxilar de outro, saindo pela testa.

Ao mesmo tempo, o Rei Desmorto continuava a lutar contra um casal de nagas furiosos. O machado de Kotler atingiu o corpo do macho perto da cauda, cortando-o ao meio. A fêmea, porém, conseguiu saltar por trás e enterrar as presas no ombro do rei.

— Meu rei, não!!! — Marla atravessou o peito da naga com a ponta de estocar da lança. — Não pode tornar-se um deles, meu senhor!

Ele caiu sobre um joelho com muita dor. As veias do ombro dilataram-se como se fossem estourar. Subitamente, o fluxo sanguíneo começou a normalizar, a queimação diminuiu. Kotler pôs-se de pé.

— Que parece-lhe, Gya? Creio ser imune ao veneno destes seres-serpente.

“*Nada pode deter esse homem?*”, perguntou-se Suila-Ne.

— Fico feliz, majestade. — disse Marla. — Mas a situação vai mal. Para cada monstro que matamos, um dos nossos se transforma e toma o seu lugar.

— Assim que nossos reforços alcançarem-nos, a superioridade numérica irá assegurar a vitória, portanto, renove seus ânimos, chanceler! Vivenciamos uma batalha histórica!

Do outro lado da praça, o beemote se debatia tentando livrar-se de três nagas que saltaram sobre seu dorso. A forte cauda agitava-se para os lados, a boca cheia de dentes afiados esmagava tudo que encontrava pela frente, fosse soldado ou homem-serpente. Kotler decidiu conter a fera antes que causasse mais estragos.

No calor da batalha, poucos se atentaram à chegada de Valek e Sarissa, montados em Ceros.

O unicórnio mergulhou no coração do conflito rumo ao templo. Um soldado os percebeu e tentou investir, mas foi derrubado por um naga. O rapaz ruivo agarrou-se à esperança de que Liana e sua filha estavam bem, que de alguma forma, haviam resistido à Baltus e ao Rei Desmorto. A jovem Gareth não conseguia pensar em nada, assustada com a violência.

Sem aviso, o beemote surgiu diante deles, Ceros a empinou sobre as patas traseiras. A mão direita de Valek agarrou-se como pode à crina negra do unicórnio. Como os dedos da prótese não dobravam, o que restou foi abraçar o pescoço do animal para manter o equilíbrio. Sarissa apertou a cintura dele com tanta força que quase lhe tirou o ar.

O beemote girou para livrar-se do naga agarrado em seu pelo. A cauda da besta atingiu Ceros em cheio.

Tudo aconteceu rápido demais para Valek reagir. Quando deu por si, sentia o gosto do pó da rua. O zumbido em seus ouvidos abafou os sons da luta. Ele deitou-se de costas zozinho e confuso. Viu Sarissa caída, com a mão nas costelas e uma expressão de dor; Ceros esforçava-se para ficar sobre as quatro patas novamente.

Também viu o templo. Estava tão perto!

Ele levou a mão à testa, que latejava e descobriu um machucado feio. Sangue quente escorreu pelo rosto. Deu-se conta de que batera a cabeça na queda.

Percebeu o unicórnio quase de pé.

— C-Ceros... — a voz saiu fraca, ele aspirou fundo e conseguiu por as palavras para fora. — Ceros, leve-a daqui!

Com dificuldade, Sarissa conseguiu passar o braço bom em torno do pescoço do unicórnio para deitar-se em seu dorso. Ceros e sua mestra cruzaram as portas de entrada do templo ao mesmo tempo em que a lança de Marla foi posicionada sobre a garganta de Valek. Suila-Ne a acompanhava. Sem poder se levantar, o rapaz procurou Kotler com o olhar. Encontrou-o há alguns metros, controlando o beemote após ter se livrado dos nagas que atacavam a besta.

— Nunca para de me surpreender, Clancey! — disse a chanceler. — Chega a ser uma pena ter de matá-lo.

Valek olhou bem dentro dos olhos de Suila-Ne. A *acari* sabia que a hora de agir havia chegado. Com um gesto ágil, usou uma de suas espadas para afastar a lança de Marla e posicionou-se entre os dois.

— O que está fazendo? — questionou Marla. — Por favor, não me obrigue a lutar com você, Suila!

O rapaz ruivo levantou-se depressa e desembainhou *Natsvaerd*.

— Sabia que ficaria do meu lado!

Para a surpresa dele, a *acari* apontou a lâmina da outra espada em sua direção e com um movimento de cabeça, sinalizou para que Valek partisse. Marla ameaçou erguer a lança, porém, Suila-Ne voltou-se para ela com a espada em punho. Mesmo que não pudesse salvar ambos, a guerreira loira não permitiria que se matassem. Não em sua presença.

O impasse durou apenas alguns instantes. Suila-Ne teve o cabelo puxado e foi jogada no solo com violência por Kotler.

— Insubordinação é inadmissível em minhas fileiras! Se possui dúvidas sobre a quem ser leal, permita-me ajudá-la a decidir-se.

Suila-Ne tentou se erguer, mas recebeu um soco com as costas da mão. Valek avançou para ajudá-la, Marla colocou-se no caminho.

— Não se importa que ele a mate? — vociferou o rapaz.

— Suila-Ne fez sua escolha, eu fiz a minha... — a chanceler desviou o rosto por um instante, depois falou em num tom firme. — Escolhi meu rei!

Marla investiu contra Valek. Os dois começaram a lutar com muita energia em cada ataque.

Kotler aproximou-se de uma atordoada Suila-Ne. Ela apoiou-se em um joelho, recebendo a sola da bota dele contra o peito.

A imagem da mãe apareceu na mente da acari. “*Viva ou morta... Volte com honra*”. Não queria morrer sem luta, mas o Rei Desmorto ergueu o machado para o golpe final.

Sangue quente esguichou em Kotler. Lágrimas rolaram no rosto de Suila-Ne. Um grito silencioso ecoou em resposta a um sorriso.

Heiten sorriu para ela com o machado de batalha enterrado em suas costas.

O Rei Desmorto retirou a arma. Heiten caiu de joelhos e tombou inerte. Uma enorme poça vermelha formou-se de imediato. Os sons inarticulados que vinham da garganta de Suila-Ne revelaram a aflição esmagadora enquanto se lembrava daquilo que, no fundo, sempre soube: que amava Heiten, nunca deixara de amá-lo.

Arrependimento, culpa e pesar inundaram o peito da acari. E também ódio! Um ódio tão intenso que a lançou em um ataque feroz contra Kotler.

A selvageria da investida fez o rei recuar no primeiro momento. Ele respondeu com um giro do machado, Suila-Ne esquivou-se pelo flanco do inimigo e se posicionou às costas deles. No momento seguinte, a guerreira enterrou suas espadas até o cabo na parte de trás do abdômen do Rei Desmorto.

Ele urrou, porém resistiu à dor e aplicou uma cotovelada no rosto da amazona. Suila-Ne recuou sem soltar as espadas. Os cortes que haviam deixado fecharam num piscar de olhos.

Dessa vez, o rei tomou a iniciativa, movendo o machado em um arco descendente. A acari cruzou as lâminas acima da cabeça para aparar o golpe, mas só pode desviá-lo para o lado. O mesmo aconteceu com o segundo ataque. O terceiro foi um arco horizontal que passou abaixo da defesa e abriu um corte profundo em toda a extensão da barriga.

Kotler parou. Suila-Ne nem precisou olhar para o ferimento para saber que estava terminado. Podia sentir o grande fluxo de sangue escorrendo sobre a pele e as forças esvairam rapidamente. Forcejou para erguer uma das espadas, fez um corte no peito do rei e caiu segurando com firmeza o cabo das armas.

“Boa morte”, pensou, satisfeita por tombar em combate. “Mamãe ficaria orgulhosa”.

O Rei Desmorto sentiu o ferimento no peito fechar-se enquanto admirava o espírito combativo da *acari*. O caos prosseguia ao redor, mas ele se permitiu ignorar tudo o mais por um instante. Fincou o machado no solo e, com cuidado, tomou Suila-Ne nos braços.

— Continua a segurar as espadas. Mesmo à hora da morte, não desistiu de lutar. Estou impressionado! — ele acomodou-a junto à Heiten, apesar de ignorar qual era a relação entre os dois. — Considere este um ato de reconhecimento a seu valor.

O rei afastou-se. Suila-Ne percebeu que Heiten ainda respirava com dificuldade, estava nas últimas, assim como ela.

— F-fui um t-tolo... S-Suila...

As poucas palavras exigiram um imenso esforço para ele. Suila-Ne moveu os lábios e por um momento, Heiten teve a impressão de ouvir a voz da *acari*. Ela deu o último suspiro. Ansioso para acompanhá-la, ele deixou de resistir. Sentiu a chegada da Dama Sem Rosto para levá-lo para junto da amada.

Capítulo LI

Vida Longa ao Rei

Por que estava sendo difícil? Liana não sabia de onde mais tirar forças. Por mais que tentasse, sua filha simplesmente não nascia. Nara lhe massageava o ventre para estimular o parto, temerosa com a quantidade de sangue perdido. Edan retornou com uma nova bacia de água e as últimas toalhas limpas. A pequena Eleine dormia exausta depois de chorar e de encher a barriga.

Téssia sentia-se aflita com a situação. Liana já começava a empalidecer em virtude da hemorragia. Se o parto prosseguisse, corriam o risco de perder tanto a mãe, quanto o bebê.

— Por favor, me escute... — a sumo-sacerdotisa sussurrou no ouvido da amiga. — Quero que olhe para a abertura no teto e lembre-se de como Valek nasceu quando a Serpente de Fogo apareceu no céu. Olhe para cima e finja que está vendo a Serpente outra vez, como naquela noite. Imagine-a expandir-se em uma bola de luz, clareando a noite novamente. E quando isso acontecer, deixe o bebê sair. Entendeu? Não importa como, apenas deixe sair.

Liana assentiu de leve. No instante seguinte, uma mudança ocorreu em seu rosto. Quis gritar para Téssia, mas não houve tempo. A sumo-sacerdotisa só conseguiu se virar para ter um vislumbre de Acássia segurando a estaca de madeira antes de ser atingida na frente.

Mesmo no chão, ela foi golpeada novamente. A rainha preparou um terceiro golpe, mas um feitiço de Liana arrancou a estaca de sua mão.

Desarmada, Acássia agarrou Nara pelo cabelo e a arrastou. Edan saltou, pronto para se atracar com a rainha, enquanto Liana tentava conjurar outra magia, sem encontrar energia para isso.

Sarissa e Ceros adentraram o templo nesse momento. A moça vinha com a mão nas costelas, quase deitada sobre o unicórnio, sem perceber o que se passava. O animal caminhou devagar, a respiração pesada, os cascos fazendo barulho no piso de concreto.

— Sarissa! — chamou Edan.

— O que acontece? — a jovem olhou ao redor. — Vá embora, Acássia!

— O quê?! Sarissa, escute...

— VÁ EMBORA!!!

Ceros empinou nas patas traseiras. A moça desmontou com as costelas doendo. O unicórnio começou fazer investidas contra a rainha. Relinchava, mostrava as patas dianteiras e apontava o chifre. Acássia foi empurrada para a parede, depois na direção da porta principal. Ela protestou e chamou pela irmã caçula, sem receber resposta, até tropeçar e cair fora do templo.

— Como está Téssia? — indagou Liana, aflita.

Edan rasgou a manga da camisa que vestia e a usou para enfaixar a cabeça da sumo-sacerdotisa.

— Está desmaiada, mas acho que vai ficar bem.

— E Valek?

— Ficou para lutar... acho. — respondeu Sarissa, ajoelhando-se junto ao colchão de Liana. — Talvez eu deva... ai!

Liana tateou as costelas da moça.

— Hum... Não estão quebradas, só machucadas.

— Consegue me ajudar, Sarissa? — Nara voltou a assumir posição de parteira.

A moça acenou a cabeça para ela. As duas começaram a trabalhar no parto, enquanto Edan cuidava de Téssia. Liana viu Sarissa se posicionar da mesma maneira que em suas visões.

“É isso”, pensou. “É agora que acontece”. Tinha visto a jovem de cabelo branco e outro vulto a seu lado na hora de dar à luz. A mesma visão lhe revelou que morreria por complicações durante o parto, o que a essa altura, era bastante provável.

Podia sentir a presença de Valek na praça. Ele ainda estava lutando e ela não deixaria por menos: faria o possível para a filha nascer com saúde.

— O último esforço. — disse, e começou a empurrar com toda a força.

Jogada no meio da batalha, Acássia sentiu-se perdida. Não poderia ficar ali, mas para onde iria? Deveria buscar a proteção do marido? Um gemido leve lhe chegou aos ouvidos. Ela olhou para baixo e entendeu o que deveria fazer.

A batalha prosseguia. Em menor número, os soldados foram encurralados pelos nags.

Valek ainda lutava contra Marla. O sangue que escorria da testa lhe fechava o olho. Ele conseguiu empurrar a chanceler para trás e fazer sinal para uma naga, que usou a cauda para derrubá-la. A mulher-serpente tentou uma mordida, mas ao invés de carne, seus dentes encontraram o cabo de uma lança. Elas se debateram no chão.

O rapaz procurou seu inimigo pelo campo de batalha até encontrá-lo em combate contra os nags. Chamou por ele. O Rei Desmorto brandiu o machado na direção do jovem ruivo. Os homens-serpente fizeram menção de atacá-lo.

— Esperem! — disse Valek. — Ele é meu!

As criaturas afastaram-se a contragosto, enquanto o confronto continuava a se desenrolar na praça.

— Sua confiança é admirável, Clancey! Esqueceu-se do resultado de nosso confronto anterior?

— Mesmo que me derrube, levantarei de novo, como sempre me levanto.

— Ah, vejo que sua língua está solta desta vez. Terá aprendido a controlar a ira também?

— Eu é que o convido a descobrir! — as chamas cobriram a lâmina de *Natsvaerd*.

— Pode ser um guerreiro de valor, Clancey, mas a profecia o encheu de ilusões de grandeza. Como pode me derrotar? Eu sou o Rei Desmorto! Sou imortal!

As lâminas chocaram-se. O machado desenhou um poderoso golpe, do qual Valek conseguiu esquivar-se. A espada flamejante deixou um corte na coxa do rei.

Um filete de sangue negro escorreu. Kotler não pode esconder a surpresa pelo ferimento continuar aberto.

— Os cortes que essa espada fizer não vão se fechar. — alertou o rapaz.

O rei investiu novamente e a luta recomeçou.

Perto dali, Marla livrou-se da naga que a atacava a tempo de ver uma nova onda tomar a praça central de *Londinium*. Com grande alarido, os soldados que montavam acampamento nos limites da cidade chegaram.

— Avançar! — bradou a chanceler. — Matem tudo que tenha escamas!

A batalha tornou-se mais intensa do que nunca. A chegada dos reforços colocou o exército de Lestonor em ampla vantagem numérica. O povo-serpente revidou com selvageria: mordendo, cortando com as espadas de pedra e esmagando ossos com as caudas; mas o aço dos soldados começou a falar mais alto. Nagas foram empalados pelas lanças, suas cabeças foram cortadas pelas machadinhas e outros eram feitos em pedaços por uma dúzia de espadas.

No coração do confronto, *Natsvaerd* desenhava arcos incandescentes, aparados pelo machado de batalha. O rei respondeu, mas Valek desviou os ataques enquanto mantinha a distância. O rapaz percebeu que seu exército estava em desvantagem.

— Ataquem o beemote! — ordenou.

Os nagas assim fizeram e se lançaram sobre a besta novamente. A fera começou a debater-se de imediato, com uma fúria maior que antes. Os giros da cauda derrubaram soldados e nagas. O monstro correu pela praça, passando por cima de todos em seu caminho.

Kotler aproveitou o instante de distração de seu inimigo para atacar com um golpe pesado. O machado passou de raspão na testa de Valek. Com um olho fechado devido ao sangramento, o jovem tentou revidar com um ataque no ombro, sem atingir o alvo.

O machado de batalha girou em grandes círculos horizontais. As armas chocaram-se, obrigando Valek a abrir a guarda. A bota do rei o atingiu no peito. O jovem ruivo foi ao chão e rolou para se esquivar de novos golpes.

Ele foi parar no meio da multidão, onde se ergueu depressa enquanto Kotler abria caminho. Em meio aos sons de batalha e gritos, Valek percebeu a aproximação do beemote e só teve tempo de saltar para longe.

A fera conteve-se apenas diante da mão espalmada do Rei Desmorto.

— Ordeno que pare!

Kotler agarrou a corrente-arreio e desferiu golpes contra os nagas no lombo da fera. Valek viu aí uma abertura e atacou. O rei aparou a lâmina flamejante, segurando o machado com apenas uma das mãos. O ataque foi desviado, mas *Natsvaerd* atingiu as correntes mágicas, que se partiram.

O arreio caiu. O poderoso rugido que se seguiu abafou tudo o mais por um instante. O beemote ergueu as patas dianteiras. Kotler percebeu que o feitiço que prendia a fera se desfizera. A besta estava livre.

O beemote investiu contra o rei e por pouco não o abocanhou. O focinho da besta foi atingido pelo machado de batalha. O couro duro do monstro resistiu, apesar de receber ferimentos.

— Pare! Obedeça seu mestre!

O beemote agitou-se. Valek precisou saltar para o chão para evitar ser atingindo pela cauda, mas agora corria o risco de ser pisoteado. A espada flamejante penetrou a barriga da fera e depois moveu-se, abrindo um grande corte. O rapaz foi coberto de sangue e vísceras.

O beemote vacilou e tombou de lado.

Kotler ainda tentou segurar a imensa criatura, mas nem o rei possuía tanta força. O corpo da besta o esmagou.

Mesmo Valek não escapara por completo. Seu pé direito acabara embaixo do corpanzil. O rapaz soltou a espada, as chamas apagaram.

Ele livrou a perna. A dor indicava que torcera o tornozelo. Felizmente, não havia nenhum soldado ao redor, os nagas os mantinham ocupados. Sem conseguir abrir um olho e com o tornozelo direito torcido, ele ergueu-se banhado no sangue do beemote, apanhou *Natsvaerd* e, mancando, dirigiu-se para o templo.

Os gemidos guturais de Kotler o fizeram parar. Ele se voltou para ver o rei livrar-se da besta, o corpo torcido em posições estranhas. Em meio a estalos e convulsões horríveis, os ossos do Rei Desmorto voltaram ao lugar.

— Já disse, eu sou imortal...! — ele jogou a capa fora e empunhou o machado. — E quanto a você, Clancey, pode lutar com essa perna?

Os dois aproximaram-se. Valek ferido e Kotler claramente esgotado. O rapaz ruivo ajeitou o cabo da espada na prótese e assumiu uma postura de luta.

— Você perguntou se aprendi a controlar minha ira, a resposta é não. O que aprendi foi a deixar que ela me controlasse para liberar tudo no momento certo.

Natsvaerd voltou a ficar incandescente, o *berserker* veio à tona. Kotler pode notar a mudança no rapaz e respirou fundo. Eles avançaram ao mesmo tempo.

Ignorando a dor, Valek foi mais rápido. A espada flamejante atravessou o ventre do rei antes que o machado o tocasse.

O jovem puxou a arma. O Rei Desmorto caiu de joelhos.

— E-então... após um s-século e meio é assim que t-termina...? N-na verdade... estou aliviado por morrer sem e-esquecer Arlena e Nairi... — um vômito de sangue negro interrompeu Kotler por um instante. — A-apenas l-lamento que a-acabe como... c-como... os d-deuses q-queriam...

— Os deuses?! — irritou-se Valek. — Os deuses não cortaram minha mão esquerda, não foram responsáveis pela morte dos meus pais adotivos, nem violentaram minha mãe! O destino não me trouxe aqui Kotler. Foi você!

A lâmina incandescente desenhou um arco. Uma linha vermelha surgiu no pescoço de Kotler. A cabeça do Rei Desmorto rolou.

A batalha entre os soldados e os nagas continuava a se desenrolar. Marla derrubou mais um monstro e já podia vislumbrar a vitória.

De repente, uma voz fez-se ouvir e os homens-serpente pararam. O comportamento surpreendeu o exército. A chanceler percebeu os olhares voltando-se para a mesma direção, para Valek Clancey.

O rapaz ruivo posicionou-se diante de todos, segurando a espada com a prótese. Ele ergueu a mão direita para exhibir a cabeça decepada do Rei Desmorto.

Expressões atônitas espalharam-se, muitos engoliram o ar. A cabeça daquele que era chamado de imortal foi atirada para o meio da multidão que

abriu espaço onde ela caiu. Após uma longa noite de confrontos, um silêncio ensurdecedor imperou.

Marla sentiu uma bola crescer na garganta vendo o rosto de Kotler caído no chão. Ela viu as expressões incrédulas de seus homens, os olhares cheios de dúvida.

A chanceler tomou à frente e curvou-se diante de Valek. Os soldados a imitaram. Mesmo os nagas baixaram a cabeça.

O rapaz ruivo sentiu o peito apertado. Ele pensou em Blie-Mi e Goro-Mi, cujas mortes estavam, enfim, vingadas. Mas não havia alegria alguma em seu semblante.

— Que escolha você faz agora? — perguntou a Marla.

— Eu escolho meu rei... — ela engoliu o choro. — Majestade.

— Espalhe a nova.

A chanceler ficou de pé e voltou-se para multidão com o punho erguido.

— Vida longa ao rei Clancey!!!

Capítulo LII

Liana

Valek adentrou o templo de espada em punho, mancando do pé direito. O sangramento aberto na testa o obrigava a manter um olho fechado. Na entrada, ele se deparou com Ceros de vigia. Bateu de leve no lombo negro do unicórnio um par de vezes como cumprimento e passou pela pilha de escombros, abaixo do grande buraco no teto. Viu Téssia deitada sobre um colchonete com Edan lhe enfaixando a cabeça. Nara e Sarissa estavam em volta de outra mulher, que ele imaginou ser Liana. As duas moças conversavam qualquer coisa em voz baixa. Incomodou-o não ouvir nenhum choro de criança.

— Valek, você voltou! — Sarissa não escondeu a alegria em vê-lo.

— O que houve com minha mãe e minha filha? — atalhou ele.

— Bom, Liana...

Nara ficou de pé, um tanto assustada com a aparência do rapaz, banhado em sangue. Ela deu-se conta de ter um pouco de medo dele e isso lhe travou a língua.

— Disse que voltaria em quinze minutos... — ele ouviu a voz cansada de Liana. — Está atrasado!

Valek encontrou a mãe sentada sobre um colchão ensanguentado no chão. Estava bastante debilitada e com um seio descoberto, amamentando a filha recém-nascida. A face do rapaz desanuviou. Ele embainhou a espada e soltou o cinto para poder sentar-se com elas.

— Está machucado, Valek? — perguntou Sarissa.

— Nada grave. Como está Téssia? E vocês?

— Minhas costas doem, mas só um pouco.

— A sumo-sacerdotisa vai se recuperar. — respondeu Edan que também tinha o ombro machucado. — O que aconteceu lá fora?

— Kotler está morto. — disse Valek.

Um sentimento de alívio espalhou-se. Sarissa entregou uma toalha de rosto parcialmente suja de sangue ao rapaz. Ele limpou o olho e fez pressão na testa.

— Venha, Sarissa. — Nara apanhou o cesto onde a pequena Eleine dormia. — Vamos examinar essas costelas.

As duas jovens afastaram-se para ceder um mínimo de privacidade aos Clancey.

— Como está realmente, senhora?

— A verdade? — seria impossível medir a exaustão dela. — Estou mal! Vou precisar de muito tempo para me recuperar. E quanto a você? Sua aparência é péssima!

— Talvez! — ele esboçou um sorriso. — O que importa é que está feito, senhora. Eu consegui!

— Ouvi aclamarem seu nome. Quer dizer que agora meu filho é rei?

— É o que eles desejam, mas não é o que eu quero.

— A profecia dizia que você se tornaria o maior rei que o Mundo Antigo jamais viu!

— A senhora sabe que nunca me importei com a profecia, nem com a coroa. Chega de lutas, estamos livres dessa vida.

— Ah, temo que seja o contrário, meu filho! Assim que a notícia da queda do Rei Desmorto se espalhar, o nome “Clancey” se tornará conhecido e estaremos em maior perigo do que antes. Perigo que será mais fácil enfrentar como rei. — ela tocou o rosto do rapaz. — Não terminou ainda. Nunca terminará.

— Essa conversa pode esperar. — ele decidiu mudar de assunto. — Por hora, quero apenas ficar feliz em vê-las.

Valek acariciou os cabelinhos vermelhos daquele pingo de gente. Mirya afastou a boquinha rosada do seio, satisfeita. Aninhada no braço da mãe, a pequena pôs-se a olhar ao redor com olhos verdes curiosos.

— Ela será bem tranquila. — disse Liana. — Quase não chorou quando nasceu!

— Vocês ficam lindas juntas!

O rapaz colocou a toalha de lado, o sangramento se estancara. Ele se inclinou para beijar os lábios da mãe. Ela correspondeu sem receio de que os demais os vissem.

— Quer segurá-la?

— Tenho medo de deixá-la cair.

— Não deixará, basta segurar assim... Isso, deste jeito.

Os olhos de Valek encheram-se de água. Há tempos se acostumara com a ideia de ser pai, porém, a sensação de segurar a filha nos braços era bem diferente do que tinha imaginado. Parecia tão frágil!

— Oi, Mirya! Bem-vinda a família Clancey! Vou te contar um segredo: é difícil ser uma de nós, mas tenho certeza de que consegue. Espero que seja tão bonita e inteligente como sua mãe!

— E forte como o pai! — sorriu Liana. Um sorriso que desapareceu subitamente.

— O que foi, senhora? — Valek conhecia tal expressão. Ela pressentia algo.

— Não pode ser!

As portas do templo ergueram-se sozinhas, fechando a saída novamente. Ceros manifestou-se nervoso. A pilha de escombros começou a se agitar.

Baltus ressurgiu. Os blocos suspenderam-se em volta dele. O pó rodopiou em torno do feiticeiro, uma rajada de vento tomou conta do interior do templo. O unicórnio tentou investir, mas um gesto mágico fez um bloco projetar-se contra o animal, derrubando-o.

— Ceros!!!

Sarissa quis correr até o unicórnio, um bloco de concreto caiu próximo a ela como alerta. Nara agarrou-se à Eleine, que despertou barulhenta. Edan se atirou sobre Téssia para protegê-la. Valek envolveu a filha nos braços e tentou abaixar-se para apanhar *Natsvaerd*.

Um bloco de concreto caiu sobre a espada. Não poderia convocar os nagas.

— É um truque muito simples ocultar a própria presença, Liana, se souber como fazê-lo! — a voz de Baltus ecoou como um sino. Ele parecia possesso. — Eu avisei que teria o que queria de um jeito ou de outro!

O feiticeiro estendeu a mão na direção de Mirya, o bebê chorou, Valek sentiu uma força puxá-la. O rapaz a segurou junto ao peito e virou de costas para Baltus. Suportava como podia a dor no tornozelo direito.

Ele sentiu a mão invisível que agarrava a pequena lhe passar através do peito, como se pudesse arrancar seu coração no processo. Valek caiu de joelhos, mas não soltou a menina.

Liana conseguiu ficar pé, as pernas vacilavam, o vento etéreo agitava os longos cabelos ruivos. Estava determinada a fazer o que fosse preciso.

— Não machucará meus filhos!

Com ambas as mãos espalmadas, ela projetou suas forças contra o feiticeiro.

— É inútil, Liana! Minha magia é muito mais poderosa que a tua!

Blocos de concreto voaram na direção de Liana. Ela precisou conjurar outro feitiço para que se espatifassem antes de tocá-la. Passou a repetir as palavras mágicas com mais energia. Ainda assim, Baltus mantinha-se firme.

Ele passara mil anos acumulando poder, o que resultava em uma diferença enorme de forças. Ela soube que precisava dar tudo que tinha ou não conseguiria.

Liana redobrou os esforços, o pouco calor que restava no corpo começou a se esvaír. Todas as sacerdotisas sabiam que esse era um alerta. Prosseguir além desse ponto era perigoso, pois a partir daí, qualquer magia drenaria a própria energia vital da pessoa. Mas ela não parou. Continuou a buscar forças cada vez mais dentro de si até que sentiu algo ser tocado em seu interior.

Foi como se uma membrana se rompesse. A magia começou a fluir com uma intensidade que nunca sentira antes, abastecida pela chama da vida. O poder encheu seu peito, tomou conta dela e jorrou para fora.

Liana sentiu-se ser envolvida por aquela força. Pode se conectar com cada coração ali, cada mente na praça, cada pessoa na cidade, cada animal e planta. O mundo inteiro passou através dela.

Foi quando, em algum lugar da consciência, ouviu o choro da filha. Entendeu que estava se perdendo, sendo consumida.

Trouxe a própria mente de volta para o templo, para a tarefa diante de si. Seria impossível controlar aquele fluxo da magia, apenas canalizá-lo e ela o fez, lançando tudo contra seu inimigo.

— Não! — gritou Baltus. — É poder demais!!!

Um rodamoinho envolveu o feiticeiro, uma nuvem de poeira rodopiou em torno dele. Liana ergueu os braços, projetando o turbilhão pelo teto.

O rodamoinho dispersou. Tudo se aquietou dentro do templo. Baltus havia desaparecido sem deixar rastro.

Ceros foi o primeiro a se manifestar. Aos poucos, todos deram-se conta de que o confronto terminara.

Com Mirya nos braços, Valek viu Liana perder as forças, tentou alcançá-la, mas não conseguiu evitar que tombasse.

— Senhora! Senhora, fale comigo! — acudiu ele.

— Vocês... estão...? — perguntou Liana, com um fiapo de voz.

— Estamos bem, mãe! A senhora nos salvou!

— Que... bom...

— Acordem Téssia! — disse ele. — Por favor, mãe! Fique conosco!

Os soldados derrubaram as portas, mas Valek vociferou para manterem guarda do lado de fora. Edan conseguiu despertar a sumo-sacerdotisa.

Mais que depressa, Téssia entendeu o que se passava e trouxe uma poção de cura da qual a amiga foi capaz de beber apenas um gole, que provocou uma forte ânsia de vômito. Ambas sabiam que era inútil, a magia esgotara a força vital de Liana.

O pesar tomou conta de todos dentro do templo. Téssia amparou Mirya, Valek permaneceu ao lado da mãe, lhe segurando a mão gelada, sem poder acreditar que aquilo estava mesmo acontecendo.

— Valek... cuide... ... Mirya...

— Eu prometo, senhora... — ele tinha a voz embargada.

Minutos depois, o peito de Liana parou de se mexer.

Valek não podia deixar de pensar o quanto Liana parecia bela, deitada sobre a pilha de madeira com uma expressão serena. Usava um vestido de sacerdotisa e tinha os cabelos ajeitados de forma a adornar o rosto. Essa era a imagem que o rapaz de olhos marejados queria guardar. Se lembraria da musa saindo d'água, do perfume sensual que exalava, da voz melodiosa, do calor do corpo, da sagacidade, da língua afiada.

A crença na maior parte do Mundo Antigo era de que na hora da morte, a Dama Sem Rosto conduzia as almas para o Além, mas os espíritos continuavam ligados ao mundo dos homens pelos corpos mortais. Somente após a cremação dos corpos, as almas estariam realmente livres do peso da mortalidade e poderiam seguir adiante.

Os primeiros raios de sol da manhã seguinte à batalha encontraram a praça central de *Londinium* tomada por grandes piras em homenagem àqueles que haviam perecido.

Como autoridade religiosa, era dever de Téssia conduzir os ritos funerários, uma tarefa que a sumo-sacerdotisa suportou com bravura. Mas assim que a pira de Liana foi acesa, ela não pode mais suportar e desatou num choro inconsolável no ombro de Nara.

Marla acompanhou os ritos próxima à Valek, em seu íntimo, lamentava a morte de Kotler. O capitão Khern e os poucos membros restantes da antiga guarda também estavam por perto. Sarissa e Edan ficaram ao lado do rapaz. Apesar do pouco contato com Liana, a moça gostava dela e sentia-se triste pela perda.

O novo rei manteve-se em silêncio durante todo o tempo. Sentia-se cansado, mas não queria dormir. Tinha fome, mas não queria comer. Não conseguia pensar em nada, além daquela que fora sua mãe, sua guia e sua amada. Mirya se mexeu no colo dele, os olhos expressivos observavam a tudo, sem entender o que se passava.

Valek pensou que se não fosse pela filha, nada mais lhe restaria e, por certo, teria preferido atirar-se sobre a própria espada para seguir Liana. Porém, essa era uma opção que lhe fora tirada. Mirya perdera a mãe ao nascer, não poderia perder o pai também, embora tivesse dúvidas sobre o que tipo de pai que seria capaz de se tornar.

Pensou que ela tinha razão: nunca terminaria. Iria aceitar a coroa pela filha, para protegê-la de qualquer um que ousasse pensar em fazer mal à menina.

Governaria pela espada e que o Mundo Antigo se preparasse para o que estava por vir.

A brisa matinal alimentou as chamas. Valek lançou um último olhar para o rosto de Liana. Uma lágrima rebelde rolou e ele teve certeza de que seria a derradeira. Jamais voltaria a derramar uma lágrima sequer novamente.

Epílogo

“*Hora de começar*”, pensou Valek ao som da batida na porta do gabinete que pertencera à Darius Garet. Vestia uma camisa e calça pretas, que dali em diante seria a cor da maioria de suas roupas. Ele respirou fundo. Marla adentrou o recinto e postou-se de forma respeitosa diante da mesa.

— Aqui estou, majestade. Como posso servi-lo?

— É o que vamos averiguar. Serei franco, Marla, e espero que também seja. Sempre me pareceu fiel à Kotler. — ele foi direto ao ponto. — Estou pensando se terá a mesma lealdade a mim.

— Sendo franca, lamento muito a morte de seu antecessor, mas já o aceitei como meu rei e pode contar com meus serviços.

— Posso? — indagou ele.

Marla suspirou.

— Me disse para ser sincera e o serei, majestade. Gosto da vida de chanceler e de comandar legiões. Minha família não era pobre para os padrões de *Nagherin*, mas aquilo nem se compara ao que tenho hoje. — ela aproximou-se da mesa. — Serei leal àquele que me der tal padrão de vida.

A honestidade da resposta agradou Valek. Além do que, nesse momento, Marla detinha mais poder sobre o exército que ele, um desconhecido para os soldados. Restava deter poder sobre ela.

— Quero te mostrar algo, chanceler. Sabe o que é isso?

Valek colocou sobre a mesa um grande embrulho de couro amarrado com uma fita de seda, um chumaço de cabelo loiro preso ao laço. Ela meneou a cabeça.

— Alguns clãs *acari* chamam de *wa-hark*, significa “alma do guerreiro”. — explicou ele. — É assim que os *acaris* que caem longe de casa retornam para as montanhas. As espadas de Suila-Ne estão aqui e essa é uma mecha do cabelo dela. Esse *wa-hark* deve ser enviado para Lara-Ne, do clã dos Ne, em *Norféria*.

A chanceler tocou o embrulho pensando em Suila-Ne.

— Considere feito, meu senhor.

Ela permaneceu onde estava e Valek demorou um instante para entender que Marla esperava ele dizer algo mais ou dispensá-la.

— Imagino qual seria a melhor maneira de espalhar a notícia da minha ascensão. — ele fingiu estar falando sozinho.

— Se me permite um conselho, majestade... — era o que o rapaz queria. — Deveria convidar os reis vassalos para um banquete, assim poderia saber quais irão jurar lealdade por vontade própria e quais terão de ser motivados a fazê-lo. E também enviar mensageiros e bardos à toda parte para cantar sobre a vitória gloriosa do Rei Vermelho.

— Rei Vermelho?!

— É como o estão chamando.

— Gostei de suas sugestões, chanceler. Pode ir agora e faça como disse.

Marla saiu satisfeita da entrevista. O novo rei parecia indeciso sobre como governar, o que lhe daria uma chance de exercer certa influência em suas decisões.

Nos dias que se seguiram, Valek tentou adaptar-se à nova rotina. De início, as dimensões do castelo o deixaram aturdido. Só o quarto em que se instalara era maior que sua antiga casa na aldeia dos Mi.

Londinium precisava ser reconstruída e o exército reorganizado. Lhe incomodava o fato de Acássia haver sumido da cidade, sem que ninguém soubesse seu paradeiro. O cadáver de Heiten também desaparecera, assim como o corpo de Baltus, se é que restara algum após a magia de Liana. Eram ameaças em potencial, porém, acabaram ofuscadas por outras preocupações.

Téssia visitou o castelo ao final da primeira semana de reinado. Encontrou Valek aborrecido, mais atento a uma taça de vinho do que as mudanças sugeridas por Edan, não mais um servo, era agora o camareiro real.

— Vejo que pretende se estabelecer em *Londinium*, Valek. — disse ela quando ficaram a sós.

— Pensei em reconstruir a cidade e transferir a capital de *Lestonor* para cá. — ele respondeu pouco interessado na conversa.

— Parece-me uma boa ideia. Uma nova capital, uma nova Era. É um bom símbolo e você precisará de alguns.

— Por que diz isso?

— A morte de um homem como Kotler tem ramificações profundas. Os reis vassalos temiam desafiá-lo, os inimigos também. Você, entretanto, é um desconhecido, terá de se impor. Não é necessário o dom da premonição para saber que anos atribulados virão.

Ele soltou o ar, irritado e frustrado. Esvaziou a taça e tornou a enchê-la novamente. Encheu outra taça, da qual a sumo-sacerdotisa apenas bebericou.

— O que sugere Téssia? — o rapaz se impacientou. — Todos têm uma sugestão para me dar, qual seria a sua?

— Não penso em tornar-me sua conselheira. Na verdade, planejo voltar para o templo de *Mazilev* em breve. Não serei mais sumo-sacerdotisa, mas ficarei longe de batalhas. A Grande Mãe é testemunha de que já vi mortes demais.

— Não posso permitir que vá, Téssia, é uma das poucas pessoas em quem confio. A renomeio a sumo-sacerdotisa de *Londinium*. Terá carta branca para agir e dou minha palavra de que ficará longe de assuntos de guerra. — ele admitiu. — E eu gostaria sim, de ter seus conselhos.

Apesar da imposição de Valek tê-la surpreendido, a segunda parte da proposta agradou Téssia. Soava melhor que submeter-se as anciãs do conselho em *Mazilev*. Ela ergueu a taça com um sorriso discreto e bebeu um pouco de vinho em sinal de acordo. O rapaz, por sua vez, sorveu um grande gole.

— Deveria casar-se. — arriscou Téssia.

— Casar?! — ele quase saltou.

— Se há algo que aprendi como sacerdotisa é o valor de atos simbólicos. Um casamento é momento de alegria e esperança.

— Entendo o que quer dizer, mas me incomoda a ideia de me casar tão rápido. Faz apenas uma semana que Liana... — ele não conseguiu concluir.

— Está sendo ingênuo. Reis casam por razões políticas, não por amor.

— Supondo que eu concorde... Restaria a questão de escolher minha rainha.

Téssia ficou pensativa.

— A nova rainha precisaria ser alguém que o povo conheça e respeite, para trazer estabilidade após tantas mudanças. Acredito que a pessoa mais adequada seja Sarissa Garet.

Ele afundou na poltrona, resignado.

— Me deu muito em que pensar, Téssia. Preciso de tempo.

Valek virou a taça novamente, a sumo-sacerdotisa ficou preocupada.

A cada dia, o rapaz dedicava-se mais ao hábito recém-adquirido de passar os finais de tarde e início de noite a esvaziar garrafas de vinho. Perto de completar o primeiro mês de reinado, ele embebedou-se à ponto de fazer uma cena antes de perder os sentidos.

Acordou no meio da noite, com a cabeça latejando, em seus aposentos sem saber quem o levara para lá. Estava nu debaixo da coberta e haviam retirado a prótese da mão esquerda. Possuía uma dúzia delas agora, metade de ferro, a outra metade de porcelana. Costumava usá-las com luvas de veludo.

Envergonhado de si mesmo, passou horas virando na colchão.

Pelo canto do olho, viu uma pálida luz difusa e soube que tinha companhia. O espírito de Natsvaerd deixara a espada, que repousava num suporte na parede sobre a cabeceira da cama, para se manifestar ao lado da cama.

— Não tenho disposição para conversar. — antecipou-se ele, sem se voltar.

— Creio não ter-vos oferecido minhas condolências. Estejas certo que o falecimento de Liana dói em minha alma. — sem resposta, ela prosseguiu num tom mais firme. — Percebes, espero, que desonras a memória de vossa mãe ao perder-vos na embriagues.

— Sabia que ainda me pego pensando em contar algo para minha mãe? Fico a espera do momento em que ela irá passar pela porta mais próxima. — ele se voltou para Natsvaerd. — Então lembro que ela se foi e não a verei novamente.

— És um tolo se acreditas realmente no que dizes! Acaso concebeste vossa filha sozinho? Crês que terias tornado-vos rei sem o auxílio de Liana? Se desejardes vê-la, basta olhardes ao redor. — antes de desaparecer, Natsvaerd acrescentou. — Deixai-a guiar vossas ações, como sempre fizeste, Valek.

Ele ficou só outra vez. Ao sentimento de vergonha, somou-se a humilhação.

Quase adormecia quando viu o quadro na parede abrir como se fosse uma porta. Já lhe haviam entregado um mapa da rede de túneis, mas o perdera minutos depois.

A cabeça platinada de Sarissa apareceu. Ela trazia uma cesta de frutas e vestia uma camisola de seda, a queda de uma das alças finas deixou o seio delicado parcialmente à mostra.

— Ah, acordou.

A moça sentou na beirada da cama, perto dele. A cada dia, ela mostrava-se mais viva e comunicativa, embora ainda fosse possível, de quando em quando, encontrá-la mergulhada em uma profunda apatia, provocada pelas lembranças dos abusos sofridos no cárcere.

Valek ergueu o corpo com as costas apoiadas na cabeceira.

— Como está se sentindo? — perguntou Sarissa.

— Como um idiota. — retrucou ele.

— Não acho que você seja idiota. — a moça pegou uma maçã. — Tome.

— Estou sem fome.

— Coma assim mesmo.

O rapaz aceitou a oferta. Permaneceram em silêncio enquanto ele comia.

— Posso fazer uma pergunta pessoal? — indagou o rapaz. Sarissa levantou o rosto. — Quando sua mãe e seu pai morreram, como superou? Como fez?

— Não fiz, não tive tempo. Fui mandada direto para a masmorra, lembra-se? Mas depois que me tirou de lá, tenho me apoiado nas pessoas que gostam de mim. Como Liana, Edan e você, Valek. — ela corou e desviou o olhar. — Digo... sempre nos demos bem, não é?

— Sim, nos demos sim. — a ideia de casar-se com Sarissa lhe veio à mente. — Há um assunto que desejo te falar, Sarissa, mas prefiro esperar um momento mais adequado.

— Vou deixá-lo descansar.

Ela depositou a cesta de frutas sobre a mesinha, desejou boa noite e saiu.

A partir desse dia, Valek decidiu evitar excessos com o vinho. E a despeito de uma ou outra recaída, cumpriu bem a resolução. Começou a passar as tropas em revista com frequência, para que os soldados se acostumassem com ele.

Retomou o costume de exercitar-se na mata, como fazia em *Norféria*, levando sempre alguns guardas como escolta. Uma tarde, após bater-se com Marla num treino, foi nadar com a chanceler. Juntaram-se dentro do rio e se tornaram amantes a partir dali.

Também passou a acompanhar de perto o crescimento da filha, como prometera à Liana. Nara se tornara a ama de leite da menina, além de ser responsável por sua criação, enquanto cuidava da própria filha, Eleine.

Nesse ínterim, o novo regente recebeu os reis vassalos com o amparo de Téssia, mais versada em política e diplomacia que ele. Foram três dias de jantares e reuniões.

Ao fim desse período, Valek e Sarissa casaram-se. Como parte da celebração, um gigantesco banquete foi servido para o povo na praça central.

Apesar das comemorações, a partida dos vassalos o deixou com a certeza de ter feito mais inimigos que aliados. Seria uma questão de tempo até as insurgências começarem. No início do quarto mês de reinado, chegaram notícias do sítio à *Braghtow*. Os soldados que lá estavam desde a partida de Kotler enfrentavam dificuldades. O rei decidiu ir à luta.

Na tarde anterior à partida, Valek foi ao quarto de Mirya. Encontrou Nara acompanhada de Khern, que se apressou em justificar sua presença ali. Desejava apenas para trocar uma palavra rápida com a esposa.

Viúvo e sem filhos, ele encantou-se com a moça e, embora a diferença de idade fosse grande, a pediu em casamento e deixou claro que assumiria Eleine.

— À vontade, Mestre da Guarda. — disse Valek. — Vim apenas ver minha filha.

Mirya estava sentada sobre a cama com Eleine e muitos brinquedos. A pequena Clancey era uma criança precoce, que se desenvolvia rapidamente. Em contrapartida, era bastante calma, chorava muito menos do que qualquer outra criança que Nara conhecera. E tinha um olhar expressivo. Observava tudo, como se tivesse pressa de compreender o mundo que a rodeava.

Ao ver o pai, Mirya deixou os brinquedos e a amiguinha de lado para estender os bracinhos roliços na direção dele. Valek sempre a segurava com o

braço esquerdo, assim a mão boa ficava livre. Foi ao balcão com a menina no colo. O verão estava no auge, mas mesmo assim, ele colocou um lençol sobre os ombros da filha, para não arriscar que apanhasse um golpe de ar.

— Soube da novidade? — Valek soava num tom mais suave que o habitual.
— Sarissa está grávida. Logo você vai ganhar um irmãozinho ou irmãzinha. Que acha disso, hein?! Gostou? — ele fez cócegas de leve na barriguinha. Mirya respondeu com uma risada gostosa.

Valek admirou *Londinium* por um instante. Não restava sinal algum da batalha travada meses atrás.

— O papai vai viajar amanhã e talvez fique fora por um longo período. Vou para uma coisa chamada “guerra”. A maioria das pessoas tem medo da guerra, mas não nós. E sabe por que, Mirya? Porque o campo de batalha é o nosso lar! Mas quando tiver problemas...

Ele apanhou um saquinho de pano, preso ao cinto, amarrado com um cordão que formava um laço, o qual Valek colocou em torno do pescoço da filha, como um colar. A peça atraiu a atenção da pequena. Ali dentro encontrava-se o anel com a pedra azul que fora de Liana.

— ...Lembre-se que sua mãe estará olhando por você. Por nós dois.

No dia seguinte, Valek tomou lugar, montado em Ceros. O unicórnio fora convencido por Sarissa a servi-lo. A um sinal dele, um chifre soou e foi erguido um estandarte rubro à frente das tropas, com uma serpente de fogo bordada em fios dourados.

O Rei Vermelho partiu em campanha.